



Maria Haddock Lobo

**A comunicabilidade do caso Carlos Eduardo de
Albuquerque Maranhão:
caminhos e descaminhos de um discurso de
resistência na Cracolândia paulista**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da
Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em
Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a Liana de Andrade Biar

Rio de Janeiro
Abril de 2021



Maria Haddock Lobo

**A comunicabilidade do caso Carlos Eduardo
de Albuquerque Maranhão:
caminhos e descaminhos de um discurso de
resistência na Cracolândia paulista**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa
de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da
PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora
abaixo:

Prof. Liana de Andrade Biar

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Branca Falabella Fabrício

UFRJ

Prof. Maria Claudia Pereira Coelho

UERJ

Rio de Janeiro, 26 de abril de 2021.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Maria Haddock Lobo

Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1997. É profissional independente na área de tradução audiovisual, revisão de textos e leitura crítica de originais. Atuou como pesquisadora de conteúdo e preparação de projetos em cinema e para edições de autor. Desde 2008 prossegue com sua pesquisa em memória familiar e artes visuais, com ênfase na prática do diarismo visual, em caligramas e colagens que usa para criar seus “(@)documentosfalsos”.

Ficha Catalográfica

Lobo, Maria Haddock

A comunicabilidade do caso Carlos Eduardo de Albuquerque Maranhão : caminhos e descaminhos de um discurso de resistência na Cracolândia paulista / Maria Haddock Lobo ; orientadora: Liana de Andrade Biar. – 2021.

180 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2021.

Inclui bibliografia

1. Letras - Teses. 2. Comunicabilidade. 3. Cracolândia. 4. Entextualização. 5. A Craco Resiste. 6. Redução de danos. I. Biar, Liana de Andrade. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Para Júlia, um pedaço da história do seu pai;
para meu pai, que também foi cedo demais.

Agradecimentos

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro por ter me aceitado neste programa de pós-graduação e pelo tempo concedido para que eu concluísse este trabalho; a todos os funcionários do Departamento de Letras, especialmente Francisca Ferreira de Oliveira e Digerlaine Gomes Tenório;

À agência de fomento Capes pela bolsa de estudos que me foi concedida, sem a qual a pesquisa não teria sido possível;

À minha orientadora Liana de Andrade Biar, pela orientação precisa, paciência e sorrisos sonoros transmitidos em mensagens de áudio;

À Roberta Costa que permitiu que eu tratasse sua dissertação como dados de minha pesquisa;

A Celina, Marcos, Paula e Luis, por existirem;

E a Veronica d'Orey, Angela Carneiro, Mônica Chaves, Monica Prinzac, Yasmina Sabrier, João Amarante, Sofia Lundgren, Flavia Amâncio, Joana Lebreiro, Barbara Venosa, Flavia Silva, Thalita Rosetti, Lisa Nascimento, Andrea Chagas, Rafael Hinds, Tomas Nacht, Andrea Bacellar, Renata Siqueira, Gabriela Gasparini Bornstein, Cecilia Dias Ferreira, Izabella Bicalho e Marina Junqueira. Vocês sabem por quê.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Lobo, Maria Haddock; Biar, Liana de Andrade (Orientadora). **A comunicabilidade do caso Carlos Eduardo de Albuquerque Maranhão: caminhos e descaminhos de um discurso de resistência na Cracolândia paulista**. Rio de Janeiro, 2021. 180p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho analisa um discurso de resistência gravado em 2017 na Cracolândia de São Paulo e observa sua viralização e circulação até sua transformação em “um caso”. A pesquisa investiga como a fala de Carlos Eduardo é seguidamente compartilhada (re-entextualizada) e quais são os efeitos discursivos destas circulações textuais. Mediadas por categorias da antropologia linguística contemporânea, as análises de dados interrelacionam a história da pesquisa, os temas maiores e a perspectiva da mídia corporativa sobre o caso. É uma pesquisa de natureza qualitativa, posicionada e implicad(íssima), pois é atravessada pela relação afetiva prévia entre o autor do discurso e a pesquisadora. A conclusão a que se chega é que o hibridismo do lugar social de Cadu é o próprio germe de sua mobilidade, que se manifesta no uso hábil das funções poéticas, no manejo dos índices que reúne. A transformação do caso em notícia abre por sua vez rotas de espraiamento (de comunicabilidade) diferentes das imaginadas (projetadas) no local de produção deste discurso (o coletivo antiproibicionista de redutores de danos *A Craco Resiste*). O entrelugar social de Cadu e seu lugar de exceção são grifados em narrativas focadas em sua biografia e os temas-tabu indiciados no discurso são apagados pela notícia espetacular de seu resgate improvável.

Palavras-chave

Comunicabilidade; Cracolândia; Entextualização; A Craco Resiste; Redução de Danos.

Abstract

Lobo, Maria Haddock; Biar, Liana de Andrade (Advisor). **The communicability of the case Carlos Eduardo de Albuquerque Maranhão: courses and discourses of resistance in the Crackland of São Paulo**. Rio de Janeiro, 2021. 180p. Dissertation – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present work analyses a discourse of resistance recorded in 2017 in the Crackland of São Paulo and follows its process of going viral until it turns into a proper "case". This research investigates: the way Carlos Eduardo's speech is repeatedly shared (re-entextualized) and which are the discourse effects of such textual circulations. Under the mediation of categories from the contemporary linguistic anthropology, the data analysis intertwines the story of this research with broader themes and the perspective of corporative media. Located in the tradition of qualitative research, this work positions itself as highly engaged and committed since it is directly connected to the personal relationship between the author of the discourse at stake and the present re-researcher. The conclusion is that the hybridism that defines Cadu's social place represents the germ of his mobility, which is expressed through his dexterous poetical faculties and the way he manages to access them. The transformation of the case into news opens up space for spreading routes of communicability which are distinct from the ones projected in its discursive production site - the harm reduction anti-prohibitionist collective *A Craco Resiste*. Cadu's social inbetween place, as well as his exceptionalism, are highlighted throughout narratives focused in his biography while the taboo issues that come up in the discourse level are overcast by breaking news of his unlikely rescue.

Keywords

Communicability; Crackland; Entextualization; A Craco Resiste; Harm Reduction.

Sumário

1. Introdução	12
2. História ilustrada dos dados	25
2.1 Linha do tempo	26
2.2 Narrativa visual	27
2.3 Diagrama multidirecional	50
3. Decisões metodológicas	55
4. Enquadres teóricos	67
5. Cadu: o discurso	88
6. A etnografia da noite da filmagem: Roberta	114
7. Maria: mensagem desencaminhada e desejo de pertencimento	140
8. Considerações finais	166
Referências bibliográficas	173

Lista de tabelas e figuras

Figura 1: Bilhete de Carlos Eduardo entregue a esta pesquisadora em 2005	17
Figura 2: Linha do tempo	26
Figura 3: Índice de cores	28
Figura 4: Captura de tela na rede social Facebook na página <i>Jornalistas Livres</i>	29
Figura 5: Captura de tela na rede social Facebook na página <i>Jornalistas Livres</i> com destaque para o número de visualizações	30
Figura 6: Captura de tela da rede social Facebook na página <i>Jornalistas Livres</i> e representação da viralização do vídeo	30
Figura 7: Captura de tela da rede social Facebook na página <i>Jornalistas Livres</i>	31
Figura 8: Captura de telas de troca de mensagens pelo aplicativo Messenger	32
Figura 9: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em <i>status</i> público	34
Figura 10: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em <i>status</i> público	34
Figura 11: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em <i>status</i> público	35
Figura 12: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em <i>status</i> público	36
Figura 13: Captura de tela do portal da Revista Veja Rio <i>online</i>	38
Figura 14: Captura de tela do portal da Revista Veja Rio <i>online</i>	38
Figura 15: Captura de tela do portal da Revista Veja Rio <i>online</i>	39
Figura 16: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em <i>status</i> público	39
	40

Figura 17: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em <i>status</i> público	
Figura 18: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em <i>status</i> público	41
Figura 19: Reprodução em foto e detalhe de matéria no jornal O Globo impresso de 01/06/2017	41
Figura 20: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em <i>status</i> público	42
Figura 21: Captura de tela de matéria veiculada em O Globo <i>online</i> de 01/06/2017	43
Figura 22: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em <i>status</i> público	44
Figura 23: Reprodução em foto de matéria no Jornal O Globo impresso de 09/06/2017	45
Figura 24: Captura de tela da campanha de financiamento coletivo lançada no site Kicante	46
Figura 25: Captura de tela do portal G1	47
Figura 26: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em <i>status</i> público com destaque para caricatura de Beatriz Mathias e a hashtag	48
Figura 27: Captura de tela do portal de banco de teses da Capes	49
Figura 28: Reprodução da página 258 da dissertação de Roberta Costa “Mil Fitas na Cracolândia, Amanhã é Domingo e a Craco Resiste”. Fotografia de Alice Vergueiro.	50
Figura 29: Representação em grafos gerada pelo Laboratório Labic, retirado de artigo de Fabio Malini (2020)	51
Figura 30: Rascunho de grafos: Diagrama não-linear representando o caso Carlos Eduardo de Albuquerque Maranhão	51
Figura 31: Logomarca do coletivo A Craco Resiste	144

Figura 32: Reprodução da página 259 da dissertação de Roberta Costa 149

Figura 33: Captura de tela do portal *Veja online* (25/05/2017) 155

Introdução¹

A maior dificuldade em contar esta história tem sido, com recorrência, escolher de onde pegá-la, de onde lançá-la, pois não há começo, meio ou fim; há, em lugar disso, uma circulação espiralar incessante com algumas epifanias entre uma volta e outra, algo que se pode experimentar também em estados alterados de consciência.

Assim, o que virá a seguir é um olhar por uma fresta (a definição do meu olhar, um acontecimento rápido, a biografia de um reencontro, a música *Sinal Fechado*², um verbete incompleto, fora de ordem); são gambiarras da minha memória, é catação de cacós.

O sujeito-objeto de pesquisa é antes um amigo de muito tempo, daqueles que os descaminhos da vida afastam, mas que novidades tecnológicas em breve prometeriam reconectar com uma facilidade aparentemente incrível, na digitação de nomes em caixas de busca. Mas não foi assim que nos reencontramos.

A importância deste personagem vem de um recado dado e ouvido por muito mais gente do que se poderia supor. Mas nem por isso escutado ou compreendido. Enquanto aprendíamos a “surfear na internet” naquele início de anos dois mil, este sujeito acentuava seu movimento de apartar-se, de viver nas ruas, de viver “no *fluxo*”³ e nos não-lugares. Usuário de drogas pesadas e de orelhões, mantinha contato semanal com a família, que já não contava mais com nenhuma promessa de cura e, de uma forma que pode parecer torta para muitos, o

¹Uma primeira versão deste texto foi publicada na Revista Escrita do Departamento de Letras da PUC em sua edição de n. 26, na seção Relatos:PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA. Revista Escrita, 2020. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_escrita.php?strSecao=input5&NrSeqFas=46838. Acesso em: 13 mai. 2021.

²Composição de Chico Buarque: Olá, como vai/ Eu vou indo e você tudo bem/ Tudo bem eu vou indo/ Correndo pegar meu lugar no futuro e você/ Tudo bem eu vou indo/ Em busca de um sono tranquilo/ Quem Sabe/ Quanto tempo, pois é quanto tempo/ Me perdoe a pressa/ É a alma dos nossos negócios/ Qual, não tem de que/ Eu também só ando a cem/ Quando é que você telefona/ Precisamos nos ver por aí/ Pra semana prometo talvez nos vejamos/ Quem sabe/ Quanto tempo pois é/ Quanto tempo/ Tanta coisa que eu tinha a dizer/ Mas eu sumi na poeira das ruas/ Eu também tenho algo a dizer/ Mas me foge à lembrança/ Por favor telefone eu preciso saber/ Alguma coisa rapidamente/ Pra semana, o sinal/ Eu procuro a você, vai abrir, vai abrir/ Eu prometo não esquecer/ For favor não esqueça, não esqueça/ Não esqueça/ Adeus.

³Chama-se *fluxo* tanto a concentração de usuários de *crack* quanto sua movimentação em grupos.

supria com uma pequena quantia semanal, como forma de reduzir riscos e danos e afastá-lo de atividades criminosas.

Numa noite de janeiro de 2017, já há quase dez anos vivendo na Cracolândia, ele tomou mais uma dose, pegou fôlego, elaborou ali na hora e diante de uma câmera falou, falou, falou montes. Nove minutos de uma falação cantada, seu recado agridoce para o prefeito, o “Sr. Perfeito”, que em campanha havia se referido aos moradores e frequentadores daquele território como “lixo humano”⁴.

O vídeo⁵ foi publicado por um coletivo de direitos humanos nas redes sociais, e suas ideias “viralizaram”, alcançando mais de um milhão de visualizações e gerando milhares de comentários em fóruns de discussão em páginas do Facebook e em publicações da mídia corporativa presente no ambiente *online*. Era maio de 2017 e a Cracolândia vinha passando por mais episódios de extrema violência policial e desrespeito aos direitos humanos, com prédios sendo derrubados com pessoas dentro.

Por cerca de dez dias fomos servidos de pautas sobre adição, política nacional de drogas, filosofia de redução de danos, internação compulsória, proibicionismo, antiproibicionismo, guerra ao tráfico, histórias-dramáticas-de-jovens-bem-nascidos-da-zona-sul-que-se-perdem-no-mundo-das-drogas, etc. Mas não se falou muito sobre de onde, afinal, surgiu aquela gravação, quais as motivações por trás daquele evento disparador.

O recado havia sido gravado em janeiro do mesmo ano e, por alguma razão algorítmica, quatro meses depois ele voltava a ser massivamente compartilhado e

⁴ A primeira matéria com fala de João Dória recém-eleito prefeito foi publicada pelo Estado de São Paulo, em link hoje fechado a assinantes (LEITE, Fabio. 'A cidade é um lixo vivo, parece um filme escabroso', diz Dória. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 5 dez. 2016. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,a-cidade-e-um-lixo-vivo-parece-um-filme-escabroso-diz-doria,10000092704>. Acesso em: 27 mar. 2021.). Em seguida um artigo de Leonardo Sakamoto comenta a declaração, enfrentando a postura de Dória (SAKAMOTO, Leonardo. Caro João Dória, precisamos mesmo limpar SP. De todo tipo de preconceito. **Universo Online**, São Paulo, 5 dez. 2016. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2016/12/05/caro-joao-doria-precisamos-mesmo-limpar-sp-de-todo-tipo-de-preconceito/>. Acesso em: 27 mar. 2021.).

⁵ O vídeo foi publicado pela primeira vez em 3 janeiro de 2017 pelo coletivo *A Craco Resiste* (A CRACO RESISTE. **Ao Sr. Prefeito**, 4 jan. 2017. Vídeo no Facebook. Disponível em: <https://web.facebook.com/watch/?v=1786875324897173>. Acesso em: 27 mar. 2021.) e logo em seguida compartilhado pela página Jornalistas Livres (JORNALISTAS LIVRES. **Prefeito perfeito...**, 5 jan. 2017. Vídeo no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/jornalistaslivres/videos/462914107165805/>. Acesso em: 27 mar. 2021.).

a chamar muita atenção para uma página — o coletivo de redutores de riscos e danos chamado *A Craco Resiste*, canal onde o vídeo foi publicado originalmente. A ideia de um movimento com este nome soava paradoxal e absurda, provocadora aos que não praticam o difícil exercício do desapego das essencializações simplistas, da experiência da empatia não seletiva. Resistir a quê? A que podem resistir estes que não têm nada a perder? Gritavam forte naquele discurso as fricções, os atritos mobilizadores, os impasses, desconfortos e paradoxos de quem resiste pelo direito de existir. Nos discursos conservadores imperava o tom de deboche. Mas o prefeito de São Paulo deu-se ao trabalho de responder⁶.

Algumas das milhares de visualizações do depoimento de Carlos Eduardo aconteceram de minha casa, de meu IP⁷, quando trombei com a imagem deste senhor barbudo, ruivo, de boné. Não era uma fotografia, era imagem em movimento, e quando apertei o triângulo preto que indica “tocar”, assisti absolutamente estatelada aos nove minutos daquela voz e prosódias inconfundíveis do amigo que fazia doze anos eu tinha visto pela última vez. Eu havia retomado meus estudos, iniciando uma segunda graduação no curso de Letras após vinte anos de formada em Jornalismo e justo naquela semana estudávamos Análise do Discurso. Aquilo me intrigou.

Para nós, ele era o Jesus⁸, apelido dado ao cara ruivo de cabelos compridos que chegou no primeiro ano do nosso ensino médio, saído de uma escola muito tradicional, o que não era bem o caso da nossa, e com quem fumamos muita maconha, fizemos muitas festas e ouvimos muito *rock'n'roll*, quase sempre com ele ao violão. O uso problemático de drogas ilícitas se acentuou nele nesta passagem para a vida adulta, justo quando nos dividíamos e seguíamos para nossos cursos universitários. Ainda não havia a internet tal qual a conhecemos hoje, e os descaminhos foram rápidos em nos afastar.

⁶DORIA, João. **Cracolândia**, 29 mai. 2017. Vídeo no Facebook. Disponível em: <https://web.facebook.com/watch/?v=1464034203653386>. Acesso em: 6 abr. 2021.

⁷ Um endereço de Protocolo da Internet (endereço IP), do inglês Internet Protocol address (IP address), é um rótulo numérico atribuído a cada dispositivo (computador, impressora, *smartphone* etc.) conectado a uma rede de computadores que utiliza o Protocolo de Internet para comunicação. WIKIPÉDIA, **Endereço IP**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Endere%C3%A7o_IP. Acesso em: 13 mai. 2021

⁸Ao longo do texto, Carlos Eduardo de Albuquerque Maranhão será tratado por uma multiplicidade de apelidos, recebidos em diferentes momentos de sua vida. Assim, os nomes “Jesus”, “Sarda”, “Alemão” ou “Cadu” são adotados neste trabalho de modo intercambiável, conforme o contexto.

Mas agora ele estava ali, ao centro da minha tela de moldura azul real, aparente eixo de conexão com tudo e com todos, “a rede social”. Em questão de segundos identifiquei a fonte primária da publicação, abri uma caixa de diálogo de mensagens instantâneas no canto direito inferior da tela, cujo ícone é um raio, e me apresentei (sem medo, mas não sem alguma estranheza, admito, afinal eu escrevia para uma página de nome *A Craco Resiste*; quem me responderia, um “cracudo”?).

Mandei dizer que nós, seus amigos de escola, estávamos orgulhosos dele — e ele saberia de quem eu estava falando. Dois dias depois um ativista do coletivo me respondeu, transmitindo um recado seu, um áudio em arquivo MP3. Ele pigarreia, e ao fundo um jazz come solto:

...é realmente muito legal vocês se dirigirem a mim ainda como amigos da escola, né? E neste descaminho que é a vida, né? O bom é ver que por maior que seja essa distância e tempo, por mais que eles digam não, é sempre bom a gente conseguir ser novamente reconhecido, né?

Do lado de lá de outras telas, nosso adolescente Jesus era reconhecido por outras turmas como o menino Sarda. As dimensões de sua importância são frestas, e estas se multiplicavam exponencialmente. Nós, os amigos de adolescência, da escola-cursinho, reagíamos lentamente, estávamos estatelados, “chapados” diante daquilo, pensando em como acessá-lo, ele que em seu “discurso” admitia e mesmo defendia, com todas as letras, aquela sua forma de vida. A nós, ele pareceu muito lúcido.

Seus amigos de infância na certa viam na tela outro sujeito: o Sarda, criança indefesa, menino ruivo e sardento inevitavelmente apelidado, fragilidade em pessoa que deveria ser resgatada e salva o mais rápido possível. E assim “o resgate” começou a ser organizado, em tempo real, em uma publicação ainda hoje com *status* público no perfil de seu criador, onde todos lamentavam, enalteciam, comentavam e sugeriam.

Particpei desta publicação e compartilhei ali o recado que eu havia recebido. Fotos antigas também foram publicadas e o conteúdo serviu de fonte para o início da apuração jornalística, que se aproveitou de toda a facilidade de se salvar e copiar conteúdos de uma postagem com *status* aberto.

Esta publicação, que tem 172 comentários e 275 compartilhamentos, flutua ainda hoje parada no tempo. É, até o exato momento em que escrevo, uma “postagem-pompéia”, que desde o dia 11 de junho de 2017 não recebe comentários. Ela serviu também ao início da divulgação de uma vaquinha virtual⁹, que igualmente nunca saiu do ar. O site de financiamento coletivo foi lançado por estes outros amigos para levantar fundos destinados à internação e tratamento de Carlos Eduardo. A campanha vislumbrava a escrita de um livro sobre sua vida e eu já me imaginava fazendo isso com ele. Cheguei a escrever uma mensagem privada a um de seus amigos, me oferecendo para ir vê-lo na clínica e falarmos disso.

Uma história dessas, com um personagem aparentemente “tão fora de seu lugar”, não passaria despercebida pela mídia corporativa (principalmente a carioca), que num ritmo “de produção”, enviou ao território da Cracolândia seus repórteres, na caçada ao Alemão do *fluxo*, ao Sarda do primário, ao Jesus do pré-vestibular, ao Cadu de sua família.

Quando o resgate de fato aconteceu, esta publicação já não estava tão ativa e eu já não recebia mais as notificações em vermelho no canto direito superior da tela. Através de uma pessoa que me reconheceu pela ferramenta “amigos em comum”, vim a saber que no conturbado trajeto de ambulância de São Paulo à serra do Rio de Janeiro ele falou de livros, fez uma longa lista de títulos para que lhe fossem enviados, exibiu memória e cognição intactas, contando a história de todos os seus companheiros do *fluxo*, com nomes e sobrenomes. Fez também algumas exigências de *pop star* e, voluntariamente, internou-se pela última vez, sob a responsabilidade de um destes amigos, a quem a família autorizou que assinasse os papéis necessários.

E assim ele passou uma fronteira; uma não, muitas. Saiu de lá vivo para contar a história. E saiu contando em trânsito, em fluxo físico e midiático, com matérias de jornal já saindo nas bancas e nos *links*. Fez as vezes de mensageiro, xamã entre mundos, entre perspectivas, entre modos de vida e lugares sociais.

⁹MOREIRA, Carlos. **Nova Chance ao Cadu**, 2 jun. 2017. Campanha de financiamento coletivo. Disponível em: <https://www.kickante.com.br/campanhas/nova-chance-ao-cadu/>. Acesso em: 29 mar. 2021.

Depois ficou tudo escuro. Em questão de dias aconteceram o resgate, a cobertura jornalística, a internação, a morte.

Exatos dez dias após receber aquele recado em áudio no canto direito inferior de minha tela, preciso sair mais cedo de minha aula de “Linguagem e Sociedade”, e estou dentro de um táxi, rumo ao cemitério do Caju.

Tudo isso acontece doze anos após nosso último encontro corpóreo e sincrônico, num consultório de fisioterapia em Ipanema, quando depois do susto do “você por aqui?” e de um abraço apertado ele me entregou um papelzinho com seu nome. Hoje, chamam ainda mais atenção os parênteses ao lado, onde estava escrito “Jesus”, seguido de dois números de telefone, um endereço de “gmail”, e, ao lado de um endereço web que terminava com “nafoto.net”, uma frase.

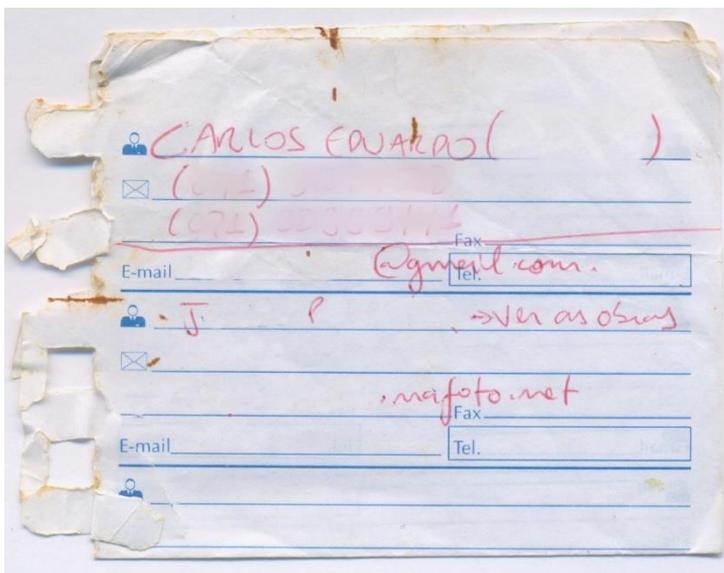


Figura 1: Bilhete de Carlos Eduardo entregue a esta pesquisadora em 2005

A frase orientava: “ver as obras” e se referia ao trabalho de sua ex-mulher, de quem, pelas minhas contas, ele estava recém-separado. Não liguei para nenhum dos números, mas fiz o que ele pedia no bilhete e conheci o trabalho da mãe de sua filha. Passamos a nos conectar pelas redes sociais e plataformas que foram se sucedendo ao longo dos anos.

Olho para o meu amigo no caixão, ele tem a minha idade, mas quando morre é meu bisavô. Habitou um corpo autodeclarado doente pela maior parte de seus anos cronológicos. Foi escolha própria aplicar-se e consumir substâncias que

lhe garantiram uma vida de consciência alterada pela maior parte do tempo, se possível.

Quanto à espetacularização do caso, após sua morte o assunto foi devidamente encerrado com uma longa matéria¹⁰ no programa dominical de maior audiência e em rede nacional, com a leitura de uma carta assinada pelos “Amigos do Sarda”, e a hashtag¹¹ #somostodosdamesmaturma. Nós, os amigos maconheiros, por tabela “da outra turma”, não chegamos a ser informados do teor dessa carta, e tínhamos preferido não falar com jornalistas, porque, se fosse este o caso, queríamos antes estar com o Jesus.

Com este tema no coração e na mente, mobilizada pela perda do meu amigo, pela perda da possibilidade de escrevermos juntos como em “mais um trabalho de escola”, decidi aplicar para o mestrado em Estudos de Linguagem e iniciei minha pesquisa. Eu queria entender o trajeto daquela história, os pontos de vista possíveis, os descaminhos imprevisíveis, mas, depois de trilhados, passíveis de se mapear. Era importante resgatar (ou criar novos) sentidos perdidos daquelas palavras, tocar no tema-tabu à flor da pele mas sempre varrido pra debaixo de tapetes, a Política de Drogas que vige em nosso país e como é visto o usuário problemático em situação de vulnerabilidade social.

Já fazia quase um ano destes acontecimentos, quando, no conforto máximo de uma biblioteca climatizada, digitei apenas uma palavra na caixa de busca num banco de teses acadêmicas: “Cracolândia”. Buscar. A resposta, na velocidade da luz: “*Mil Fitas na Cracolândia: Amanhã é Domingo e a Craco Resiste*, dissertação apresentada por Roberta Costa ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Filosofia”¹².

¹⁰CONHEÇA história de Sarda, resgatado por amigos da Cracolândia de SP. **Fantástico**, Rio de Janeiro, 11 jun. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/06/conheca-historia-de-sarda-resgatado-por-amigos-da-cracolandia-de-sp.html>. Acesso em: 29 mar. 2021.

¹¹ Hashtags são sinais gráficos que criam uma indexação de conteúdos em plataformas digitais. Assim, qualquer usuário pode buscar determinada hashtag e consultar todos os textos e imagens agrupados sob esta etiqueta.

¹²PLATAFORMA SUCUPIRA. **Mil Fitas na Cracolândia: Amanhã é Domingo e a Craco Resiste, dissertação apresentada por Roberta Costa ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Filosofia**, 2010. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5295446. Acesso em: 24 abr. 2019.

Taquicardia. Estava tudo ali, eu havia encontrado a motivação da gravação daquele vídeo.

Na dissertação de Roberta Costa, pesquisadora e ela própria uma agente da redução de riscos e danos (RRD), nosso amigo em comum ficou com o subcapítulo 7.2, o último fragmento antes de suas considerações finais (a viralização e o resgate haviam acontecido em maio, e ela defenderia sua dissertação em novembro). O subcapítulo tem o seguinte título: *Cadu, um Profeta do Caos*, e o índice nos remete à página 251. Após um diagrama com os principais paradigmas da Filosofia da Redução de Riscos Danos e de um poema apócrifo, ao primeiro parágrafo de texto corrido os fatos que relata dão a este personagem mais dimensões de sua importância, outras frestas, estas mais amplas:

Conhecia (o Alemão) desde janeiro de 2012 e suas ideias sempre me ensinaram muito sobre a Cracolândia, as drogas e a vida. Ele teve um papel fundamental na resistência à Operação Sufoco¹³, pois conseguiu, junto à defensoria pública, um *habeas corpus* preventivo para ir, vir e permanecer — o que foi importante para que xsusuárixs voltassem a se reunir na Craco sem que carros, motos e bombas fossem atirados contra elxs para dispersá-los (COSTA, 2017 p. 252).

Sou catapultada à cena da gravação do depoimento, e reencontro meu amigo no texto. Todas aquelas páginas passam a fazer parte do trabalho que eu iniciaria. Meu “objeto de pesquisa” se expandia, não sem algum desconforto por transformar um amigo em “objeto de pesquisa”, realizando buscas por seu nome em sites de pesquisa e bancos de dados, e sendo alertada pelos amigos mais próximos de que este seria um processo muito sofrido.

Naquela noite da gravação, eu descobria, ele colaborava com a amiga Roberta em sua pesquisa, registrando em vídeo um depoimento a ela, que havia cerca de cinco anos cumpria sua escrita etnográfica no lugar. Naquelas primeiras noites de janeiro, após mais uma promessa de um novo prefeito empossado de “acabar com a Cracolândia”, os voluntários do coletivo *A Craco Resiste*

¹³A Operação Cracolândia (também conhecida como Operação Sufoco) foi uma operação policial e política levada a cabo por autoridades das esferas estadual e municipal na cidade de São Paulo na região da cracolândia, nas proximidades da rua Helvétia. Iniciada no dia 3 de janeiro de 2012, a operação, também conhecida como “Operação Dor e Sofrimento”, cujo objetivo era combater o tráfico e expulsar viciados em crack, foi caracterizada por repressão policial aos usuários de drogas. WIKIPÉDIA, **Operação Cracolândia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_Cracol%C3%A2ndia. Acesso em: 13 mai. 2021.

realizavam vigílias, como forma criar vínculo e proteger os usuários da violência policial, submetendo-se aos mesmos riscos que estes.

Na “narrativa de bastidores” de Roberta eu me encontro comigo mesma à página 259, na transcrição do tal recado em áudio onde Carlos Eduardo enche a boca e estica o “a” para citar um amigo, o “nosso diplomaaaata!”. Este amigo, que é também antropólogo e escritor, planejava uma ida a São Paulo na semana seguinte, para tentar falar com o (nosso) Jesus. Antropólogo e diplomata, que qualificações mais interessantes para atuar naquela fronteira, naquele entrelugar psíquico. O encontro nunca aconteceu.

Ainda na biblioteca, acessei a rede social e novamente abri a caixa de diálogo de mensagens instantâneas com *A Craco Resiste*, para deixar mais um recado, agora para Roberta. Recolhi minhas coisas e deixei a universidade, a todo tempo checando o aplicativo, esperando a resposta, passando do *wifi* do campus ao acesso móvel por 3G. No ônibus fui notificada de que ela estava *online* e fomos trocamos mensagens emocionadas praticamente até eu chegar em casa.

Nossa! (É a Roberta respondendo, o (...) falou pra eu vim ver sua msg... Mana, fiquei emocionada com sua msg! To aqui com os olhos cheios de água lembrando do Cadu e daquilo q é inenarrável, mas ter escrito possibilita lembrar... Ter escrito esse mestrado fez sentido como nunca depois da sua msg! Eu q te agradeço! Fiquei feliz demais em saber q tinha vc fazendo o debate da RD ai do RJ, já é bem melhor do q nem ter sido pensado sob essa perspectiva! E nao se ache uma redutora de araque, a gente se sente assim quando o final é diferente do q gostaríamos, sentir essa impotencia é mega normal, mas é importante acolher nossos limites e possibilidades em cada momento, assim como entendemos e respeitamos os limites e possibilidades do Cadu... enfim, podemos trocar mais ideias vou te adicionar no face, mais uma vez obrigada!¹⁴

Pragmática, Roberta não perde de vista que a morte de Cadu foi uma consequência direta daquela gravação, um efeito. E assim, corajosamente, ela nomeia o capítulo 7 de sua dissertação de *Consequências da Atuação da Craco Resiste*.

Se este vídeo não tivesse sido feito talvez o Cadu estivesse até hoje analisando tudo e todos de forma crítica, rindo e chorando, fazendo uso de drogas e paçoca, contribuindo com a resistência e nossos aprendizados sobre a vida (Costa, 2017, p. 261).

Para Roberta, a explicação para tanta mobilização e repercussão no caso do Alemão / Sarda / Cadu / Jesus vem do fato de ser ele um corpo diferente que

¹⁴Roberta Costa, em mensagem privada pelo aplicativo Messenger.

reverbera (Costa, 2017). As vigílias culturais da *Craco Resiste* tinham esta proposta — lançar luz sobre a existência de corpos diferentes na Cracolândia, mas, ela admite, não havia como prever qual seria o impacto concreto desta presença. Esta noção de descaminho é uma constante em sua escrita, e palavra presente no recado que recebi de meu amigo. Vida é descaminho.

Assim, a narrativa de Roberta Costa me deixa uma pergunta, que de outro modo também motiva minhas perguntas de pesquisa: teria ocorrido o mesmo, se vindo de um corpo negro e oriundo da camada popular, que é o estereótipo que se espera de um usuário de *crack*?

Tamanha comoção talvez esteja relacionada com um lugar social esperado e naturalizado para determinadas pessoas que estão historicamente às margens, elemento considerado racismo por integrantes do movimento social (Costa, 2017, p.262).

A dimensão de sua importância são frestas e após “encerrado o assunto” penso no vácuo deixado pelo Alemão naquele território que ele defendeu nos dez anos ali vividos. Sobre este espaço oco deixado por ele não se falou. Sobre esta dor não se escreveu.

Sigo percorrendo os olhos nas páginas de Roberta e é no texto acadêmico de minha colega que encontro um projeto dele, do Jesus, relacionado a um episódio anterior de midiaticização — a conquista de um *habeas corpus* preventivo em 2012, durante a Operação Sufoco. Sua meta era multiplicar por 300 a sua vitória midiática e individual.

A filmagem parou aqui, mas o gravador continuou mais um pouco e transcrevo pelo seu caráter que se provou posteriormente profético] (...) Vamos ver se ajuda alguma coisa. Mas **o importante é ter os 300 habeas corpus preventivos** (...) Coitada da minha mãe, vai ter até o Fantástico na porta da casa dela lá no Rio (Costa, 2017, p. 257, grifo meu).

Profeta, megalômano certamente, acertou em cheio o desfecho do que se iniciava quando aquela câmera foi ligada, fornecendo até mesmo o nome do programa. Morreu “causando”, chamando toda a atenção que pôde, teve seu *gran finale* épico, do qual eu o imagino rindo e tirando sarro.

Estes fatos todos aconteceram numa janela de tempo de dez dias, em que o tempo parecia correr diferente. Ao final, eu estava exausta, tentava recapitular a narrativa, atormentada pelos formatos em rede e feitos de luz, sobre a transmissão

de sua voz, sua presença imensa na tela, sua partida espetaculosa e o que ainda aprenderíamos com aquilo tudo.

Carlos Eduardo de Albuquerque Maranhão (1971-2017) foi uma voz importante na resistência à violência policial na Cracolândia (SP) desde a Operação Sufoco, em 2012, até os ataques em 2017. Nasceu no Rio de Janeiro, estudou música desde a infância e iniciou dois cursos de graduação: Direito e Geografia. Deixou uma filha, Julia, nascida de sua união com a artista plástica Judite Pimentel.

Nesta dissertação analiso de um ponto de vista implicado a criação e apagamento de significados envolvendo a circulação discursiva deste discurso, recorrendo, para isso, a categorias da Antropologia Linguística e da Sociolinguística Contemporâneas dadas à observação da mobilidade textual. Busco assim realizar um sobrevoo no escopo de “minha” visão, e neste movimento de pesquisa entro em contato com outros textos que o discurso de Carlos Eduardo mobiliza.

Este processo me fez perguntar sobre como acontece o “descaminho” das palavras de Carlos Eduardo; como, no desfecho além redes-sociais, e principalmente na narrativa criada pela mídia carioca, as pautas das quais ele era porta-voz são apagadas, dando ênfase ao lugar de exceção e ao senso de urgência em desfazer aquele “desencaixe”, sem menção às coletividades e pautas políticas invocadas por Cadu em sua fala.

O argumento desta pesquisa é que a imagem corporal de Cadu, a oposição ou conflito construído entre a abjeção corporal e a poética do seu discurso (Bauman e Briggs, 2003) foi propriamente “o motor da viralização”. Este “desencaixe” ou hibridismo é em si a mobilidade que o discurso engendra, em novas combinações de índices, trânsito em diálogos imaginados, suspensões e reversões simbólicas.

Durante a pesquisa, ao resgatar o local de projeção do discurso de Carlos Eduardo, descubro que ele foi porta-voz de um coletivo. Esta descoberta traz Carlos Eduardo como informante de Roberta Costa, acadêmica, trabalhadora da

RRD¹⁵ e ativista da Craco Resiste, que narra encontros e rodas de conversa com pessoas da Cracolândia, entre elas líderes e figuras lendárias locais, que, como vimos a saber, era o caso de Cadu.

Esta pesquisa retoma assim o ponto de projeção do discurso, como um bastão bakhtiniano que recebo de Roberta através de Carlos Eduardo, o índice em triplas flechas, movimento. O gesto de indexação fortalece a rede de discursos e de conhecimento posicionado quanto às pautas correlatas ao discurso *em si*, como se verá.

O discurso de Cadu “cobre” toda uma constelação de pautas. Índices que reencontro na revisão bibliográfica sobre a Cracolândia e vida nas ruas. São autoras posicionadas e militantes por uma de fato nova política de drogas, que seja antiproibicionista e combinada ao tratamento na ética do cuidado da RRD e para além, em pesquisas que trazem estas outras pautas que confluem no tema “guerra às drogas”: o abolicionismo penal, a luta antimanicomial, a política fundiária, etc.

O trabalho é dividido em sete partes. O capítulo 2 volta a narrar a mesma história, agora de modo visual. Nele apresento as revisitas aos meus percursos de usuária da mídia social. Reconto a história inicialmente em uma linha do tempo, capturas de tela, e por fim um diagrama. Estes recursos não se pretendem definitivos, mas são como bengalas para gentilmente guiar o leitor nesta trama discursiva que tem algumas circularidades. Estes esquemas são, assim, tentativas de representar alguma mapeabilidade destes movimentos, sem deixar de considerar que mapas são intrinsecamente traiçoeiros.

Em seguida, no capítulo 3, passo a narrar minhas decisões metodológicas para a empreitada em todo seu caráter etnográfico, multissituado e de bricolagem metarreflexiva. É aqui que a pesquisa se revela posicionada e contemporânea aos estudos da mobilidade textual no “contexto digital”, que aqui será tratado como

¹⁵ A sigla RRD se refere a Redução de Riscos e Danos e é um dos eixos centrais do ativismo praticado pelo coletivo *A Craco Resiste*, em cujo canal o vídeo de Cadu foi publicado originalmente. A RRD tem as dimensões múltiplas de uma filosofia, uma política, uma prática, uma ética do cuidado, e que serão apresentadas ainda que superficialmente ao longo deste trabalho, através dos dados. A RRD está bastante circunscrita ao tratamento de usuários problemáticos de drogas, mas vem se expandido em outros contextos de uso. A Política de Drogas (ainda) vigente no Brasil, na data de hoje (09/03/2021), contempla a RRD como uma possibilidade para políticas públicas, mas o assunto é relativamente desconhecido do senso comum, que tende a associá-la com o estímulo ao consumo, pelo fato de a RRD não considerar a abstinência como a única forma de tratamento possível.

nexo *online-offline* (Blommaert, 2018d) em sua inseparabilidade de um mundo antes dito “real” ou “físico”. Sobre isso, cumpre notar que a partir de 2020¹⁶ há uma normalização do uso de um novo dualismo quanto às nossas relações físicas e digitais, o binômio presencial-não presencial para aulas, cultos, reuniões, entrevistas, etc.

O quarto capítulo apresenta e interrelaciona os principais constructos teórico-analíticos escolhidos para sustentarem as análises, são eles: a Teoria da Comunicabilidade (Briggs, 2005; 2007) e as categorias de entextualização (Bauman e Briggs, 2003; Silverstein e Urban, 1996), indexicalidade (Silverstein, 2008; Blommaert, 2020cc) e cronotopos (Bakhtin, 1981; Blommaert, 2015a; 2018).

Nos três capítulos seguintes são analisados os três trechos de dados, que se apresentam como uma tríade. Os capítulos levam nossos prenomes, pelas relações de intertextualidade e interseções entre os nossos trabalhos, o de Roberta Costa (2017) e o meu, e por ser Cadu/ Jesus nosso nó em comum nesta rede. Em lugar de anexos agrupados ao final da dissertação, cada capítulo de análise abriga seus próprios materiais anexos, ilustrações e listas de endereços eletrônicos contextualizados. Os longos trechos de dados estão em forma gráfica diferenciada para facilitar a distinção. O último capítulo traz as considerações finais e limitações deste trabalho, que poderão futuramente verter-se em novos caminhos de pesquisa.

¹⁶ Esta pesquisa está sendo concluída em meio à declaração de emergência sanitária da Covid-19. Observei, ao retomar o texto no isolamento, que algumas adaptações e atualizações seriam necessárias e interessantes de se fazer. O uso do binômio presencial X não presencial foi das coisas que me chamou a atenção e que deveriam constar, entre outras, mais adiante no trabalho.

2

História ilustrada dos dados

Este capítulo apresenta visualmente o *corpus* da pesquisa. Os dados se organizam em função do momento em que entrei em contato com os mesmos, e de sua importância na construção de minhas perguntas de pesquisa.

São três perspectivas: (2.1) uma linha do tempo para ordenar os acontecimentos pelo critério cronológico; (2.2) uma narrativa ilustrada que inclui a publicação aberta no Facebook, a “organização do resgate”, da qual participei; e por fim (2.3) a tentativa de um diagrama esboço caseiro da multidirecionalidade dos dados e dos movimentos entre estes.

Este é o movimento de sobrevoos na coleção maior de dados, para depois mergulhar, ou “dar zoom”, em três destes subconjuntos, o que será feito em três capítulos de análise distintos nesta dissertação: (i) o discurso de nove minutos proferido por Carlos Eduardo Maranhão, identificado por molduras de cor verde, conforme legenda; (ii) trechos da dissertação de mestrado defendida por Roberta Costa na USP, em novembro de 2017, identificada por molduras na cor cinza; e (iii) um recado em áudio de pouco mais de um minuto, endereçado a esta pesquisadora, identificado na moldura em azul claro.

Estes três textos fazem parte de uma rede que inclui outros excertos passíveis de análise. Como não seria viável dar conta de todos no escopo deste trabalho, segui o critério afetivo, segundo o impacto que tiveram sobre mim. Também foram levadas em conta suas interrelações e intertextualidades.

2.1

Linha do Tempo

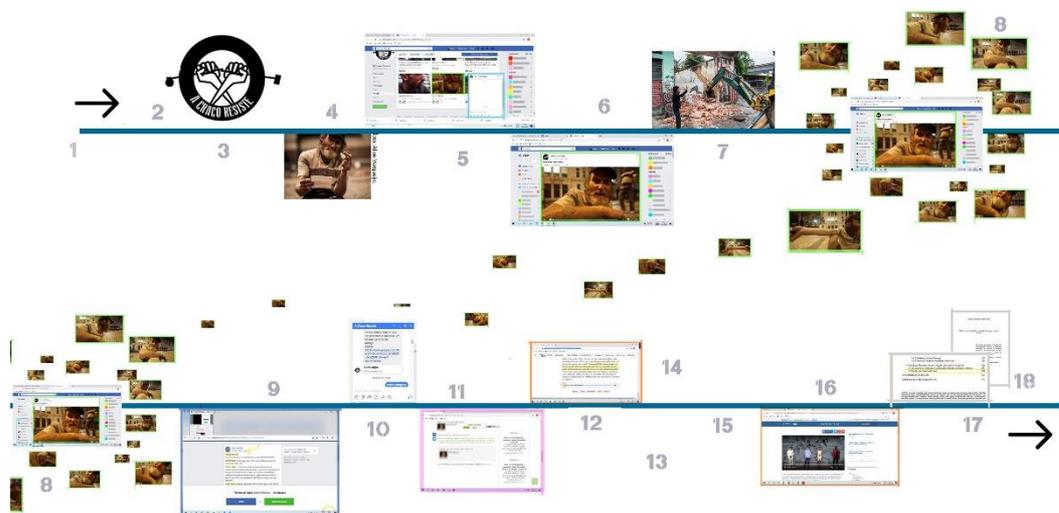


Figura 2: Linha do tempo

- 1_ Da esquerda para a direita, a seta contínua que aponta para a direita representa o trabalho de campo de Roberta Costa, que vinha sendo feito na Cracolândia desde 2012, aproximadamente;
- 2_ 05/12/2016: declaração do prefeito recém-eleito João Dória de que “a cidade é um lixo vivo”;
- 3_ Dezembro de 2016: criação do coletivo *A Craco Resiste*
- 4_ 03/01/2017: gravação do depoimento de Carlos Eduardo
- 5_ 03/01/2017: publicação do depoimento na página de *A Craco Resiste* no Facebook;
- 6_ 05/01/2017: compartilhamento do depoimento na página *Jornalistas Livres* no Facebook;
- 7_ 21/05/2017: megaoperação policial na Cracolândia;
- 8_ maio de 2017 (data imprecisa): viralização do depoimento de Carlos Eduardo

- 9_ 27/05/ 2017: publicação na página de um dos amigos de Carlos Eduardo e início da organização do resgate;
- 10_ 28/05/2017: chegada de um recado em áudio de Carlos Eduardo para esta pesquisadora;
- 11_ final de maio (data imprecisa): lançamento da campanha de financiamento coletivo para o tratamento;
- 12_ (data imprecisa): início da midiaticização do caso;
- 13_ 01/06/2017: saída de Carlos Eduardo da Cracolândia;
- 14_ 02/06/2017: internação de Carlos Eduardo;
- 15_ 07/06/2017: falecimento de Carlos Eduardo;
- 16_ 11/06/2017: leitura da carta dos “Amigos do Sarda” no programa Fantástico;
- 17_ 14/11/2017: publicação da Dissertação de Roberta Costa, cujo subcapítulo 7.2 narra os bastidores da gravação do depoimento de Carlos Eduardo;
- 18_ setembro de 2018: escolha do tema para esta pesquisa, representada em uma seta que aponta para a direita, em direção ao momento presente.

2.2

Narrativa visual

Traçarei agora também uma sequência cronológica (ou a mais cronológica possível), desta vez reproduzindo imagens capturadas à época ou simulando o momento de acesso aos dados em revisitas aos sites mencionados, todos de acesso público em *status* aberto na rede social. O eixo desta narrativa é a publicação em página de Facebook (da qual participo) em que se inicia a organização do resgate de Carlos Eduardo da Cracolândia. O objetivo é mapear algumas rotas de criação de significados, os movimentos provocados dali “para fora” (entextualizações, indexações). Num outro eixo, esta narrativa recupera o local de projeção do discurso, e as práticas discursivas deste local (o coletivo) passam a ser tomadas como dados.

Os dados estão classificados por cores, de acordo com seus “tipos” (quer sejam “tipos de” cronotopos, contextos, mídias, locais de projeção de discursos,

plataformas). Todas as categorizações acima se aplicam e estão diferenciadas por cores, que reaparecerão no mapa maior.

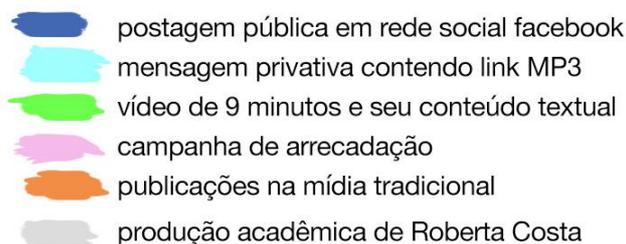


Figura 3: Índice de cores

A Figura 4 reproduz meu perfil no Facebook logado, ou seja, autenticado com a informação de meu nome de usuária e senha, na data de hoje¹⁷, em visita à página *Jornalistas Livres*, onde assisto ao vídeo pela primeira vez. Na época dos acontecimentos relatados, em maio de 2017, cheguei a este perfil após ser “marcada” por algum contato em uma publicação na plataforma.

“Marcar os amigos” é uma importante ferramenta da web 2.0. Quando autorizado em suas preferências de privacidade, qualquer outro usuário aceito como seu “amigo” pode marcá-lo. Para marcar uma pessoa, escreve-se seu nome tal qual consta em seu perfil e este nome completo passará a ser clicável, ou seja, um *hiperlink* na cor azul e sublinhado. Esta ação ativa uma notificação (em geral sinalizações em vermelho ao canto direito superior das telas) no perfil daquele que foi citado, “trazendo-o” para visitar a publicação em que foi mencionado, cujo título é “Prefeito Perfeito”. Foi o que me aconteceu.

Logo notei que ele havia sido publicado originalmente também em janeiro de 2017, no canal de *A Craco Resiste* (cf. Figura 3), que passo a acessar.

¹⁷ Último acesso em 10 mai. 2020.

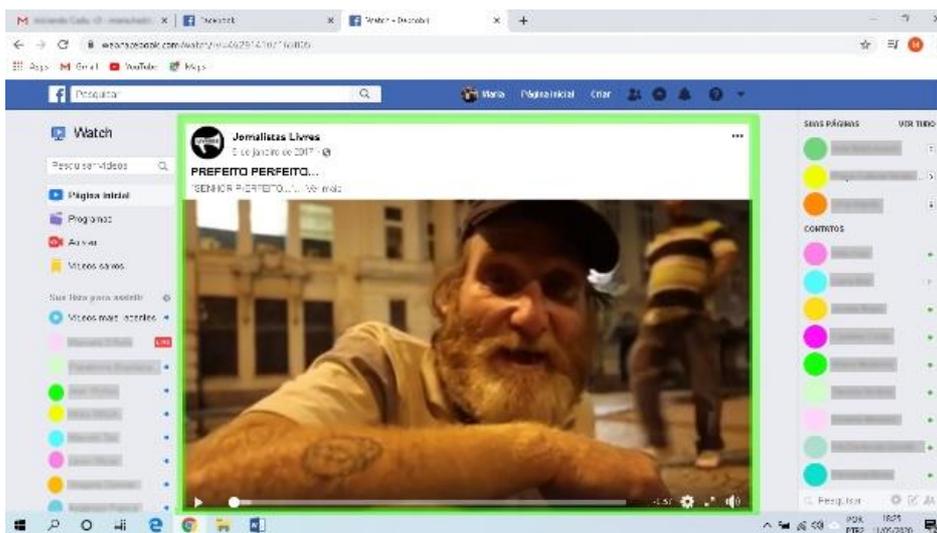


Figura 4: Captura de tela na rede social Facebook na página *Jornalistas Livres*

Foi apenas cinco meses depois, em maio de 2017 que a publicação viralizou, certamente impulsionada pelo fluxo aumentado na publicação de conteúdos relacionados ao lugar, a partir da megaoperação policial prometida desde a posse no novo prefeito, em janeiro. A viralização acontece, assim, a partir do compartilhamento operado por *Jornalistas Livres*, por conta de seu número muito maior de seguidores (1.229.354) do que aqueles da página *A Craco Resiste* (19.510)¹⁸.

¹⁸ Números de seguidores das páginas *Jornalistas Livres* e *A Craco Resiste* registrados em último acesso em 16 dez. 2020.



Figura 5: Captura de tela na rede social Facebook na página *Jornalistas Livres* com destaque para o número de visualizações

Como grifado acima, o vídeo teve mais de 1.100.000 de visualizações. No diagrama na seção seguinte, a viralização — este processo de espraiamento movido por marcações e compartilhamentos — está representada na multiplicação de telas destacadas na mesma cor (verde), espalhando-se de forma reticular e criando uma “nuvem” à sua volta, como mostra também a figura abaixo, que compõe o diagrama maior (cf. figura 30).

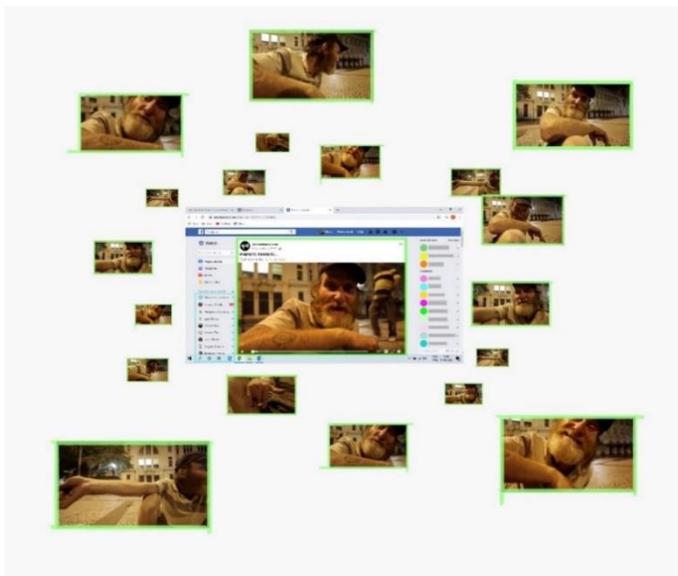


Figura 6: Captura de tela da rede social Facebook na página *Jornalistas Livres* e representação da viralização do vídeo

Na imagem a seguir, estou em visita a esta página. Na tela, a miniatura do vídeo está grifada em verde, no centro da página, com o título “Ao Sr. Prefeito”. Ao simular que escreverei uma mensagem privada aos administradores, a ação se concentra no canto direito, com a janela de mensagens privadas aberta, grifada em azul mais claro.

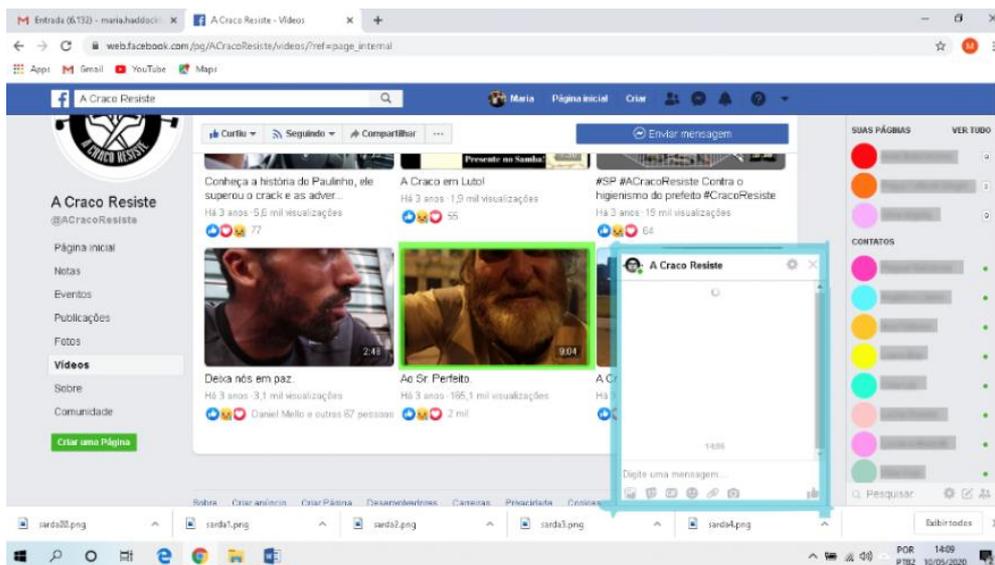


Figura 7: Captura de tela da rede social Facebook na página *Jornalistas Livres*

Note-se que a caixa de diálogo está vazia. Isso acontece porque esta imagem foi captada recentemente, quase três anos após a primeira vez que acessei a página. O aplicativo não nos dá acesso automático ao histórico de mensagens, a não ser que um novo diálogo seja ativado.

Felizmente, no processo de pesquisa, eu já havia guardado a imagem de nossa conversa (Figura 5). Teria sido desconfortável “puxar” artificialmente um assunto com o redutor de danos do outro lado apenas para ativar o histórico de mensagens e registrar um dado de minha pesquisa. A propósito, em nossa última conversa mencionei esta dissertação; em minha próxima mensagem gostaria que este arquivo em tela já estivesse anexado para eles.

As telas a seguir registram o momento exato em que escrevi para *A Craco Resiste*, mandando uma mensagem em nome dos amigos de uma determinada escola. A figura da esquerda contém este meu texto, em que pergunto se há algum esquema de recados para dizer a ele que estávamos orgulhosos. Ao redigir esta

mensagem, além de impactada pelo vídeo, estava certamente sob influência de conversas recentes com amigos em comum sobre o vídeo. Isso fez com que eu escrevesse no plural, como se portadora de alguma procuração — “nós, seus amigos de escola”. Logo em seguida o redutor de danos pergunta o nome da escola, para não haver engano (“*para a gente passar o recado certo*”), e eu lhe forneço o nome do colégio (ocultado na imagem).

À direita está a imagem do recebimento da resposta. Entendo que ele conseguiu repassar (ou mesmo mostrar) minha mensagem ao Jesus, e que tem um recado de volta. O arquivo anexado é um áudio de pouco mais de um minuto, em formato mp3 — “Cadu.mp3” — transferido através de *link* no Google Drive, serviço de armazenamento e sincronização de arquivos.

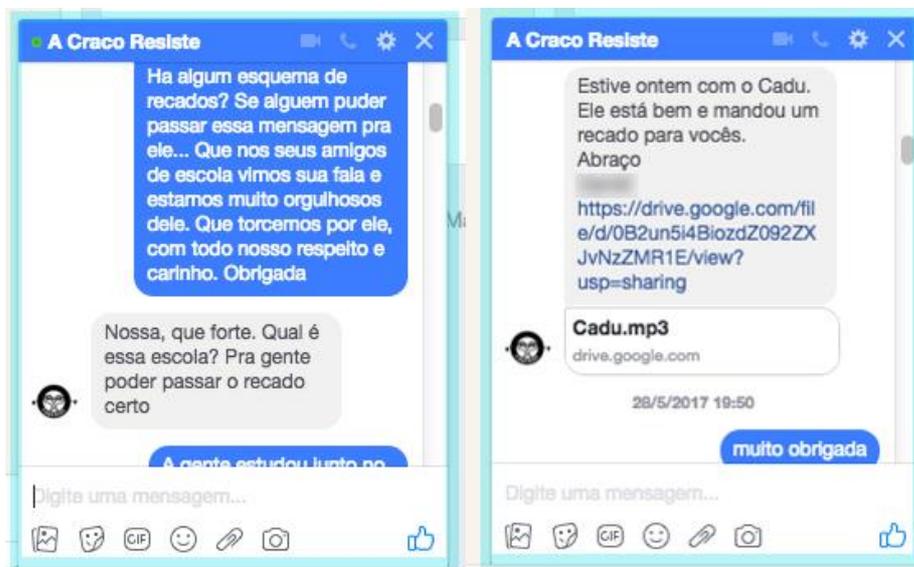


Figura 8: Captura de telas de troca de mensagens pelo aplicativo Messenger

Este arquivo em áudio, cujo teor será analisado no capítulo 6, é importante porque é através dele que realizo uma interferência direta no movimento dos dados, e durante a análise observo que forças me levaram a esse gesto, e quais foram suas consequências discursivas.

Em paralelo a esta interação, eu passava a participar de uma publicação aberta no Facebook, de autoria de um amigo de infância de Carlos Eduardo, seu colega de classe no ensino primário, hoje chamado fundamental. Não tenho como precisar por quais caminhos cheguei a esta publicação de 27 de maio de 2017. Como dito, acredito que tenha sido marcada por algum amigo em comum.

Lamento não poder recuperar este momento no espaço e no tempo da rede social, pois é algo a que não se chega em retrospecto, não é uma informação arquivável. À época eu não tinha razões para registrar o momento, não existia ainda esta pesquisa.

As próximas imagens, dispostas na ordem em que foram publicadas, se encontram ainda hoje em *status* público na página de seu autor, na rede social, como se vê no acesso mostrado na figura 9 (grifos no símbolo do globo ao lado da data da publicação, e data do acesso que registrou o *status*). Os trechos iluminados servem à compreensão dos significados ali construídos e negociados.

Um primeiro e importante efeito discursivo se observa logo ao início da publicação. A longa legenda organiza as informações e dá instruções de forma sumarizada — VEJA ESTE LINK, IMPORTANTE, CONCLUSÃO, POST INICIAL, nesta ordem e com esta mesma apresentação gráfica — em maiúsculas. Estes subtítulos pretendem organizar e guiar o leitor, e isso é feito na ordem reversa do tempo, o que é próprio das interações em redes sociais (Page, 2015).

Em “VEJA ESTE LINK”, está disponibilizada a rota para o vídeo na página de Jornalistas livres; “IMPORTANTE” informa onde estarão as atualizações do caso (nos comentários do *post*); a “CONCLUSÃO” informa que Carlos Eduardo já foi encontrado:

“Localizamos o Carlos Eduardo e falamos com ele. Estaremos com ele pessoalmente em breve. Um caminho foi apresentado e ele pode escolher esse caminho agora, nas próximas conversas que teremos ou em algum momento do futuro. Objetivo alcançado. **Post vira privado pois não há mais necessidade de visibilidade.** Obrigado a todos que ajudaram.” (grifo meu)

Note-se que, por alguma razão, o *post* continuou em *status* público, como grifado na imagem. O tópico POST INICIAL alerta para as “imagens fortes” e prossegue com um “item 1” não reproduzido aqui, em que o autor da publicação narra a descoberta do vídeo, a informação exata do nome completo do amigo e também de seus dois apelidos — Sarda ou Jesus.

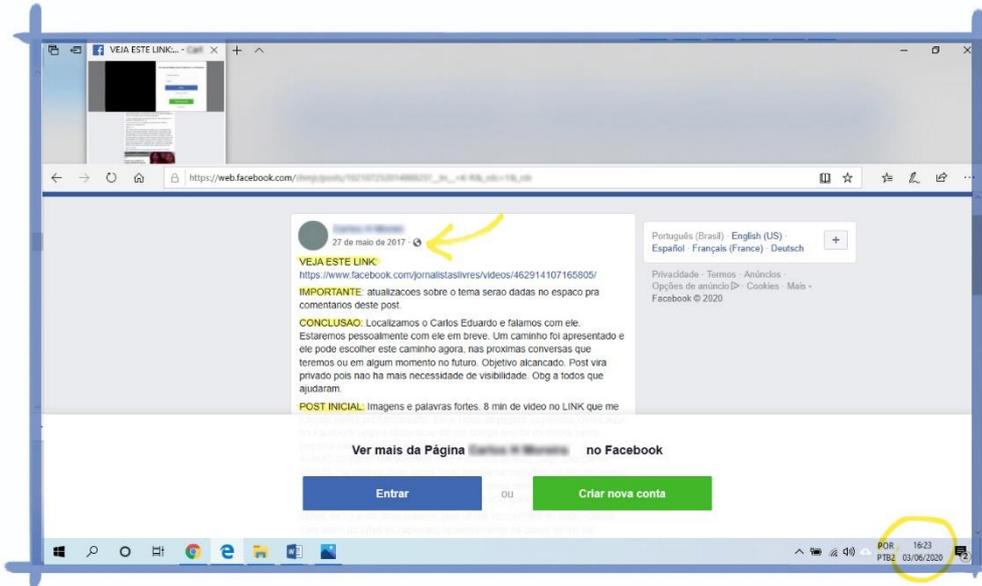


Figura 9: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em *status* público

A figura seguinte mostra parcialmente o item 2, em que ele sugere a criação de *posts* ou o compartilhamento deste, para atingir mais pessoas e aumentar as chances de localizá-lo. Atendo a este chamado e decido colaborar nesta publicação anexando o *link* para o Google Drive com o recado a mim enviado em forma de mensagem privada (Figura 10).

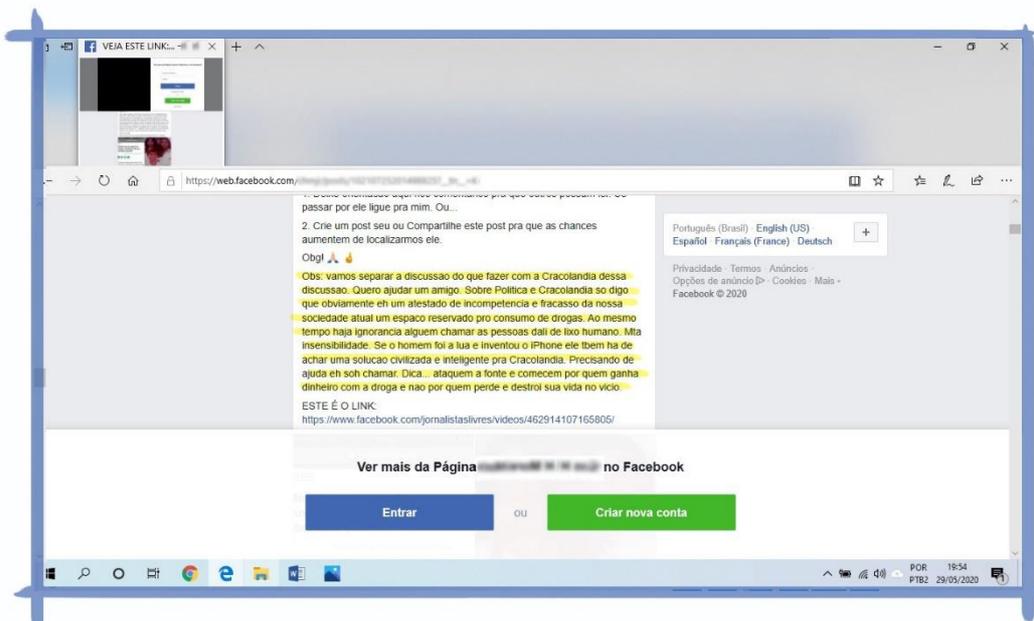


Figura 10: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em *status* público

Na sequência, uma observação, conforme grifado na figura acima e reproduzido abaixo. Este campo traz orientação editorial: o autor pede que na publicação os dois assuntos sejam separados: o que se fazer com a Cracolândia e a situação de Carlos Eduardo. Por fim, indica o *link* para o canal *Jornalistas Livres*.

“Vamos separar a discussão do que fazer com a Cracolândia dessa discussão. Quero ajudar um amigo. Sobre Política e Cracolândia só digo que obviamente é um atestado de incompetência e fracasso da nossa sociedade atual um espaço reservado pro consumo de drogas. Ao mesmo tempo haja ignorância alguém chamar as pessoas dali de lixo humano. Muita insensibilidade. Se o homem foi a lua e inventou o iphone ele também há de achar uma solução inteligente e civilizada para a Cracolândia. Precisando de ajuda é só chamar. Dica... ataquem a fonte e comecem por quem ganha dinheiro com a droga e não por quem perde e destrói sua vida no vício.”

Neste texto, ainda que requisite dos participantes o foco no caso particular, ele não deixa de marcar sucintamente uma posição sobre o contexto maior, o cerne do discurso de Cadu — a Política de Drogas.

Assim, esta abertura funciona como um *caput*, uma sala de entrada com cartazes informativos e inclusive diretrizes editoriais, o que se deve publicar e onde. Estamos num ambiente organizado e temos uma liderança, literalmente um “capitão”, como aparece em um dos comentários, em que um amigo diz: “Bem me lembro de você como capitão do time”:

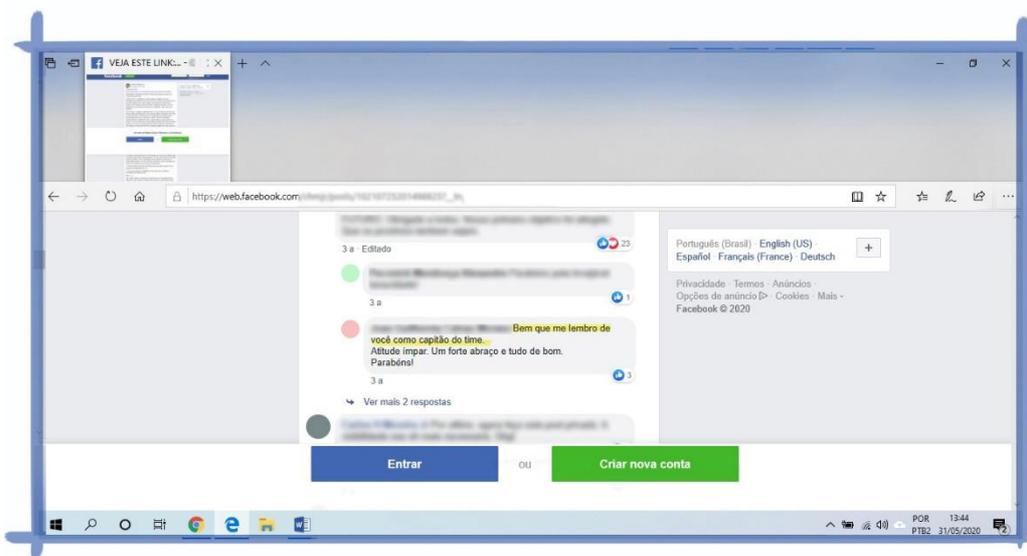


Figura 11: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em *status* público

Não está entre os objetivos desta pesquisa escrutinar esta publicação em específico, mas tão somente pontuar nesta cauda de comentários (Biar e Paschoal, 2020) os movimentos retóricos que mais interessam ao meu sobrevoo e à contextualização do caso. Sem estabelecer nenhuma hierarquia entre estes aspectos, listo os movimentos mais recorrentes nos comentários dos participantes, que são: atualizações progressivas do andamento da “busca”; elogios à atitude do organizador da ação; narrativas de reminiscências envolvendo Carlos Eduardo; marcações em hipertexto de pessoas, sites e instituições. É curioso notar que um comentário contém endereço e telefone do batalhão de polícia da área como possível fonte de informações sobre Cadu, o que é um tanto irônico, considerando que o veículo que divulgou originalmente o vídeo é um coletivo cuja causa é proteger aqueles indivíduos da violência policial do estado.

São também recorrentes os comentários sobre a oratória de Carlos Eduardo, repetindo e relacionando entre si termos como lucidez, capacidade de raciocínio, articulação, domínio do vocabulário e organização das ideias. Este aspecto de “desencaixe” revelou-se também um ponto nevrálgico da pesquisa, revelando o hibridismo do lugar social ocupado por ele e o modo como sua performance linguística afeta sua audiência.

Ali também foram compartilhados dois *links* para matérias de jornal e revista do ano de 2012 sobre Carlos Eduardo Maranhão. A chamada é a mesma, e diz: “‘Ele teve tudo na vida’, diz mãe de viciado que obteve salvo-conduto”. O *link* para a Folha de São Paulo hoje é acessível apenas para assinantes; o outro é um *link* que já não mais responde, ou seja, que foi tirado do ar.



Figura 12: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em *status* público

No entanto, informações sobre este fato podem ser encontrada em uma busca simples no Google por “morador de rua + *habeas corpus* + carlos eduardo albuquerque maranhão”, que leva hoje¹⁹ a sete resultados para matérias jornalísticas que contam como ele obteve o direito de não ser abordado injustificadamente nas ruas. Ficamos então sabendo que não é a primeira vez que uma atitude de Carlos Eduardo na Cracolândia é midiaticizada.

Antes das próximas duas imagens, há um “vácuo” nos registros destes comentários. É neste meio tempo que eu publico aqui o *link* para o recado que eu havia recebido de Carlos Eduardo. Esta imagem, porém, não está mais disponível, pois eu apaguei meu comentário que continha o *link*. Eu o fiz após tomar conhecimento de que a matéria da Veja o havia republicado (Figura 11). Foi um gesto inútil de tentar desfazer algo do que me arrependi, como se com isso eu pudesse conter a circulação daquele conteúdo e me eximir da participação neste processo, a esta altura irrevogável.

A figura a seguir traz a chamada da matéria publicada pela editoria de cidade da Revista Veja Rio em sua versão digital, que mais uma vez reproduz o vídeo e informa o canal original da publicação. O título diz “Um carioca na Cracolândia — Colegas do Santo Inácio reconhecem amigo de 46 anos em um vídeo e se mobilizam para ajudá-lo a sair do vício e da vida nas ruas”.

Segue-se a transcrição do início do texto, que enfatiza o entrelugar social de Carlos Eduardo (grifo meu): “A imagem do vídeo exibido na página *A Craco Resiste*, grupo que auxilia viciados que perambulam pelas ruas da Cracolândia em São Paulo, mostra um homem de traços ruivos, barba entremeada com fios brancos, tocos de dentes na boca e um discurso meio embolado, sinal do uso costumaz de drogas. **As palavras, porém, denotam um vocabulário sofisticado e bom nível cultural. Articulado, fala em tom (...)**”

¹⁹ Último acesso em 15 dez. 2020.



Figura 13: Captura de tela do portal da Revista Veja Rio online

A imagem a seguir mostra o último parágrafo da matéria, com a disponibilização da mídia sonora (grifo circular em laranja). O texto iluminado diz: “Na segunda (dia 29), informado por um membro do movimento *A Craco Resiste* sobre a campanha carioca, pediu para que gravasse um áudio e enviasse para uma amiga no Rio.”

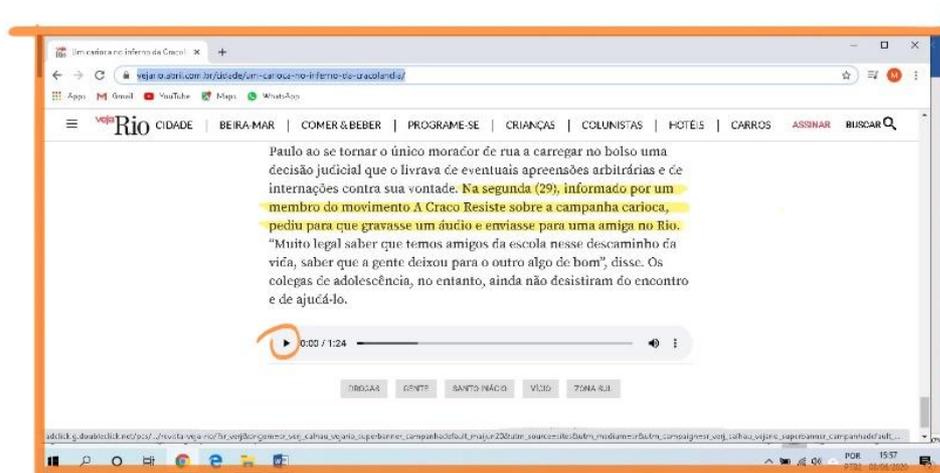


Figura 14: Captura de tela do portal da Revista Veja Rio online

Assim como O Globo, a Revista Veja também publicou outras matérias sobre o caso, grifando, como acima, o personagem “do carioca”, como em artigo da conceituada psiquiatra Analice Gigliotti, cuja manchete o chama de “o carioca da Cracolândia”.

Voltando ao eixo da publicação no Facebook, logo após o *link* para a matéria acima (grifo circular em laranja), o autor do *post* (representado pelo círculo cinza) faz um comentário de desaprovação: “Lamentável”.

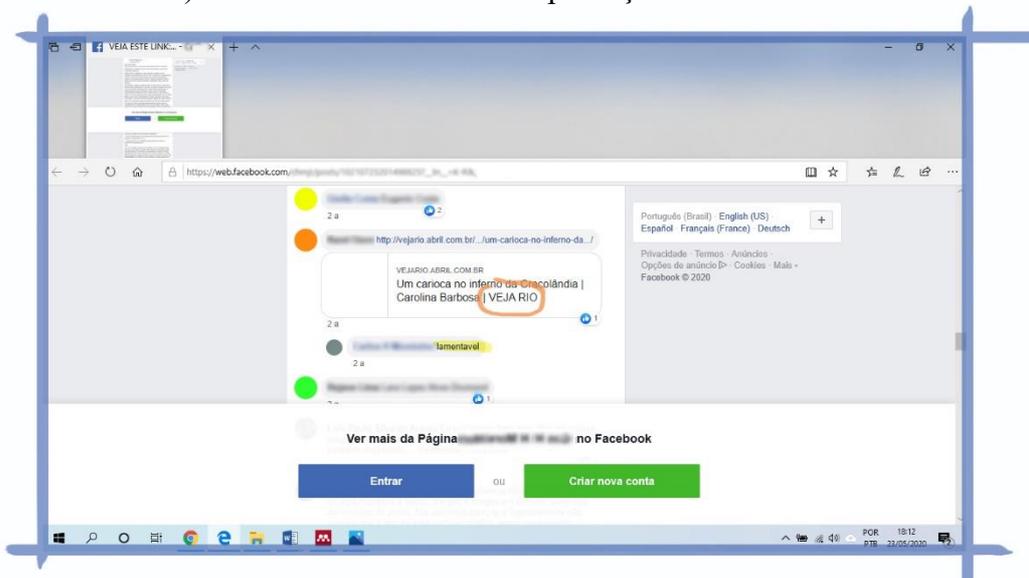


Figura 15: Captura de tela do portal da Revista Veja Rio online

Na figura seguinte reproduzo o longo comentário de minha autoria, o que se chama no jargão da internet de “textão”, em que desaprovo a midiatização do caso e a divulgação do *link* que eu havia ali compartilhado.

No comentário destacado abaixo eu alego ingenuidade, lamento que a imprensa tenha publicado, questiono se isso seria “legal” e chego a anunciar que tentaria que removessem, o que obviamente não aconteceu. Lanço também alguns motes (“menos ego, mais afeto; menos julgamento, mais escuta”) e termino pedindo delicadeza e convidando a assistirem a um programa de entrevistas muito popular na TV que justamente naquela noite (coincidência ou algoritmo?), abordaria o assunto Política de Drogas.

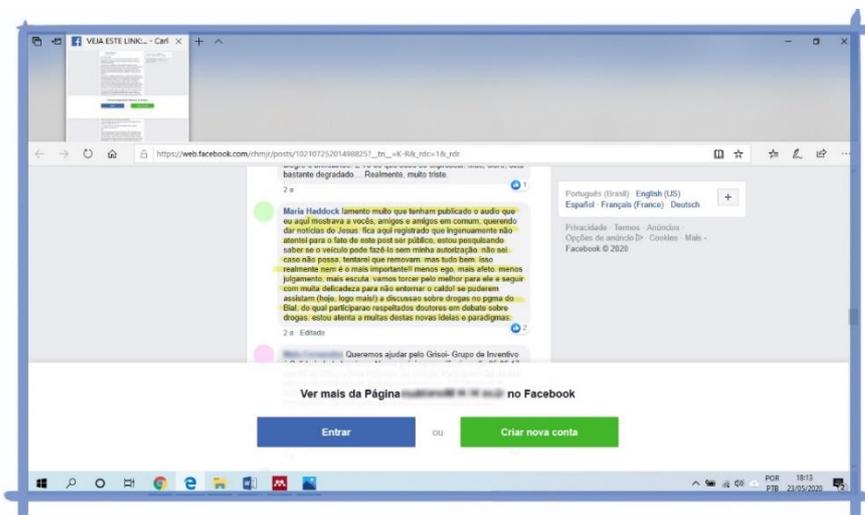


Figura 16: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em *status* público

Em sua íntegra, o comentário grifado acima diz:

“Lamento muito que tenham publicado o áudio que eu aqui mostrava a vocês, amigos e amigos em comum, querendo dar notícias do Jesus. Fica aqui registrado que ingenuamente não atentei para o fato de este post ser público, estou pesquisando saber se o veículo pode fazê-lo sem minha autorização. Não sei. Caso não possa, tentarei que removam. Mas tudo bem, isso realmente nem é o mais importante!! Menos ego, mais afeto. Menos julgamento, mais escuta. Vamos torcer pelo melhor para ele e seguir com muita delicadeza para não entornar o caldo! Se puderem assistam (hoje, logo mais!) a discussão sobre drogas no programa do Bial, do qual participarão respeitados doutores em debate sobre drogas. Estou atenta a muitas destas novas ideias e paradigmas.”

A este comentário não houve mais que duas reações de curtidas simples (“joinha”) e nenhuma réplica. Era uma mensagem que burlava as diretrizes editoriais e era longa demais para a média das interações.

Seguindo o curso da publicação, há na sequência uma importante atualização (na imagem abaixo, a notar o uso de caixa alta) informando que encontraram Carlos Eduardo, falaram ao telefone com ele e que em breve se encontrarão pessoalmente.

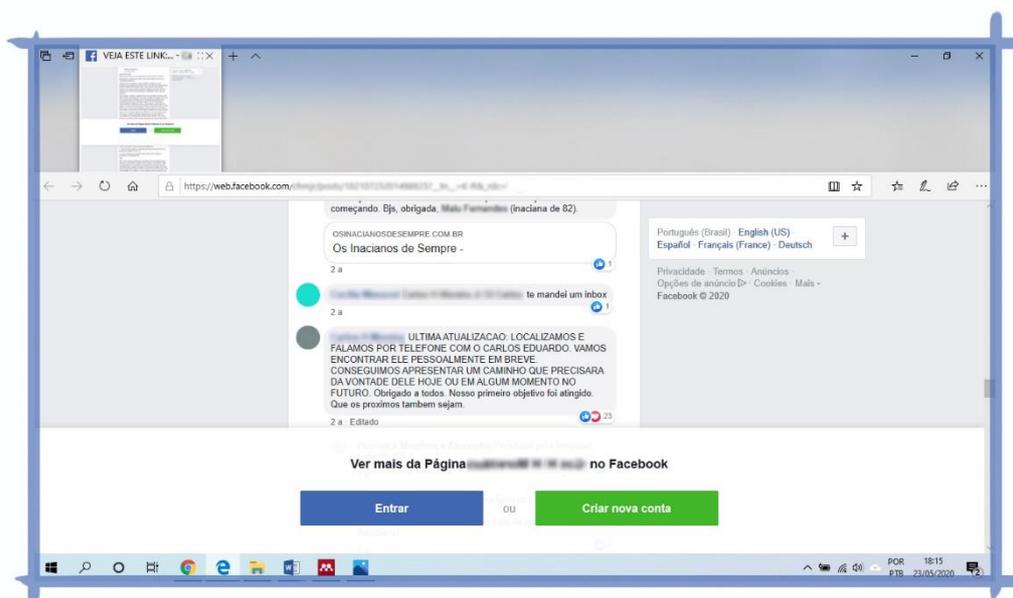


Figura 17: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em *status* público

A esta altura, outro veículo de comunicação da mídia corporativa já cobria o caso, dando inclusive uma chamada de capa no dia 1 de junho de 2017 (detalhe da figura 19). As fotos que ilustram a matéria foram retiradas da mesma publicação

no Facebook (Figura 18, a seguir), sendo reproduzidas na versão impressa deste jornal, como se vê mais adiante.

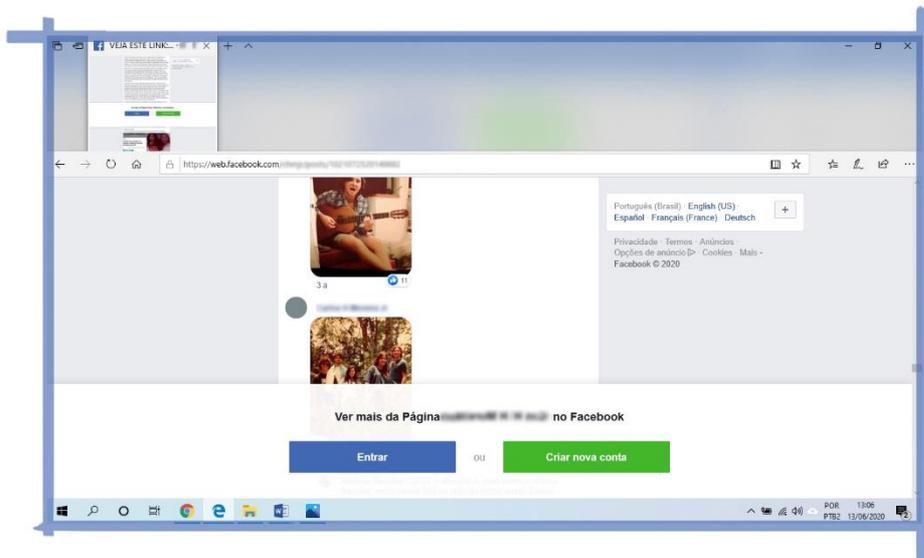


Figura 18: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em *status* público

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812254/CA



Figura 19: Reprodução em foto e detalhe de matéria no jornal O Globo impresso de 01/06/2017

A chamada afirma que Carlos Eduardo “não quer contato com o passado.” Neste momento ele ainda não havia deixado o território da Cracolândia, o que acabaria acontecendo pouquíssimo tempo depois, como consta na atualização

reproduzida na figura 13. Na coleção de matérias sobre o caso (Veja e o Globo, primordialmente) esta também é a única matéria que menciona o termo “redução de danos”. Em seu último parágrafo o texto traz a fala de uma psicoterapeuta e conselheira em adições, que diz (sobre o crack e a heroína) “não há possibilidade de redução de danos” (O Globo, 01/06/2017).

Nos dois comentários registrados a seguir (Figura 20), a primeira palavra vem a título de chamada — ATUALIZAÇÃO, assim grafada — e nestes o capitão volta a lamentar a midiatização do caso, para em seguida anunciar a campanha de financiamento coletivo, conforme transcrição após a imagem:

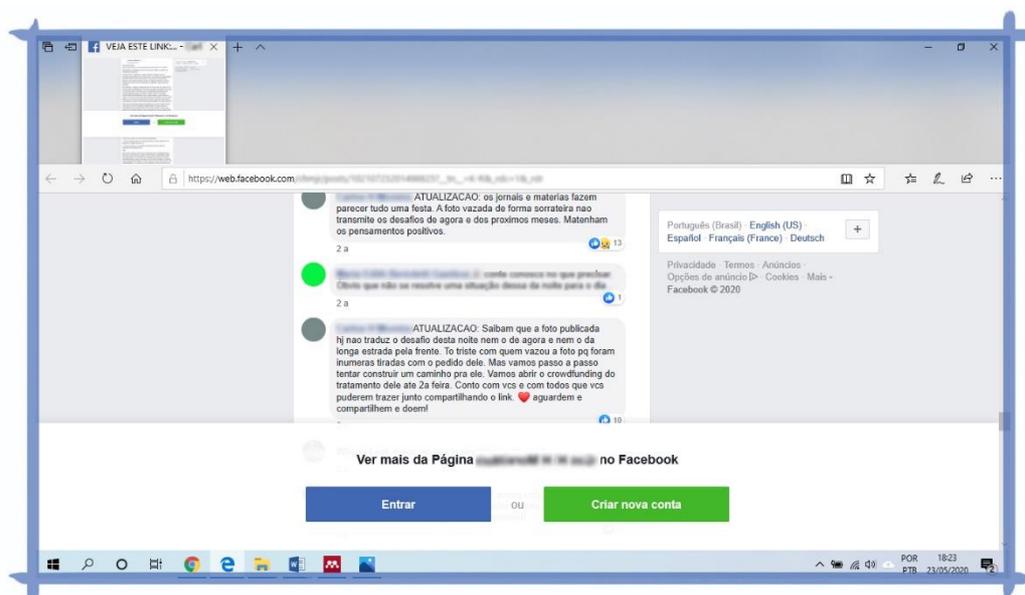


Figura 20: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em *status* público

“os jornais e matérias fazem parecer tudo uma festa. A foto vazada de forma sorrateira não transmite os desafios de agora e dos próximos meses. Mantenham os pensamentos positivos.

(...)

“Saibam que a foto publicada hoje não traduz o desafio desta noite nem o de agora e nem o da longa estrada pela frente. Tô triste com quem vazou a foto porque foram inúmeras tiradas com o pedido dele. Mas vamos passo a passo tentar construir um caminho pra ele. Vamos abrir o crowdfunding do tratamento dele até 2ª feira. Conto com vocês e com todos que vocês puderem trazer junto compartilhando o link [emoji de um coração] aguardem e compartilhem e doem!”

As fotos “que fazem tudo parecer uma festa” a que o autor se refere nos comentários acima foram feitas no dia em que Carlos Eduardo deixou a Cracolândia e foram publicadas em matéria também do Globo em sua versão digital para assinantes do dia 01/06/2017, conforme imagem a seguir:



Figura 21: Captura de tela de matéria veiculada em O Globo online de 01/06/2017

Dali a alguns momentos (que não se pode precisar, já que esta plataforma não informa o horário das interações), o *link* da campanha foi compartilhado, com a chamada “Nova chance ao Cadu”:

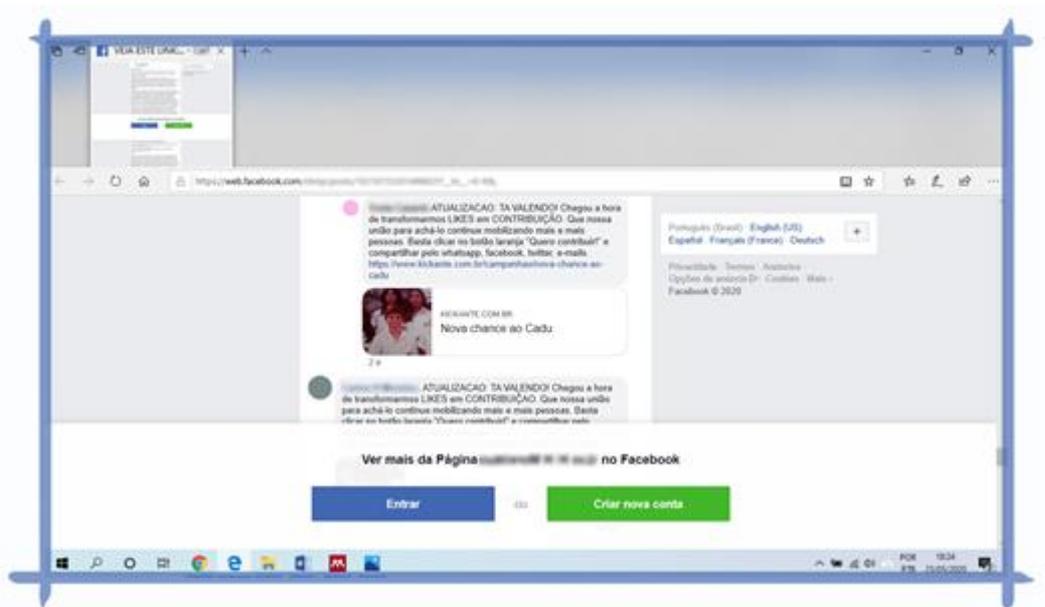


Figura 22: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em *status* público

A campanha logo entrou no ar e em poucos dias arrecadou quase 30% de sua meta. Carlos Eduardo já estava internado por consentimento próprio e a publicação no Facebook já não se encontrava tão ativa, já não chegavam tantas notificações vermelhas.

Naquele momento era uma amiga em comum (e vizinha) — que na publicação me reconheceu como tal — quem me dava algumas notícias, e em geral nos encontrávamos pessoalmente para isso, entre uma descida e outra no bairro. Eram conversas emocionadas, com atualizações muito pontuais recebidas no grupo que agora se reunia em menor número no aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp. Foi ela quem me procurou numa ligação de voz, tarde da noite do dia 7 de junho de 2017, para informar do falecimento do (para nós) Jesus, para ela, Sarda.

O acontecimento foi noticiado pelo jornal O Globo, em página inteira de sua versão impressa em edição no dia 9 de junho, com a chamada “Final Infeliz — A Última Luta de Sarda”.

RIO
FINAL INFELIZ

A última luta de Sarda

Resgatado da Cracolândia de São Paulo por colegas de escola, carioca morreu em clínica

CAIO BARRETO BRISO
caio.barretto@globo.com.br

Carlos Eduardo acordou, tomou café da manhã, assistiu a um pouco de televisão. Estava em um quarto compartilhado onde dormia ao lado de outro interno da Clínica Revitalis, em Aratá, Região Serrana do Rio. Não quis almoçar. À tarde, conversou com outros pacientes e falou do seu desejo de escrever um livro sobre a sua história. Depois, pediu à equipe médica para cochilar. Por volta das 17h20m de quarta-feira, ele teve uma parada cardiorrespiratória. Assim se despediu da vida o aluno inquieto e inteligente que nunca saiu da memória dos amigos do Colégio Santo Inácio, em Botafogo, que, na semana passada, foram resgatá-lo na Cracolândia, em São Paulo.

Sarda, como era chamado nos velhos tempos Carlos Eduardo Maranhão, foi reconhecido em um vídeo, gravado em janeiro e que ganhou as redes sociais, em que criticava a política do prefeito João Doria de repulsa aos dependentes químicos na Cracolândia paulistana. Desde então, o grupo de amigos passou a sonhar grande, queria que Sarda voltasse ao Rio para se tratar. Projeto que foi concretizado. Foram até lá e o trouxeram de ambulância de volta para casa. Fizeram o reencontro, fizeram planos. Foi o próprio Carlos Eduardo que pediu ajuda, após ser localizado, a pedido dos amigos, por Rogério Rodrigues, sócio da empresa Iloveti Remoções, especializada em resgate de dependentes químicos. Um trabalho de equipe comvente, que uniu velhos amigos e novos voluntários.

— Na quarta-feira da semana passada aqui cinco horas na Cracolândia atrás do Carlos Eduardo. Quando o encontramos não quis ajuda, mas deixei meu cartão e recibi sua ligação bem cedo no dia seguinte. "Podemos nos encontrar hoje", ele perguntou. Foi a barba dele, depois ele tomou banho no escritório da empresa e vestiu uma roupa nova que foi a ele antes de pegarmos a estrada. Foi emocionante vê-lo reencontrar os amigos. Minutos antes de ele entrar na clínica, fez um vídeo nos agradecendo. Foi muito triste por ele ter morrido — disse Rogério por telefone.

MANOBRAS DE RESSUSCITAÇÃO
As circunstâncias da morte deixaram todos os envolvidos chocados. A parada cardiorrespiratória de Sarda, usuário de crack e heroína, pode ter sido decorrente de uma severa crise de abstinência. Segundo o psiquiatra e diretor da Clínica Revitalis, Sérgio Rocha, o socorro ao paciente "ocorreu conforme protocolo de reanimação cardiopulmonar". Ele afirmou ter sido a primeira vez que morreu um paciente na clínica.

— "Estamos todos consternados", disse Rocha. Foram realizadas as manobras de ressuscitação, aplicada a desfibrilação cardíaca e medicações endovenosas apropriadas. Ele estava em fase de desintoxicação e não participou de atividades de grupo, mas foi atendido individualmente por psiquiatras, psicólogos, nutricionista e conselheiros em dependência química — disse Rocha ao GLOBO. — Ele tinha histórico de endocardite bacteriana, doença comum em usuários de drogas injetáveis. Seu estado variava entre alívio por estar internado e fissura para voltar a usar heroína e crack.

A turma que se uniu com o propósito de ajudar o amigo a encontrar uma nova chance acordou arrasada com sua morte. A amiga Pati Cannabrava, que estudou com Carlos Eduardo no Santo Inácio e também no Bahiense, soube da morte dele pelas redes sociais, como era chamado no Bahiense, por causa do cabelo comprido.

— Sabia que ele estava numa crise muito forte de abstinência, só não sabia que essa crise poderia matar. Ele estava com a cara tão feliz — comentou a amiga, que voltava de ônibus com ele depois das aulas no Bahiense, na Córrego, na Lagoa Rodrigo de Freitas.

— Éramos da mesma série no Colégio Santo Inácio. A gente se encontrava sempre pelos corredores. Eu só lembro dele rindo e tirando onda com todo — disse o colega Hélio, brasileiro.

AMIGO DEU NOTÍCIA A PARENTES
Para Carlos Henrique, um dos mais engajados na tentativa de resgate de Sarda, ficou muito difícil falar sobre o amigo. "Precisamos nos recompor e dar significado aos últimos dias. Pensamentos com ele e sua família", disse, em mensagem lacônica enviada ao GLOBO. Foi dele a dura missão de comunicar a morte de Sarda, que deixou perplexos todos os amigos envolvidos nos últimos atos da vida de Carlos Eduardo. Desde que a busca pelo velho colega de escola começou, ele passou a ser procurado por ex-alunos do Santo Inácio e pessoas do país inteiro, solidárias e interessadas em saber o desfecho do drama que parecia caminhar para um final feliz. Em sua página no Facebook Carlos Henrique disse, anteontem à noite, sentir um vazio.

"Nosso Sarda faleceu há poucas horas durante o período mais crítico de abstinência pelo qual passava. Estou vazio, com as emoções bloqueadas. Tristeza profunda. Entreguei a notícia à família com um enorme peso nas costas. Eu sou parte de um grupo de pessoas que agiram de forma coordenada e movidas por um só sentimento que é o amor. Confesso que faria tudo o que faço novamente. Imagino que o grupo também. Sem tirar, nem pôr. O Sarda disse, em determinado momento, que se chagássemos três meses mais tarde ele não estaria vivo. (...) Nos resta o consolo de que nosso amigo, onde quer que esteja, chegou lá de forma mais digna do que chegaria se ainda estivesse numa Cracolândia. (...) Amo o Sarda e a turma que ele gerou em tantas turmas diferentes. E que esta união gere reflexões sobre o que podemos fazer nesta vida e não fazemos por falta de coragem, que sobrava no nosso amigo."

Ao comentar esta mensagem, outro colega, também do Colégio Santo Inácio, recordou versos do poeta Maurício Francisco Coellin, erroneamente atribuídos a Henfil vez ou outra: "Se não houver frutos / valeu a beleza das flores. / Se não houver flores / valeu a sombra das folhas. / Se não houver folhas / valeu a intenção da semente".

No vídeo que viralizou na internet e foi visto mais de um milhão de vezes, Carlos Eduardo fez um autorretrato que expôs a cruza da dependência química nas ruas. Além de críticas a Doria, a quem chamou ironizando de "senhor perfeto", ele falou que tomava banho a cada dez dias e que os dentes, que já não escovava há oito anos, estavam caindo, mas "já não há mais muito o que comer". O depoimento revela a derrota de um adicto para sua doença. "Eu durmo na rua, a gente pega uma infeção ou outra, tem que se tratar". Carlos Eduardo tinha 46 anos e deixou uma filha. •

AMIGOS DEU NOTÍCIA A PARENTES

Toda e qualquer contribuição recebida a partir de agora será para arcar com os custos da remoção, transporte de São Paulo ao Rio, refeições, seis dias de internação e enterro (estimativa de no máximo R\$ 25 mil). O restante será direcionado para um movimento similar imbuído do mesmo espírito", diz uma mensagem na página da campanha, criada por Carlos Henrique Moreira Jr, que teve início no Facebook em 27 de maio.



O início da solidariedade. Carlos Eduardo foi filmado na Cracolândia de São Paulo; amigos do Rio o reconheceram e começaram campanha para retirá-lo das ruas



A busca termina. Na semana passada, colegas do Santo Inácio encontraram Sarda, como Carlos Eduardo era conhecido, e o convenceram a se tratar no Rio



Esperança na recuperação. Sarda posou para fotos com antigos colegas: viciado em crack e heroína, ele relembrou histórias do passado e disse ter planos para o futuro



A caminho de uma nova vida. Na ambulância para o Rio, Sarda já pensava em projetos como de escrever um livro. De hoje internado seis dias numa clínica em Aratá

O site da campanha foi prontamente atualizado, e desta forma permanece até hoje:



Figura 24: Captura de tela da campanha de financiamento coletivo lançada no site Kickante

A publicação no Facebook foi também atualizada, com um longo e emocionado relato do autor, que optei por não reproduzir aqui, por ser um depoimento muito pessoal e em nada acrescentar ao curso dos fatos ou ao recorte das análises. A esta longa mensagem se seguiram os quatro últimos comentários da cauda, todos de apoio e solidariedade. Através desta amiga em comum, soube que no domingo seguinte à sua morte, no dia 11 de junho de 2017, o programa Fantástico, exibido aos domingos pela Rede Globo de televisão, faria uma reportagem especial sobre o caso, como se vê registrado na imagem a seguir, em visita aos arquivos *online* desta emissora, que disponibiliza abertamente seus conteúdos jornalísticos. Neste frame do vídeo, quatro atores leem, no formato de jogral, uma carta coletiva escrita pelos “Amigos do Sarda”. A arte do cenário ao fundo traz uma caricatura do menino Sarda, de autoria de sua ex-colega Beatriz Mathias, e que se tornou ícone da história, associada à *hashtag* lançada na leitura da carta “somos todos da mesma turma”.

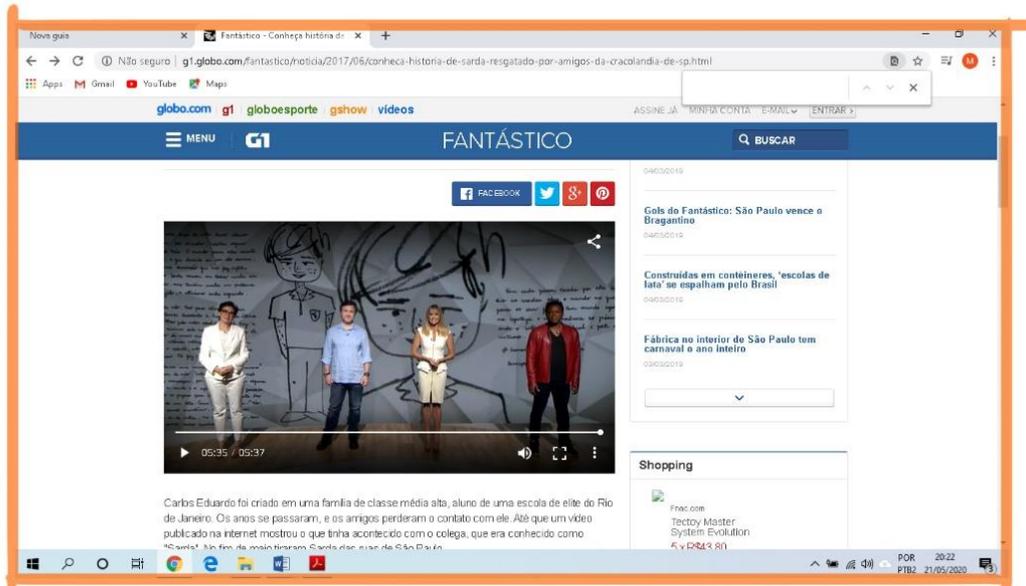


Figura 25: Captura de tela do portal G1

A legenda diz:

“Carlos Eduardo foi criado em uma família de classe média alta, aluno de uma escola de elite do Rio de Janeiro. Os anos se passaram, e os amigos perderam o contato com ele. Até que um vídeo publicado na internet mostrou o que tinha acontecido com o colega.”

Estão aí aspectos que em minha pesquisa serão observados como consequências discursivas desta movimentação textual — a personalização do caso em detrimento do aspecto coletivo presente no discurso e o apagamento de causas mencionadas por Carlos Eduardo em sua fala. A legenda sumariza a história atribuindo ao vídeo o papel de conector entre Cadu e os amigos.

Após a veiculação da reportagem, a publicação no Facebook recebeu seu derradeiro comentário por parte do autor, permanecendo inalterada desde então. Este último comentário traz a transcrição da carta escrita pelo grupo de sua escola fundamental e lida na TV. É outro longo texto emocional cujo vídeo está em *status* público na internet e cujo teor não foi objeto de análise aqui.

Para efeito desta pesquisa, no que tange à movimentação textual, o que de fato importa são as três assinaturas que finalizam o texto: o coletivo *Os Amigos do*

Sarda, um desenho tornado ícone e a assinatura em forma de *hashtag* #somostodosdamesmaturma.

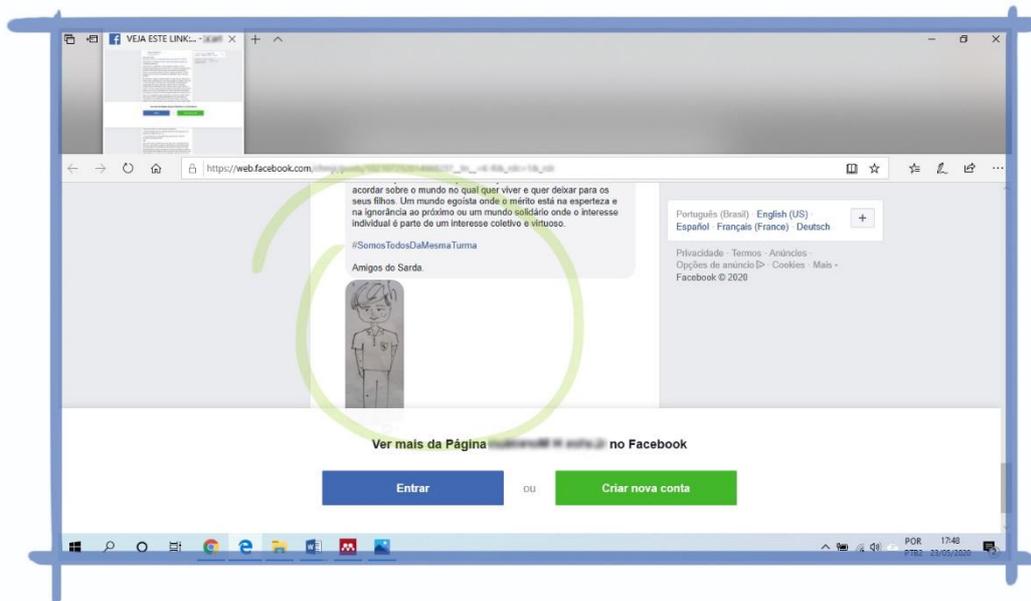


Figura 26: Captura de tela de publicação na rede social Facebook em *status* público com destaque para caricatura de Beatriz Mathias e a *hashtag*

Esta etiqueta, que diz “*somos todos da mesma turma*”, é a partícula indexadora que reunirá, a partir de então, todo conteúdo publicado que venha acompanhado do sinal de cerquilha ou “jogo da velha” mais a oração “somos todos da mesma turma” (escrita sem espaço). A *hashtag*, como último elemento adicionado à história, pode ser tomada como uma “moral da história” que fecha o episódio no ambiente *online*, deixando como rastro este mecanismo de busca para se possa localizá-la futuramente. É o indexador como cortina, e uma cortina que traz uma mensagem — “estamos juntos, somos a mesma turma”.

Há aqui um salto no tempo, entre o final daquele semestre letivo, meados do ano 2017, e de fato o início de meu percurso de pesquisa, quando assumo o tema e mergulho em uma revisão bibliográfica. Uma palavra-chave era obrigatória, o indexador “Cracolândia”.

A próxima imagem ilustra o momento em que, em pesquisa no banco de teses da Capes, descubro que entre dissertações de mestrado e teses de doutorado havia apenas 38 resultados para a busca do termo “Cracolândia”. O 18º deles é um trabalho que me chamou atenção por seu título, que continha o nome do coletivo que eu havia conhecido naquele episódio: “*Mil Fitas na Cracolândia, Amanhã é*

Domingo e a Craco Resiste”, de autoria de Roberta Costa, defendida pela USP em novembro de 2017.

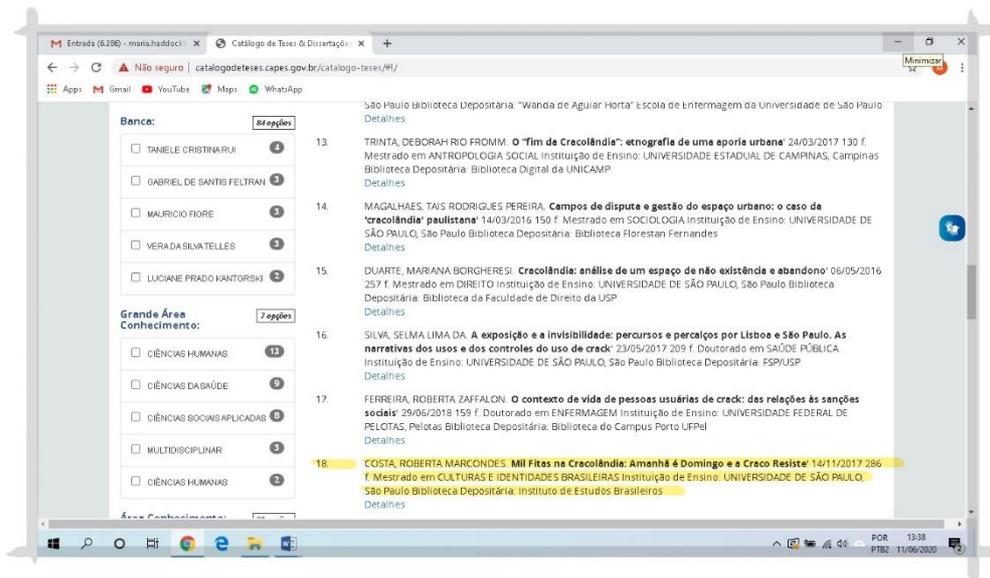


Figura 27: Captura de tela do portal de banco de teses da Capes

O resumo indica os temas maiores do trabalho, entre os quais a filosofia de redução de riscos e danos e o antiproibicionismo. Ele também informa ser um dos objetos de investigação o coletivo do qual Cadu fazia papel de porta-voz.

Na imagem a seguir estão indexados alguns significados que serão tratados nas análises. A claquete aponta para a adesão de Carlos Eduardo ao coletivo, com “claquete” improvisada escrita de próprio punho funcionando como “autorização ao uso de imagem”, ao mesmo tempo em que indicia todo seu autosarcasmo, sua identidade híbrida, o lugar de mobilidade que se revela na análise. O texto da claquete diz: “Sr. Carlos ‘lixo humano’ Eduardo”.

O grifo em amarelo no texto, em “Coitada da minha mãe, vai ter até o Fantástico na porta da casa dela lá no Rio”, sublinha a frase de Carlos Eduardo que inspirou o título de seu subcapítulo, em que é nomeado Profeta.

disseram. (...) Coitada da minha mãe, vai ter até o Fantástico na porta da casa dela lá no Rio²⁷².



Figura 38 – Cadu logo após a gravação do seu vídeo / Foto: Alice Vergueiro para esta dissertação

A vigília mesmo nem havia começado no ponto em que parei a descrição, aconteceram várias outras coisas inesquecíveis nesta noite. Nesse dia ficamos na *Craco* para além das 3h da manhã. Depois da vigília, por volta das 4h, passamos na Praça Roosevelt para

Figura 28: Reprodução da página 258 da dissertação de Roberta Costa “Mil Fitas na Cracolândia, Amanhã é Domingo e a Craco Resiste”. Fotografia de Alice Vergueiro.

O encontro deste texto me leva de volta, em movimento circular, à fala de Cadu agora por outras rotas e assim a dissertação de Roberta Costa passa a compor esta constelação de dados, como local de projeção do discurso.

2.3

Diagrama multidirecional

Tentarei agora resumir estes percursos e elementos a um diagrama, que, se bem-sucedido, poderá ser lido em múltiplas direções, como é próprio da navegação em hipertexto. Ele também se pretende um “rascunho caseiro” de representação por grafos²⁰ para a visualização de dados na rede, como o reproduzido a seguir, que ilustra artigo de Malini (2020) sobre a rede de narrativas

²⁰A teoria dos grafos, que guarda íntima relação com a topologia, é um ramo da matemática que estuda as relações entre os objetos de um determinado conjunto. WIKIPÉDIA, **Teoria dos grafos**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_dos_grafos. Acesso em: 13 mai. 2021.

sobre o Coronavírus publicados no Twitter entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020.

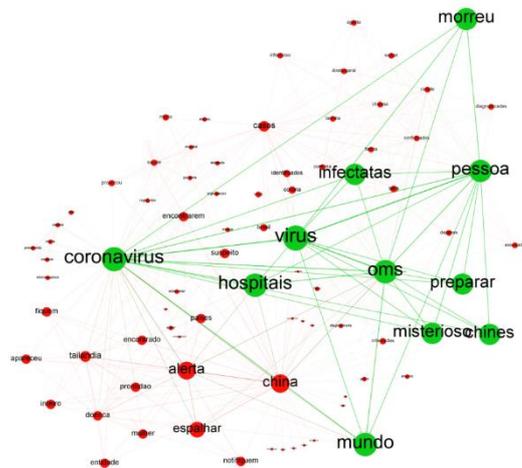


Figura 29: Representação em grafos gerada pelo Laboratório Labic, retirado de artigo de Fabio Malini (2020)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812254/CA

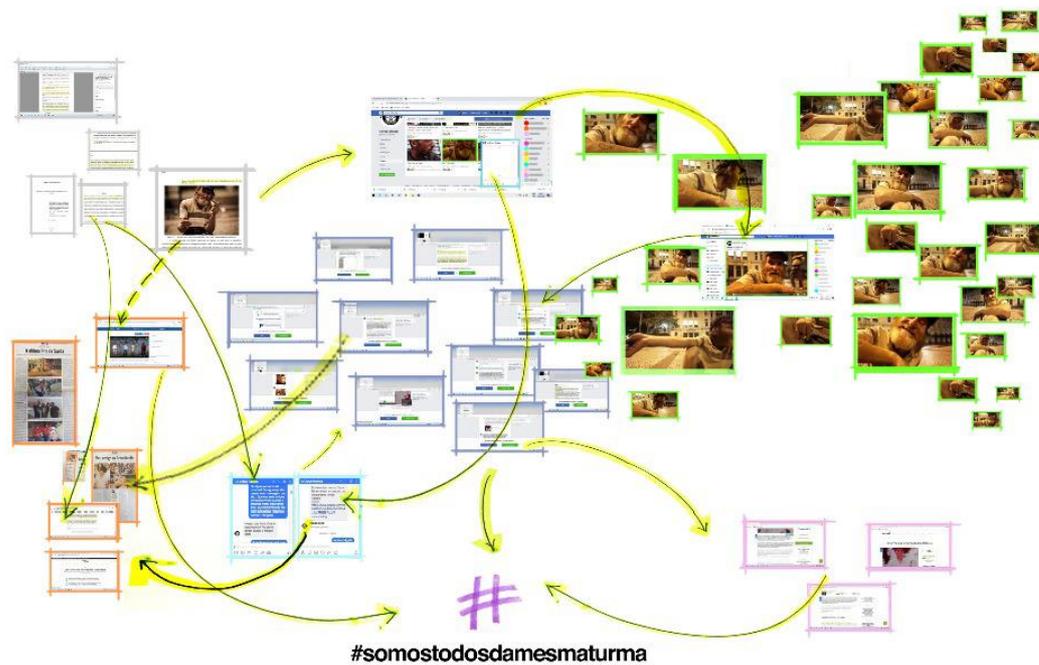


Figura 30: Rascunho de grafos: diagrama não linear representando o caso Carlos Eduardo de Albuquerque Maranhão

No diagrama, as setas amarelas indicam os movimentos de entextualização (Bauman e Briggs, 2003), constructo fundamental ao longo deste trabalho. Estes movimentos indicam a retirada de um dado conteúdo de seu contexto e seu

transporte para outro, o que nas redes sociais acontece principalmente pela ferramenta de “compartilhar”. É um dos principais gestos que promovem a movimentação textual, que tentarei descrever abaixo.

Ao centro do diagrama estão as imagens emolduradas em azul, as telas que ilustram a atividade na rede social Facebook. Acima deste conjunto, uma imagem ligeiramente maior: é a página *A Craco Resiste*, canal da publicação original do vídeo.

Desta tela uma flecha leva à página *Jornalistas Livres*, na primeira destas entextualizações, aquela que promove a viralização do vídeo, representada na multiplicação de telas emolduradas em verde, que se espraia pelo canto direito superior do mapa. O link com o vídeo, na tela *Jornalistas Livres*, é entextualizado na publicação na rede social que reúne o grupo que organiza o resgate, representados nas telas emolduradas em azul.

Desta “mancha azul”, conteúdos são levados para duas direções: para o canto direito inferior do diagrama, direcionando para o site do financiamento coletivo (telas emolduradas em rosa); e para as publicações da mídia corporativa, no canto esquerdo inferior do diagrama (telas emolduradas em laranja).

Da tela de *A Craco Resiste*, ao centro superior do diagrama, sai uma flecha para o detalhe da caixa de mensagens privadas aberta em diálogo com *A Craco Resiste*, na parte inferior da imagem. Esta caixa emoldurada em azul claro contém minha troca de mensagens com a página *A Craco Resiste*, que foi por mim entextualizada na publicação aberta do Facebook (grupo de telas emolduradas em azul), e de lá transportada a uma publicação da mídia corporativa.

O grupo de miniatura de telas ao canto superior esquerdo, na cor cinza, representa a produção acadêmica de Roberta Costa, que entextualiza a troca de mensagens privadas e menciona a entextualização feita na mídia corporativa. A maior destas miniaturas contém uma fotografia de Carlos Eduardo, e desta imagem parte uma flecha pontilhada em direção à captura de tela do Programa Fantástico. Esta linha pontilhada representa a “profecia” de Carlos Eduardo, quando menciona que “até o Fantástico vai bater na porta da minha mãe”, como relatado por Costa (2017).

Como “fechamento” do evento, a promoção da *hashtag* “somos todos da mesma turma” acontece na leitura da carta no Fantástico, na publicação aberta no facebook e na campanha de financiamento, de onde partem uma flechas em direção a hashtag, centralizada na parte inferior do diagrama.

Este mapa é um recorte muito fluido, pois os espraiaamentos continuam acontecendo no tempo e no espaço, ininterruptamente. A título de indexação e registro, listo a seguir algumas rotas hoje ativas e abertas²¹, e seus contextos discursivos.

A Revista Veja é até este momento de fato “a campeã de links”, seguida de O Globo:

1. <https://vejario.abril.com.br/cidade/um-carioca-no-inferno-da-cracolandia/>
2. <https://vejario.abril.com.br/cidade/carioca-na-cracolandia-paulistana-inspira-gesto-de-solidariedade/>
3. <https://vejario.abril.com.br/cidade/carioca-encontrado-em-cracolandia-paulista-morre-diz-amigo/>
4. <https://vejasp.abril.com.br/cidades/morre-carioca-amigos-infancia-cracolandia/>
5. <https://vejario.abril.com.br/cidade/psiquiatra-faz-reflexao-sobre-a-morte-do-carioca-da-cracolandia/>
6. <https://vejario.abril.com.br/cidade/foi-mal-subito-diz-medico-de-carioca-que-vivia-na-cracolandia/>

Além das matérias impressas já reproduzidas aqui, o Jornal O Globo publicou um perfil de sua filha e de sua ex-mulher, em link hoje acessível apenas a assinantes.

1. <https://oglobo.globo.com/rio/a-historia-de-julia-filha-do-sarda-21597197>

Duas grandes plataformas de conteúdo jurídico (Conjur e JusBrasil) comentaram obtenção do habeas corpus preventivo de Carlos Eduardo, em 2012:

1. <https://www.conjur.com.br/2012-abr-27/morador-cracolandia-sao-paulo-hc-ir-vir>
2. <https://eudesquintino.jusbrasil.com.br/artigos/121823174/o-habeas-corpus-na-cracolandia>

²¹ Todos os últimos acessos realizados em 4 fev. 2021.

A notícia na mídia tradicional foi dada originalmente pelo portal Terra, em:

1. <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/policia/morador-de-rua-ganha-na-justica-o-direito-de-nao-ser-abordado-pela-pm,7d1dac68281da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

Uma página aberta na rede social, do tipo “comunidade”, o “Fala Uma coisa boa”, publicou a história de Sarda:

1. https://mobile.facebook.com/falaumacoisaboa/posts/1682403205388744?_rdc=1&_rdr

No portal DOM, Maria Clara Bingemer, professora e decana do centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, publicou um artigo de título pungente “Quando a amizade chega tarde”

1. <https://domtotal.com/artigo/6751/20/06/quando-amizade-chega-tarde/>

Estes *hiperlinks* existem hoje, em sua data de último acesso (4 de fevereiro de 2021), no tempo e no espaço dos dados digitais. Não é garantido que nos levarão às mesmas rotas se acessados futuramente. São entextualizações e indexicalizações que criam significados em rede, no espaço-tempo presente. Sobre estas e outras correlações pensarei nos capítulos que se seguem, que tratam das decisões metodológicas e enquadres teóricos.

3

Decisões metodológicas

De modo análogo à filosofia da Redução de Riscos e Danos, tema disparador do discurso de Carlos Eduardo, a pesquisa qualitativa de perspectiva construcionista, à qual este trabalho se filia, também valoriza relações, processos, caminhos e movimentos em detrimento de destinos, resultados estáticos, respostas ou verdades “científicas” a se chegar (Gergen e Gergen, 2006).

Guiado por esta convergência, este capítulo narra assim minhas decisões quanto ao modo de fazer, o que inclui alguma liberdade de invenção na mistura de cânones e paradigmas típicas da salada qualitativa. São fronteiras tão dinâmicas que se mesclam inclusive a práticas quantitativas (Denzin e Lincoln, 2006; Guba e Lincoln, 2006). Nas análises sobre o caso de Carlos Eduardo, se poderia, por exemplo, analisar o *corpus* dos comentários disponíveis em fóruns *online* que o mencionaram. Bastaria re-chacoalhar o caleidoscópio.

A visão de mundo e subjetividade (de quem segura o caleidoscópio, e de acordo com a fonte de luz para que mira) deixam de ser intrusos (Coelho, 2016) e podem mesmo ser signatários de compromisso de valores (Denzin e Lincoln, 2006), como faz Roberta em sua pesquisa-ação, e como busco fazer atuando sobre a comunicabilidade do caso no momento em que volto a narrá-lo e a reindexá-lo.

Este “embaraço de opções” (Guba e Lincoln, 2006; Denzin e Lincoln, 2006) converge por sua vez com a metáfora do novelo, em uma proliferação de imagens para descrever hibridez e multifacetabilidade da pesquisa qualitativa. Mais uma vez lente e objeto em relação de autossemelhança, quando a Cracolândia é recorrentemente descrita como um campo de forças, um nó, lugar da complexidade. Em um exercício de afastamento, é como um caos ordenado pela distância, na formação de outros padrões, a depender do exercício do olhar, como acontece mais radicalmente em estereogramas²².

Denzin e Lincoln também falam no caleidoscópio já citado aqui, imagem até bem “gasta”. Richardson (1994; 1997 *apud* Guba e Lincoln, 2006, p. 228), por sua

²² Um estereograma é uma técnica de ilusão de óptica, onde a partir de duas imagens bidimensionais complementares é possível visualizar uma imagem tridimensional. WIKIPÉDIA, **Estereograma**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Estereograma>. Acesso em: 13 mai. 2021.

vez, prefere o cristal como imagem deliberadamente transgressiva para a validação em textos de gêneros mistos (pós-modernos). O prisma recebe a luz e a distribui em novos e inesperados arranjos, em múltiplas direções, criando diferentes formas a depender de que ponto são observados. “Em textos de gêneros mistos passamos da geometria plana à teoria da luz, que é simultaneamente onda *e* partícula” (Guba e Lincoln, 2006, p. 208).

De modo análogo, no contexto da antropologia pós-moderna não há exatamente realidades únicas a serem captadas: a realidade é múltipla, é uma coisa e outra, onda e partículas. Não há uma suposta realidade prévia ou externa ao texto a ser fidedignamente descrita por este, como se houvesse o fato antes e o relatório depois (Gergen e Gergen, 2006). Logo, a escrita não é meramente método ou gesto para representar e os relatos científicos não descrevem o mundo como ele “realmente é” (Coelho, 2016; Clifford e Marcus, 2016; Gergen e Gergen, 2006).

É o momento pós-estrutural e as relações estáveis e garantidas entre palavra e significado são repensadas. Gergen crava, exato: “não existe um meio de combinar corretamente a palavra ao mundo” (Gergen e Gergen, 2006; p. 368), ou de “ligar o significado a algo exterior a ele”. Para Bastos e Biar (2013), a construção de significado acontece em uma outra ordem, é sintonia efêmera entre sensações coletivas:

Ao contrário de se pensar que os significados emergentes são extensões, desvios ou metáforas de um significado original que more fora da linguagem, admite-se, como faz todo o movimento de rejeição ao essencialismo, que o significado literal é uma sensação originária de sintonias, espontâneas ou forçadas nas esferas sociais, mas sempre revogáveis (Bastos e Biar, 2013, p.170).

A não transparência dos relatos etnográficos passa a ser vista como tão ou mais interessante do que o modo como se tinha olhado para a questão até então. Nossas identidades de colegas de escola e toda a subjetividade com que escrevo são justificáveis e participantes do processo, seria cínico negar. Entre os efeitos no texto está a metarreflexão sobre esta própria situacionalidade, propriamente o que faço aqui, quando exponho meus investimentos pessoais, as tendenciosidades da pesquisa fragilidades e processos de autoexposição (Coelho, 2016; Gergen e Gergen, 2006). A reflexividade é para estes autores uma das mais notáveis “inovações” surgidas neste período (Gergen e Gergen, 2006, p. 369). Trata-se da

tomada de consciência do pesquisador sobre a descrição que realiza: é a sua experiência de interação com o objeto que está sendo descrito — função poética, portanto, e não referencial. Isso quer dizer que os dados não falam por si, nem descrevem uma realidade (Bastos e Biar, 2013 p.162).

Esta autoconsciência quanto à redação mostra a fluidez da minha identidade durante o processo. Quando, ao organizar os dados, revisei as telas (os dados visuais do capítulo 2) percebi o reposicionamento, na atenção agora inevitável a detalhes que à época me escaparam absolutamente. Ao visitar aqueles cronotopos sou a pesquisadora revivendo dias em que não o era, e agora me observo narrando estes dias. Estas inversões criam o campo; as identidades modificam o campo e são modificadas por ele, em retroalimentação (Clough, 1992 *apud* Denzin e Lincoln, 2006; Reinharz, 1997 *apud* Guba e Lincoln, 2006).

O entendimento do aspecto performativo da linguagem, comum ao meu trabalho e o de Roberta, está indiciado no título que Roberta dá ao capítulo de sua dissertação em que se abriga a história de Cadu — *Consequências da Atuação da Craco Resiste*. Na citação ela reflete sobre isso, que também aponta para o paradigma da linguagem como performativo, ou seja como ação —consequências— no mundo (Austin, 1990).

“A *Craco Resiste* se organiza a partir da aposta que os corpos dxs ativistas no território criam repercussões e impactos. A proposta é que (esta) presença seja positiva. (...) Nem sempre, porém, as consequências são previsíveis ou benéficas — uma decorrência do vídeo que a Craco Resiste produziu foi a morte do Cadu (Costa, 2017, p. 240).

A necessidade de improvisos e gambiarras constitui a Cracolândia, onde é diária a luta pela existência — a reexistência (Souza, 2009). Afetadas por tais características do campo (que para Roberta é também geográfico), recorremos assim a técnicas que não necessariamente foram pensadas de antemão, pois sua necessidade emerge da própria pesquisa e de seu contexto (Denzin e Lincoln, 2006). É o jogo de cintura exigido da pesquisadora que vai ao campo físico, e, no meu caso, os rearranjos necessários para contar a história da qual faço parte, nos modos como tento reunir e combinar fragmentos de fatos, “sem jamais completar seu projeto, o *bricoleur* sempre coloca nele algo de si” (Lévi-Strauss, 1989, p. 37).

A bricolagem como processo de construção de conhecimento, “uma ciência primeira” (Lévi-Strauss, 1989) acontece na “catação de cacos” que se tornou a narrativa da história e da pesquisa. “O *bricoleur* é aquele que executa um trabalho

usando meios e expedientes que denunciam a ausência de um plano pré-concebido” (Lévi-Strauss, 1989). Este reaproveitamento constante é intrínseco ao modo de vida no território da Cracolândia, na agência dos carroceiros e na importância do papel que desempenham ali.

É fazer com as próprias mãos, improvisar, adaptar-se, sobreviver. No território, a este método do “isso sempre pode servir” (Lévi-Strauss, 1989) chama-se gambiarra, mumunha²³ ou ainda “viração”, termo êmico destrinchado por Rui (2007) e que reproduzo em nota²⁴, por também indiciar movimento, algo na origem do verbo *bricoler*, como relata Lévi-Strauss — “e sua acepção antiga, aplica-se ao jogo de péla e de bilhar (...) sempre para evocar um movimento incidental” (Lévi-Strauss, 1989, p. 32)

É igualmente um trabalho atravessado pelas “discussões críticas” que Denzin e Lincoln apontavam como o “futuro” em suas esquematizações. Era o futuro — hoje presente — das problematizações que envolvem a globalização e as discussões sobre raça, gênero e classe (Denzin e Lincoln, 2006, p. 16). Trabalhos que de modo posicionado se misturam aos ativismos contemporâneos, como é propriamente o caso deste.

Roberta Costa em campo, com Carlos Eduardo, e anos depois eu, no gabinete, escrevendo sobre um universo onde nunca pus os pés. Minha contribuição é registrar os processos pelos quais acontecem os apagamentos e como posso, no discurso acadêmico, reindexar as pautas do discurso ao nome do meu amigo. Faço isso movida pelos afetos disparados naqueles dias, alinhada ao projeto de uma linguística aplicada que leva a sério a variável do afeto, como a categoria analítica da sensibilidade, especialmente a sensibilidade ao sofrimento humano (Moita Lopes, 2014).

Assim, a amizade prévia é notadamente o afeto mobilizador deste percurso de pesquisa. O percurso, por sua vez, gerou a relação de amizade em estado seminal

²³ Termo da capoeira que será trazido por Roberta Costa, no trecho de dados correspondente. Significa jogo de cintura.

²⁴ Segundo Rui (2007, p. 64): “Refiro-me à palavra “viração”, tal como ela foi empregada por Gregori (2000) no seu livro que, não por acaso, tem o título de “Viração”. Para a antropóloga, viração pode ser entendida primeiramente como termo usado coloquialmente para designar o ato de conquistar recursos para a sobrevivência”. Mas, mais que isso, a viração guardaria consigo algo que vai além da mera sobrevivência, embora seja seu instrumento: “uma tentativa de manipular recursos simbólicos e ‘identificatórios’ para dialogar, comunicar e se posicionar” — o que implica adotar várias posições de forma não excludente. Nesse sentido, ‘viração’ é uma noção que sugere uma comunicação persistente com a cidade e com seus vários personagens (Gregori, 2000:31)”.

entre Roberta Costa e eu. Jesus é o amigo em comum; não o resultado de cruzamento de dados nas redes sociais, mas o elo entre nossos trabalhos. A nossa amizade é intertextual.

O que pelas lentes da comunicabilidade nomeio como “o resgate do local de projeção do discurso” é um momento também narrado como epifania, uma sensação de “Eureka”. Não é somente um achado de pesquisa, é “a descoberta de Roberta” e a sensação misteriosa, durante a leitura de sua dissertação, de que já nos conhecíamos sem nos conhecermos. Uma amizade *no* texto, em zonas intertextuais. Na mesma medida destas alegrias, uma desconfiança constante quanto à presença de “tanta emoção” em um trabalho acadêmico. Seria este o local ou o momento para isso?

Este desconforto e descrédito quanto à presença dos afetos na produção de conhecimento são analisados por Coelho (2019) em texto de natureza bibliográfica em que observa os caminhos da reputação das emoções na produção etnográfica. Elas passam de intrusas indesejáveis a incômodos inevitáveis, para finalmente se mostrarem vias de acesso para a compreensão da alteridade: “o sentimento como aquilo que pavimenta o caminho para a compreensão do outro” (Coelho, 2019).

A centralidade desta compreensão está no discurso de Cadu. Ao relacionar poder e alteridade, sua fala ironicamente indicia sua própria incapacidade (a de Cadu) de compreender o prefeito:

A minha vontade de chorar não é de raiva de você não, cara, é de tristeza da possibilidade de ter uma pessoa tão limitada, tão limitada com relação a compreender o outro, né, com um poder tão grande que é o de ser prefeito de São Paulo (dados).

Um exemplo do incômodo implicado na aceitação desta mistura — pesquisa e afetos — foi o desconforto físico e hesitação experimentadas diante do teclado nas primeiras vezes em que digitei o nome de meu amigo — “Carlos Eduardo Maranhão” — seguido de palavras-chaves (Cracolândia, *habeas corpus*, por exemplo) nas caixas de busca na internet. A observação deste sentimento é parte da pesquisa, parte da produção deste conhecimento, na metarreflexão constante sobre o fazer de amiga-pesquisadora. A esta camada acrescenta-se a consciência sobre o cuidado ao narrar, o constante questionamento se esta história pertence a alguém, ou se sou mesmo autorizada a recontá-la.

Ponto central neste trabalho, nosso envolvimento de ordem afetiva e prévio ao início da pesquisa é assumidamente fator determinante para a decisão pelo tema. É um modo de olhar que inclui a emocionalidade, a responsabilidade pessoal e a práxis política e faz parte da “aceitação das sensibilidades pós-modernas” (Denzin e Lincoln, 2006; Becker, 1986 *apud* Denzin e Lincoln, 2006).

O desassossego (Massumi, 2017) fez apertarmos o botão de “compartilhar” daquela publicação, a fazendo circular. O desejo de pertencimento, por sua vez, foi o afeto que mobilizou minha “leitura em voz alta” de um recado que havia sido enviado a mim em modo privado. Neste trecho dos dados, investigo e exponho motivos íntimos e não necessariamente nobres para publicizar aquele conteúdo. Novamente, motivos são sobretudo menos relevantes do que seus efeitos discursivos, porque estes sim são nossas ações no mundo (Austin, 1990).

Na Cracolândia o afeto também é categoria analítica isolada por mais de uma autora²⁵ — trata-se do vínculo (Frangella, 2009; Rui, 2014; Costa, 2017; Fromm, 2017). O vínculo é meio e objetivo tanto da prática de RRD como das pesquisas de campo constantes ali. Quando o pesquisador permite se envolver, ele entende que “modos de falar, sentir, sofrer, gozar etc. são inseparáveis do ato de pesquisar” (Moita Lopes e Fabrício, 2019).

A existência de um projeto de linguística aplicada brasileira que leva a sério os afetos e instiga a imaginação epistemológica foi, assim, como um escafandro para que eu pudesse fazer estes mergulhos nestas águas-tabu. Ao fim do processo, termino modificada pelo tema, pelo desassossego e pelos afetos disparados na trombada descrita no relato de entrada no campo. Por óbvio que seja, foi preciso um percurso de pesquisa para que eu me sentisse capaz de falar sobre esta “justaposição do eu ao tema”, assumindo essa relação como um assunto de pesquisa (Gergen e Gergen, 2006).

Com relação a isso, estes mesmos autores chamam atenção para o aspecto relacional da pesquisa qualitativa. “Escrever é convidar uma audiência a uma determinada forma de relação” (Gergen e Gergen, 2006, p. 380). A escrita define

²⁵ É notória a presença feminina na autoria das dissertações sobre populações em situação de rua e igualmente sobre a Cracolândia. Em minha bibliografia elas figuram como maioria e por isso, em casos como este, opto pelo uso do gênero feminino.

estas duas identidades — autor e leitor — e, neste processo, expor nossas fragilidades como pesquisadoras permite renunciar ao papel de autoridade que o afastamento causado por textos tradicionais e suas estruturas muitas vezes complexas provoca no leitor não acadêmico. Neste sentido, as novas formas de redação também têm potencial político ao tentarem democratizar o acesso a textos científicos (Behar e Gordon, 1995 *apud* Gergen e Gergen, 2006).

Era de fato um objetivo tentar alcançar uma “linguagem mais simples”. O desejo, no entanto, não basta; sabemos como é movediço o terreno das intencionalidades. É importante retomar Austin (1990) quanto à responsabilidade sobre os efeitos de nossas práticas discursivas, que independem de nossas “intenções”. Isso também faz voltar a Briggs (2005; 2007) sobre a incerteza quanto ao modo de recepção planejado ou da cartografia comunicável projetada. Os significados não estão predeterminados, eles vão sendo construídos pelo caminho.

O modo qualitativo também se caracteriza por valorizar casos únicos, vistos por suas entranhas, “de dentro” — uma visão idiográfica e êmica — em lugar da busca por classificações ou generalizações estatísticas. Neste sentido, esta pesquisa teria uma “aparência” de estudo de caso, por seu caráter único e de intrínseco interesse, critérios que são valorizados por Stake (2006): “o estudo de caso não é uma escolha de métodos, mas uma escolha de objeto a estudar”.

O “flerte” com tal nomenclatura também se justifica no aspecto de “história a ser contada”, com a introdução de personagens, revelações e resolução de problemas (Stake, 2006, p. 450-7). Para Yin (2003) estas são oportunidades para os pesquisadores “reterem as características holísticas e significativas de eventos da vida real, como ciclos de vida individual” a exemplo da centralidade de Carlos Eduardo neste trabalho. Para este autor, o tipo de pergunta de pesquisa é definidor. Estudos de caso admitem perguntas relativamente amplas, como “como” e “por quê”, como acontece aqui.

Os quesitos de Yin (2003) resumidos a seguir também aproximam este de um estudo de caso: (i) quanto à natureza das perguntas de pesquisa — como viraliza nas redes, e por que isso acontece; (ii) por se debruçar em um caso único acontecido no momento contemporâneo (em oposição a um fenômeno histórico); e (iii) sobre o qual se tem pouco ou nenhum controle. Sobre este último aspecto, são utilizados para

análise outra sorte de “documentos públicos” — publicações *online* em *status* público.

Esta possibilidade de classificação no entanto não é estável; ela enfrenta convergências e divergências. A observação da movimentação textual do discurso de Cadu *é e não é* um estudo de caso. Os limites do fenômeno são traçados por necessidades metodológicas, quando em realidade o que se vê é uma trama discursiva em que micro e macro se entrelaçam, não havendo bordas nítidas que delimitem “o caso”.

Nesta dissertação, elegi três subconjuntos de dados — [discurso – dissertação – recado] — para orbitar à volta e poder observar sob outros ângulos um mesmo protagonista e os discursos que produziu, em três situações de interlocução acontecidas em três diferentes suportes, sendo dois deles em mídias sociais. Pude assim estabelecer relações, encontrar simetrias, detectar a criação de significados e responder (ainda que parcialmente) às perguntas de pesquisa.

No estudo de caso pode-se trabalhar com análise de documentos, “sem sair da biblioteca” (Yin, 2003). O que chamamos documentos pode verter-se aqui em uma coleção que inclui textos acadêmicos, comentários nas redes sociais e transcrição de falas do protagonista do caso, de onde se pode extrair índices e analisar os contextos maiores para que apontam.

Na condição de histórias ou eventos singulares, há nos estudos de caso a tendência a forças de concentração e intensidades (Stake, 2006; Minayo, 2015). Uma crítica recorrente é que o estudo de caso fornece poucas bases para generalizações científicas. A resposta de Yin (2003) para esta questão é que “os estudos de caso são generalizáveis a proposições teóricas, e não a populações ou universos” (2003, p. 10). Assim, esta concentração ou intensidade leva a outras qualidades de “generalização”. Aqui, esperamos, isso acontece no destrinchar das categorias teóricas e de suas correlações entre os dados e os “instrumentos de transporte” que viabilizaram a circulação viral do discurso. Este movimento acontece entre cronotopos e constrói identidades ao mesmo tempo em que significados são criados a partir de indexalizações, entextualizações e projeções de rotas de comunicabilidade.

Em 2006, às vésperas da explosão das mídias sociais, Gergen e Gergen chamaram atenção para como as tecnologias de comunicação fariam os pesquisadores

lidar com temas cada vez mais evanescentes que pedem necessariamente por novas metodologias e pela reimaginação do próprio ofício. Para estes autores, nestes novos contextos de pesquisa os processos de elaboração de significado aceleram-se e a meia-vida da análise cultural se encurta, com o movimento (de textos, de conteúdos) passando a ser uma variável que não se pode desconsiderar, com “os elos de comunicação ampliados para todas as direções, em uma condição de interdependência de significado em larga escala” (Gergen e Gergen, 2006, p. 382).

Com os ambientes digitais e especialmente as mídias sociais (ou redes sociais) transformadas em espaços de pesquisa etnográfica, estes dois modos de investigação se aproximam — estudo de caso e etnografia — ainda que em modos não prototípicos. Diferente de Stake, Yin já vislumbrava o estudo de caso feito em modo remoto, que veio a se chamar de “etnografias online”. Para Yin há estudos de caso que podem ser feitos “sem sair da biblioteca, com o auxílio da internet e do telefone” (Yin, 2003, p.11).

O “estar lá de Geertz”, cujo efeito discursivo seria a estratégia-síntese de construção da autoridade etnográfica” (Coelho, 2016), segue sendo chacoalhado quando o formato em redes de dados digitais e acontecimentos mediados por telas passam a extensão inseparável da “existência presencial”. Ainda que em uma corporalidade externa à tela, a movimentação textual em rede (ainda) depende de nossas ações e afetos humanos.

Estes “novos lugares” (ou cronotopos) e novos modos de interação passam a atrair pesquisadores interessados em observá-los, descrever e analisar estes acontecimentos linguísticos. Estes trabalhos foram inicialmente agrupados em subgêneros que chegaram a ser batizados com neologismos como “netnografia” (Kozinets, 2014) e “ciberetnografia” (Robinson e Schulz, 2009). No entanto, optarei por não utilizar aqui estas nomenclaturas, assumindo que transitamos não mais entre supostos “dois mundos” — o “real” e o “virtual” — mas sim num fluxo ininterrupto entre dois nexos inseparáveis e interdependentes — onexo *online-offline* (Blommaert, 2018d), o que não mais justificaria “uma separação *a priori* da internet como um espaço independente do campo de pesquisa” (Hine, 2015).

Na classificação por fases, ou “ondas”, que Robinson e Schulz (2009) propuseram para os estudos etnográficos “*online*”, este se localiza na fase

contemporânea, a que os autores chamaram de multimodal. Após a fase dos “pioneiros” (no início dos anos 90 e focada majoritariamente nas plataformas de jogos e na observação de identidades falseáveis) e da “legitimação do campo” ou fase “integracionista” (ao final dos anos 90, em que as dimensões *online* e *offline* passam a ser vistas como um *continuum* e a natureza dos dados é primordialmente textual), o momento atual se daria no advento da Web 2.0 e na possibilidade de análise de novos tipos de dados, visuais e auditivos, como os escolhidos para contar esta história.

Mais um aspecto que aproxima este trabalho dos paradigmas da antropologia pós-moderna está na escolha do objeto de estudo — a movimentação textual, foco de interesse cada vez maior da antropologia linguística contemporânea, que o estende aos fluxos e migrações de pessoas no contexto do mundo globalizado, em uma etnografia da mobilidade.

A atenção a um objeto de estudo imaterial foi apontada por Coelho (2016), em seu texto de abertura para *A Escrita da Cultura*. Nele a autora cita a etnografia pioneira de Silva e Milito (1995 *apud* Coelho, 2016) como exemplo de pesquisa engajada e de intervenção, movida não somente pela curiosidade intelectual do pesquisador (2016, p.17). Para retratar a vida nas ruas, os autores usam uma escrita fragmentada que mimetiza a experiência dessas crianças, a exclusão por que passam. O livro *Vozes do Meio Fio* é assim a etnografia de um clima, de uma errância, “um objeto de pesquisa raramente visto” (ao menos até então) (Coelho, 2016, p. 18).

Nas décadas seguintes, etnografias sobre a Cracolândia e sobre moradores de rua passariam a investigar a movimentação compulsória a que estas pessoas são submetidas para sobreviver. De modo convergente em sua temática, este trabalho é também a tentativa de etnografar uma errância: o desencaminhar do discurso de Carlos Eduardo. É neste momento que compreendo a relevância de reindexar as pautas do discurso ao “caso” de Carlos Eduardo, retomando a narrativa e acrescentando mais alguns pontos ao pontilhado desta cartografia.

Todos os dados reproduzidos aqui se encontram em *status* público na rede social até a data da última revisão; todos os *links*, igualmente, estão públicos e disponíveis (salvo quando indicado que hoje exigem assinatura, à época dispensada) nas plataformas em que foram veiculados originalmente e nas matérias jornalísticas que os replicaram e os fizeram circular. Puderam assim ser revisitados em seus

respectivos sítios e “fotografados”, como se pode ver nos capítulos iniciais, em que apresento as capturas de telas.

A confecção do diagrama (Figura 28) auxiliou a visualização, ainda que muito artesanal, da flutuação destas histórias e das intertextualidades que vão sendo criadas. O diagrama é somente um rascunho, com as miniaturas das imagens como gentil bengala, a guiar quem chega. Os efeitos discursivos desta circulação que tento rusticamente representar são o objeto de investigação desta dissertação.

São a rigor quatro conjuntos de diferentes “texturas” — (a) trechos de uma interação na rede social (azul), (b) transcrição do discurso gravado em vídeo (verde), (c) o relato etnográfico dos bastidores desta gravação (cinza) e (d) uma mensagem em áudio enviado em modo privado a esta pesquisadora (azul claro), trecho que pediu por outras lentes, estas emprestadas do estudo das narrativas com foco na história de vida (Labov, 1972; Linde, 1993).

Ainda que a interação em rede social (a) esteja anonimizada e em *status* público registrado ao momento da captura, estes dados não foram objeto de análise, mas vinham a serviço da contextualização e por isso foram ali observados os principais movimentos retóricos e construção de identidades.

Na tríade de dados escolhidos (acima b, c, e d) a análise triangula pontos de vista de três “personagens” desta etnografia — Carlos Eduardo, Roberta Costa e Maria. A escolha pelo sobrevoio na multiplicidade de dados (capturas de tela, transcrição de áudios, análise textual de um texto acadêmico) mira na sensação de exposição a realidades múltiplas de modo simultâneo. São partes que se ligam ao todo de modo reticular, flutuante, menos linear ou sequencial (Denzin e Lincoln, 2006, p. 20).

Se vista como uma tríade, esta coleção tem em comum três situações de interlocução, em que uma delas (em curiosa autossemelhança) acontece a três. São elas: (i) um recado pelo aplicativo Messenger entre Carlos Eduardo e esta pesquisadora, intermediado pelo redutor da Craco Resiste; (ii) o registro de um encontro etnográfico entre Carlos Eduardo e Roberta-redutora-pesquisadora, de que resulta o subcapítulo de *Mil Fitas na Cracolândia, Amanhã é Domingo e a Craco Resiste*; e (iii) o discurso disparador, uma fala de Carlos Eduardo dirigida ao Prefeito, seu interlocutor imaginário (personificado na câmera).

O recorte nos dados pode também ser guiado pelas identidades de Carlos Eduardo, seus diferentes apelidos como protagonistas. “Alemão” é o personagem do subcapítulo de Roberta Costa; “Jesus” é o amigo que reconheço no vídeo de nove minutos, a quem envio um recado particular. Quem me responde a este recado é Carlos Eduardo, que é como ele se apresenta no áudio recebido. A construção de Carlos Eduardo como Sarda é um (outro) resgate que acontece na interação da publicação na rede social e que não foi objeto mais aprofundado de minhas análises, apesar de toda sua importância para a compreensão do contexto.

Em sua fala, Carlos Eduardo lança inúmeros projéteis textuais (Rampton, 2014), múltiplos índices que apontam para um sem-fim de questões relacionadas à Política de Drogas Brasileira e às políticas públicas direcionadas às populações vulneráveis. Dentre estes, um se destaca por encapsular a questão central da antropologia (e da pesquisa qualitativa): compreender o outro (Vidich e Lyman, 2006).

“A minha vontade de chorar não é de raiva de você não, é de tristeza de ter uma pessoa tão limitada, tão limitada em compreender o outro com um poder tão grande, que é o de ser prefeito de São Paulo” (dados)

A compreensão é também para Minayo (2015) o conceito mais fundamental da pesquisa qualitativa — “compreender para interpretar”. Em sua fala, Carlos Eduardo indexa e lamenta o que para ele é trágico: a cegueira antropológica de um prefeito para lidar com a alteridade.

Esta “pragmática da circulação” (Silva; Facina; Lopes, 2015) que me proponho observar e outras reflexões sobre as interações em rede me levaram assim a escolha de três categorias da antropologia linguística às quais recorro para tratar da comunicabilidade dos meus dados. São elas entextualização, indexicalidade e cronotopos.

4

Enquadres Teóricos

Esta pesquisa é toda atravessada por uma visão performativa da linguagem e pelos usos estéticos que se pode fazer dela quando exploradas suas funções poéticas (Bauman e Briggs, 2003). Produzir e/ou fazer circular discursos é agir no mundo, e esta ação é a própria construção da vida social (Austin, 1990). Tais discursos, quando postos no mundo, ditos e registrados em suas manifestações microescalares, formam esta espécie de “saber social e anônimo” (Foucault, 1999), a imensa desordem que precisa ser organizada, classificada, sistematizada, contida. É o que os discursos fazem e, simultaneamente é o que os constitui.

Como ponto de partida, a Teoria da Comunicabilidade. O conceito recente trata dos circuitos de produção, circulação e recepção de discurso (Briggs, 2005), e a seu lado aplico conceitos organizados por Bauman e Briggs (2003) para os estudos sobre performance e poética. Também serão convocadas três categorias dadas à análise da mobilidade textual. São elas: entextualização (Bauman e Briggs, 2003; Silverstein e Urban, 1996; Blommaert, 2020b), indexicalidade (Silverstein, 1976;2008; Duranti, 2012; Blommaert, 2020c) e cronotopos (Bakhtin, 1981;Blommaert, 2015a; 2018b;2020a; De Fina e Perrino,2020).

Dentre estas categorias, a reflexão sobre principalmente duas delas — entextualização e comunicabilidade — virá informada por concepções foucaultianas sobre a relação entre discurso e poder. Este movimento insere o discurso de Cadu em um âmbito, nos sistemas do discurso, na “massa de coisas ditas” (e arquivadas), no “zumbido incessante” cuja desordem indicia perda de controle e perigo. Neste ordenamento, o discurso de Cadu é sujeito a dispositivos, princípios, distinções; é exposto a uma “maquinaria”, à Ordem do Discurso, que trabalha para ajustá-lo, interdita-lo, classificá-lo, de modo a “conjurar seus perigos e poderes”, ao mesmo tempo que o constitui (Foucault, 1999)

Este movimento textual será analisado tanto “de cima”, em um exercício de aplicar a ideia de comunicabilidade a um sistema de viralização (como rascunhado na Figura30), como nos movimentos internos aos textos e entre estes, em mergulhos nos três grupos de dados destacados da história maior — o discurso de Carlos Eduardo Maranhão, o relato etnográfico que o originou, e um recado de Carlos Eduardo a esta

pesquisadora. Ao final das análises, somam-se ainda alguns movimentos de *zoom* em excertos de mídia a partir do que já está registrado no capítulo 7.

Processos como estes — observação de textos em relação e movimento — se inserem na produção de “etnografias da mobilidade” (Blommaert, 2008), perspectiva vinda dos estudos sobre a globalização, que pensa entre outras coisas a movimentação de pessoas e discursos no mundo, como isso acontece e quais seus efeitos.

São os autores de uma “sociolinguística avançada contemporânea” (Blommaert, 2017a), que correlacionam conceitos da filosofia e sociolinguística clássicas aos contextos contemporâneos. Estes autores costumam colher suas metalinguagens em outras ciências, instigando novas formas de “imaginação sociológica” (Mills, 1959 *apud* Blommaert, 2018d), atualizando e ressignificando ideias de uma era muito anterior ou limítrofe ao início do uso massificado da comunicação mediada por computadores, em cuja temporalidade foram gerados os dados para esta pesquisa.

Este uso doméstico e colaborativo das redes criou o ambiente nomeado Web 2.0 (O’Reilly, 2005), onde surgem as mídias sociais. Com a massificação de seu uso, este, que já foi chamado de um “novo” campo, como que “separado” de algum “anterior” ou “exterior” a ele, passa, para os efeitos das pesquisas em linguagem e em etnografias, a ser compreendido como um só nexos — o nexos *online-offline* (Blommaert, 2018d), em que não se percebe a distinção que antes se fez entre “mundo real e mundo virtual”.

Se pensada em relação a uma possível historicização da Antropologia Linguística, esta pesquisa paira entre as duas últimas guinadas de paradigma na área, conforme proposto por Alessandro Duranti (1997) a partir do conceito de paradigma científico de Thomas Khun (2006) para observar os últimos cem anos da área, em esquematização que resumirei a seguir de forma brevíssima e injustamente ampla.

As primeiras pesquisas na área, abrigadas sob o “primeiro paradigma”, davam conta das tarefas de descrição, classificação e comparação entre línguas com foco no léxico e na gramática, postura característica do estruturalismo linguístico e presente no pensamento de Sapir-Whorf no encontro na linguagem com a antropologia. O segundo paradigma, por sua vez, compreende o surgimento da etnografia da comunicação, da sociolinguística urbana e dos estudos da narrativa e da interação em

escala micro, presentes nos trabalhos seminais de autores como Dell Hymes, Gumperz e Erwin Goffman.

Finalmente, a terceira e última guinada (o momento contemporâneo) daria conta da importância do aspecto indiciário da linguagem, seminal nos estudos do dialogismo de Bakhtin, no deslocamento do foco da gramática para o enunciado, tornando este a unidade básica de estudo e ressaltando o aspecto relacional entre os textos, na imagem dos elos e da corrente: “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (Bakhtin, 1981, p. 164).

Segundo Bakhtin, um enunciado sempre pressupõe (outros) enunciados que o precederam e que lhe sucederão (Bakhtin, 1981, p. 207). No contato entre textos há movimento, aproximação, cruzamentos, ultrapassagens, trânsito. Para Bakhtin, este aspecto relacional afeta a atribuição de sentido:

“O sentido não se atualiza sozinho, ele procede de dois significados que se encontram e entram em contato. Não há um ‘sentido em si’. O sentido existe só para o outro sentido, com o qual existe conjuntamente” (Bakhtin, 1981, p. 213).

O mesmo sucederia às performances. Para Bauman e Briggs, “uma dada performance está ligada a vários eventos de fala que a precedem e a sucedem”, por isso a relevância de analisar forma e conteúdo como índices de discursos maiores (Bauman e Briggs, 2003, p. 189).

Estas são formas de conceber textos e discursos de modo cada vez relacional, indexical, portanto mais maleável e mais sujeito a transformações, como explica Blommaert neste trecho que a seu modo também fala de comunicabilidade: “um texto está sempre conectado à prática de sua produção, circulação, captação, reuso e assim por diante” (Blommaert, 2008, p. 24).

“Textos viajam, e não necessariamente viajam bem. Na mudança de um local (ou contexto) a outro, atravessam regimes, e a mudança nas ordens de indexicalidade faz com que sejam compreendidos de formas diferentes (Blommaert, 2008, p. 7²⁶).

A partir daqui serão definidas as categorias escolhidas para pensar o deslocamento textual, os contextos por onde o discurso de Cadu viaja e outros textos que este texto original mobiliza. Apesar de não serem exatamente precisas as

²⁶ Nas obras com original em inglês as citações estão em tradução minha.

fronteiras entre os conceitos, pois estão imbricados em suas funções e têm aspectos de suas gêneses em comum, tentei ordená-los abaixo, deixando um espaço ao final do capítulo para marcar possíveis correlações entre eles.

Comunicabilidade

Esta jovem teoria (Briggs, 2005) nasce do impacto da etnografia da comunicação sobre este autor. Comunicabilidade é “uma ferramenta para compreender a produção contínua de entendimentos sobre a produção, circulação e recepção dos discursos.” (Briggs e Silva, 2016, p. 9).

“Formas de comunicabilidade se enquadram no que Bourdieu chamou de ‘campo social’, arenas de organização social que produzem papéis sociais, posições, agências e relações sociais que moldam (sem que determinem) como os indivíduos e as coletividades as ocupam e como por elas são interpelados (Briggs, 2007, p. 556).

Em sua acepção de dicionário, a palavra *communicability* pertence originalmente ao campo semântico da infectologia. Comunicabilidade também significa fluidez (*volubility*) e seria a capacidade de as informações se espalharem, assim como acontece aos micróbios (Briggs, 2007).

“O discurso não é menos infeccioso que as bactérias, ambas circulam ao longo de circuitos específicos. Apenas os modelos epidemiológicos rastreiam a circulação de doenças; os modelos do senso comum — usados por acadêmicos e leigos — pretendem rastrear a circulação do discurso” (Briggs e Silva, 2016, p. 9).

Na teoria da comunicabilidade, todo texto (ou discurso) representa ele próprio seu ponto de origem, seus modos de circulação, público-alvo e modos de recepção. As projeções deste processo por sua vez formam “mapas de comunicabilidade”, ou “cartografias comunicáveis”, que na visão de Briggs (2007) são também instâncias cronotópicas, como veremos adiante.

Vale lembrar que em 2005, quando Briggs inicia suas investigações e formulações sobre comunicabilidade, a web 2.0 estava apenas em sua infância, assim como a rede social Facebook, surgida em 2004. Num futuro próximo, ambos os conceitos — entextualização e comunicabilidade — se mostrariam extremamente úteis para estudar a *web* colaborativa e a cultura da participação (Jenkins, 2006 *apud* De Fina e Gore, 2017) que transformou usuários antes passivos em produtores, “entextualizadores”, “re-contextualizadores” (e indexadores) de conteúdos.

A palavra “comunicabilidade” para uma teoria de circulação e distribuição e contágio faz pensar que no ambiente digital a ideia de contágio vem há muito sendo introduzida e explorada. Data de 1970 a publicação da primeira história sobre um vírus de computador, *The Scarred Man*, de Gregory Benford. Hoje a palavra é corriqueiramente usada para definir os programas intrusos e maliciosos que invadem sistemas para sorrateiramente roubar dados dos usuários. “Viralização”, por sua vez, ganhou outro sentido, que pende ao virtuoso, algo que merece atenção por ser extraordinário e do qual as pessoas acham importante fazer parte (Varis e Blommaert, 2015). Comunicabilidade também envolve contágio, e os discursos são os vetores (Briggs e Silva, 2016).

A nomeação do conceito é imbricada ao seu campo de aplicação — a área da saúde pública — e isso não é à toa, como levantado em entrevista de Charles Briggs com Daniel Silva (2016). Silva sugere que “comunicabilidade é um nome infestado de resíduos da infectologia e da metafísica”, e que “comunicação” é um conceito metafísico persistente. Ele pergunta ao autor como ele lida com o viés metafísico inscrito no próprio nome do conceito, ao que Briggs responde que este é um trocadilho²⁷, e esta qualidade (assim ele esperava) desestabilizaria esta metafísica (Briggs e Silva, 2016).

No estudo que levou à criação da categoria (o contexto era uma epidemia de cólera na Venezuela), Briggs analisou as “cadeias de comunicabilidade” neste evento, as construções de verdade sobre saúde pública e sua circulação; notando a que grupos autorizados pertencem os direitos de construção e divulgação destes discursos e saberes e

“como este processo comunicativo é construído ideologicamente, incluindo alguns sujeitos como produtores, disseminadores, tradutores destes conhecimentos enquanto outros são simplesmente aliados deste jogo” (Briggs, 2005, p. 274)

As cartografias comunicáveis e seus agentes como maquinário da construção de um saber ecoam assim as “vontades de verdade que atravessam séculos”, que constam como mais um mecanismo de segregação na ordenação de que fala Foucault (1999).

²⁷Em português a outra principal acepção da palavra mora na área do Direito e está dicionarizada como: 1. qualidade de comunicável; facilidade ou disposição de se comunicar 2. qualidade dos bens que pertencem a uma comunhão. Isso me faz questionar se sua força de trocadilho atuaria (melhor) em análises de cartografias comunicáveis na área jurídica, por exemplo.

A convergência dos contextos (questões de saúde pública), por sua vez, chama atenção por coincidir com o aspecto disparador do discurso de Cadu: as vontades de verdade sobre saúde mental, drogas e o tratamento (mais ou menos) inclusivo que se pode (ou se deve) dispensar aos usuários problemáticos.

Sobre estes fluxos também incidem as energias dos mecanismos de segregação da loucura e do tabu do objeto (Foucault, 1999). Ao divulgar nos canais de mídias sociais os discursos produzidos na (e pela) Cracolândia, o movimento social *A Craco Resiste* está criando sua esfera de comunicabilidade própria, com o objetivo declarado de disputar as narrativas e as vontades de verdade com as produções discursivas hegemônicas. O objeto de desejo é o discurso; o discurso não representa ou descreve a luta, “o discurso é aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos queremos se apoderar” (Foucault, 1999, p. 10).

A possibilidade de mapear matematicamente estas circulações também expõe a comunicabilidade a mecanismos de controle. A *hashtag*, por exemplo, como partícula indexadora (como um rótulo), alimenta o trabalho do algoritmo; ela é um dispositivo acelerador de discursos, e seu uso é tudo menos livre de valores e questões de poder. As informações que se pode extrair de tais mapeamentos são hoje uma moeda valorizadíssima (os dados), e por esta razão sensíveis às questões de poder quanto ao uso que se pode fazer de tais rastreamentos.

No contexto de mídias sociais, a comunicabilidade do discurso de Cadu, (através de seu compartilhamento e marcações de amigos por hiperlink), acontece em direta associação com os movimentos de entextualização (Bauman e Briggs, 2003), categoria que virá a seguir.

Entextualização

Entextualizar significa mover, decalcar e recolar, transportar. Nesta movimentação há riscos, arranhões, a matéria se transforma, e assim acontece aos discursos, que não se movimentam de modo neutro, estável, livre de tensões e vontades de verdade (Foucault, 1999):

“O processo de entextualização dos discursos envolve avaliações do poder e autoridade dos participantes de modo que a entextualização simultaneamente reflete e constitui a assimetria das relações sociais.” (Silverstein e Urban, 1996, p. 4)

A entextualização faz então este trabalho nada neutro de transporte e rearranjo de discursos, que passam a se comportar como “projéteis textuais” (Rampton, 2014). “Entextualização é o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade — um texto — que pode ser extraído de seu cenário interacional” (Bauman e Briggs, 2003, p. 206). “Texto” aqui compreende toda a multiplicidade de semioses inerente ao contexto da comunicação mediada por computador — vídeos, fotografias, memes, panfletos, montagens.

Atentando para o neologismo, a criação teórica da entextualização envolveu a adição de afixos à palavra “texto”, partículas que “deslocam a ênfase do produto para o processo.” (Bauman e Briggs, 2003, p. 199). Tornar estas partes intercambiáveis por entre e ao redor da palavra “texto” é misturá-las em outras combinações, a exemplo de reentextualização (Silverstein e Urban, 1996); é dar-lhes novas funções, possibilitar a criação de novos significados.

Esta intensa movimentação não é impermeável às hierarquias e lugares sociais dos participantes dos processos. Os caminhos do discurso de Cadu entre os contextos são regidos por esta ordem, atravessados por questões do poder, em dispositivos e princípios que Foucault sistematiza em *Ordem do Discurso*. O procedimento de interdição seria o mais evidente em toda esta ordenação. É também aquele que mais se insinua sobre as palavras de Cadu e os discursos maiores que ele indicia.

Nos primeiros momentos da aula inaugural de Foucault, o autor sumariza os principais eixos do se tornará sua pesquisa na cátedra recém-criada para ele “Histórias dos Sistemas de Pensamento”. Na aula, ele define o discurso como seu tema central, a partir do qual criará suas metodologias de investigação.

A descrição a seguir que o autor faz do campo de forças — dentro do discurso — mimetiza tensões que aparecem nos dados do discurso acadêmico sobre a Cracolândia, de onde Cadu dispara sua fala, quando

“sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo das interdições que se cruzam, se reforçam e se compensam, formando uma grade complexa que não para de se movimentar (...) em nossos dias as regiões onde as grades são mais cerradas, onde os buracos negros se multiplicam são as regiões da sexualidade e da política” (Foucault, 1999, p. 9).

O buraco negro que Foucault *não usa* para ilustrar sua aula inaugural em pleno 1970 é uso(s) de drogas; interdição fortíssima “que logo revela sua ligação com o desejo e o poder” (Foucault, 1999, p. 10), mas que encontra resistência em um discurso que busca se manter, avançando a discussão além dos usos problemáticos e dos moralismos, para cuidar dos doentes de modo humanizado, não deixando de reiterar a importância da pesquisa científica sobre as substâncias, e seus usos rituais, recreativos e medicinais cujos discursos hoje (também) indiciam cura, prazer e autoconhecimento. O discurso de Cadu é um panfleto sobre estes tópicos; sua performance adiciona toda uma outra camada de índices, e os efeitos de significado tomam outros rumos; o discurso se desencaminha, como veremos.

No ambiente digital há diferentes atores trabalhando nestes processos de entextualização, atores humanos e não humanos. De um lado movemos conteúdos em gestos na ponta dos dedos; de outro o aprendizado maquínico matematiza esta movimentação, alimentando e criando algoritmos. Este rastreamento dos textos em SRS (sites de redes sociais) é possível porque

“A comunicação por SRS é persistente, replicável, escalável, pesquisável e compartilhável – todos eles recursos que caracterizam a comunicação para além da situação interacional imediata” (Blommaert e Szabla, 2017).

A esta lista de atributos acrescenta-se a possibilidade de serem ainda dados memorizáveis, arquiváveis. Esta “massa disforme” (e seus arquivos) (Foucault, 1999) pode assim ser organizada por ferramentas algorítmicas, para os mais diversos fins. Nos contextos de mídias sociais são os usuários construindo (e direcionando) estes conteúdos de imagem, som, grafismos, vídeos em fluxo.

“(Para compreender) este tipo de comunicação no espaço-tempo (precisamos) entender como as pessoas constroem objetos semióticos que se mantêm juntos tempo suficiente para ir de um contexto a outro (...) e que sentido as pessoas fazem de tais objetos quando são expostas a eles”(...) As palavras-chave são *entextualização*, *transposição*²⁸ e *recontextualização* (Rampton, 2014, p. 118).

²⁸Ben Rampton especifica como *transposição* “o processo de mover um texto (produzido por meio de “*entextualização*” de uma situação para outra, e quando o texto chega lá, os recipientes têm de fazer sentido de tal texto.” (Rampton, 2014). Neste trabalho usamos o termo mais abrangente — “entextualização” — para falar de ambos os processos.

Este estudo não daria conta de incluir a história e a definição do conceito de algoritmo, que remonta aos matemáticos gregos e à Máquina de Turing²⁹, mas considero válido reproduzir as reflexões de Andrew Goffey (2008) sobre a concomitante materialidade e abstração do algoritmo, e principalmente como o autor relaciona algoritmo e aspecto performativo da linguagem em capítulo do livro *Software Studies*, publicado pelo MIT, que discute os impactos culturais, políticos, sociais e estéticos dos programas de computador, e cujos pontos principais ousarei resumir no trecho que se segue.

Segundo o autor, o algoritmo pode ser resumido na fórmula Lógica + Controle, e é uma abstração cujos efeitos são concretos. Não é simplesmente a entidade teórica estudada por cientistas da computação, mas tem uma existência real incorporada nas especificidades das diversas linguagens de programação, com efeitos materiais sobre os usuários finais, guardando uma relação crucial e problemática com a realidade material. Isso implica na sugestiva conexão entre algoritmos e ação, em uma “dimensão pragmática da programação” (Goffey, 2008, p. 16). Como em Austin, “algoritmos fazem coisas”.

“Para usar uma expressão de Gilles Deleuze e Félix Guattari, cuja análise do lugar da pragmática na linguagem faz parte da inspiração para esta discussão, o problema com a concepção puramente formal do algoritmo como uma máquina abstrata não é que seja abstrato. É que **não é abstrato o suficiente**. Ou seja, não é capaz de entender o lugar do algoritmo em um processo que atravessa máquina e humano” (Goffey, 2008, p. 18, grifo meu).

Para investigar estes processos “que atravessam máquina e o humano” Malini (2016) propõe um método perspectivista para análise de redes a partir do pensamento de Eduardo Viveiros de Castro. O autor justifica a correlação “(por estarem os processos) dentro de um mesmo problema teórico, que é estudar de modo simétrico as redes (Latour, 1991^{apud} Malini,2016) o que significa mapear as interações de humanos e não humanos” (Malini, 2016, p. 8).

E continua:

A perspectiva é menos algo que se tem, que se possui, e muito mais algo que tem o sujeito, que o possui e o porta, isto é, que o constitui como sujeito”(Viveiros de Castro, 2008,

²⁹A Máquina de Turing é um dispositivo teórico conhecido como máquina universal, que foi concebido pelo matemático britânico Alan Turing (1912-1954), muitos anos antes de existirem os modernos computadores digitais. Num sentido preciso, é um modelo abstrato de um computador” (WIKIPÉDIA, **Máquina de Turing**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1quina_de_Turing. Acesso em: 3 mai. 2021).

p.118). Compartilhamentos e conversações em redes sociais são rastros digitais dos pontos de vistas, **cuja força num dado acontecimento social depende então da densidade de relações fabricadas entre os perfis** (Malini, 2016, p. 10, grifo meu).

Esta ênfase de Malini ao aspecto relacional no “método perspectivista de análise em redes”, é intrínseca à forma entrelaçada dos grafos e dos nós que formam as redes, “à medida que estas têm como seu componente mais elementar a relação” (2016, p. 9). Malini elabora com clareza a descrição do campo que vislumbra:

(ao estudar) como as relações de compartilhamentos, respostas, inscrições, comentários, favoritas, curtidas, indicações na internet, formam rastros sociais que expressam, conjuntamente, pontos de vistas coletivos formando as partes da rede que, sobrepostas, compõem uma globalidade, podendo ser analisada ora a partir da topologia dos perfis (a posição da parte no todo), ora a partir de uma temporalidade dos laços (a parte do tempo como parte no todo) (Malini, 2016, p. 2).

Neste campo; nestas relações “o Outrem não é um ponto de vista particular, relativo ao sujeito (...), mas a possibilidade de que haja ponto de vista — ou seja, é o conceito de ponto de vista (Viveiros de Castro, 2002, p.118 *apud* Malini, 2016)”.

Entextualização, descontextualização e recontextualização são os movimentos que operam estas relações, que criam tais relações e intertextualidades. Estas categorias dizem respeito às relações entre texto e contexto, e como estes processos criam significado:

Mesmo se hoje nos comunicamos com máquinas, com grandes audiências desconhecidas (como em jogos *online* em massa) e através de mensagens atrasadas e assíncronas em novas formas gráficas de visualização e design, ainda assim estamos interagindo na tentativa de dar sentido ao nosso mundo (Blommaert; Smits; Yacoubi, 2018).

Dar sentido ao mundo: em outras palavras, ordenar o discurso na grande “desordem organizável” das comunicações em rede. Nossos gestos de entextualização e indexação nas redes fariam como o comentário na ordem do discurso, segundo o autor, um dispositivo que desloca um paradoxo inescapável: “dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito” (Foucault, 1999, p. 15).

Assim a viralização do recado de Carlos Eduardo ao então prefeito João Dória — os 275 compartilhamentos do vídeo que geraram suas mais de 1.100.000 visualizações — não consiste numa série de repetições do mesmo conteúdo, mas antes

numa série de re-entextualizações; são discursos sendo sucessiva ou simultaneamente *descontextualizados e metadiscursivamente recontextualizados*.

Trata-se quase que de um excesso de sintagmas ao redor da palavra “texto”. Isso não passa sem transformação, sem novos processos e efeitos semióticos (Varis e Blommaert, 2015). Neste percurso os significados se transformam em algo novo e possibilitam inclusive outras leituras preferenciais (Blommaert, 2005, p. 62). Curiosamente, ainda acreditamos muito estarmos “apenas” replicando uma informação.

Indexicalidade

O estudo dos índices, por sua vez, é uma das maiores áreas de interseção entre a antropologia e a linguística (Duranti, 2012). No esquema de Duranti, a terceira guinada de paradigmas daria conta desta “virada indexical” que acontece a partir do trabalho de Silverstein, com sua distinção entre índice referencial e não referencial, ampliando a noção linguística de índice como dêixis para uma noção mais geral de indexicalidade (Duranti, 2012, p. 14). Este campo de investigação se tornou, assim, um dos mais explorados pela antropologia linguística contemporânea e é vasto e profundo demais para os limites deste trabalho. O constructo é de uma complexidade que o escopo desta pesquisa não alcançaria.

Na visão de Branca Falabella Fabrício (2016), a combinação destas duas ferramentas — entextualidade e indexicalidade — causa intenso rebuliço na atribuição de sentidos, levando a questionamentos sobre os paradigmas representacionistas da linguagem, forçando o que a autora chamou de “torção do parafuso referencial”.

Proponho então, para efeitos das futuras análises, apresentar este conceito da forma mais simplificada e acessível possível, qualidades que encontrei nesta definição gravada por Jan Blommaert para uma série de vídeos em forma de pílulas, disponível na plataforma YouTube, como transcrevo a seguir:

Indexicalidade... Parece complicado, mas na verdade é fácil. É significado, certo? Mas é significado implícito. É o significado que não dizemos, mas expressamos; que não escrevemos, mas expressamos. Para entender concretamente, precisamos entender o que é o índice. O seu índice é isto (Blommaert aponta seu indicador para a câmera). O seu dedo indicador. Então ele aponta. Indexicalidade é algo que liga o que você diz ao contexto no qual ele se aplica, fazendo sentido num determinado contexto (...) Sempre que nos comunicamos produzimos muito mais indexicalidade do que o tipo de significado que você encontra num dicionário, ou num glossário. Somos muito mais implícitos no que expressamos do que explícitos. E muitas vezes o

que dizemos explicitamente é implicitamente negado pela forte indicialidade do que estamos tentando comunicar a outras pessoas (Blommaert, 2020c).

Este “apontar” seria a ligação existente entre nossas manifestações linguísticas individuais (discursos) a contextos maiores (Discursos), numa trama que se constitui e se atualiza mutuamente, no que autores chamam de “a questão macro-micro”, ou seja, como os detalhes de nossas interações cotidianas se relacionam e, mais que isso, como de fato formam estes processos e estruturas sociais e culturais mais amplas (Alexander *et al.*, 1987 *apud* Duranti, 2012)

Assim, na cronologia proposta por Duranti (1997), a guinada de paradigma para o momento atual situa a linguagem como “um projeto, uma conquista”, um “fluxo de valores indexicais” (Duranti, 1997, p. 274). Em lugar de um conjunto de códigos a serviço de descrições “objetivas” de uma realidade externa, a linguagem passa a ser vista como movimentação, pulsação incessante de significados que sempre apontam para (indexam) tantos outros menos explícitos, e cujos efeitos acontecem no mundo, e por isso o constituem.

A interação humana passou a ser governada pelo que hoje chamamos de indexicalidade — as delicadas e significativas conexões entre a fala e o contexto sociocultural. (Blommaert, 2015b).

A compreensão de significados a partir da noção de indexicalidade traz também a incômoda constatação de que “as intenções do falante não podem mais ser a única ou principal fonte de interpretação linguística” (Duranti, 2012). Esta ideia se relaciona diretamente com a visão performativa de linguagem de J. L. Austin (1990) e sua teoria dos atos de fala. Se dizer é fazer, se a linguagem não apenas representa ou codifica, mas é em si ação no mundo, a toda ação corresponde uma reação. Assim, para os estudos da linguagem passam a importar os efeitos de nossos discursos no mundo, independente das intencionalidades.

Utilizarei a categoria indexicalidade em todas as análises, mas principalmente no primeiro dos três subconjuntos de dados, o discurso de Carlos Eduardo Maranhão publicado pela *Craco Resiste* e viralizado em maio de 2017, ao qual, por sua riqueza “nutritiva” de significados, chamei de “sopão indexical”.

O índice em sua materialidade móvel no ambiente digital é o próprio advento do hipertexto, da “perfuração da tela” em vetor perpendicular, “para dentro”, em percursos labirínticos. É uma correlação que pode ter paralelos com as discussões

teóricas sobre a indexicalidade, e penso que vale a pena trazê-la para este trabalho, por operar em uma dimensão mais “concreta” e estar presente no caso tratado. Falo do uso, nas redes sociais, de partículas indexadoras (o uso do recurso a que se chamou “*hashtag*”), o sinal da cerquilha ou mais popularmente o “jogo da velha”). Como nas especulações acerca da materialidade *versus* abstração do algoritmo, o uso desta fórmula (#) e suas consequências também cria uma espécie de interseção entre as dimensões físicas e abstratas do conceito de indexicalidade na Web 2.0.

Esta possibilidade de indexação de conteúdos na Web 2.0 por parte de qualquer usuário é chamada Folkosonomia, um neologismo que reúne os termos taxonomia e *folks* (gente). O termo foi cunhado em 2004 por Thomas Wander Val, um arquiteto de informações que ficou conhecido justamente por criar o conceito.

Quando se busca por dada *hashtag* (o que pode ser feito nos mecanismos de busca de todas as plataformas *online*), o resultado reúne todas as imagens e conteúdos agrupados sob esta etiqueta. É uma ferramenta fundamental para a movimentação dos conteúdos e indexicalização de temas, sendo usada hoje principalmente para divulgação e fortalecimento de causas. Essa livre criação de categorias e etiquetamento de conteúdos é ferramentas constitutiva da internet colaborativa, e como já foi dito, seus movimentos não acontecem livres de valores. Há uma grande nuance de atores habilitados a operar estas ferramentas, do robô ao sujeito comum, passando pelas políticas de comunicação das corporações, “subindo”³⁰*hashtags* de modo mais ou menos orgânico.

No domingo seguinte à morte de Carlos Eduardo, em leitura de uma carta assinada pelos “Amigos do Sarda”, e transmitida pela TV, a história recebe uma partícula de indexicalização, ganha uma *hashtag*, como toda boa causa. A carta lida no ar, cuja íntegra foi também publicada nas redes sociais, termina com uma assinatura — “# somos todos da mesma turma”. Este mote funciona como uma coda avaliativa (Labov, 1972; Bastos e Biar, 2015), uma moral da história que passa a indexar (não exclusivamente) conteúdos correlacionados à história de Sarda e sua saída da Cracolândia.

³⁰ Quanto mais uma *hashtag* é usada, mais aquele conteúdo se torna “encontrável”, ou seja, há mais pessoas acessando-o e fazendo-o circular. As *hashtags* mais aplicadas passam assim a compor “os assuntos mais falados” (em inglês os “*trending topics*”).

Digo não exclusivamente porque basta que esta mesma frase (precedida pela cerquilha) seja associada a qualquer outro conteúdo semiótico (e qualquer um pode fazê-lo) para que brotem novas combinações entre “etiqueta” e conteúdo, resultando na criação de novos significados.

Assim, o efeito desta liberdade total de criação de categorias é que não se pode absolutamente prever ou controlar os futuros significados que advirão destas combinações, a que conteúdos levarão. Hoje a *hashtag* “somos todos da mesma turma” nos conduz a conteúdos indexados a partir da história de Sarda/ Carlos Eduardo Maranhão e sua saída da Cracolândia, mas isso já não se pode dizer de novas marcações que poderão eventualmente ser criadas a partir de uma mesma etiqueta. Somente as buscas futuras dirão.

A indexação também me é especialmente cara, porque, posicionada que é esta pesquisa, ao ser publicada deverá reindexar o discurso de Carlos Eduardo às pautas originais projetadas pelo coletivo de que fazia parte. Neste processo, novas rotas discursivas se abrirão, viabilizando uma “volta ao assunto”.

Cronotopos

“Espaço-tempo” é a acepção de dicionário para cronotopos, invertida a ordem dos termos, tal qual acontece no inglês. O termo poderia, sem muito prejuízo, ser usado aqui de modo intercambiável com “contexto”. Cronotopos como categoria analítica extrapola estes sentidos, se correlacionando com outros aspectos como a identidade de estudante de Cadu, a temporalidade

Assim como o contexto, os cronotopos (o nexos *online-offline* é um deles), está sempre em processo, em movimento, levando à criação de significados em situações sociais concretas. “Contexto é sempre contextualização (...) altamente imprevisível, em evolução, dinâmico e instável.” (Blommaert; Smits; Yacoubi, 2018, p. 3).

Blommaert (2018a) intitula um de seus artigos sobre o cronotopo com esta pergunta provocativa: “Precisamos de uma nova palavra para contexto?” Para o autor, sim, há serventia nisso:

precisamos de novos termos, ou de termos renovados, muitas vezes apenas para conferir a validade dos termos antigos. Neologismos, sob este ângulo, são jogos mentais para nos lembrar da tarefa sempre contínua de verificar a qualidade de nosso vocabulário analítico (Blommaert, 2018a).

Como categoria de análise nas ciências humanas, o cronotopo foi ressignificado pela primeira vez por Mikhail Bakhtin (1981) a partir de seu uso original na Matemática e na Teoria da Relatividade de Einstein. Bakhtin abandona seu significado original nestas ciências exatas para aplicá-lo à análise e definição de gêneros literários. Os exemplos que cita falam por si: o tempo da aventura no romance grego, o cronotopo da estrada, do encontro; o cronotopo do castelo, dos cafés e dos salões, dos limiares e da crise, como escadas e corredores (Bakhtin, 1981). O cronotopo reflete a inseparabilidade entre tempo e espaço, considerando o tempo uma quarta dimensão deste último.

O cronotopo de Bakhtin é fluido em sua ressignificação, é fugidio, está sempre em movimento. “Não há truques para solidificar o cronotopo” (Blommaert, 2018a). Perrino (2015) destaca o trecho em que Bakhtin fala desta fluidez e da relação de dialogismo que os cronotopos cravam entre si:

Cronotopos são mutuamente inclusivos, coexistentes, podem alternar-se, substituir-se ou se opor um ao outro, se contradizer ou estarem em relações ainda mais complexas. A característica geral destas interações é que são dialógicas (Bakhtin, 1981, p. 252 *apud* Perrino, 2015, p.145).

Esta afirmação é útil para entender os muitos modos como o conceito é retirado de seu contexto original (a Física, a Matemática) e entextualizado como categoria analítica tanto para se pensar gêneros literários quanto, posteriormente, a partir da interpretação de Blommaert (2015a) e Blommaert e De Fina (2017), para se (re)pensar o contexto e a relação entre contexto e identidade.

O cronotopo passa a ser investigado como ferramenta que ilumina o entendimento das identidades de modo nuançado e sensível ao contexto, inclusive nas práticas discursivas no nexa *online-offline* (Blommaert, 2018d). Pensar as identidades em termos de processos (fluidos como os cronotopos), ajuda a compreender que

as pessoas não ‘entram’ nos cronotopos já existentes, mas os reconstruem a partir de arranjos morais pré-textuais e intertextuais prévios”. É como um paradoxo, algo “*a priori* e não *a priori*; uma fonte mas também uma ação, algo dado mas também criado (Blommaert, 2015a).

Ainda que fluida, a relação entre identidades e cronotopo é altamente específica e se revela nos detalhes (Blommaert, 2020a). Assim esta categoria também revela modos de observar as identidades de Cadu a partir dos três subconjuntos de dados, que são também três cronotopos distintos: (i) Cadu como um dos ativistas e figura

lendária da Cracolândia, detentor de saberes retratado na etnografia de Roberta Costa; (ii) Cadu como orador de um discurso em que transita entre mundos e revela sua mobilidade de alto alcance; e finalmente (iii) Cadu como o colega de escola que no recado em áudio reconhece e é reconhecido pelos seus pares.

Blommaert (2015a) registra em suas pesquisas que antes mesmo de Bakhtin o conceito de cronotopo se insinua em Bourdieu e Passeron (1964 *apud* Blommaert, 2015a), ainda que os autores não tenham usado esta nomenclatura. Em *Les Héritiers, os Estudantes e a Cultura*, clássico da Sociologia que ajuda a inaugurar o campo, os autores antecipam “uma das descrições empíricas mais precisas do conceito de Bakhtin” (Blommaert e De Fina, 2016) quando descrevem “o tempo e espaço especiais em que vivem os estudantes” (Bourdieu e Passeron, 1964 *apud* Blommaert, 2015a).

Este estudo sobre estudantes universitários na Paris do final dos anos 60 é também muito feliz em captar a relação contexto-identidade em termos cronotópicos, como no trecho a seguir, sobre estudantes em internato e coabitação (grifos meus):

Se há ali um corpo de tradições orais ou escritas, ritos de iniciação e de passagem, um código de interrelações que estabeleça a hierarquia dos mais velhos, o uso de gírias para o que haja de mais específico nesta experiência, e enfim, **um “espírito” que reconhece e se faz reconhecer, para o resto da vida, os ex-colegas, isso é antes de tudo o espaço e o tempo (...) o ritmo da vida e a distribuição de pontos no tempo** (Bourdieu, 1964, p. 51).

Esta ideia de “um espírito que se reconhece se faz reconhecer” está presente também em Blommaert (2015a), que o trata como “uma sensação de experiência compartilhada”, ou seja, o cronotopo é também um sentimento, um afeto. Assim, quanto mais coletiva, mais palpável a experiência de um cronotopo, como o que acontece no ano da escrita desta dissertação, iniciada na declaração de emergência global da pandemia de Covid-19.

Esta primeiríssima aplicação da ideia de “um tempo e espaço especiais” para descrever o clima, a “ambiência” dos “tempos de estudante” encontra paralelo perfeito no contexto desta pesquisa. Afinal a memória deste “cronotopo escolar” — os tempos de escola — é a força de atração e motor dos afetos entre os ex-colegas (esta pesquisadora inclusa) que se empenham na recuperação da identidade do Alemão da Cracolândia como o Sarda da turma de ensino fundamental e como o Jesus da turma do ensino médio.

A este “espírito que se reconhece ou se faz reconhecer” de Bakhtin (1981), ou a esta “sensação partilhada” mencionada por Blommaert, vou chamar aqui de “sensibilidade cronotópica” e a partir dela proponho pensar o contexto da Cracolândia como um cronotopo, um espaço com temporalidade e regras próprias de “funcionamento”, exatamente como uma “Zona Autônoma Temporária” (*Temporary Autonomous Zones*), conceito que dá título ao livro de Hakim Bey (1991). TAZ são espaços de refúgio criados pelos piratas e corsários em fins do século 18, enclaves que a partir de uma rede de informações “abrigavam comunidades intencionais, mini-sociedades que conscientemente viviam fora da lei e estavam determinadas a continuar assim, ainda que por uma temporada curta, mas alegre” (Bey, 1991).

Zonas Autônomas Temporárias são cronotopos, como faz “sentir” o trecho a seguir que, apesar de longo, insisto em reproduzir pela perspectiva fractal em que nos lança, relacionando tema, contexto e modos de pensá-los.

(O paradoxo que ofusca toda a diversidade cultural e toda a individualidade para que “todo lugar seja igual ao outro”) cria “ciganos”, viajantes psíquicos guiados pelo desejo ou pela curiosidade, errantes com laços de lealdade frouxos (na verdade, desleais ao “projeto europeu”, que perdeu todo o seu charme e vitalidade), desligados de qualquer local ou tempo determinado, em busca de diversidade e aventura... Essa descrição engloba não apenas artistas e intelectuais classe X, como também trabalhadores imigrantes, refugiados, os “sem-teto”, turistas, e todos aqueles que vivem em trailers —

(...)

Esses nômades orientam seu percurso por estrelas estranhas, que podem ser núcleos luminosos de dados no ciberespaço ou, talvez, alucinações. Abra um mapa do território; sobre ele, coloque um mapa das mudanças políticas; sobre ele, ponha um mapa da internet, especialmente da contranet, com sua ênfase no fluxo clandestino de informações e logística; e, por último, sobre tudo isso, o mapa 1:1 da imaginação criativa, estética, valores. A malha resultante ganha vida, animada por inesperados redemoinhos e explosões de energia, coagulações de luz, túneis secretos, surpresas (Bey, 1991, p. 11).

A imaginação de outros espaços-tempos, como a TAZ, pode ser tomada como um exercício perspectivista de compreensão de alteridades. São aventuras por outras realidades, por outros modos de vida. O processo desta dissertação foi atravessado pelo evento pandêmico, aflorando sensibilidades cronotópicas na imaginação de outros cronotopos possíveis, o que o discurso da imprensa e do senso comum passou a chamar de “novo normal”

O ano vinte-vinte, em que reiniciei este trabalho, é índice da inauguração de outro espaço-tempo. Gradações de um “*status*” de “situação extrema” atingiram a todos em diferentes escalas. Isso está na reconfiguração de espaços (a casa, a rua, o trabalho) e do próprio corpo, no uso de artefatos como máscaras e escudos faciais.

Nas relações interpessoais e nas identidades, em novos limiares de aceitabilidade e demonstração física de afetos, em novas considerações do que seja abjeto e contaminante — um espirro, por exemplo. Novos paradigmas se manifestam também na (crescente) absorção e uso, em outras escalas e contextos, de um léxico de guerra e biossegurança, com palavras como quarentena, isolamento, crise sanitária, teletrabalho, etc.

Sobre como esta “nova” linguagem começa uma reconstrução de mundo(s) é tema da maior relevância que já se anunciavam em trabalhos como o de Briggs (2005), em que se expande o conceito de comunicabilidade usado nesta dissertação, na criação dos neologismos “biocomunicabilidade” e “biomediatização”, projeções de modelos culturais de conhecimento sobre saúde, nos quais, segundo o autor, os movimentos sociais têm grande importância, por se tratarem de modelos extremamente normativos (Briggs e Hallin, 2016).

Categorias em interrelação

Proponho agora pensar o diagrama (Figura 31) que ilustra as entextualizações e a viralização do discurso de Carlos Eduardo à luz da correlação feita por Briggs entre cartografias comunicáveis e cronotopos, como brevemente mencionado anteriormente:

(Estas) cartografias (comunicáveis) são cronotopos (Bakhtin, 1981) que projetam o discurso como emergindo de lugares específicos (clínicas, laboratórios, unidades acadêmicas etc.), como viajando por sites específicos (como conferências, salas de aula, jornais e Internet) e atividades (entrevistas, análise e publicação de dados, etc.) (...) As temporalidades que projetam podem ser lineares ou diretas (...) ou mais reversíveis e multifacetadas, como é o caso da comunicação pela internet (Briggs, 2007, p. 556).

O diagrama mapeia os locais de produção de discursos, e portanto, as próprias esferas de comunicabilidade. São o âmbito de produção (e projeção): do discurso acadêmico; do discurso midiático; do discurso das trocas cotidianas em redes sociais, etc. O diagrama pode ainda ser lido de modo cronotópico e esses locais são espaços-tempo pelos quais viajam os discursos (redes sociais, fóruns de discussão *online*, a mídia tradicional), sendo recebidos em outros cronotopos ou “locais”: o que inclui nossas redes pessoais, nossa relação com nossos dispositivos móveis e mesmo as localidades geográficas onde nos encontramos; todos espaço-tempos.

Da forma como ilustrados neste “rascunho de grafos”, estes subconjuntos e os traçados que se estabelecem entre eles podem ser lidos de “modo cronotópico”. As regiões do diagrama, delimitadas por cores, podem representar o espaço-tempo das mídias, da pesquisa acadêmica, o espaço-tempo de uma conversa particular.

Há uma qualidade cronotópica no discurso, como produção semiótica, que pode ser conceitualizado como algo que ‘circula’, se move virtualmente entre o tempo e o espaço da organização social (Silverstein, 2008, p. 6).

O manejo das metalinguagens desta sociolinguística contemporânea, com termos entextualizados de outras ciências (inclusive ciências duras) e impregnados de intertextualidade, exige alto grau de abstração. À medida que se avança nestas especulações, uma categoria ronda esta “constelação” imaginada até aqui, e esta categoria é escalas. A distinção das escalas nas quais os discursos se propagam acontece em um *continuum* macro-micro / micro-macro e estes são igualmente níveis de contexto. “Organizamos nossas vidas na interação entre macro e micro cronotopos” (Blommaert e De Fina, 2016).

Esta mútua constituição entre escalas maiores e menores, esta ideia de que o todo está na parte e a parte está no todo, é a própria definição de fractalidade, e já é apontada por Blommaert (2015a) e Blommaert e De Fina (2016) como presente nas instâncias cronotópicas, quando argumentam que a qualidade do que é generalizável implica em sua fractalidade.

Não haveria razão para que as práticas culturais cronotópicas fossem confinadas aos ‘grandes’ estágios da vida, porque mesmo em lapsos de tempo menores podemos ver a co-ocorrência não aleatória de configurações espaço-temporais e formas de práticas culturais e identitárias. (...) As regras da conduta macroscópica também se aplicam ao comportamento microscópico (Blommaert 2015a, p. 4).

A breve definição de cronotopo a seguir, que além de definir escala “numa escala” (!) aparentemente possível para os limites desta pesquisa³¹, também inclui outros construtos e esclarece a interrelação entre estas categorias:

³¹ Tudo existe em escalas. São escalares os escopos de alcance dos textos; são escalares os contextos. As repetições fractais atravessam escalas; macro não se opõe a micro. O significado se constrói em escalas. A conceituação e uso de “escalas” como categoria é algo que excede os limites desta dissertação. Busquei usar o termo em sua acepção “de senso comum”, por exemplo quando digo “O diagrama 30 que consta na página 50 desta dissertação foi rascunhado fora de escala.” Para mais, ver Blommaert (2015a), Silverstein (2008), Blommaert e De Fina (2016).

O cronotopo pode ser visto como pedaços invocáveis de história que organizam a ordem indexical do discurso; a escala, por sua vez, pode ser vista como o escopo de comunicabilidade destas invocações (Blommaert, 2015a, p. 4).

Ao pôr os dois conceitos em diálogo — escalas e cronotopo —, Blommaert estaria propondo pensar escalas cronotopicamente ou ao revés, pensar cronotopos de modo escalar? Muito provavelmente estes movimentos de pensamento não se excluem, e como na relação entre cronotopos, trata-se de uma oscilação. Nesta oscilação, o conhecimento é produzido indexicalmente, “nunca num processo de ‘análise’ linear; mas sim num processo que é avaliativo” (Blommaert, 2018c, p. 126).

É nesta travessia de escalas e de regimes discursivos que as forças descritas por Foucault (1999) atuam no discurso de Cadu. Para responder às perguntas que apresentarei a seguir, me arriscarei em correlações entre as categorias vistas até aqui com alguns dispositivos de controle e interdição ordenados por este autor.

Perguntas de pesquisa

Em sintonia com Branca Falabella Fabrício em suas indagações sobre “como (esta) ideia de trânsito permanente está afetando as teorizações contemporâneas acerca de nossas práticas discursivas” (Fabrício, 2014, p. 46) e inspirada pelas esquematizações de Bauman e Briggs (2003), desmembrei as perguntas de pesquisa iniciais — como e por que este discurso viraliza — nos seguintes tópicos, a serem investigados:

- i. O que os textos recontextualizados levam consigo, que significados se apagam, que outros surgem “pelo caminho”?
- ii. Como varia a recepção destes discursos: quais são seus efeitos nas diferentes “turmas” às quais Carlos Eduardo pertenceu: a turma do fluxo e do Coletivo *A Craco Resiste* e seus antigos colegas de escola.
- iii. Ao ser recontextualizada pela mídia tradicional, e ao “final” televisionado em rede nacional, que aspectos da história maior são postos em destaque e que apagamentos se revelam?
- iv. Como, nestes trajetos, atuam as questões de poder? Ou seja, como alguns indivíduos têm mais direitos aos descentramentos e transformações daquela fala?

- v. Como esta história, ou este personagem, “fura bolhas”, o que faz viralizar? Em outros termos, como este acontecimento linguístico mobiliza e atravessa diferentes circuitos — e quais são os efeitos disso na esfera de macro discursos sobre saúde pública, política de drogas e populações em situação de rua.

É o que buscarei responder à luz da Teoria da Comunicabilidade (Briggs, 2005; 2007) com a ajuda desta “constelação” de categorias que no ambiente virtual se sobrepõem — entextualização, indexicalidade e cronotopos. Observarei como este discurso parte de seu contexto original para em caminhos e descaminhos, em “rotas errantes” (Moita Lopes e Fabrício, 2018) “contaminar” novas audiências, “situando-as social e politicamente” (Briggs, 2005, p. 6).

O que faço como analista, achar o significado em contexto, é algo alcançado indicialmente, ou seja, é um pacote multidimensional de efeitos, impregnado de avaliações, em que os elementos indexicais apontam para aquilo que conta como significado em um evento semiótico específico (Blommaert, 2015a, p. 108).

Este conhecimento invocado indexicalmente nunca é neutro, mas sempre avaliativo, e neste sentido, moral e intrinsecamente histórico, regido e organizado de modo a domar os “discursos perigosos” (Blommaert, Smits, Yacoubi, 2018; Blommaert 2015a; Foucault, 1999).

5

Cadu: o discurso

O discurso de nove minutos gravado em vídeo por Carlos Eduardo é o ponto de partida da trajetória textual sobre a qual me debruço. Ele se origina no cronotopo da produção acadêmica de Roberta Costa, pesquisadora e ativista da redução de danos, atuante na Cracolândia desde 2012.

O discurso de Cadu indicia a política de redução de riscos e danos que embasa a existência do movimento *A Craco Resiste*, além de travar embates com outras forças e vontades de verdade (Foucault, 1999) acerca de políticas de drogas e os tratamentos aos usuários problemáticos. Contrapõem-se os discursos sobre as práticas humanizadas de cuidado e da alteridade *versus* o discurso do higienismo, da segregação da loucura e do encarceramento; o discurso do antiproibicionismo ao discurso das “guerra às drogas” e suas consequências sociais.

A relação entre os nove minutos de vídeo e o texto dito é de um aproveitamento extremo do espaço-tempo. Isso acontece tanto em termos de pautas e agendas como no manejo dos recursos linguísticos e etnopoéticos, em citações, paralelismos, entextualizações, reversões lexicais, trocadilhos e a metarreflexão quase onipresente, principalmente em movimentos de inversão e suspensão de dualismos e na zombaria que parte de sua própria corporalidade extrema.

Questões metodológicas, uma antidefinição

São dois os suportes possíveis para a leitura deste discurso — o papel impresso ou um arquivo digital com hipertexto (um arquivo clicável, interativo) e por isso uma questão se coloca: como “fazer ver” (Cruz, Ostermann *et al.*, 2019).

Se em arquivo interativo, clicará o leitor saindo deste suporte e acessando os *links* disponíveis? Durante a leitura ou depois, em outra ocasião? Estes “avisos” são para deixar dito o quão relevante é o acesso na recepção do discurso de Cadu.

As autoras, ainda no artigo citado, mostram tudo (mais) que poderia ser observado a partir de análises multimodais de dados em vídeo, por sua riqueza (Cruz, Ostermann, *et al.*, 2019). Tais metodologias revelariam (ou decodificariam), por exemplo, a relação entre Carlos Eduardo e câmera, em uma “perspectiva corporificada da interação (Streeck; Goodwin; LeBaron, 2011a, *apud* Cruz, Ostermann *et al.*, 2019),

“Como alerta Mondada (2008c), o registro em vídeo pode gerar dados primários extremamente complexos, sujeitos a várias transformações que os tornem aptos para análises” (Cruz, Ostermann *et al.*, 2019).

O objetivo das definições ao avesso a seguir é registrar como esta performance e este enunciado linguístico se autoexpandiriam em possibilidades de análises. Na transcrição possível imaginada pela analista não há notações, transcrição ou descrição de gestos; não se empreendeu o esforço de “fazer ver”, ou o de distinguir o ver através da câmera e o ver com a câmera” (Büscher, 2005; Mondada, 2012 *apud* Cruz, Ostermann *et al.*, 2019); não é uma análise multimodal e não está baseada nos fundamentos da videoanálise, portanto desconsidera toda “uma ecologia de sistemas semióticos” e “possíveis representações oro-audiovisuais” (Cruz, Ostermann *et al.*, 2019, p. 3)

A transcrição do discurso não segue critérios normatizados, como em outros campos dos estudos da interação. A decisão metodológica sobre apresentar estes dados é contaminada pelos afetos disparados em mim. O acesso à cena “completa” — som, imagem e posterior acesso ao “*making of*” faz crescer as expectativas quanto à recepção do discurso pelo leitor, na incerteza imponderável se a mídia referenciada será assistida ou não, e na certeza de que o texto deve bastar-se. Nesta aposta de que o trabalho deva se autoexplicar, a seguir um rascunho (novamente caseiro) do que seria uma descrição “para cego ver”, com apontamentos de alguns aspectos paralinguísticos da performance.

Descrição da cena

A tela inicia com o logotipo de *A Craco Resiste* todo preto sobre fundo branco. É um símbolo composto de dois antebraços cruzados, punhos cerrados, cada um segurando um cachimbo, que não são iguais. A imagem do logotipo permanece por três segundos durante os quais ouvimos uma tosse seca. O logotipo vai se esvanecendo e surge a imagem de Carlos Eduardo, um homem ruivo de barba muito cheia. Está acorado na calçada de pedras portuguesas de um amplo espaço na frente de algum edifício histórico no centro de São Paulo. Seu joelho direito está flexionado com o cotovelo do mesmo lado apoiado sobre ele; no antebraço, coberta pela manga da camisa, uma tatuagem pela metade. Seu outro braço serve de apoio no chão, atrás de sua lombar. Usa um boné escuro com a aba virada para frente, camiseta polo de listras largas; segura um cigarro aceso e um isqueiro encaixados na mão direita; a

cinza cresce e cai, ele não traga durante a gravação. Seus dentes são maltratados, enquanto fala movimentando o tronco para frente e para trás. Olha múltiplas vezes para seu lado esquerdo por sobre o ombro, ficando de perfil com a câmera. Estas viradas de cabeça coincidem com suas pausas, e o gesto de virar é mais lento ou mais brusco, a depender. Por muitas vezes aproxima-se demasiado da câmera, a ponto de afetar o foco. A câmera também se aproxima e se afasta. Em uma destas aproximações percebe-se que usa um colar apertado no pescoço com uma medalha pequena. Aos 6'25" Cadu deixa de apoiar sua mão esquerda no chão e passa a usá-la aberta, aproximando-a da câmera. O tom é professoral e pausado; há altos e baixos, acelerações e reduções de ritmo em sua prosódia; o efeito montanha-russa continua no modo como entra e sai dos assuntos, pelo uso da zombaria e suas derivações: ironia, autosarcasmo, compaixão e desprezo reverso (Miller, 1997).

Outra questão de método foi o modo afinal escolhido — ou criado — para reproduzir aqui o texto do discurso. O “aproveitamento máximo” já mencionado pede que o discurso seja “coado”, separado em sua desordem de “sopa mal batida”. É assim “mineração de dados”, mais um rascunho caseiro, à moda da *bricoleur*, no improvisado. Este tipo de mineração, diferente da maquínica, é impregnado pela história dos dados e pela subjetividade da pesquisadora.

O texto chega a este capítulo de análise em alguns movimentos de entextualização: passa pelo *feed* nas redes sociais, pelo gesto (sempre transformador) das transcrições e chega aqui *também* sendo decalcado do subcapítulo de Roberta Costa. Neste último transporte foram expandidas as suas “bordas”, literalmente sua moldura. O conhecimento destas margens (do contexto) cria novos significados relacionados à sua fala, e por esta razão virão reproduzidos trechos imediatamente antes do ligar da câmera e depois, como se verá a seguir.

No texto, para se localizar

Segue-se agora o texto corrido do discurso, que é “interrompido” em paragens estabelecidas pela analista. As ênfases envolvem o **negrito** em inserções entre colchetes na margem direita do texto. O texto do Cadu está todo em itálicos, e os grifos são da analista.

Cadu

À página 256, em Costa (2017), lê-se:

Voltamos para a Praça Júlio Prestes e o Alemão, antes de sentar, arrancou um pedaço servido do bloco que tinha acabado de comprar, arrumou o seu cachimbo, acendeu e trago com gosto uma quantidade considerável de crack (...)

O trecho, além de dar a localização geográfica exata da gravação do vídeo, nos informa que Cadu havia acabado de comprar uma grande quantidade de crack (estava livre do sentimento de fissura, da noia) e que no momento estava sob o efeito de um trago, como conta Roberta:

Terminou seu trago, sorriu, sentou e disse que podia começar a filmar. A Alice já estava pronta, deu o play na câmera e eu no gravador:

Então, essa Craco Resiste não é que o crack seja bom ou ruim, uso de drogas presta ou não presta. Esse debate já existe, né?

Até aonde eu pude averiguar, como dependente químico, é uma doença, né? Pra certas pessoas é safadeza, pra mim são ambos. Existe safado doente e existe safado que não é doente também, né? Tem lixo humano doente de dependência química e tem lixo humano político também acho eu, né?

[Suspensão de binarismos; reversões lexicais;

perspectivas cruzadas na construção do que seja doença, do que seja lixo]

Então, independente do perfume que eu use, que eu nem uso, né, eu não lavo o dente há oito anos, tá? É verdade, para quê que eu vou lavar o dente? Pra rir bonito pros políticos inábeis que me chamam de lixo humano? Eu tomo banho no máximo uma vez a cada dez dias e olhe lá! Eu não uso desodorante e não tenho cecê, tá bom? Tá ouvindo bem isso? Eu também não tenho mau hálito não, viu? O PH é alto, da minha boca. Mas tão caindo os dentes, mas para quê tanto dente?

[abjeção corporal; autoabandono; zombaria]

Porque na verdade, né, não há mais muito o que comer, né? Tem muita comida de doação, mas eu não vivo de comer de doação. Eu agradeço muito a quem doa, mas eu não tenho capacidade de comer salsicha todo dia. É muito ruim, viu, senhor Prefeito? Senhor Perfeito.

[zombaria; entrelugar social]

Num dá, eu não consigo não sacanear, porque na verdade, senhor Perfeito, pro senhor Perfeito me parece que quando diz que o que tem aqui é lixo humano, e que o projeto de braços abertos, de braços abertos com a morte, né?

E que pretende usar só o outro projeto aí que considera a hipótese de internar compulsoriamente as pessoas, coisa que nem no manicômio mais pode, a lei parece que já não permite mais isso, depois tem que soltar todo mundo...

[metareflexão; luta antimanicomial e contra a internação compulsória;

trocadilhos; zombaria]

Tá me parecendo que pro senhor Perfeito é apenas algum tipo de vaidade, ou quem sabe até um problema estético. Porque para mim, eu acho que o que interessa a esse homem é que aqui fique bonitinho, né?

Eu também acho que tem que ficar bonitinho, só que os fins não justificam os meios. Isso deu em nazismo, e essa maneira de pensar pode dar numa espécie qualquer de nazismo aqui, certo? Ou errado, num sei. Eu num quero nem tá certo nem errado.

[crítica à política higienista; suspensão de binarismos]

Eu só num quero, tá, além de ter os problemas que eu tenho, né? Que eu tenho que me sustentar, num é um problema, é normal, todo mundo tem que se sustentar. Mas eu tenho uma dependência química. Eu tenho que sustentar alguma droga, é caro, viu?

*Eu durmo na rua por conta disso, às vezes a gente pega uma infecção ou outra, tem que tá se tratando... Olha aqui que beleza como tá minha perna, né? **Tá um lixo, né, Perfeito?***

[autoconsciência da dependência e do abandono corporal; zombaria]

*Mas o que ocorre é o seguinte: eu tomo antibiótico pra isso, eu tomo, o posto de saúde dá. **Tem gente que ainda faz por onde, né?** Que sabe que o seu **problema estético** tá muito aquém, né, do **problema ético** que é a gente ter uma estética dessas no meio duma cidade rica como São Paulo, né?*

[alusão ao trabalho social realizado na Cracolândia;

trocadilho entre ética e estética]

Então não adianta, não adianta o senhor querer maquiagem ou acabar com quem usa crack, com quem é lixo humano de acordo com o seu julgamento, né, que às vezes pode ser que não seja perfeito, né, senhor Perfeito? Deve ser isso, só pode ser.

Então vamos com calma, vamos com calma porque uma coisa eu digo pro senhor: o que há aqui não é o que há de melhor, mas também não é o que há de pior.

[mobilidade de patamares;

suspensão de binarismos;

as vidas que não são vivíveis]

*Simplesmente há uma concentração de pessoas que sofrem de uma doença que, infelizmente pode ser ligada, **eu tenho que admitir**, à criminalidade, tá?*

[franqueza desconcertante]

*Agora, o senhor chegar, e querer tratar isso como um câncer, como já quiseram fazer em 2012, e extirpar o câncer, o que vai acontecer é que esse tipo de câncer não tem tratamento, **ele vai dar metástase na cidade inteira**. O senhor vai desfazer uma Cracolândia pra conseguir vinte. Isso é inteligente?*

[conhecimento de causa;

o ano de 2012 como marco; zombaria]

*Ou então pra conseguir muita crítica pesada, porque **no final, no final, no final, no final, né...** Eu hoje tenho vergonha de ser brasileiro, sim não tenho orgulho não, tenho vergonha, mas lá no final ainda sabe-se que o que tem por trás de pessoas pobres, dependentes químicas, não dependentes químicas, trabalhadoras, preguiçosas, deficientes, inteligentes, burra, o que for, tá, **existe o ser humano**, né?*

[inclusão; quais são as vidas vivíveis?]

E ao que me parece esse caminho que o senhor tá querendo tomar para resolver esse não é um problema, pra resolver essa si-tu-ação, problema é o que cês querem que seja, mas isso não é problema, isso é situação e ela ocorre mundialmente, em todos os lugares.

[diferença entre problema e situação]

Existe a solução chinesa, que é dar tiro na nuca das pessoas que usaram droga e existe a solução, por exemplo, norte-americana que é dar a condição das pessoas usarem a sua droga. Pra você ver, você me parece que é um cara que admira os Estados Unidos, né? Faz igual a eles, dá condição, tá?

[formas de tratamento;

política de redução de riscos e danos; zombaria]

Então, quer dizer, então é, extirpar isso aqui, não é por aí, tá?

[conhecimento de causa]

E existem lá, lá no fim, as pessoas votando [aqui pairam dúvidas entre “votando” e “voltando”], que sabem que existe seres humanos aqui. Eu ainda não tenho vergonha de ser humano, mas eu tô começando a pegar, porque eu, após ouvir certas declarações como essa que o senhor fez, senhor Perfeito...

E é o seguinte, né, eu acho que ninguém é perfeito, então, Prefeito, agora vou te chamar de prefeito sem brincadeira, porque eu não tô brincando...

[afirmação de vidas vivíveis

redefinição de contágio; metarreflexão]

É, não há problema nenhum em dizer “pô exagerei aí, chamei um monte de gente de lixo humano e mal sei eu que tem cara ali que é formado em universidade, que tem outro que já foi um policial militar, que tem outro que de repente estudou no mesmo colégio que eu, que a maioria tem mãe, filho, irmão, que num nasceu de chocadeira”.

[troca de perspectiva com o prefeito;

inclusão; alusão ao cronotopo escolar]

Eu entendo que no calor da política o senhor tenha dado uma declaração um pouco mais forte, mas ela gera, ela causa receio, porque ela, ela é bastante fascista, ela é fascista e a gente não pode dar nenhum passo atrás agora, não nesse momento.

A gente precisa andar pra frente, pra frente é que se anda!

[empatia pelo prefeito;

entextualização de um dito popular]

Se o senhor já ouviu Beto Guedes, ele fala bem claro: “Vamos precisar de todo mundo, um mais um é sempre mais que dois, né? Terra é o mais bonito dos planetas, né? Tão te maltratando por dinheiro, tu que és a nave nossa irmã, nossa mãe”, não sei, Beto Guedes é maravilhoso. O senhor nunca deve ter ouvido essa música pelo que o senhor falou; porque quem já ouviu essa música num consegue colocar todo um universo flutuante de mil pessoas, ele inteiro como lixo humano.

[entextualização de versos de Beto Guedes;

empatia pelo prefeito; inclusão]

Sabe, a minha vontade de chorar não é de raiva de você não, cara, é de tristeza da possibilidade de ter uma pessoa tão limitada, tão limitada com relação a compreender o outro, né, com um poder tão grande que é o de ser prefeito de São Paulo.

[alteridade e empatia; o cerne da pesquisa qualitativa]

O senhor tem um poder muito grande na sua mão. Quanto maior seu poder, maior a sua responsabilidade, consigo e com os outros, então eu peço a sua ajuda pra nós podermos conseguir uma, não uma saída, um caminho digno, esteticamente também, eu gostaria de poder andar mais bonito, tá? Mas existem coisas mais importantes antes disso, tá? Eu paro por aqui.

[empatia pelo prefeito; conhecimento de causa;

diferença entre saída e caminho; resultado e processo; crítica ao higienismo]

(Costa, 2017, p. 256-257)

Após a transcrição do discurso, ao final da página 257, a descrição da cena continua após o fim da gravação:

A filmagem parou por aqui, mas o gravador continuou mais um pouco e transcrevo pelo seu caráter que se provou posteriormente profético. “Vamos ver se ajuda alguma coisa. Mas o importante é ter os 300 *habeas corpus*. Vocês podem usar o que quiser, **só preciso ter certeza que as informações que vocês me deram são verdade**, porque falei em cima do que vocês me disseram (...) Coitada da minha mãe, vai ter até o Fantástico na porta da casa dela lá no Rio” (Costa, 2017 p. 256-7, grifos meus).

Após o desligar da câmera está indiciado o principal gatilho para a gravação do vídeo — a confiança de Cadu nos integrantes de *A Craco Resiste*, quando diz: “*preciso ter certeza que as informações que vocês me deram são verdade, porque falei em cima do que vocês me disseram*”. Esta confiança é o *vínculo*, sem o qual este depoimento não teria acontecido. O *vínculo* é uma categoria de análise nas pesquisas sobre a Cracolândia e aparece de modo recorrente na produção de discursos sobre e a partir deste lugar.

No mesmo trecho também está indiciado o papel de Carlos Eduardo como porta-voz de causas do território, na alusão de que há discursos e pautas construídas conjuntamente, e é este o cerne de *A Craco Resiste*, como se verá no próximo capítulo de análise. Em seguida Cadu menciona seu projeto político maior, o desejo de extensão de sua conquista individual aos companheiros de luta e território: “*Vamos ver se ajuda alguma coisa. Mas o importante é ter os 300 habeas corpus*”.

E por fim, a fala que indicia o título do subcapítulo: *Cadu, um Profeta do Caos*. Sua declaração é precedida das reticências entre parênteses, o que indica que houve trechos de conversa não reproduzidos na dissertação: Ele diz:“(..) *Coitada da minha mãe, vai ter até o Fantástico na porta da casa dela lá no Rio*”²⁷². (O que de fato aconteceu.)

258

disseram. (...) *Coitada da minha mãe, vai ter até o Fantástico na porta da casa dela lá no Rio*²⁷².



Figura 38 – Cadu logo após a gravação do seu vídeo / Foto: Alice Vergueiro para esta dissertação

A vigília mesmo nem havia começado no ponto em que parei a descrição, aconteceram várias outras coisas inesquecíveis nesta noite. Nesse dia ficamos na *Craco* para além das 3h da manhã. Depois da vigília, por volta das 4h, passamos na Praça Roosevelt para

A imagem acima (novamente a figura 28) é um recorte da página *após* a transcrição do discurso (Costa, 2017, p. 258), que traz uma fotografia em que Cadu segura um pedaço de papel à guisa de claquete escrita de próprio punho: “Sr. Carlos Lixo Humano Eduardo”. Ser chamado de lixo não é novidade para aquela população; a novidade é o prefeito de uma cidade assim se referir a uma parte dos seus

habitantes, e é o torna desta incapacidade do prefeito de *compreender o outro* que Maranhão elabora sua argumentação.

O papel com mais um de seus “apelidos” indicia seu “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” para *A Craco Resiste*, o documento que autoriza o uso de sua imagem quando assina Carlos Eduardo e adota “lixo humano” como seu nome do meio. Esta imagem também indicia que pertence unicamente ao próprio sujeito a prerrogativa de assim se nomear, só ele pode chegar a isso na descrição de sua abjeção, da qual é consciente, e até dela debochar, como Cadu não deixa de fazer — “*olha como tá a minha perna, tá um lixo, né Sr. Perfeito?*”

O exame deste discurso a partir de seus índices é mais um modo de olhar. A pergunta feita a este segmento de dados é: quais são os principais índices detectados e para que apontam? Quais os efeitos discursivos observados? Os múltiplos índices apontam para duas macrocategorias: a abjeção corporal (e os afetos que essa condição mobiliza), e as inversões simbólicas e hierárquicas, presentes nas trocas de perspectiva, reversões lexicais e suspensões de dualismos que Carlos Eduardo propõe.

Não é que o crack seja bom ou ruim, que o uso de drogas presta ou não presta, (...) eu não quero estar certo nem errado (...) o que há aqui não é o que há de melhor, nem de pior.

O trecho acima, com o qual ele inicia seu discurso, é apenas a primeira de uma série de suspensões e reversões lexicais que ele vai experimentar e que estarão pontuados abaixo. Movimentos como estes indiciam a mobilidade dos patamares, as instabilidades de nossas certezas, a questão primária da filosofia, nossas “vontades de verdade” (Foucault, 1999).

O gatilho para a fala de Carlos Eduardo é a palavra “lixo” saída da boca do prefeito para se referir aos moradores de rua e usuários de drogas — um modo de literalmente classificar estas vidas como não vivas. Este também é o gatilho para a criação do próprio coletivo, a quem Carlos Eduardo cede sua imagem.

A organização da *Craco Resiste* aparece como uma resposta às declarações do prefeito recém-eleito que deu a entender que a Cracolândia e as pessoas que ali ficam são um lixo vivo que ele pretendia limpar (Costa, 2017).

Índices fazem estas ligações de dupla seta num *continuum* de instâncias de realidade; ao atravessar escalas, criam significados nas constantes atualizações e reconfigurações entre manifestações linguísticas cotidianas (os discursos com “d” minúsculo) e estruturas maiores (os discursos com “D” maiúsculo) como “nuvens de grandes temas que pairam”. Estes macrodiscursos são por sua vez constantemente reconstruídos e reconfigurados nos registros microescalares, como aqueles das produções etnográficas, em retroalimentação, como se pode observar na fala de Carlos Eduardo.

É como se ele houvesse lido todas as etnografias produzidas recentemente sobre o território e, de improviso, as tivesse regurgitado em forma de índices. Estes apontam para estas outras escalas, como a produção de conhecimento em uma dada esfera de comunicabilidade — as pesquisas acadêmicas principalmente nas áreas das ciências humanas e das ciências da saúde que se vem fazendo na Cracolândia paulista³², e neste sentido o ano de 2012 é um marco indiciado nesta fala, junto com a construção de Carlos Eduardo como conhecedor de causa.

Como tal, Carlos Eduardo cria motes, em pares com os quais ele joga. Ele diferencia saída de caminho. Não há saída, mas há um caminho; problema é uma coisa, situação é outra. Nem o melhor, nem o pior. Doença ou safadeza? “*Pra mim são ambos*”. E o gatilho, lixo: “*Tem lixo humano doente de dependência química e tem lixo humano político também*”.

Ele segue no comando dessa gangorra. A franqueza desconcertante nos carrega nas oscilações, suspensões, reversões. Em uma destas vertigens o Alemão gargalha ainda mais espaçoso. O trecho de fala coincide com o momento que ele troca o apoio de braços, seu corpo físico relaxa, ele ri muito, para dizer “dá condição” (de se usar a droga).

Existe a solução chinesa, que é dar tiro na nuca das pessoas que usaram droga e existe a solução, por exemplo, norte-americana que é dar a condição das pessoas

³² COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Catálogo de Teses e Dissertações**, 2016. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 13 mai. 2021.

usarem a sua droga. Pra você ver, você me parece que é um cara que admira os Estados Unidos, né? Faz igual a eles, dá condição, tá?

O ano de 2012 é um índice detectado no discurso de Cadu, e aponta para o conhecimento de causa, o saber do usuário valorizado no paradigma da filosofia da redução de riscos e danos. É o ano da histórica Operação Sufoco, também chamada Operação Dor e Sofrimento por conta da declaração do então coordenador de Políticas sobre Drogas da Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania, que afirmara que, “ao infligir dor e sofrimento aos usuários de *crack*, eles buscariam ajuda e tratamento” (Magalhães, 2017). É também o ano da publicação da premiada tese de Taniele Rui, “*Corpos Abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*”.

Agora, o senhor chegar, e querer tratar isso como um câncer, como já quiseram fazer em 2012, e extirpar o câncer, o que vai acontecer é que esse tipo de câncer não tem tratamento, ele vai dar metástase na cidade inteira. Isso é inteligente?

Em seu “diagnóstico” com direito a pergunta retórica o “professor” Cadu indicia a mais violenta operação na Cracolândia até então, mas, em outra direção, também o ano em que os habitantes e frequentadores da Cracolândia passam a ser vistos como sujeitos de direitos, tendo sido ele próprio um símbolo disso. Esta importante guinada foi analisada por Rui (2013), em artigo que se propõe a “observar o encadeamento discursivo de um tipo de pressão pela efetivação de direitos, inédito na história da ‘cracolândia’”.

Esta mudança de paradigma, “a produção de um novo tipo de sujeito de direitos, o dependente químico em situação de rua” (Rui, 2013, p. 300) acontece após ação civil pública movida pelo Ministério Público estadual contra o Governo do Estado de São Paulo alegando a completa ineficiência deste tipo de operação.

A ação foi construída a partir da tese de ineficiência da “Operação Sufoco”, com fins de notar a concretização da ideia de que *dependentes químicos em situação de rua* têm direito a ter direitos (...) (Rui, 2013, p. 292).

Como relata Rui (2013), “nos dizeres do MP, a ação ‘gerou graves violações aos direitos humanos, ofendeu princípios do Estado democrático de direito e

desperdiçou vultosos recursos públicos’ (*op. cit.*, p. 97)” (Rui, 2013, p. 298). Um trecho da ação movida pelo Ministério Público, reproduzido por Rui, dispõe:

Quanto ao sagrado direito de ir, vir e ficar, as pessoas o perderam quanto ao vir e ao ficar; só podiam ir. Não lhes era possível permanecer nas vias públicas; tinham que circular, ainda que a esmo e sem destino, dando voltas nos quarteirões, em bizarros movimentos que a imprensa denominou procissões (Geertz, 1997, p. 45 *apud* Rui, 2013, p. 296).

Em nota, a autora salienta que “dependentes químicos em situação de rua” foi a terminologia usada na ação para se referir às pessoas que usam crack e que sofreram diretamente os impactos da operação, cuja cobertura jornalística se estendeu por pelo menos um mês. A operação foi considerada um espetáculo policial e midiático, uma “teatralização do poder” (Rui, 2013), de caráter efêmero, cujo principal desdobramento,

certamente a contrapelo das intenções de seus mandatários, foi a denúncia dos abusos da corporação levada a cabo por defensores e promotores públicos, bem como uma tensão na cobertura midiática, configurando tipos de mediação inéditos para a área e, por sua vez, conformando novas arenas de disputas (Rui, 2013, p. 292).

Uma destas defensoras públicas atuantes durante a operação era Daniela Skromov, a mesma que assinou o pedido de *habeas corpus* de Carlos Eduardo. A fala de Carlos Eduardo, com seus índices apontando para a coletividade e a inclusão, *não* revela seu papel e sua vitória individual na Operação Sufoco (a obtenção de seu *habeas corpus* preventivo). O instrumento jurídico é mencionado apenas quando a câmera de vídeo é desligada, como dito, na “borda” do discurso que entextualizo nesta análise.

À época, este feito individual foi pauta em um portal de notícias na internet³³ e em circuitos de comunicabilidade do meio jurídico³⁴. O fato também atravessou o cronotopo do conhecimento acadêmico, como relatado em artigo de Taís Magalhães (2017) que registra a intenção dos defensores públicos de estenderem o direito de ir e vir a outros cidadãos na mesma situação, mesmo desejo manifestado por Cadu: “*Vamos ver se ajuda alguma coisa. Mas o importante é ter os 300 habeas corpus*”.

³³MORADOR de rua ganha na Justiça o direito de não ser abordado pela PM. Terra, São Paulo, 26 abr. 2012. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/policia/morador-de-rua-ganha-na-justica-o-direito-de-nao-ser-abordado-pela-pm,7d1dac68281da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 1.º abr. 2021.

³⁴ Links disponíveis no subcapítulo 2.2.

O pedido de *habeas corpus* foi entregue ainda no mês de janeiro de 2012. Nesse pedido, consta o depoimento de Carlos Eduardo Albuquerque, usuário de *crack* que então vivia na região da “cracolândia” — no transcorrer da “Operação Sufoco”, foi alvo de abuso policial, foi humilhado e ameaçado nas várias abordagens policiais a que foi submetido, sem que houvesse qualquer razão ou justificativa para que fosse impedido de se manter e circular nos locais por onde transitava na região. Sob o argumento da patente violação dos direitos de Carlos, os defensores solicitaram a concessão de salvo-conduto em seu favor, ‘para que fosse garantido o seu direito de ir, vir e permanecer em locais públicos sem que fosse removido contra sua vontade, salvo se em flagrante delito ou por ordem judicial’. No pedido de *habeas corpus*, **os defensores solicitaram também que os efeitos de tal salvo-conduto fossem estendidos aos cidadãos que se encontrassem nessa mesma situação**, tendo como base o conjunto de denúncias que foram recolhidas pela Defensoria à época da operação (Magalhães, 2017, p. 6, grifo meu).

Uma nota de pé de página dá conta ainda de que:

Carlos Eduardo gravou um vídeo, relatando em detalhes esses episódios. O vídeo foi apresentado pela defensora Daniela Skromov em sua fala no seminário “A cracolândia muito além do *crack*” (Magalhães, 2017, p. 14).

As transmissões em vídeo deste seminário, acontecido na faculdade de saúde pública da USP em maio de 2012 e cuja programação está em nota³⁵, estão hospedadas no site da IPTV-USP³⁶. No entanto, a mesa da qual a defensora pública participou não foi disponibilizada em vídeo, restando a curiosidade sobre esta suposta performance anterior de Cadu.

Então vamos com calma, vamos com calma porque uma coisa eu digo pro senhor: o que há aqui não é o que há de melhor, mas também não é o que há de pior.

Esta reflexão, em que ele tenta situar a Cracolândia em algum caminho do meio da “normalidade”, da vida comum, afastando-se dos extremos — nem o melhor, nem o pior — indicia pelo visto algo que de tão recorrente e simbólico aparece em pichação no território, fissurando o binarismo que constitui o discurso hegemônico sobre drogas, seus usos e regulações. A pichação na Cracolândia é um modo de expressão que mereceria um estudo próprio que infelizmente não cabe no escopo desta análise. Tanielle Rui (2012) cita uma destas inscrições, que se liga diretamente à fala de Carlos Eduardo (grifos meus):

³⁵ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **A Cracolândia muito além do crack**, 2012. Disponível em: <http://fortalecimentoedestagaste.com.br/wp-content/uploads/2015/09/programa-seminario-a-cracolandia-muito-alem-do-crack.pdf>. Acesso em 13 mai. 2021.

³⁶ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **IPTV USP**, 2012. Disponível em: <http://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=6035>. Acesso em 13 mai. 2021.

Cena 3- Os muros da “cracolândia” apareceram pichados: “**Não estou tão bem quanto você pensa, nem tão pior quanto você deseja**” (Caderno de Campo, 03/12/2010) (Rui, 2012, p. 245).

(Esta) pichação (...) claramente indica uma comunicação, dirigida que está a um interlocutor (você), que parece servir de parâmetro à comparação e ao estado em que se encontra o “eu”. O que significa não estar tão bem, mas nem tão pior? Tão bem quanto quem? Tão pior quanto o quê? O que o pensamento e o desejo do outro têm a ver com o modo como o “eu” se encontra? (Rui, 2012, p. 246)

(...)(Os diferentes usos do *crack*), ao agruparem diferentemente traços, marcas, posturas, asseio e perda de peso, materializam múltiplas corporalidades e, por conseguinte, criam várias situações. Em cada uma delas, se opera a partir da comparação, **indicando variações entre estar “melhor” ou “pior” a algo ou alguém, num exercício de alteridade constante** – o que, veremos, é de suma relevância para compreender o modo como os sujeitos percebem a si mesmos (Rui, 2012, p. 280).

A questão da mobilidade de patamares, das vontades de verdade que atravessam os discursos (Foucault,1999) ao longo da história humana e de sua natureza socialmente construída, vem indiciada na fala de Carlos Eduardo, no uso da palavra *juízo*.

Não adianta o senhor querer maquiagem ou acabar com quem usa crack, com quem é lixo humano de acordo com o seu juízo, né, que às vezes pode ser que não seja perfeito, né, senhor perfeito?

Ser considerado “pessoa” ou lixo humano depende de um *juízo*, de uma normatização e indicia diretamente um ponto trazido por Butler (2015)

Decidimos que determinada noção particular de “pessoa” determinará o escopo e o significado da condição de ser reconhecido. Por conseguinte, estabelecemos um ideal normativo como condição preexistente de nossa análise; de fato, já “reconhecemos” tudo o que precisamos saber sobre o reconhecimento (2015, p. 19).

O que é abjeto? O que desperta nojo? Isso é algo que sempre dependeu de *juízos*, de *reconhecimentos* (que podem não ser perfeitos). A atualização dos protocolos de higiene e comportamento social em que a pandemia de Covid-19 nos lançou, por exemplo, nos oferece a abertura a entendimentos de como os protocolos de saúde e higiene são construções culturais renováveis e reconfiguráveis, parte do chamado processo civilizador.

O discurso que dá demasiada importância ao uso da norma culta é sensível a este (suposto) “desajuste” entre performance linguística e corporalidade extrema (Frangella e Rui, 2017); entre boa articulação de raciocínio e alteração da consciência.

E é nesse vácuo que Carlos Eduardo constrói sua argumentação que a todo tempo propõe trocas de perspectiva.

Como nos mostra Elias (1990), o principal sintoma de que somos parte deste contínuo processo é o desconforto que sentimos diante de relatos de hábitos que no passado eram perfeitamente aceitáveis, em “descrições que chocam o homem civilizado de um estágio posterior” (Elias, 1990, p. 70), ou seja, a nossa percepção da mobilidade das fronteiras e patamares da vergonha, “mudanças na conduta, maneiras e sentimentos de embaraço” (Elias, 1990, p. 85).

Assim a palavra *juízo* neste trecho e a renovação de um macro-cronotopo imposta pelo cenário pandêmico do ano da escrita desta dissertação tornam mais atual do que nunca a constatação de Elias, de que

É bem possível que nosso estágio de civilização, nosso comportamento, venham despertar em nossos descendentes um embaraço semelhante ao que às vezes sentimos ante o comportamento de nossos ancestrais (Elias, 1990, p. 73).

Esforços de compreender a higiene e a relação com corpo como valores inseridos em uma história das vontades de verdade, como imaginou Foucault (1999) ajudam a afastar a corporalidade extrema como o modo principal de olhar para os corpos na Cracolândia. Sobre isso, Elias já alertava:

“É necessário, pelo menos enquanto estudamos este processo, tentar suspender todos os sentimentos de embaraço e superioridade, todos os juízos de valor e crítica aos conceitos de civilizado ou ‘incivil’”, ao que se acrescentaria as distinções que hoje se fazem entre sujeitos sanitários e sujeitos não sanitários (Briggs e Mantini-Briggs, 2003 *apud* Briggs, 2005).

A imagem de um homem branco (ruivo, apelidado por isso Alemão) de aspecto sujo, a princípio entorpecido e ainda assim de raciocínio ágil e de extrema desenvoltura linguística é tão perturbadora porque ela sim é a “sujeira”, ela é a poluição, porque é matéria fora do lugar (Douglas, 1972).

Neste discurso, a abjeção corporal é acessada como tema e ferramenta para os deslocamentos discursivos de Carlos Eduardo, resistindo ao discurso civilizatório e higienista. Ele se aproxima da câmera para relatar com detalhes sua rotina de não higiene, provocando nos que estão do outro lado da tela afetos como nojo e compaixão:

Então, independente do perfume que eu use, que eu nem uso, né, eu não lavo o dente há oito anos, tá? É verdade, para quê que eu vou lavar o dente? Pra rir bonito pros políticos que me chamam de lixo humano? Eu tomo banho no máximo uma vez a cada dez dias e olhe lá! Eu não uso desodorante e não tenho cecê, tá bom? Tá ouvindo bem isso? Eu também não tenho mau hálito não, viu? O PH é alto, da minha boca. Mas tão caindo os dentes, mas para quê tanto dente?

Os odores da matéria orgânica de que somos todos feitos formam a fronteira mais física produzida pelos corpos abjetos. O cheiro advém de uma partícula com a qual se entra em contato; dos sentidos é o que menos se pode controlar.

(Se) tem uma coisa que você não quer que dilate ali é o nariz. O cheiro é osso, truta. Independente de onde você olhar, o cheiro tá ali. E, mano, se tem alguém resposta naquele pedaço é o cheiro. Tem mais mistura que a sala da orquestra: bolor, merda, pedra, lodo, mijo, mofo, ferrugem, fumaça, chorume, lixo podre, sangue, suor e lágrimas (Milanopolus, 2014).

O mau cheiro é ao mesmo tempo motivo de vergonha e escudo de proteção, pois ainda que inconscientemente é esta fronteira que delimita um espaço físico próprio ao morador de rua (Frangella, 2009; Rui, 2012). Esta é a situação, palavra que se repete nas etnografias sobre a vida nas ruas e sobre a Cracolândia, ganhando contornos de categoria de análise em Rui (2012), que a analisada em uma seção específica de sua tese — *“Nessa situação: variações do termo nóia”*. Para Taniele Rui, a figura do “nóia” (o usuário cujo consumo o leva ao autoabandono corporal) é isolada como uma categoria

“a um só tempo, de acusação e de assunção que agrupa abstratamente apenas um segmento muito particular de usuários: aqueles que, por uma série de circunstâncias sociais e individuais, desenvolveram com a substância uma relação extrema e radical, produto e produtora de uma corporalidade em que ganha destaque a abjeção. (...) É o corpo imaginado do nóia que radicaliza a alteridade, na medida em que constitui, de diversos modos, um tipo social fundado a partir da exclusão (Rui, 2012, p. 29)

Em seu discurso, Carlos Eduardo expande o alcance desta categoria, a “situação”, para todo o território. Em sua argumentação ele estabelece a diferença entre problema e situação, palavra que ele repete e articula lentamente, separando bem as sílabas, sempre em tom professoral.

E ao que me parece esse caminho que o senhor tá querendo tomar para resolver esse — não é um problema, pra resolver essa situação, problema é o que cês

querem que seja, mas isso não é problema, isso é situação e ela ocorre mundialmente, em todos os lugares (dados, grifos meus).

Rui (2012) observa que os usuários evitam “aparecer nesta situação” diante de conhecidos, como nos relatos selecionados abaixo:

Falando bem baixo ele me disse para olhar a menina que passava do outro lado da rua. Há um tempo ele vinha paquerando-a, escondido, não deixaria que ela o visse ‘nessa situação’ (...) Quando nos encontramos, ele disse que queria me fazer um pedido formal de desculpa por estar ‘naquela situação’, ‘completamente na nóia’, ‘muito louco de *crack*’ (...). Insistindo em querer ficar sozinho, proferiu, entre bravo e envergonhado: ‘estou na nóia, a sociedade não precisa me ver nessa situação’ (Rui, 2012, p. 270).

A situação, assim como o vínculo, não são apenas constructos analíticos, mas, segundo Rui (2012), são a condição para tentar compreender a complexidade do lugar, dos macro e micro cronotopos que atuam ali, em um cabo de guerra entre cuidar e matar,

cada um a seu modo, também assombram, circundam e constituem toda a região. A lista segue: moradores do local, das imediações e das pensões, comerciantes e frequentadores do bairro, transeuntes, trabalhadores dos arredores, profissionais de imprensa, estudantes realizando os mais diversos trabalhos de conclusão de curso (inclusive eu), membros de várias instituições religiosas, fiscais da prefeitura, associações civis de moradores e comerciantes, ONGs, grupos de artistas e suas intervenções, urbanistas, movimentos sociais de luta por moradia, defensores dos direitos humanos, serviços públicos de saúde e de assistência, PCC, interesses político-eleitorais, construtoras imobiliárias, investidores internacionais (Rui, 2012, p. 208).

Na continuação, ela capta a *zombaria* e eu a entextualizo como categoria provisória para analisar a fala de Carlos Eduardo (grifo meu):

Tantos personagens e interesses envolvidos já fizeram Raupp e Adorno (2011) pensar a região como um “campo de forças”, pois o que se passa ali envolve **conflitos tão entramados e, ao mesmo tempo, tão independentes e espontâneos que zombam de qualquer tentativa de entendimento** (Rui, 2012, p. 208).

Na zombaria Carlos Eduardo se constrói como perfeitamente à vontade no trânsito entre seus entrelugares: “*eu não consigo não sacanear*”. Como categoria provisória, gambiarra metodológica, a zombaria tem suas raízes “no desprezo reverso” nomeado por Miller (1997), a partir das reversões hierárquicas, como as inversões simbólicas em Babcock:

qualquer ato que (em suma) apresente alternativas aos comumente aceitos códigos culturais, valores e normas sejam linguísticas, literárias ou artísticas, religiosos, sociais e políticos (Babcock, 1978 *apud* Stallybrass, 1986).

A zombaria é filha do “desprezo reverso” (*upward content*), mas segundo Miller (1997) este afeto é mais que uma inversão entre sentimentos autorizados a quem se denomine “*low*” ou “*high*”, ainda que estas posições não sejam fixas. O desprezo reverso é a manifestação da internalização profunda de uma democracia plural: “*Tem lixo humano político também*”.

Um trecho indicia com precisão esta mobilidade, quando não lhe falta empáfia e uma espécie de intimidade com o prefeito, a desenvoltura de alguém que já teria transitado noutros mundos. É quando Cadu aproveita o recado para reclamar do cardápio — “*salsicha todo dia eu não aguento, é muito ruim, Sr. Perfeito*”.

Este estar bem “dentro de sua pele”, espaçosamente à vontade no chão do seu território, *habeas corpus preventivo* debaixo do braço, dando entrevista, toda essa liberdade é o terreno ideal da zombaria, o “pronto falei” de quem não tem muito a perder. A consciência e verbalização de sua corporalidade extrema pertence a si, é a sua *situação* (Rui, 2014).

Ele, e somente ele, pode recontextualizar a fala do prefeito sobre “ser lixo”, como quando, a certa altura do vídeo, apontando para a própria perna, Carlos Eduardo comenta: “*Olha aqui que beleza como tá minha perna, né? Tá um lixo, né, perfeito?*” Esta mesma cena aparece em Rui (2012), em que a pesquisadora relata um diálogo entre uma redutora de danos e um usuário. A primeira pergunta: “você não vai cuidar do seu pé?”, ao que o segundo lhe responde: “Que pé? Esse resto?” (...) “Como se o pé infeccionado não fizesse parte de seu corpo, como se pudesse ser descartado. Um resto” (Rui, 2012, p. 245).

O lixo se apresenta assim em todo o discurso como categoria moral crucial, e Cadu como aquele que indexa a transgressão a todas as fronteiras civilizatórias que relacionam higiene, saúde física e saúde moral. A comparação com dejetos não é algo inédito para os habitantes e frequentadores da Cracolândia de SP, ao contrário, é constituinte da identidade do próprio bairro da Luz, que

antes mesmo de ser Luz, lá no começo de sua ocupação no século XVI, quando ainda era conhecido como Campos do Guaré — ou simplesmente Guaré —, (o bairro) sofreu várias intervenções ligadas ao saneamento e aos esgotos da cidade, visto que era a cloaca informal da capital (Milonopoulos, 2014, p. 18).

A ideia de que certas vidas são vistas como descartáveis, sobras, lixo, refugio, é tema recorrente nas ciências humanas e sociais. Sobre esta noção de precariedade, Butler (2015) afirma que

a própria ideia de precariedade implica uma dependência de redes e condições sociais, o que sugere que aqui não se trata da “vida como tal”, mas sempre e apenas das condições de vida, da vida como algo que exige determinadas condições para se tornar uma vida vivível e, sobretudo, para tornar-se uma vida passível de luto (Butler, 2015, p. 38).

Também o estudo de áreas degradadas como a Cracolândia paulista, e as populações “indesejáveis” que ocupam estes lugares, convivendo entre com escombros, detritos humanos e urbanos, é um tema clássico e fundador da antropologia urbana (Rui, 2012). A associação entre a Cracolândia e a ideia de um local de refúgio — por receber o refugio — está em Deborah Fromm:

A Cracolândia é um importante ponto de refúgio urbano, na medida em que acolhe o refugio do mundo do trabalho, mas também o refugio do chamado mundo do crime (Mello, 2016); desempregados, divorciados, moradores de rua, egressos do sistema prisional, migrantes recém-chegados na cidade de São Paulo; ou seja, pessoas deslocadas que na maioria das vezes não têm para onde ir ou voltar (Fromm, 2017, p. 3).

Os que estão ali, no “quartinho da bagunça da cidade”³⁷ (Costa, 2017, p. 87) não são tão diferentes dos deslocados internos³⁸, tipificação do estatuto do refúgio. Sobre estas vidas não são enlutáveis (Butler, 2015), os restos e refugos da cidade, Taniele Rui (2012) traz as reflexões de Taussig e o “mundo dos mendigos”,

no qual o terror encontra a perfeição: “esparramados em cima dos montículos de lixo da cidade”, envoltos por “vidros quebrados, latas de sardinha, abas de chapéu de palha, pedaços de papel, couro, trapos, louça quebrada, livros encharcados, colarinhos, casca de ovo, excremento e inumeráveis manchas de escuridão”. Segundo Taussig, são esses entulhos, “signos espalhados da cidade”, que põem a nu a arbitrariedade do poder” (Taussig, 1995, p. 28 *apud* Rui, 2012).

Como Fromm, Rui também encontra paralelos entre a Cracolândia como não-lugar e campos de refugiados. A autora cita Michel Agier, para quem os dispositivos de proteção, cuidado e controle são os componentes das intervenções humanitárias em prol de populações vulneráveis. A descrição de um campo de refugiados como um

³⁷ Esta definição é creditada ao ativista Ricardo Paes Carvalho, ou Rica, ativista e trabalhador da área social há 18 anos, participante das rodas de conversa de *A Craco Resiste*.

³⁸ALTO-COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. **Deslocados internos**, 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/deslocados-internos>. Acesso em: 13 mai. 2021.

“bairro de lata” se aplica ao território em questão, onde casas são malocas e reinam a gambiarra e improviso:

Um campo que tem cinco anos de existência não é mais um alinhamento de tendas, pode assemelhar-se a um bairro de lata, como pode lembrar um museu etnográfico onde cada um tenta, com os materiais que encontra, reconstituir o melhor possível de seu habitat de origem. O resultado é, por vezes, uma paisagem feita de retalhos, de formação híbrida (Agier, 2006, p. 131 *apud* Rui, 2012).

A desenvoltura linguística de Carlos Eduardo indicia propriamente sua mobilidade entre os mundos que frequenta ou que já frequentou — entre a infância e adolescência em escolas particulares, “o mundo dos mendigos de Taussig” e tudo mais que há entre um e outro. Sua performance é rica em diferentes qualidades de metarreflexão, e esta riqueza é como seu passaporte diplomático entre suas diferentes “turmas”.

Para esta analista, é este entrelugar social que produz as possibilidades de trânsito entre as perspectivas, a fluência de ir e vir, de suspender e restabelecer, de virar o direito ao avesso e de novo ao direito, qualidades comuns aos xamãs, que “(se dedicam) a comunicar e administrar perspectivas cruzadas, estão sempre aí para tornar sensíveis os conceitos e inteligíveis as intuições” (Viveiros de Castro, 2002, p. 351).

O trecho a seguir indicia o exercício de alteridade de Carlos Eduardo em relação ao prefeito, quando ele se coloca em seu lugar, chegando a encenar a fala fictícia do governante e quase o perdoando por não conhecer Beto Guedes, atribuindo sua fala ao desconhecimento de seus versos (grifos meus).

Eu entendo que no calor da política o senhor tenha dado uma declaração um pouco mais forte (...)

É, não há problema nenhum em dizer ‘pô exagerei aí, chamei um monte de gente de lixo humano e mal sei eu que tem cara ali que é formado em universidade, que tem outro que já foi um policial militar, que tem outro que de repente estudou no mesmo colégio que eu, que a maioria tem mãe, filho, irmão, que num nasceu de chocadeira’.

(...)

Se o senhor já ouviu Beto Guedes, ele fala bem claro: “Vamos precisar de todo mundo, um mais um é sempre mais que dois, né? Terra, és o mais bonito dos planetas, né? Tão te maltratando por dinheiro, tu que és a nave nossa irmã, nossa mãe”, não sei, Beto Guedes é maravilhoso. O senhor nunca deve ter ouvido essa música pelo que o senhor falou; porque quem já ouviu essa música num consegue colocar todo um universo flutuante de mil pessoas, ele inteiro como lixo humano.

A troca súbita de perspectiva e disposição à alteridade indicia a mobilidade de que Carlos Eduardo desfruta e que se reflete tanto na argumentação interna ao discurso como no alcance deste para além de sua publicação original. No entanto, esta mobilidade é desejável e libertadora e em nada se assemelha à errância de que depende a sobrevivência nas ruas (Frangella, 2009; Fromm, 2017). O trabalho é o *corre*, “estar na correria” é “se virar”, não há teto nem pouso e as pessoas são submetidas a verdadeiras técnicas de não descanso, como listadas em Milonopoulos,

“na criação e instalação de formas urbanas repulsivas e segregadoras como muros e cercas, (...) vivas, não vivas, eletrificadas, não eletrificadas, com lanças de várias formas e tamanhos, com cacos de vidro, com bolinhas de gude, com serpentina, com arames farpados, com arames não farpados, com cordel de varal, com barbantes, com cerol, etc. Além destes, temos os civilizados e quase discretos unifilas e sinalizadores de chão que somam-se às alternativas mais "naturais" para alteração de qualquer espaço, superfície ou apoio minimamente convidativo ou confortável para permanência por meio da colocação de vegetação, pedras ou pedriscos, pela separação de bancos públicos, ou ainda — no caso da falta de bancos — pela confecção de ranhuras, pontas e estrias no chão, impedindo que se encoste, se sente ou se deite em lugares fundamentalmente públicos. (Além de) alternativas mais engenhosas como o chuveirinho, (...) conhecido no Rio de Janeiro como pinga-pinga, (...) um tubo improvisado, cheio de furinhos, que permite manter a calçada ou a marquise molhada com água ou creolina — ou qualquer solução desejável —, impedindo a permanência de indesejáveis no recinto (Milonopoulos, 2014, p. 39-40).

Este lugar de exceção, de vida vivível e enlutável (Butler, 2015) é acentuado quando Carlos Eduardo se torna beneficiário de outra natureza de mobilidade, aquela documentada e intransferível, um passe, o instrumento jurídico cujo nome significa “que tenhas o corpo em liberdade”, um pedaço de papel que dá seu direito de ir e vir no território, o *habeas corpus* que lhe foi concedido no ano de 2012, como já narrado aqui.

No trecho a seguir, além das reversões lexicais e suspensão de dualismos (entre doença e safadeza, por exemplo) está presente o desprezo reverso:

Até aonde eu pude averiguar, como dependente químico, é uma doença, né? Pra certas pessoas é safadeza, pra mim são ambos. Existe safado doente e existe

safado que não é doente também, né? Tem lixo humano doente de dependência química e tem lixo humano político também acho eu, né? (dados)

Ao devolver o chamamento de lixo aos políticos (e por tabela, ao prefeito, seu interlocutor imaginário), Carlos Eduardo pratica o desprezo “de baixo para cima”, na contestação desta hierarquia entre inferiores e superiores (aqui representados entre o “cracudo” e o “prefeito perfeito”, respectivamente). Como sentimento constitutivo da democracia e da igualdade (Miller, 1997), este afeto instaura uma espécie de socioeconomia emocional da igualdade, ou ainda uma micropolítica do desprezo que vincula níveis micro da experiência pessoal e macro da organização social (Coelho e Rezende, 2010).

O nojo, sentimento que Carlos Eduardo parece querer provocar, é segundo Miller (1997) um afeto ligado a julgamentos morais, sendo a mais corporificada e visceral das emoções, em geral acompanhada do medo de contaminação. Para este autor,

a base de todo nojo somos nós mesmos — é o fato de que vivemos e morremos e que este é um processo confuso que emite substâncias e odores que nos fazem duvidar de nós mesmos e temer nossos vizinhos (Miller, 1997, p. XIV).

Ou seja, o lixo orgânico, o chorume, somos nós mesmos, nossos corpos. O que muda são os recursos de que dispomos ou não para evitar a propagação destes odores e secreções. Para Miller, em uma teoria geral do nojo estaria implícita a necessidade psíquica do esquecimento de nossas origens animais (Miller, 1997, p. 14).

Os odores fétidos já foram motivo de medo de contágio, em um tempo em que eram considerados a origem das doenças, quando vigorava a teoria miasmática, no século XVII. No trecho a seguir, Carlos Eduardo reivindica pertencimento ao cronotopo macro dos macros — a humanidade — para em seguida, com todo seu sarcasmo, indiciar a reconfiguração da vergonha como algo contagioso, tanto quanto um dia se acreditou serem seus odores indesejáveis.

No final, no final, no final, no final, (...) existe o ser humano, né? Eu ainda não tenho vergonha de ser humano, mas eu tô começando a pegar.

O trecho que encerra sua fala indicia mais um de seus (apenas aparentes) jogos de palavra; a portentosa discussão sobre a relação entre *ética* e *estética* é iniciada por Cadu que parece brincar com os vocábulos, em algum tipo de trava, ou melhor, “estala-língua”. Ao fazer isso, Cadu paraleliza a situação de abandono do território

físico e seu autoabandono corporal (sua estética), provocando o prefeito sobre “as coisas mais importantes” (a ética).

Tá me parecendo que pro senhor perfeito é apenas algum tipo de vaidade, ou quem sabe até um problema estético. Porque para mim, eu acho que o que interessa a esse homem é que aqui fique bonitinho, né?

(...) Eu peço a sua ajuda pra nós podermos conseguir uma, não uma saída, um caminho digno, esteticamente também, eu gostaria de poder andar mais bonito, tá? Mas existem coisas mais importantes antes disso, tá? Eu paro por aqui.

Na mesma caixinha dos “inocentes trava-línguas” de Cadu está o apelido dado a João Dória — o “Prefeito Perfeito” —, em crítica ao aspecto limpinho e bem arrumado também ironizado por seus adversários políticos. É um índice também de sua crítica aos ideais de perfeição e assepsia de um projeto civilizatório higienista e excludente. Para Cadu, existem coisas mais importantes do que “andar mais bonito”. Essa é a sua lição de moral, sua coda avaliativa (Labov, 1972; Bastos e Biar, 2015). A abjeção — a “aparência de lixo” — pode ser o aspecto mais latente aos que não pertencem ao lugar, mas não é nem de longe o mais importante.

A questão é que, diante de uma imagem corporal tão destacável, lembramos aquilo que enquanto pesquisadores frequentemente ignoramos: o fato de que os discursos habitam e se acomodam em corpos (Butler, 2002). **Nesse sentido, apenas apontando ou indicando a si mesmos, os usuários encontraram um jeito de dizerem tudo** (Rui, 2012 p. 250-1, grifo meu).

Retomando agora as macroperguntas de pesquisa, como e por que este discurso viraliza, quais são os circuitos de comunicabilidade que atravessa e como os significados se comportam neste trânsito?

Se pensado em termos de sua comunicabilidade, o texto do discurso é captado em vídeo no contexto de uma pesquisa acadêmica (dissertação de Roberta Costa), publicado originalmente na página de um coletivo (*A Craco Resiste*, que era simultaneamente o objeto de pesquisa do trabalho acadêmico mencionado) e re-entextualizado em diversos sites e veículos de comunicação.

O público “primário” a que se destinava eram os assinantes da página *A Craco Resiste*, que em relação à política de drogas se autodefine como um movimento

antiproibicionista, abolicionista penal, pró redução de danos e antimoralista³⁹. Hoje, quase quatro anos após a publicação original (janeiro de 2017), este perfil conta com algo em torno de 20.000 seguidores, número ínfimo se comparado ao público da página de midialivirismo *Jornalistas Livres*, onde o vídeo foi republicado poucos dias depois da publicação de *A Craco Resiste*, e que hoje conta com 1,2 milhões de seguidores. Esta página se autodefine como “mídia alternativa em defesa da Democracia, da Cultura, dos Direitos Humanos e das Conquistas Sociais”.

Este era assim o público imaginado, projetado, para este tipo de conteúdo, quando os acontecimentos que envolveram a megaoperação policial de maio de 2017 na Cracolândia impulsionaram mais publicações sobre o local, fazendo viralizar o vídeo publicado cinco meses antes. É neste momento que o discurso encontra novas e inesperadas audiências, no que Briggs definiu como a “face de Juno” do que se chama “o público” — aquele que pode ser preexistente de modo singular e múltiplo, e ao mesmo tempo passível de ser performativamente construído (Briggs, 2007, p. 555).

Por fim, por que o chamamos profeta ou xamã? O hibridismo de sua figura, o “desencaixe” entre eloquência e abjeção corporal é recorrente nos classificados como insanos, aqueles cujo discurso é sujeito ao dispositivo da segregação da loucura, mas aos quais

(...) pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar um futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber (Foucault, 1999, p. 11).

Chamá-lo profeta por ele ter projetado seu *grand finale* midiático ou comparar suas habilidades na troca de perspectivas com as habilidades de um xamã também é criar para ele um lugar de exceção, é exacerbar este lugar, mitificá-lo. Mais uma vez deixando as intencionalidades de lado, independente das “boas intenções” ou de ambições poéticas em lhe dar títulos que escapam às classificações ordinárias deste mundo — profeta ou xamã —, o efeito discursivo do que Roberta e eu fazemos é a sedimentação deste lugar de exceção.

39

A CRACO RESISTE. **Dúvidas Frequentes**, 26 jun. 2017. Artigo no Medium. Disponível em: <https://medium.com/@cracoresiste/d%C3%BAvidas-frequentes-b9d4344c4a34>. Acesso em: 27 mar. 2021.

Não era a primeira vez que Carlos Eduardo atraía para si atenção, vide a mediatização da conquista de seu *habeas corpus*, em 2012. Diante disso teria ele sido tão profeta assim ao projetar a recepção de seu discurso, que chegaria “até o Fantástico batendo na porta da casa da sua mãe”?

A cobertura jornalística de seu resgate seguiu na direção da individualização do caso, com depoimentos de outros ex-colegas e textos focados em sua biografia de ex-aluno de uma escola de elite na zona sul carioca, “o aluno inquieto e inteligente”, criado em uma área nobre da cidade. As manchetes refletem isso: “Um carioca no inferno da Cracolândia”, “Meu amigo na Cracolândia”, para citar as mais expoentes⁴⁰. Este efeito discursivo acontece a despeito do teor de seu discurso, sendo este descolado do fato de que todos os índices ali apontavam para causas coletivas e de inclusão.

O desfecho do reconhecimento de Carlos Eduardo após a viralização do vídeo confirma que sua existência é uma “vida considerada viva” (Butler, 2015) entre outras que não necessariamente o são — uma vez chamadas de lixo. É a “questão inescapável” mencionada por Costa (2017) sobre os corpos que reverberam, aqueles que são espetacularizáveis por serem considerados “fora do lugar”, em algum tipo de desencaixe.

Carlos Eduardo foi uma vida vivível, merecedora de comoção e de luto público, vida que até então estava como que “camuflada” entre outras vidas precarizadas (Butler, 2015), mas cuja performance, de tão “eficaz” acaba chamando toda a atenção para si, em detrimento das pautas que ele defende, de qualquer conteúdo intrínseco de seu discurso. As vontades de verdade e forças de interdição ao discurso foram convocadas; para efetuar seu resgate foi preciso combinar algumas diretrizes antes. “Separar a discussão” era uma delas. Mas seriam estas discussões “separáveis” para Carlos Eduardo?

⁴⁰ Trechos deste bloco de dados foram inseridos no último bloco de análises, que analisa o movimento de indexação do recado particular de Cadu nos portais *online* da mídia corporativa.

6

A etnografia da noite da filmagem: Roberta

Nesta camada da análise acontecem mais “afastamentos” do discurso como núcleo, é a expansão do *corpus*, os outros textos que o discurso de Cadu mobiliza, literalmente, ao seu redor. Das 286 páginas de *Mil Fitas na Cracolândia, Amanhã é Domingo e a Craco Resiste*⁴¹, o subcapítulo 7.2 é perfeitamente destacável para ser entextualizado aqui. Seu título é *Cadu, um Profeta do Caos* (p. 251-64) e nele a autora narra a noite da gravação do vídeo cuja viralização motivou esta pesquisa em tela.

A análise é guiada pela busca dos índices mais latentes na construção da Cracolândia como local de produção de saberes e discursos. Carlos Eduardo aparece como porta-voz destes contradiscursos, que impulsionados pela *Craco Resiste* passam a projetar rotas de comunicabilidade da Cracolândia (Briggs, 2005) reverberando para além do território.

A dissertação de Roberta é focada no Fluxo e se desenvolve a partir da trajetória da pesquisadora como redutora de danos em diversos coletivos e ONGs atuantes na Cracolândia paulista, com foco no coletivo *A Craco Resiste*, cuja origem se mescla ao processo de sua escrita. Comparecem relatos de histórias de vida de personagens do lugar, alguns lendários (Cadu é um deles). Estas histórias se mesclam às categorias analíticas de um campo de saber, a Filosofia / Política / Ética da Redução de Riscos e Danos como forma de tratamento aos dependentes químicos tida como polêmica e ainda relativamente desconhecida do público não especializado.

O Fluxo, que se define pela concentração de usuárias(os), os usos de drogas e a Redução de Riscos e Danos são temas centrais nesta dissertação de mestrado. Um dos objetos de pesquisa é a *Craco Resiste*, um movimento social contrário às violências institucionais na Cracolândia, região central de São Paulo. A etnografia é a metodologia primária e parte de experiências de mais de cinco anos de atuação e pesquisa na Cracolândia. (...) Esta dissertação de mestrado visa expor complexidades da Cracolândia, dos usos de drogas e dos cuidados para estes usos, além de refletir como a existência de corpos diferentes do esperado para a região reverbera de diversas formas, muitas vezes imprevisíveis (Costa, 2017, p. 9).

⁴¹ Dissertação de mestrado defendida pela USP, no Instituto de Estudos Brasileiros, Programa de Pós-Graduação Cultura e Identidades Brasileiras.

A redução de danos (RD) está inserida em um espectro maior quanto à Política Nacional de Drogas, filiando-se ao discurso antiproibicionista. Uma categoria importante da RD no trabalho de Roberta é a tríade interrelacional sujeito-substância-contexto, que se tornou um marco para os estudos sociais com psicoativos e para a perspectiva da Redução de Riscos e Danos (RRD) (Zinberg, 1984; MacRae, 1992 *apud* Costa, 2017, p.29).

Roberta abre seu texto falando do amplo espectro dos usos de drogas como constante antropológica e traça um histórico da cocaína até chegar ao *crack* em seu campo de pesquisa e com os personagens que escolhe. Na perspectiva do discurso antiproibicionista, foi a proibição que gerou o *crack*, quando o departamento de repressão às drogas dos EUA intensifica as apreensões de certos produtos usados no beneficiamento da pasta. A “adaptação” para o uso fumado teria sido uma saída para a continuidade da produção e do consumo (Costa, 2017, p. 42).

Uma diretriz fundamental da *Craco Resiste* registrada na dissertação é a política de comunicação do movimento, definida pelo ativista Daniel Mello como uma “disputa de versões, a elaboração e difusão de uma contranarrativa” (Costa, 2017 p. 41). Como em Foucault (1999), a disputa pelo discurso, que é em si a própria luta. Esse aspecto, por sua centralidade, será retomado adiante em trechos que narram a construção do deboche com relação à *Craco Resiste* por parte da mídia corporativa (ao mesmo tempo em que recorrem ao coletivo como fonte).

O histórico de lutas do lugar é resgatado por Roberta em um inventário dos coletivos que antecederam A *Craco Resiste*, que ela reconhece como parte de um “processo de articulações e lutas anteriores”. Estão indexados na dissertação muitos, senão todos os principais movimentos sociais atuantes em pautas correlatas à RRD, como o já citado movimento antiproibicionista, mas também a luta antimanicomial e o abolicionismo penal. As autoras indexadas em suas referências bibliográficas são posicionadas afirmativamente quanto a construção e circulação de outras “vontades de verdade” (Foucault) no que diz respeito ao vastíssimo tema das “drogas”:

Essxs pesquisadorxs, que compõem o campo de conhecimento que se auto-denomina “antiproibicionista”, partem da crítica ao paradigma da abstinência como algo necessariamente desejável, afirmam constantemente o uso de psicoativos como parte secular da existência humana olhando e refletindo, em grande parte, para suas potências. Também apontam a guerra às drogas como uma estratégia ineficiente para diminuir os consumos e que, como toda política de guerra, é violenta e assassina, além de dificultar o cuidado e proporcionar uma ampliação de danos para as pessoas que usam substâncias ilícitas (Costa, 2017, p.24).

Um dos primeiros movimentos contra a violência policial na Cracolândia é a articulação “Luz Livre”⁴², que acontece após a grande operação de 2012 e marca a entrada da pesquisadora em campo, quando pisa pela primeira vez na Cracolândia.

“A Luz Livre foi uma primeira resistência, de movimentos sociais e ativistas, que teve grande visibilidade e conseguiu articular muitos coletivos, entidades e pessoas contrárias à violência policial na Cracolândia” (Costa, 2017, p. 122).

A autora atribui vitórias à Luz Livre, por agregar dezenas de coletivos e contribuir para uma pausa nas práticas e nos discursos oficiais escancaradamente violentos (Costa, 2017, p. 127), como o visto na Operação Dor e Sofrimento. Os discursos oficiais sobre a Cracolândia no período de maio de 2017 rompem com esta pausa e é neste contexto que dispara a viralização do vídeo de Cadu.

O Desentorpecendo a Razão (DAR) também fez parte desta articulação, por ser um dos principais movimentos antiproibicionistas do país ao defender o fim das guerras às drogas e a legalização de todas as substâncias. Outras frentes também são citadas como “constitutivas da *Craco Resiste*”: o Consultório de Rua do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS-AD) III da Sé, do Projeto Quixote, da Casa Rodante, do Projeto Vocacional, do Projeto Oficinas, entre outros. (Costa, 2017, p. 119)

É no contexto de uma reunião do movimento Luz Livre para resistir à Operação Dor e Sofrimento, em 2012, que Roberta identifica Paulinho como marco definidor das formas de atuação e resistência no local. Paulinho tirou biricos (pequenas lascas de *crack*) dos bolsos e ofereceu às pessoas para que pudessem ver e manusear, mas ele narra que poucos aceitaram a “dinâmica” proposta. Paulinho tinha interrompido a reunião para dizer que ali “estava sendo relatado em terceira pessoa o que ele estava vivendo na pele”. Este episódio foi um marco na reivindicação da participação dos usuários nos processos de resistência, algo que vem sendo construído, uma vontade de verdade (Foucault, 1999) daqueles que, sim, detêm grande parte dos saberes quanto às substâncias que administram em seus corpos.

⁴²LUZ LIVRE. Luz Livre, 2013. Blog. Disponível em: <https://luzlivre.wordpress.com/>. Acesso em: 13 mai. 2021.

“Nada sobre nós, sem nós” — como afirma a Rede Latino-Americana de Usuários e Usuárias de Drogas (Lanpud) e outras organizações e entidades de usuárixs que vêm sendo construídas e difundidas (Costa, 2017, p. 29).

Paulinho achou “uma ideia de boa intenção, mas “que só daria certo se os usuários participassem”, e sugeriu um churrasco coletivo como manifestação. O evento acabou levando o nome gaiato de “Churrascão da Gente Diferenciada versão Cracolândia”, a se notar a entextualização que indicia a zombaria, na adaptação do título de outro evento acontecido em maio de 2011,

“O Churrascão da Gente Diferenciada” que acontecera em Higienópolis — organizado após moradores da região, que é habitada por uma elite econômica, se declararem contra a construção de uma estação do metrô em seu bairro argumentando que traria ‘gente diferenciada’ para a região(...). A manifestação/churrasco foi considerada um sucesso pelos ativistas, contou com cobertura da imprensa e muita participação dos usuárixs – coisas que até então não haviam acontecido na região (Costa, 2017, p. 127).

E é assim que, ainda em 2012, através de Paulinho, inaugura-se um novo modo de resistência local, a “resistência brincante”, que será elevada à categoria de “conceito” quatro anos depois, na feitura do livro *É para Mim não Passar em Branco*, no Projeto Oficinas, em 2016:

As oficinas têm papel fundamental neste contexto, viabilizando o direito ao lazer: as atividades propostas permitem a ocupação da rua, a transgressão de regras opressoras e a desconstrução de engessamentos, propiciando relações pautadas da diversão e na convivência não hierárquica (Projeto Oficinas, 2016, p. 28apud Costa, 2017, p. 146)⁴³.

Estes modos de resistir construídos com os usuários a partir do Churrascão do Paulinho valorizam “o processo, a forma de se relacionar e caminhar, o cuidado de si, o prazer e as energias da embriaguez” e convidam a quebrar estigmas e “pré-conceitos pela vivência **com** as pessoas da Cracolândia e não pelo discurso **sobre** elas (Costa,2017, p.187). A *Craco Resiste* se empenha na realização de todas estas atividades, como a tornada clássica organização de churrascos, as rodas de samba e de capoeira, os cines-debates, rodas de conversa, exposição de arte, desfiles de moda e partidas de futebol, como uma que Roberta narra entre os times do DBA X Recomeço, os dois principais programas de cuidado do governo.

⁴³ Na etapa de revisão desse texto busquei contato pelas redes sociais com a editora do livro e trabalhadora do projeto, que me informou não ter ainda um endereço para fornecer. Passo, então, a referenciá-lo como no prelo.

Posteriormente à articulação da Luz Livre, Roberta se torna funcionária da ONG *É de Lei*⁴⁴, onde permanece por quatro anos. Na sequência, a pesquisadora passa a integrar também o coletivo *Sem Ternos*⁴⁵, cujo nome faz referência aos trabalhadores que atuam “na ponta”, diretamente no território, em oposição àqueles que, vestidos “em ternos”, formulam as políticas públicas no conforto de seus gabinetes.

Este coletivo apresenta uma potencialidade única, pois une trabalhadores que, mesmo de serviços diferentes — e por vezes até “rivais” — estão em contato com a mesma realidade e dificuldades (Menezes, 2016 *apud* Costa, 2017).

O critério para participar de suas reuniões é unicamente o recorte da perspectiva da RRD, “fundamental para a força e combatividade dessa articulação de rede tão plural e, ao mesmo tempo, tão alinhada”. São assim bem-vindos quaisquer trabalhadores atuantes no território, “independente do programa ou uniforme que use, só não cabe os “de terno” (Costa, 2017, p. 142). Destes debates, sempre abertos, saíam “perguntas voadoras com dois pés no peito”, como “O que seria preciso fazer para que a Cracolândia não precisasse (r)existir?”; “A Cracolândia deve existir?” (Costa 2017, p. 165)

Assim como documenta muitas das ações dos movimentos sociais no lugar, Roberta também organiza uma trajetória da RRD no Brasil e apresenta os principais paradigmas desta forma de cuidado, que pode ser entendida como uma política, uma filosofia ou ainda como uma “ética da RRD”, segundo a qual

cuidados singulares que só podem ser exercidos com muitas conversas honestas sobre vontades, potências, expectativas e limites. Segundo formulação coletiva de trabalhadores da área, sistematizada pelo Fórum Estadual de Redução de Danos (FERD), a RD se faz “estabelecendo relações sem julgamentos morais — falar com cada pessoa respeitando e considerando seus valores e princípios” (Costa, 2017 p. 65).

⁴⁴CENTRO DE CONVIVÊNCIA É DE LEI. **Página inicial**,2021. Disponível em: <https://edelei.org>. Acesso em: 13 mai. 2021.

⁴⁵COLETIVO SEM TERNOS. **Página inicial**,2021. Disponível em:<https://web.facebook.com/semternos>. Acesso em: 13 mai. 2021.

À página 134, Roberta reproduz material didático elaborado para a Senad⁴⁶ por Denis Petuco, autor referência na construção desse conhecimento. Em forma de diálogo ficcional entre uma trabalhadora de um CAPS e uma usuária do serviço, a cartilha define a RD e traça seu histórico em suas dimensões de filosofia, prática e política pública. Segundo Costa, esta abordagem se torna mais popular a partir da implementação do Programa de Braços Abertos (DBA), o que coincide, como nota a autora, com o ano da publicação tese de Rui, *Nas Tramas da Abjeção, etnografia da abjeção* (2012):

Quando o DBA se tornou uma importante propaganda política da prefeitura [Gestão Haddad, 2013-2016] a RD passou a ser incrivelmente mais conhecida, tornando-se muito mais fácil encontrar pessoas que já ouviram falar e/ou sabem alguma coisa sobre essa abordagem. Do ponto de vista da transformação do paradigma do cuidado me parece que essa foi uma das maiores contribuições do programa. É verdade, porém, que Taniele Rui já apresenta a “ampliação da discussão sobre a redução de danos no país” (Rui, 2014, p.27) como um dos acontecimentos que sucederam no processo dos seus sete anos de pesquisa na área até a publicação de seu livro em 2014 — em 2014 o DBA estava começando (Costa, 2017, p. 141, em notas).

Apesar de (a princípio) estar posicionado a serviço da divulgação da ética da RRD, ironicamente, em seu discurso, Carlos Eduardo indicia o oposto, quando declara “não conseguir não sacanear”, e o faz até com o nome deste programa, chamando-o de “De Braços Abertos com a Morte”. Isso é reflexo, como traz Roberta, do hibridismo e das contradições inerentes às condições de trabalho e relações na Cracolândia (grifos meus):

Se os próprios programas, que são pensados por gestores convictos de determinado lado da disputa, são híbridos, xs trabalhadorxs da ponta, que trabalham com menor fidelidade às instituições e menores salários que os gestores, são ainda mais plurais e diversos. **Não é difícil encontrar trabalhadorxs do DBA que defendem a internação compulsória ou mesmo o uso da força policial no Fluxo — prática que a RRD repudia. Também é bastante comum encontrar trabalhadorxs do Recomeço que apostam na RD** e na construção conjunta com usuárixs com quem constroem vínculos e afetos (Costa, 2017, p. 142)

Cadu é um dos quatro homens cujas histórias foram contadas por Roberta. Os outros são o Paulinho, o Badarós e o Sambista. A importância das narrativas pessoais e dos muitos outros lugares ocupados pelos usuários além do *crack* (suas

⁴⁶MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. **Secretaria Nacional de Política sobre Drogas**, 2021. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/sua-protecao/politicas-sobre-drogas/conheca-a-senad>. Acesso em: 13 mai. 2021.

“outras circulações”) é um pilar na ética do cuidado pela RRD. A interação entre a pesquisadora e estes sujeitos de pesquisa, assim como a estabelecida entre usuários e redutores, só acontece na criação do vínculo. As respostas a uma pesquisa sobre o Programa De Braços Abertos conduzida por Rui em 2016 para a Fundação Open Society⁴⁷ atestam bem esta centralidade das relações na Cracolândia:

Ao serem questionados sobre os aspectos positivos do programa os beneficiários, muitas vezes, apontam pessoas como os “aspectos positivos” do programa. Nas palavras do relatório de avaliação do DBA: “Muitos desses profissionais são conhecidos nominalmente e conformam, muitas vezes, a referência personalizada do programa. Alguns deles chegam a se referir nominalmente a algumas das assistentes sociais, sem saber especificamente os programas pelos quais elas atuam (Rui, 2016, p.39).

É comum também redutores atuarem como mediadores de conflitos, como na negociação para que os usuários pudessem resgatar seus documentos e remédios antes que fossem recolhidos como lixo, ajuda jurídica aos comerciantes que tiveram seus estabelecimentos lacrados durante operações ou o caso da apreensão de dezenas de carroças em ação do dia 29 de abril de 2015 e as muitas dificuldades de adaptação a estes “equipamentos”.

Neste episódio Roberta mostra como a perspectiva da RRD consegue detectar políticas criadas nos gabinetes (pelos “de ternos”) com algo de “boa intenção”, em geral envolvendo a ideia de ordem e homogeneização, mas que podem ser recebidas “como uma agressão e/ou um desrespeito” (Costa, 2017).

Em primeiro lugar eram mal projetadas, cabia pouca mercadoria. Outro incômodo era fato das carroças serem parte da identidade dxs carroceirxs que as enfeitam e as reconhecem de longe (...); a maioria dxs correceirxs trabalham, principalmente, em quatro horários: antes dos comércios abrirem; na hora que eles estão abrindo e/ou fechando (que é quando o lixo é colocado para fora); e pela madrugada (momento do “caça ao tesouro”, quando vão com maior tranquilidade e tempo para buscar preciosidades deixadas nos lixos) — nestes horários, porém, os empréstimos não eram permitidos (...). **Os embates em torno das carroças institucionais do DBA⁴⁸ explicitam por que é necessário que o cuidado seja construído de forma conjunta com a pessoa que se visa cuidar:** caso contrário uma ação bem intencionada pode ser vivida como uma agressão e/ou um desrespeito (Costa, 2017, p. 218, grifo meu).

⁴⁷OPEN SOCIETY FOUNDATIONS. **A Open Society Foundations e George Soros**, 1º dez. 2020. Disponível em: <https://www.opensocietyfoundations.org/newsroom/open-society-foundations-and-george-soros/pt>. Acesso em: 14 mai. 2021.

⁴⁸ Programa De Braços Abertos, vigente no período da gestão do prefeito Fernando Haddad (2013-2016)

Um minidocumentário sobre este acontecimento foi veiculado no canal do YouTube do Centro de Convivência É de Lei⁴⁹. Por conta deste episódio e da postura combativa do coletivo Sem Ternos, “certos representantes da Prefeitura (gestão Haddad) [afirmaram] que a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania estava financiando sua própria oposição” (Rui, 2012, p. 148). Essa aparente “contradição” só faz revelar a virtude exigida de quem trabalha neste campo de forças em constantes disputas: o jogo de cintura “necessário na vida e na roda” (Rui, 2012, p.148), a “mumunha”, no jargão da capoeira, usada

para falar deste jogo de cintura que xs ativistas têm para legitimar as diferentes intervenções e lugares que ocupam, seja para xs usuárixs de crack e frequentadorxs do território, seja para o poder público e as diferentes chefias. **Uma das coisas mais interessantes desse debate é que ele expõe que o Estado não é um ente monolítico, mas está atravessado por uma série de lógicas e agentes que desestabilizam** definições de estatal, público, comum, privado, civil, popular, etc. A mumunha tem a ver com isso: jogar com definições e posições de modo tático (Costa, 2017, p. 149).

Ser quem se é “depende de quem pergunta”, ou seja, depende do contexto interacional, depende da configuração cronotópica (Blommaert, 2015a). A *mumunha* é convocada na construção sobre a própria identidade — dos coletivos e de Roberta, como indicam respectivamente os trechos a seguir.

É comum ativistas do Coletivo [Sem Ternos] afirmarem que [sua] própria definição depende de quem pergunta: para xs usuárixs da Craco são aqueles que se movimentam contra as ações violentas do poder público e que conseguiram devolver as carroças apreendidas; e para os gestores, as chefias e os financiadores dos projetos é uma articulação de rede que segue os princípios preconizados pelo SUS, RAPS, SUAS e a RD — sendo que ambas são definições fidedignas do que é o Sem Ternos (Costa, 2017, p.148).

(...)Ser trabalhador, pesquisador ou militante depende de quem pergunta, pra GCM⁵⁰ falo que sou pesquisadora, para o usuário desconfiado falo que sou militante que participou do resgate das carroças, mas quando fui tirar foto do bracelete da GCM escrito “RD” disse que “também trabalho no projeto (diário de campo) (Costa, 2017, p.161).

A fala acima acontece no já mencionado debate do dia 10 de dezembro de 2016, no qual Roberta questiona “a utilidade da separação entre esses três lugares — trabalho, pesquisa e militância” e assume a dificuldade, na própria dissertação, de separar os papéis:

Esse lugar híbrido e mutável é apontado como potente, (...) não apenas porque possibilita uma proteção dada a capacidade de circulação entre esses lugares conforme x intelectual(a), mas

⁴⁹CENTRO DE CONVIVÊNCIA É DE LEI. **O resgate das carroças**, 23 out. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I0U0L_1AhVU. Acesso em: 14 mai. 2021.

⁵⁰ Guarda Civil Metropolitana da cidade de São Paulo

também porque essa mobilidade é vista como útil para a criação de vínculos (Costa, 2017, p. 162).

Mobilidade e possibilidade de novas circulações é algo que os ativistas desejam para os frequentadores mais problemáticos do fluxo, e pelo qual trabalham. A mobilidade é categoria também na Cracolândia. A potência da hibridez mencionada por Roberta sobre a mumunha e as identidades aplica-se aqui às palavras, aos sons, à viagem do discurso de Cadu; esse entrelugar é o motor da entextualização, o que faz viralizar.

Estas correlações tecidas na análise revelam também no que nossos trabalhos — de Maria e Roberta — se intertextualizam em termos de posicionamentos, paradigmas e categorias, ainda que em alguns casos sob outras nomenclaturas. De modo convergente e situadas no espectro da etnografia pós-moderna, empreendemos a metarreflexão sobre nossos papéis de pesquisadoras assim como reflexão sobre a linguagem. Não escapam do trabalho o relato das dificuldades metodológicas do situar-se em campo e da natureza inevitavelmente construída do conhecimento etnográfico (Coelho, 2016).

A Cracolândia se afirma como cruzamento de cronotopos (Lempert e Perrino, 2007) e delineador de identidades (Blommaert, 2015) nesta constatação de Roberta de que a identidade não é fixa e se define a partir da instituição que lhe faz a pergunta. A tripla posição de Roberta entre o trabalho, a militância e a pesquisa de Roberta e minha dupla posição como amiga e pesquisadora afetam e são assim afetadas pelo campo/ contexto.

Outra construção recorrente e constructo que atravessa nossos trabalhos é a ideia de descaminho, presente em quase todas as narrativas sobre a Cracolândia. A palavra descaminho está nos dados, no recado que eu recebo pelo Messenger “*e neste descaminho que é a vida, né*”. Ao observar o acontecimento Carlos Eduardo vejo um discurso sendo desencaminhado, e isso foi incorporado ao meu título. No sumário de Roberta Costa, os descaminhos estão no capítulo 5, “Os Descaminhos desta dissertação”.

A capacidade de produção e articulação no meio jornalístico dxs ativistas da *Craco Resiste* é essencial para a projeção do movimento e para a disputa de narrativa que, como aponta Mello, é um de seus focos (Costa, 2017, p. 189).

A comunicabilidade dos discursos produzidos na Cracolândia é outra área de sobreposição. A disputa pelas narrativas é uma disputa por comunicabilidade, por movimento das vontades de verdade (Foucault, 1999). “Mas o que há enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos se proliferarem indefinidamente? Onde afinal, está o perigo?” (Foucault, 1999, p. 8)

A pesquisadora relata que o coletivo foi citado pelo então prefeito João Dória “em várias entrevistas” e em notas de pé de página referencia alguns destes links, como

a entrevista concedida pelo prefeito na emissora Bandeirante para o Datena, quando chama *A Craco Resiste* de ‘ONG de boçais de extrema esquerda que defendem que é legal o *crack*, tomar o *crack*, proteger o *crack*’, declaração está aos 5 minutos e 20 segundos do vídeo⁵¹

Através da narrativa de Roberta, a *Craco Resiste*, se afirmando apta e disposta a entrar na disputa de narrativas com os discursos hegemônicos vigentes, se defende das alegações de que sua atuação é de apoio e estímulo ao uso do *crack*. Ao contrário,

é comum ativistas parabenizarem usuárixs que se afastam do Fluxo porque estão fazendo outras coisas da vida, ou mesmo quando param ou diminuem com o consumo de *crack* ou outras substâncias que consideram prejudiciais para si. Este processo, porém, não é forçado porque, segundo a ética da RRD, a construção de circulações e formas de estar no mundo consideradas mais saudáveis pela própria pessoa cuidada é o desejável, mas que acontece conforme o tempo de cada um. A vontade de que o cuidado aconteça no tempo de quem está cuidando é um dos fatores que mais causam sofrimento para quem quer cuidar, ou trabalha com o cuidado, de pessoas com uso problemático de drogas. Xs ativistas do Coletivo em questão compartilham dessa angústia, mas sabem que, ao menos na teoria, impor um tempo diferente daquele possível para a pessoa que se visam cuidar é ineficiente (Costa, 2017, p. 204).

Nos marcos temporais fincados ao longo do texto, um episódio serve a este propósito de desconstruir a versão do prefeito e da mídia corporativa de que *A Craco Resiste* “defende o uso do *crack*”.

Roberta relata que no primeiro dia de vigília do coletivo contra a violência policial, marcado para o dia 2 de janeiro de 2017, os ativistas passaram pelo fluxo e duas das pessoas que compunham o grupo fizeram uso de álcool e de *crack*, uma delas tendo se envolvido em uma briga. Este dia ficou conhecido no movimento como “o dia em que quase perdemos (ativistas) para o fluxo”, e para Roberta esta forma de descrever o fato mostra o quão equivocada a seu ver é a leitura de que o “resistir”

⁵¹REDE BANDEIRANTES. **Prefeitura não vai ceder em ação contra Cracolândia**, 1º ago. 2017. Disponível em: <http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/videos/ultimos-videos/16282360/prefeitura-nao-vai-ceder-em-acao- contra-cracolandia.html>. Acesso em: 14 mai. 2021.

contido no nome do movimento indicia estímulo ao uso do *crack*. A autora demonstra se esforçar para entender em que momento os significados projetados quanto aos modos de cuidado são transformados na recepção destes contradiscursos (grifos meus):

Há uma percepção de que estar no Fluxo na condição de usuárix de *crack* não é algo desejável, pelo contrário, é combatido. Esta observação é importante porque muitos dos ataques que o Coletivo recebe, principalmente via Facebook, mas também por algumas matérias na grande imprensa, trazem a compreensão [equivocada] de que o Coletivo considera positivo que as pessoas estejam na Cracolândia. **Esta compreensão pode ter origem nas declarações dxs ativistas [e] da Craco Resiste sobre as potências dos encontros e das vivências que o Fluxo proporciona, declarações que têm a intenção de quebrar estigmas comuns às pessoas da Craco e ao próprio território**, mas que não significam que se considera positiva ou desejável a situação de estar fazendo uso de *crack* em situação de rua, **ou mesmo que xs militantes concordem com os valores que são reproduzidos na Cracolândia**.

As pessoas mobilizadas em torno da Craco Resiste não acreditam que é bom, saudável ou desejável o uso de *crack*, ou mesmo as violências internas que existem e são reproduzidas nas na Cracolândia, mas que, conforme já explicado anteriormente, essa forma de existência é consequência de uma sociedade doente, e não a causa dela e, portanto, o caminho para transformação desta realidade é muito mais complexo do que qualquer resposta não estrutural será capaz de dar — em especial respostas baseadas no uso das forças repressivas do Estado. (...) As posturas e ações dxs militantes da Craco Resiste em sentido contrário à permanência no Fluxo é compartilhada não apenas com as pessoas que vêm de fora fazer as vigílias, mas também com as que são da [ou frequentam a] Cracolândia e que, **de forma singular, conforme a relação constituída com o Coletivo e/ou com militantes específicos, mas especialmente conforme seus desejos e interesses, são instigadas a fazer outras circulações para além do Fluxo** (Costa, 2017, p. 203).

Roberta relata ainda outro episódio de mediação em que o coletivo teve contato com a mídia corporativa e as possíveis consequências disso, em sua avaliação (grifos meus):

No dia 18 de janeiro [2017] eu e o Raphael Escobar saímos em inúmeros noticiários questionando a ação policial e contando da extrema violência contra pessoas debilitadas, como que sofreu um menino que usava muleta e uma sonda de urina e que foi levado para o hospital por ativistas do Coletivo depois de ser espancado por policiais. Quando estávamos na delegacia, tentando ajudar os presos, vários veículos de comunicação chegaram e nos pediram entrevistas, ficamos receosos, mas resolvemos conceder. Aparecemos nos três jornais da Rede Globo deste dia e em jornais de outras redes de televisão, como o SBT e a Bandeirantes. Nos dias seguintes às reportagens me sentia uma celebridade entre as pessoas em situação de rua do centro de São Paulo. Na Cracolândia o reconhecimento era ainda maior. Nesse momento a *Craco Resiste* passou a ser muito reconhecida no Fluxo. Muitas pessoas vieram falar que tinham nos visto na televisão, agradeciam e falavam da importância das nossas declarações. **Esta exposição do movimento e da violência policial, segundo avaliação de ativistas, possivelmente corroborou com o adiamento da megaoperação para “acabar” com a Cracolândia que só foi acontecer no dia 21 de maio (2017), mas o prefeito Doria havia prometido para janeiro** (Costa, 2017, p. 188-9).

O potencial político do trabalho de Roberta está no tema, mas principalmente em suas escolhas metodológicas. A pesquisa-ação explicita os potenciais políticos da metodologia (Gergen e Gergen, 2006) e Roberta a exerce propondo autoria múltipla

aos seus “nativos”. As expressões êmicas “Mil Fitas” e “Amanhã é domingo” do título foram sugestões de pessoas que vivem na Cracolândia. O crédito de colaboração na revisão de conteúdo é de Paulinho, o criador do churrasco-manifestação, “com direito à referência, da mesma forma que xs autorxs acadêmicos foram referenciadxs” (Costa, 2017, p. 274).

Além destes gestos, a autoria múltipla foi representada na presença de mais de dez pessoas usuárias de *crack* e frequentadoras da Cracolândia que estiveram presentes na defesa de Roberta, como ela conta em nota à página 92:

Foi um evento que muito me orgulhou e me impressionou. *Procederes*⁵² comuns a este tipo de evento, como só xs integrantes da banca e a pessoa que está defendendo terem direito a fala, não foram respeitados pelxs usuárixs que subverteram as lógicas prescritas e, por exemplo, entrevistaram em todas os pronunciamentos que aconteceram nesta defesa (Costa, 2017, p. 92).

Também seu capítulo final é redigido a partir de uma produção coletiva, que acontece em agosto de 2017. Como Roberta relata acontecer na maioria das reuniões do coletivo, a pauta desta reunião, que pretendia “colher sugestões do que seria importante constar (na conclusão de sua pesquisa)”, teve de ser adaptada diante de demandas de último momento.

No dia em questão, por exemplo, duas pesquisas acadêmicas, um coletivo anticapitalista de mídia independente e um coletivo de comunicadores sociais estavam presentes (...) A solução encontrada foi fazer uma só roda de conversa na intenção de produzir e organizar o conhecimento coletivo para: embasar o trabalho de conclusão de curso dxs estudantes da Uniso; o Podcast do Desobediência Sonora; a formulação do texto de apoio para o vídeo de apresentação da Craco Resiste; e a conclusão desta dissertação de mestrado(p.265).

Esta capacidade de adaptação e acolhimento dos modos menos organizados possíveis é própria do modo de ação do coletivo *A Craco Resiste*, “que tem a multiplicidade e o afeto como elementos constituintes” (Costa, 2017, p.20), além da

⁵² Termo êmico que significa de modo amplo uma ética local. Roberta relata que na Craco os *procederes* seriam em grande parte oriundos da tradição prisional, da “linguagem do cárcere paulista”. “Na cadeia, proceder é utilizado: como um atributo do sujeito, ou ainda, como um substantivo. No primeiro caso se diz que um sujeito “tem proceder” ou que “não tem proceder”. No segundo caso se diz “o proceder”. Ao atribuírem ou não o “proceder” a um sujeito, as considerações dos prisioneiros referem-se à sua disposição quanto a um “respeito” específico (o modo de se pedir licença para ficar em uma determinada cela, o modo de se despedir no dia da concessão de liberdade, o modo de se portar durante os dias de visita, o modo de utilização do banheiro, a higiene da cela, a higiene pessoal, a escolha de vestimentas, etc), quanto a uma “conduta” específica (na vida pregressa à prisão, nos esportes, em relação à religião, no cumprimento de acordos estabelecidos etc) e, enfim, quanto a uma “atitude” específica (para resoluções de litígios e para negociações com a administração prisional)”. (Marques, 2009, p.27-8apud Costa, 2017)

vocação para o improvisado e a gambiarra, características próprias do que se passa constantemente no território.

“É possível a reflexão de que o tempo do Fluxo acabou afetando o tempo e o funcionamento da Craco Resiste, afinal uma rigidez com horários dificultaria a construção conjunta com as pessoas que vivem a dinâmica da Cracolândia que, como comentado no capítulo 3, funciona em outros tempos e marcadores” (Costa, 2017, p.196).

A embriaguez do fluxo é criadora de outras temporalidades. A configuração do coletivo pede adaptabilidade nem sempre possível a todos, um grupo heterogêneo de ativistas, usuários, trabalhadores, em “classificações” que se sobrepõem. Numa roda de conversa cujo tema era “Lavação de Roupa Suja”, uma senhora ativista e não usuária reclamou dos constantes atrasos nas atividades, chocada que ficou em como os ativistas iam chegando, pedindo cervejas e nunca iniciando a reunião, ao que ela lhes disse, ao final: —“que maravilha! Eles são muito macunaímicos!” (Costa, 2017, p. 196).

Exemplos da ação de “outros tempos e marcadores” situam a Cracolândia em um espaço-tempo particular, um “cronotopo”, ainda que Roberta não recorra a esta categoria de análise.

“Mil fitas é um termo comumente usado na Cracolândia para indicar que muitas coisas acontecem ao mesmo tempo. Amanhã é Domingo fala sobre a temporalidade deste território que, algumas vezes, é vivida sem preocupação com o dia seguinte e, por isso, alguns afirmam que ali amanhã é sempre domingo” (Costa, 2017, p. 12).

Em seu capítulo de conclusão consta como um de seus achados de pesquisa a questão do tempo e das temporalidades: “A velocidade e intensidade dos eventos, das transformações e das dinâmicas locais são atordoantes, contraditórias e fascinantes” (Costa, 2017, p. 273). Como já vimos, nas palavras de Rui (2012), existe ali “uma trama de conflitos que zombam de qualquer tentativa de entendimento.”

Muitas pessoas relatam se perder neste tempo peculiar que alimenta a permanência em um fluxo de demandas e correes que nunca acabam. Parece não haver um “cronos, uma linha ordenada de acontecimentos” (RODRIGUES & PEZIM, 2011, p. 27), mas que o funcionamento do Fluxo acontece mais em —*Kairós*, termo que designa, para a antiguidade grega, o tempo oportuno, o bom momento para decidir e agir! (Ibid., p.34) —*Aión*, que para a mesma antiguidade remete ao tempo indefinido, ao jorro imanente do próprio tempo (Ibid., p.34) também se faz presente ali. O fato é que o Fluxo faz com que muitas pessoas, **inclusive as que não usam crack, percam a noção do tempo mensurável em minutos, horas, dias e meses**. Esta intensidade vertiginosa dos tempos do Fluxo, o tempo do presente perpétuo que nomeia de “Amanhã é domingo” esta dissertação, contraditório e incompatível com a demarcação cronológica das operações policiais e dos projetos da prefeitura, do estado e do governo federal — também por isso estes são tão ineficientes. **Todavia, o tempo vertiginoso e kairótico do Fluxo e dos tragos, o cronograma das políticas públicas e projetos da sociedade civil, justapõem-se em diferentes durações**

que se costuram no tempo de vida dos usuárixs, tornando-se referências para suas experiências (Costa, 2017, p. 100).

Além da reflexão sobre a temporalidade, a questão da linguagem na Cracolândia é outra interseção entre nossos modos de olhar. O modo de se referir a essa região não é livre de valores. Esta nomeação tem consequências discursivas e materiais na vida de um território em litígio, como observado por Roberta e outros autores.

Em um debate promovido em 2015:

a maioria se expressou de forma polarizada: ‘claro que sou contra esse nome, quem chama assim quer acabar com a gente’, ‘querem tirar a nossa Disneylândia, mas nas deles não posso entrar’, ‘aqui é Cracolândia porra. Mesmo que eles não queiram, aqui é a Cracolândia e ninguém vai conseguir mudar’ (Caderno de Campo, março de 2015). Uma solução para o debate foi rapidamente proposta por um morador da região que também é usuário de *crack*: “Acho que chama de Fluxo e pronto” (Costa, 2017 p.54).

Para Carl Hart (2014), neurocientista especializado em adição e redução de danos, o neologismo, além criar uma narrativa que vilaniza o que ali estão, é impreciso, pois o *crack* é apenas uma pequena parcela do que acontece ali (São Mil Fitas). Para ele, o termo soa “*sexy*”, como o nome de um programa de TV, e assim como na TV ou no cinema, não importa se é preciso ou verdadeiro, a única coisa que importa é ter uma boa história”.

Daniel Mello (2017) também levanta este debate em seu artigo de título no mínimo curioso — “O *Crack* não existe” — publicado no portal Le Monde Diplomatique. Neste texto, assim como Hart, o autor desconstrói a centralidade do *crack* no contexto da Cracolândia,

“Encontrei de tudo na cracolândia nestes últimos meses em que frequentei intensamente o fluxo da Luz, na região central de São Paulo. Conheci viajantes, ex-caminhoneiros e estrangeiros. Escutei samba surgido de galão de água, lata de tinta e palma seca. Estive com mães fortes, pais desaparecidos e órfãos de família inteira. Ganhei uma pintura de presente e ouvi histórias de rir, de chorar e para pensar. Só não encontrei o *crack*. Vi muita gente fumando pedra em cachimbo, mas a droga demoníaca que transforma pessoas em seres sem alma, essa posso assegurar que não existe” (Mello, 2017)

Rui (2014), em evento nomeado “Nem cracolândia, nem Nova Luz”, cita o militante Luiz Kohara, que declara que esta nomeação talvez seja o maior caso de “*bullying* socioterritorial” do país. Nesta pesquisa, o sufixo “lândia”, é propriamente uma “partícula cronotopizante” “o espaço-tempo do *crack*”. Ele indicia temporalidades em suspensão e descompromisso com a realidade, mas não somente

isso. A nomeação do território não “descreve” ou representa exatamente este lugar, mas cria aquela realidade e é em si um objeto de disputa, assim como sucede ao discurso (Foucault, 1999).

A partir daqui, me deterei ao subcapítulo 7.2, sobre Carlos Eduardo e a noite em que grava seu depoimento. Esta análise acontece orientada pela categoria cronotopos ao tomar a etnografia como “a descrição de relações cronotópicas” (Blommaert e De Fina, 2016) e cronotopo como configurante das identidades (Blommaert, 2015a), tanto de Cadu como de Roberta.

Este é último capítulo da dissertação, imediatamente anterior às considerações finais da autora e sua subsequente defesa de mestrado, em novembro de 2017. Chama-se, não à toa, “Consequências da Atuação da *Craco Resiste*”, e se divide em dois subcapítulos: Patolino e Cadu.

Após a análise, que se mescla a excertos do subcapítulo, virá o grande bloco de dados representativo do texto maior de Roberta Costa. As treze páginas reproduzidas aqui não são a sua íntegra, mas uma “quase-íntegra”, tendo sido omitidas passagens breves que não atuam na narrativa sobre Cadu em si e/ou não são relevantes para o meu recorte nas análises discursivas.

Esta etnografia, como “descrição de certas relações cronotópicas não randômicas” (Blommaert e De Fina, 2016) traz a construção das identidades de Roberta, como pesquisadora posicionada e envolvida, e do Alemão, como detentor de saberes, o cronotopo de um sábio ancião, o que tem conhecimento de causa e com quem se aprende; o relato também registra a configuração identitária de Cadu como líder político local, “figura histórica” noticiada nas mídias e mídias especializadas por seu um salvo-conduto para transitar sem abordagens infundadas.

Era dia três de janeiro (2017) e estávamos no bar Amarelinho nos preparando para a vigília. O local virou nosso ponto de encontro, não só por ser passagem da galera do Fluxo, mas também por ser um lugar fácil de chegar (...) Estávamos no bar quando avistei o Alemão passando e o chamei. Conhecia-o desde janeiro de 2012 e suas ideias sempre me ensinaram muito sobre a Cracolândia, as drogas e a vida (Costa, 2017, p.252).

Além de narrar a interação em que convida Cadu para fazer parte da série de vídeos, o trecho retoma a questão da disputa narrativa em que a *Craco* se empenha em entrar. Enquanto os outros não chegavam ao bar que seria o ponto de encontro, Roberta e ele foram até um local afastado, onde ele consumiria drogas e conversariam sobre muitos assuntos.

A narrativa de Roberta indicia o mesmo Cadu do tom professoral da performance em vídeo. No relato da interação, ele demonstra o manejo das substâncias e os revertérios que diferentes usos podem causar e se engaja em debates sobre diferentes visões da redução de danos; os dois discutem sobre a falência das lógicas simplistas e massificadoras — o que, no vídeo vem indiciado em reversões lexicais e jogos não binários e em trocas de perspectiva.

A rejeição à lógica binarista se apresenta em muitos momentos da dissertação, e é um recurso linguístico extensamente usado por Carlos Eduardo. No trecho a seguir, que não faz parte deste subcapítulo, a autora cita Viveiros de Castro sobre a multiplicidade deleuziana, como modo de fugir aos modelos dualistas:

A multiplicidade deleuziana é o constructo que melhor parece descrever não só as práticas contemporâneas de conhecimento antropológico como os fenômenos de que elas se ocupam. Seu efeito é, antes de tudo, liberador. Ele consiste em fazer passar uma linha de fuga por entre os dois dualismos que formam como as pare relata a pressão dos jornalistas e dos amigos, dessa prisão epistemológica em que a antropologia se acha encerrada (para a própria proteção, bem entendido) desde sua inepção: Natureza e Cultura, de um lado, Indivíduo e Sociedade, do outro, os “quadros mentais últimos” da disciplina, aqueles que não podemos pensar que estão errados porque é através deles que pensamos (Viveiros de Castro, 2007, p.97, *apud* Costa, 2017).

É deste mesmo modo que a autora pensa a polissemia dos termos nativos da Cracolândia: “como a categoria noia, tudo ali é polissêmico, nenhuma regra parece absoluta, nada parece binário” (Costa, 2017, p. 49). “A Cracolândia é o lugar do contraditório” (Costa, 2017, p.60)

Voltando à noite da vigília do dia 3 de janeiro, Roberta conta que, depois desta conversa e do consumo de drogas por Cadu, eles voltaram ao bar, pois

havam combinado com o Montanha de gravar um vídeo com ele para nossa série que mostrava como as pessoas da Craco são bem diferentes do estereótipo que a mídia quer mostrar.

Pelo que o relato indicia, a gravação acabou não sendo com Montanha e sim com Cadu, a quem ela fez o convite para dar seu depoimento, o que foi prontamente aceito “com a condição de buscar pedra antes”, e gravado naquela mesma noite.

Até este momento a única menção a algo (além da cor de sua pele) que indiciasse (algum) lugar social (ainda) de privilégio do Alemão é quando a autora comenta como ele se gabou do tanto de *crack* que exigiu comprar antes da filmagem: “um bloco de 100 reais (...) as doses dele sempre me impressionaram por estarem bem acima da média das que via no fluxo” (Costa, 2017)

O vídeo foi publicado no dia seguinte, e o Alemão, que não era até então um perfil no nexo *online-offline*, passa a performar e compartilhar de constelações de signos (Goebel e; Manns,2018) e afetos comuns como filmar-se, auto-observar suas performances e lidar com a contabilização do engajamento de uma publicação.

“No dia seguinte da filmagem, quando perguntou pela primeira vez, respondi que tinha cerca de 10 mil visualizações. Cadu pediu para assistir e quando fui lhe mostrar, por volta da 1h30 da manhã, já tinha mais de 17 mil visualizações. Ele ficou muito feliz em assistir novamente seu vídeo, comentou como não beber ajuda seu raciocínio a ficar melhor e mostrou-se orgulhoso com sua capacidade de fechar os parênteses que foi abrindo ao longo da fala e que ninguém esperava que ele fosse fechar” (Costa, 2017, p. 259).

A autoconsciência sobre sua visibilidade muda a relação de Cadu com o território e Roberta conta que ele começa a andar usando uma máscara do Batman, para não ser encontrado pelos jornalistas; “mas que em uma das conversas quando viu as imagens que estavam mandando, quis gravar um áudio para uma de suas amigas de escola” (Costa, 2017). No encadeamento do texto de Roberta segue-se a transcrição do recado para esta pesquisadora.

O parágrafo seguinte à transcrição do recado se inicia bruscamente com a data de 2 de junho e a revelação de que os ativistas souberam pelo jornal da saída de Cadu do território. O relato prossegue contando como ele foi convencido a sair da Cracolândia, depois de ser abordado por uma jornalista que lhe mostrava fotos (supõe-se, no celular):

uma trabalhadora que viu a abordagem da jornalista disse que num primeiro momento ele se negou a ir, mas depois teria aceitado, ficando emocionando vendo as fotos dxs amigxs do Rio (Costa, 2017, p. 260).

A recontextualização destas fotos mencionadas aconteceu, como narrado no capítulo 2, na publicação aberta da organização do resgate. As fotografias estavam disponíveis na publicação aberta, e assim podiam ser salvas, e provavelmente foi assim que chegaram ao celular da jornalista.

Roberta não se demora nos detalhes sobre a morte de Cadu, apenas cinco dias depois de ele ter saído da Cracolândia, mas expressa sua dor e reafirma que a intenção era a de “mostrar que a Cracolândia não é povoada de lixo vivo, mas de uma pluralidade de pessoas.”

O trecho que se segue indicia um “retorno” de Roberta a seu papel social de pesquisadora que, ainda que implicada, não deve fugir a questões inescapáveis, mesmo que incômodas. Estas estão relacionadas à performatividade da linguagem, à sua característica constitutiva e construtora da realidade (Austin,1990) em que as intencionalidades estão absolutamente descoladas dos efeitos, “necessariamente instáveis e indetermináveis” (Blommaert, 2015a):

“Outra questão inescapável é como uma ação, no caso o vídeo do Cadu, pode ter repercussão muito maior do que poderíamos prever, ou mesmo querer. (...) A existência de corpos diferentes na Cracolândia reverbera.(...) (Quando resistimos) em vigílias é porque (fazemos) apostas que esta presença vai ter algum impacto. A pretensão é que tenha efeitos positivos (...) mas não tem como saber qual será o real impacto desta presença (...). Uma das consequências do vídeo foi a morte do Cadu (p. 260-1).

Roberta termina reafirmando este lugar de pesquisadora posicionada, grifando um dos princípios éticos da RRD “mais difíceis de emplacar”, que é a possibilidade de cuidado que não envolva necessariamente a internação e a abstinência. Este é o ponto de interseção entre Roberta e eu, em que as mesmas questões nos tocam, pesquisadoras implicadas. É aqui também que forjo minha identidade de pesquisadora, pois passo a ter a prerrogativa física — institucional, performativa — de indexar meu trabalho ao dela, quando a cito e uso palavras-chaves em comum.

A interlocução e continuidade entre os nossos trabalhos é a própria relação de dialogismo em Bakhtin, é estabelecer um elo indexical entre nossas dissertações. Como uma mensagem na garrafa, é uma aposta da continuação da construção deste conhecimento, colegas que somos na emissão de discursos numa dada esfera de comunicabilidade.

Se observado à luz das perguntas de pesquisa, no que tange à comunicabilidade deste trecho, este trabalho projeta o tema da Redução de Danos como um de seus principais objetivos, e menciona os desfechos imprevisíveis da reverberação de corpos “diferente do esperado”, em clara alusão ao caso de Cadu.

No entanto, quando o discurso produzido no escopo do trabalho acadêmico é entextualizado no perfil nas mídias sociais do coletivo-objeto-de-estudo *A Craco Resiste*, os percursos que passa a percorrer se tornam terreno fértil para, por um lado, a construção de outros significados (o foco na pessoa de Carlos Eduardo e sua história de vida, seu lugar de exceção), e por outro para o contínuo apagamento da questão central de Roberta — a redução de riscos e danos como forma de tratamento aos usuários problemáticos.

Ao retomar o discurso de Cadu e indexá-lo mais uma vez na grande corpora de dados disponível aos mais diversos sistemas de busca, outras rotas de comunicabilidade são abertas e viabilizadas. Como pesquisadora envolvida e implicada, o efeito discursivo pretendido (novamente, não garantido) é a expansão de alcance do tema, porque não se pode pesquisar o que é proibido, o tabu inibe o conhecimento e sob o véu moralista protege outros submundos, o dos grandes salões de cidades partidas onde circulam as drogas de melhor qualidade, inclusive o *crack*.

A relação entre a categoria analítica cronotopo e a configuração de nossas identidades de pesquisadoras reafirma a urgência do debate sobre o lugar de exceção criado para Cadu, e sobre quais vidas merecem luto público e comoção (Butler, 2015). Ainda que de outros modos — em lugar de intenções, observemos os efeitos — este lugar é invocado por Roberta Costa e por esta pesquisadora que aqui escreve, quando por exemplo nós o nomeamos “profeta” ou “xamã”, dando-lhe títulos “místicos”, ou que escapam às classificações ordinárias deste mundo.

Ao assim fazer, nós o construímos como detentor de “estranhos poderes de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros pode não perceber” (Foucault, 1999) e estes modos de narrar podem indiciar a romantização de vidas de pessoas como a de Jesus, e de outros personagens a que se vai rotulando de lendários, como o Profeta Gentileza, o Daminhão Experiência, a Mulher de Branco⁵³ ou o mendigo Aqualung na capa do disco mais popular da banda Jethro Tull. Estes gestos nos chamam atenção para, como analistas, nos auto-observarmos em autocrítica,

⁵³ Daminhão Experiência e Profeta Gentileza são andarilhos que frequentaram intensamente as ruas do Rio de Janeiro. Há registros sobre eles em: WIKIPÉDIA, **Daminhão Experiência**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Daminhão_Experiência. Acesso em: 14 mai. 2021; WIKIPÉDIA, **Profeta Gentileza**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Profeta_Gentileza. Acesso em: 14 mai. 2021; WIKIPÉDIA, **Ana Maria Carvalho**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Maria_Carvalho. Acesso em: 14 mai. 2021..

evitando “tratar como discurso, como construção, apenas o que vem do outro”. (Biar, Orton e Bastos, 2021).

A seguir o trecho maior de onde foram retirados os excertos que ilustram a análise acima. Foram suprimidas as partes que não dizem respeito necessariamente a Carlos Eduardo, assim como as transcrições dos segmentos de dados do discurso e do recado já reproduzidos nesta dissertação em seus capítulos (4) e (6), respectivamente.

7.2 Cadu, um Profeta do Caos

(...)

Era dia três de janeiro (2017) e estávamos no bar Amarelinho nos preparando para a vigília. O local virou nosso ponto de encontro, não só por ser passagem da galeria do Fluxo, mas também por ser um lugar fácil de chegar e, assim sendo, não causa receio nas pessoas que não conhecem a Craco – como poderia acontecer caso marcássemos de nos encontrar direto no Fluxo. Também é um espaço que possibilita conversas amigáveis, que as pessoas se conheçam, acompanhadas de cerveja, enquanto esperamos a chegada de todos que confirmaram presença no dia, inclusive aqueles que sempre se atrasam. Estávamos no bar quando avistei o Alemão passando e o chamei. Conhecia-o desde janeiro de 2012 e suas ideias sempre me ensinaram muito sobre a Cracolândia, as drogas e a vida. Ele teve um papel fundamental em 2012, na resistência à Operação Sufoco, pois conseguiu, junto à defensoria pública, um habeas corpus preventivo para ir, vir e permanecer – que foi importante para que os usuários voltassem a se reunir na Craco sem que carros, motos e bombas fossem atirados contra eles para dispersá-los.

Cadu (outro nome do Alemão) entrou no bar e fui abraçá-lo, mas ele me disse: “cuidado que estou sujo de sangue por uma maldade que me traz muita felicidade”. Logo ele me explicou que tinha acabado de injetar heroína e, por isso, o sangue. O apresentei para os demais ativistas que ali estavam e lhe contei sobre o movimento de resistência que estávamos fazendo. Em resposta, ele disse que deveríamos ligar para a Daniela Skromov e anotou o nome da defensora pública em um papel que me deu para que eu não esquecesse. Ele estava bem tranquilo, chegava a piscar profundo como se fosse cochilar. Pediu duas coxinhas e uma Coca-Cola de 2 litros que ofereceu para todos.

Ele já havia comido, ainda faltava alguém chegar para a vigília, então fomos, nós dois, até o final da rua porque ele queria mostrar como era heroína, cheirar um pouco, só para demonstração. Sentamos na entrada de uma loja fechada, ainda na Rua do Triunfo. Mostrou o saquinho, parecia envolto no alumínio que tem no maço de cigarros. Separou uma dose bem pequena. Disse que é comum sentir vontade de vomitar quando cheirada e, nesse caso, o —melhor— enfiar o dedo na garganta e colocar tudo para fora de uma vez para não perder a brisa sentindo enjojo. Disse que a sensação é de estar flutuando.

Desde quando o conheci, sempre se afirmou como usuário de heroína. Contava que tinha começado a usá-la na Europa, mas como não tinha mais acesso a ela fazia uso constante de crack. Lembro que em 2014 deixamos de encontrá-lo tão constantemente na Craco. Uma das vezes que o encontrei demonstrei felicidade por estar lhe vendo menos no Fluxo ele me contou o motivo: tinha encontrado um canal de heroína e, com isso, conseguia fazer outras coisas porque com um pico ficava tranquilo por oito horas e, assim, conseguia fazer corridas fora da Craco – coisa que o efeito rápido do crack não permitia e, segundo ele, fazia-o ficar muito mais tempo, quase todo, no Fluxo.

Cadu me disse nesse dia que heroína era sua —Redução de Danos para o crack|. Eu concordei que da forma que me relatava, podia até ser, afinal quando ele passou a fazer uso de heroína eu o via muito menos no Fluxo, fator que eu considerava potencialmente bom — não só para ele, mas também para outras pessoas com quem construo relações de cuidado ali. Mesmo considerando significativa essa reflexão, aponte que, do meu ponto de vista, a coisa mais interessante da RRD é o fato de uma mesma prática poder ser vivida como RRD pra alguém e ampliação de danos para outra pessoa. Exemplifiquei falando que se as pessoas que usam crack passassem a usar heroína, possivelmente, teríamos muitas mortes por overdose. Ele concordou. Conversamos, nesse sentido, sobre as diferentes substâncias terem riscos diferentes, assim como lugares diferentes na experiência de cada um. Conteí-lhe o relato de um amigo que foi conhecer o EGO268 — uma ONG em Paris que trabalha dentro da ética da RRD e é uma referência de atenção à população em situação de rua e usuárixs de drogas. Profissionais do EGO, ao saber que aqui no Brasil muitas pessoas trocaram o uso de drogas injetáveis pelo crack, diziam desejar que tal substituição também acontecesse lá porque, do ponto de vista delxs, o uso de crack teria menor risco dado que não há óbito por overdoses, que é uma questão com a qual eles têm que lidar constantemente com as pessoas que fazem uso de heroína.

(...)

Conversamos, Cadu e eu, ainda na sarjeta, sobre a própria heroína (por isso seu nome) ter sido inventada para salvar as pessoas do uso problemático de morfina (ES-COHOTADO, 2006). E como qualquer lógica simplista e/ou massificadora para lidar com o uso problemático de drogas, não funcionou. Muitas as pessoas preferiram a heroína à morfina e passaram a usá-la como sua nova substância de preferência que, como todas, têm suas próprias potências e riscos. Esse tipo de inventada, como foi esta proposta da invenção da heroína para salvar as vítimas de dependência da morfina, é constante nas políticas e lógicas de cuidado que tentam massificar e dar uma mesma resposta para pessoas que são singulares e, portanto, fazem usos diferentes, por motivos diferentes e podem ter sua(s) substância(s) de preferência alocada(s) em uma multiplicidade infinita de lugares e sentidos na vida.

Cadu falou que aqui no Brasil as pessoas estão acostumadas com drogas estimulantes, mas que heroína era outra coisa, não tira a fome e o deixava conversador. Realmente era muito mais fácil manter um diálogo longo com ele quando estava sob efeito da heroína. Sob efeito só de crack ficava muito agitado e dificilmente mantinha mais de 10 minutos de conversa. Cadu falava que a heroína é a melhor sensação do mundo e o crack a melhor droga para se usar: —a pedra é bom o uso, a heroína é boa a brisa.

O álcool, por sua vez, o Alemão estava há 13 anos sem usar. Ele contou que fazia parte do AA (Alcoólicos Anônimos), afinal era só sobre álcool e não tinham nada a ver com seu uso de crack e heroína. Disse que no dia seguinte iria à sessão do grupo na Santa Cecília comemorar seu aniversário de 13 anos sem beber. Ele me convidou para ir com ele, mas lhe disse que tenho preconceito com essa forma de abordar o uso problemático de drogas. Disse- lhe que não acredito e acho cruel a lógica de que uma vez que a pessoa se enquadre como adicta isto será uma questão eterna em sua vida e ela terá apenas a abstinência como possibilidade de melhora — acredito que esta ideia

pode levar a muitos sofrimentos. Cadu, então, me perguntou se eu conhecia a história do AA. Ele disse que era legal, que tinha a ver com o que eu vivia dizendo sobre xs usuárixs serem xs detentores de conhecimento sobre as substâncias e, portanto, xs maiores especialistas sobre os usos e, por isso, as melhores pessoas para conversar quando não se quer mais usar. Falei que não conhecia e pedi para que me contasse. Ele contou que tinha um alcoólatra que queria parar de beber e lhe disseram que tinha um médico que poderia ajudá-lo. O que queria parar foi atrás da pessoa indicada que realmente o ajudou, não porque era médico, mas porque também era alcoólatra: eles passaram o dia conversando e não tiveram vontade de beber. Combinaram de se encontrar no dia seguinte, daí tiveram vontade de beber, mas falaram sobre isso e a possibilidade de falar, um para o outro, segurou a vontade que sentiam. Então fundaram o AA, que é uma ajuda mútua. Foi interessante o modo como o Alemão contou, ele construiu a história do AA de forma que eu a ouvisse sem rejeitá-la, conseguiu suspender meu prejulgamento e agenciar uma empatia construindo paralelos com a RRD no sentido da valoração do saber dxs usuárixs.

Voltamos para o Amarelinho e o bando que estava combinado para a vigília daquele dia já estava completo, então fomos andando, na companhia do Cadu, em direção ao Fluxo. Nós tínhamos combinado com o Montanha, que é morador da Cracolândia, de gravar um vídeo dele para nossa série que mostraria como as pessoas da Craco são bem diferentes do que o estereótipo que a grande imprensa passa, ou mesmo do que as declarações do prefeito querem fazer entender – em campanha, ele havia chamados todxs ali de —lixo vivo]]. Na hora que estávamos prestes a entrar no Fluxo, perguntei para o Cadu se ele não concordaria em gravar conosco. Ele aceitou com a condição de que fosse buscar pedra antes. Concordamos e o ficamos esperando na esquina da Alameda Dino Bueno com a Rua Helvétia. Ele entrou pelo corredor central que as banquinhas formavam no meio da Alameda Dino Bueno. Logo ele voltou com um pedaço de pedra muito grande, a maior que já havia visto na mão de um usuário. Ele chegou se gabando do tamanho do seu bloco. Contou que havia pago R\$100 naquele pedaço. Voltamos para a Praça Júlio Prestes e o Alemão, antes de sentar, arrancou um pedaço servido do bloco que tinha acabado de comprar, arrumou o seu cachimbo, acendeu e tragou com gosto uma quantidade considerável de crack. Como as outras pessoas que nós nos relacionamos têm, via de regra, muito menos poder aquisitivo do que o Cadu, as doses dele sempre me impressionavam por estarem bastante acima da média das que via no Fluxo. Terminou seu trago, sorriu, sentou e disse que podia começar a filmar. A Alice já estava pronta, deu o play na câmera e eu no gravador:

(...)

[ESPAÇO NA DISSERTAÇÃO EM QUE SE LOCALIZA A TRANSCRIÇÃO DO DISCURSO]

A vigília mesmo nem havia começado no ponto em que parei a descrição, aconteceram várias outras coisas inesquecíveis nesta noite. Nesse dia ficamos na Craco para além das 3h da manhã. Depois da vigília, por volta das 4h, passamos na Praça Roosevelt para conversar e digerir juntxs os acontecimentos da noite – gravamos um áudio coletivo para o meu caderno de Campo que relata muito mais sobre esta noite. Mas como um texto é feito de escolhas, a opção aqui será contar um pouco mais sobre Cadu e sobre a filmagem feita nesse dia, que foi publicada na página da Craco Resiste no Facebook e mobilizou muitas coisas e pessoas.

Essa foi a publicação do Coletivo que teve a maior repercussão, seja em números decurtidas e compartilhamentos (teve cerca de um milhão e duzentas mil visualizações só do perfil dos Jornalistas Livres), seja em consequências, especialmente na vida do Cadu. A publicação foi feita no dia 07 de janeiro, depois disso sempre que encontramos o Alemão, ele perguntava quantas visualizações já tinha e ficava muito orgulhoso com os números que sempre aumentavam. No dia seguinte da filmagem, quando pergunto pela primeira vez, respondi que tinha cerca de 10 mil visualizações, número de quando sai da minha casa em direção à Craco. Cadu pediu para assistir e quando fui lhe mostrar, por volta da 1h30 da manhã, já tinha mais de 17 mil visualizações. Ele ficou muito feliz em assistir novamente seu vídeo, comentou como não beber ajuda seu raciocínio a ficar melhor e mostrou-se orgulhoso com sua capacidade de fechar os parênteses que foi abrindo ao longo da fala e que ninguém esperava que fosse fechar. Em maio, cerca de quatro meses depois do vídeo feito e publicado, o nível de exposição das questões envolvendo a Cracolândia e as suas resistências cresceram muito, assim como o alcance deste vídeo. Os amigos da escola que o Cadu estudou no Rio de Janeiro, quando seu apelido ainda era Sarda, viram o vídeo e começaram a se mobilizar para ajudá-lo. Soubemos que eles haviam arrecadado cerca de 200 mil reais para essa ajuda que lhe foi oferecida na forma de uma internação em uma clínica no Rio, mas que depois que ficasse abstinente o dinheiro poderia ser usado para visitar seus/suas amigxs.

Muitas pessoas começaram a entrar em contato pela página da Craco Resiste no Facebook pedindo que xs ajudasse a encontrá-lo. Xs próprixs amigxs, assim como a imprensa, pressionaram-nos bastante, mas como o Cadu dizia que não queria ser encontrado, que não queria voltar para o Rio, muito menos para ser internado, respondíamos que ele não queria e que respeitaríamos a sua vontade. O Alemão passou a andar pelo Fluxo e pelas ruas do centro com uma máscara do Batman para não ser reconhecido ou encontrado. O Cadu nos falava que não queria ser encontrado, mas em uma das conversas que tivemos sobre isso, depois que viu as mensagens que estavam nos mandando, ele quis gravar um áudio para uma de suas amigas de escola, de quem se lembrou com muito carinho como uma das pessoas mais próximas na época. Esse áudio chegou a ser publicado pela Veja Rio:

(...)

[ESPAÇO NA DISSERTAÇÃO EM QUE SE LOCALIZA A TRANSCRIÇÃO DO RECADO]

No dia 2 de junho recebemos pela imprensa a notícia de que, no dia anterior, ele foi encontrado no território por uma jornalista do —O Globo|| que o teria convencido de ir para o Rio se internar. Jornalistas passaram dias no território, pediam ajuda para todo mundo que encontravam pela frente e achavam que poderia conhecer o Cadu — estavam —enchendo o saco|| segundo o Alemão e várixs trabalhadorxs que foram insistentemente abordadxs. Segundo o relato de uma trabalhadora que viu a abordagem quando a jornalista o encontrou, num primeiro momento ele teria se negado a ir, mas depois teria aceitado, ficando emocionado ao ver fotos dxs amigxs do Rio. Segundo uma declaração da jornalista publicada na imprensa quando ela o encontrou, ele negou o convite de ser levado para o Rio, mas anotou o telefone da jornalista e ligou no dia seguinte porque havia mudado de ideia. No dia 7 de junho, menos de uma semana depois de ter saído da Craco, o Cadu faleceu na clínica em que foi inter-

nado por esses amigos que queriam ajudá-lo. Também ficamos sabendo pela imprensa. Doeu muito. Ainda dói.

Aprendemos e refletimos muito com a relação que tivemos com o Cadu, com seu vídeo e com sua morte. O primeiro elemento que parece importante apontar foi o que nos motivou a fazer esses vídeos sobre personalidades da Craco: mostrar que não de —lixo vivo|| que a Cracolândia é povoada, mas de uma pluralidade de pessoas, como apontou o próprio Cadu e que, nesse sentido, sugeriu que o Doria se retratasse para não receber muita crítica pesada. Como profetizado pelo Alemão, críticas à política do Doria vieram até mesmo de dentro do governo, a sua secretária de Direitos Humanos e Cidadania Patrícia Bezerra, ao pedir demissão do cargo quando manifestantes ocuparam a Secretaria para pedir explicações sobre a ação policial e as pretensões do poder público na Cracolândia, afirmou que a megaoperação policial que ocorreu no dia 21 de maio de 2017 foi desastrosa e que:

Estou incomodada tanto quanto vocês. Também acho injusto. (...) Problema complexo, não se resolve dessa maneira. Não se cura um problema denso, como é o problema de dependência química, do dia para a noite. (...) Isso é um problema de saúde pública. (BEZERRA, 24 de maio de 2017)

Outra questão inescapável à reflexão é como uma ação, no caso o vídeo do Cadu, pode ter repercussão muito maior do que poderíamos prever, ou mesmo querer. Isso também vale para a proposta de organizar uma resistência, que teve seu marco inicial em uma reunião chamada pelo processo de escrita desta dissertação e que ninguém imaginaria que teria tantos desdobramentos como a Craco Resiste tem. Das principais apostas deste movimento é que a existência de corpos diferentes na Cracolândia reverbera. Quando ativistas, com câmeras e uma série retaguardas – como conhecimentos, áreas de atuação, inserção e aliadxs – vão para a Craco resistir em vigílias é porque fazem uma aposta que esta presença vai ter algum impacto. A pretensão é que tenha efeitos positivos para xs usuárixs, como a diminuição da violência policial, a oferta de atividades culturais e a própria disputa de narrativa que visa diminuir preconceitos sobre elxs. Mas não têm como saber exatamente como vai reverberar e qual será o real impacto desta presença. Da mesma forma que é uma crise para xs ativistas quando a violência policial chega assim que a vigília cultural vai embora e ela, mesmo que contenham a violência no período que está ocorrendo, pode motivar um rancor nas polícias que, algumas vezes, o desconta nxs usuárixs, não poderíamos prever os desdobramentos na conjuntura e na vida do Cadu que seu vídeo teria. Uma das consequências do vídeo feito pela Craco Resiste foi a morte do Alemão. Se este vídeo não tivesse sido feito talvez o Cadu estivesse até hoje analisando tudo e todos de forma crítica, rindo e chorando, fazendo uso de drogas e de paçoca, contribuindo com a resistência e com nossos aprendizados sobre a vida.

O vídeo do Cadu talvez tenha gerado tanta mobilização e repercussão porque ele também era diferente do que se espera de um usuário de crack, também é um corpo diferente que reverbera. Será que teria tido tamanha repercussão se ele fosse negro, oriundo de uma classe popular e se tivesse estudado em um colégio com menos prestígio?

(...)

Outro ponto importante que a estória do Cadu traz à tona, que é dos princípios mais importantes para a ética da RRD, mas também um dos elementos mais difíceis para emplacar essa possibilidade de cuidado, é que a maioria das pessoas não vislumbra formas de ajudar alguém que está fazendo uso problemático de drogas que não seja a partir da internação e da abstinência. Foi isso que xs amigxs do Alemão propuseram e insistiram, mesmo ele dizendo não querer. A insistência de jornalistas e amigxs, que fez com que ele andasse com uma máscara do Batman pelo território para evitar ser reconhecido, não respeitou nem seu processo, nem seu tempo. Não sabemos exatamente o que motivava o Cadu fazer questão de estar constantemente em estado alterado de consciência. Não tem como imaginar com o que ele se deparou no seu processo de —desintoxicação. Mas, com certeza, pelas conversas que tive com ele, não era algo fácil de lidar de uma hora para a outra. Seria possível pensar outras possibilidades de cuidado que não fosse uma internação, mas isto não passa pela cabeça de grande parte da população, talvez da maioria – talvez este seja um dos maiores desafios da RRD: emplacar que é possível formular e construir outras formas de cuidado. Talvez esta fosse uma possibilidade de intervenção que xs ativistas da Craco Resiste poderiam ter tido: pensar junto com o Cadu, e mediar com suas/seus amigxs, outras formas de cuidado.

(...)

O despreparo dos espaços de reclusão de pessoas com uso problemático de drogas é algo que o caso do Cadu também evidencia. (...) O local que o Cadu foi internado, porém, não era uma CT, como no caso da maioria das pessoas que são internadas. Era uma clínica que, enquanto tal, tem a necessidade de ser composta por uma equipe de saúde que as CT's sequer precisam, além de fazer o uso de medicamentos que, geralmente, as CT's também não têm. E não era uma clínica qualquer, era uma clínica da elite carioca, ou seja, [supostamente] melhor preparada e com medicamentos mais caros e modernos do que a maioria das clínicas espalhadas pelo país. Mas, mesmo neste espaço acima da média, o Alemão veio a falecer, o que reforça a necessidade de um amplo debate sobre as internações, especialmente quando vistas como a única possibilidade para lidar com o uso abusivo de drogas.

(Costa, 2017 págs: 251-264)

A projeção de comunicabilidade do texto de Roberta é o universo acadêmico, textos pouco lidos fora de suas cercanias. Esta cartografia projeta um público especialista, leitor de Ciências Sociais e Humanas, pares de Roberta na construção de saberes. A publicação da transcrição do discurso inserida no texto de Roberta tem, portanto, uma comunicabilidade muito diferente daquela projetada pelo perfil nas redes sociais, que o coletivo usa para declaradamente empreender uma disputa narrativa. As atividades de autocomunicação (Castells, 2013) do coletivo expandem consideravelmente o público imaginado por Roberta, e o discurso de Carlos Eduardo, como projétil textual (Rampton, 2014), perfura a bolha inicial e atinge públicos não antes imaginados.

Maria: mensagem desencaminhada e desejo de pertencimento

A seguir reproduzo e analiso o recado em áudio que recebi de meu ex-colega de escola Carlos Eduardo Maranhão através da plataforma Messenger, quando ele ainda se encontrava na Cracolândia. Os dados são a resposta de Cadu a algumas palavras minhas, em uma conversa assíncrona entre nós intermediada pelo administrador da página/redutor de danos. Isso acontece minutos após eu assistir ao seu discurso em vídeo na página Jornalistas Livres pela primeira vez, quando identifiquei a publicação original (em *A Craco Resiste*) e entrei em contato direto com a página.

À época, o recado se torna público por minha interferência, e passa a circular na esfera de comunicabilidade deste evento, como tentei representar graficamente na figura 30, repetida mais adiante. A comunicabilidade deste trecho é afetada pelo movimento de sua entextualização (seu “copia e cola”) em uma cauda de comentários (Biar, Orton e Pachcoal, 2021) que se configurou como um banco de imagens e mídias aberto, passível de ter seus conteúdos encaminhados. É assim um local de “distribuição”, onde o recado foi coletado para integrar as rotas de comunicabilidade da mídia corporativa.

Por esta razão, após a análise de sua fala retomo as matérias jornalísticas mencionadas no capítulo 2 para observar alguns de seus trechos à luz das perguntas de pesquisa que esse trabalho suscitou. O movimento final desta última seção de análise prepara assim as considerações finais desta pesquisa.

Foi utilizada uma adaptação de convenções de transcrição comuns aos estudos da fala-em-interação⁵⁴. O objetivo é identificar (ou não) a existência de uma narrativa e também os índices que este trecho dispara. Para tal empreitada inicial foram convocadas as lanternas do cânone laboviano, que iluminariam os elementos mais simples e constitutivos de uma narrativa de experiência pessoal (Labov, 1972), caso essa “escavação” provasse sua existência.

⁵⁴ Convenções compiladas por Bastos e Biar (2015) a partir de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989); estão listadas e legendadas na página 161 deste trabalho.

A análise põe assim em contato o exercício laboviano do “diagnóstico da narrativa” com a exposição dos dados às categorias analíticas já apresentadas — comunicabilidade, cronotopos, entextualização e indexicalidade. Estes modos de olhar são adaptações / renovações / invenções que autores contemporâneos passam a fazer no ferramental construído até então, a partir da chamada virada narrativa.

Este contexto semiótico, no entanto, é bem diverso daquele explorado por Labov, em que o gravador portátil era a novíssima tecnologia que além de dar mobilidade ao pesquisador permitia novos modos de geração e leitura de dados, a análise, à exaustão, da voz gravada. Hoje os telefones contêm os gravadores e a mobilidade agora afeta o conteúdo produzido, que é transportável pela ponta dos dedos — do aparelho de celular para o aplicativo de mensagens da rede social, para uma cauda de comentários, para a redação *online* de um grande veículo, para o celular de uma jornalista dentro da Cracolândia, em trajetos que podem levar apenas alguns instantes para se completar.

Assim o recado se insere em algo maior história, o espetáculo vernacular mais amplo. Espetáculos vernaculares se referem a conteúdos midiáticos produzidos fora de instituições de mídia formais, compartilhados e discutidos em sites como o YouTube (Androstopoulos, 2010 *apud* Goergakopoulou, 2013). Para Bamberg e Georgakopoulou (2008), este ambiente favorece o aparecimento e detecção de histórias para muito além dos marcadores canônicos de Labov.

Segundo Labov, a narrativa é um método de recapitular experiências passadas cuja estrutura básica (mas não estanque) inclui seis elementos constituintes — resumo, orientação, ação complicadora, avaliação, resolução e coda. De modo muito simplificado, o resumo traz o “ponto da história”; a orientação é onde se apresentam os personagens e o contexto; a ação complicadora é o conflito em si, o fato reportável; a avaliação traz os comentários do narrador e também pode revelar o “ponto da história”; a resolução indica o desfecho da narrativa e a coda é o fechamento da mesma e também um modo de avaliar os efeitos da história e retomar o tempo presente na narração (Labov, 1972; Bastos e Biar, 2015)

Dentre estes elementos, segundo Labov (1972), são indispensáveis a uma narrativa a ação complicadora e ao menos duas orações com uma junção temporal entre elas, ou seja, alguma sequencialidade. Se visto ao modo de Labov (1972), com

suas “fôrmas”, o recado em mp3, não sem algum esforço analítico, pode ser visto como uma narrativa breve, em que se insinuam algumas destas categorias fundamentais isoladas pelo autor. A análise também identifica algumas estacas temporais que coincidem com cânones culturais de histórias de vida — o tempo da escola, a paternidade (indicada nos cuidados com os filhos, *num consultório*), uma mudança geográfica (Bastos e Biar, 2015; Linde, 1993).

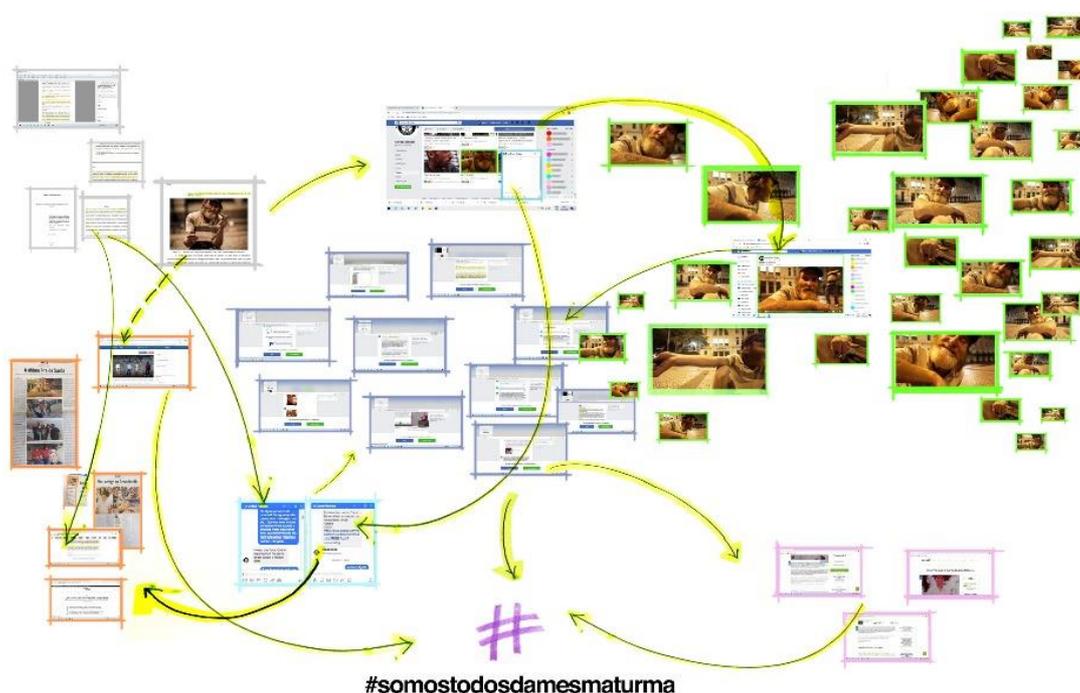
No minuto e meio do recado prevalecem as estratégias avaliativas e a busca por alinhamento; a ordem imaginada por Labov é absolutamente quebrada, com a prosódia inicial ascendente indiciando resolução e falsa coda indiciada na prosódia. A ação complicadora é ampla demais — *o descaminho que é a vida*. Não há na orientação nada que seja “reportável”, apenas uma ida a um consultório, a coda é tão somente uma avaliação, uma despedida seca — *foi bom conhecer eles também*. Ainda assim, lá está uma narrativa, escavada.

De acordo com Linde (1993), histórias de vida também pressupõem uma sequencialidade e algum esforço na criação de coerência entre estes momentos-chave. Nos dados isso está expresso na menção do cronotopo escolar resgatado, na paternidade e na mudança de cidade. Neste microfragmento está indexado um percurso de amizade, o afastamento provocado pelos descaminhos, o reencontro no mútuo reconhecimento, e a coda que se projeta como despedida — *e... foi bom conhecer eles, foi muito bom também*.

Se observado através da Teoria da Comunicabilidade, este segmento dos dados teve sua projeção expandida ao ser divulgado nas redes sociais. Este desencaminhamento e o alcance que o arquivo de áudio pôde tomar só puderam acontecer por esta história se passar no contexto da web 2.0, terreno que segundo Georgakopoulou (2013) pede por uma nova narratologia, em que as análises que sejam cientes dos processos de recontextualização e resemiotização por que passam os dados além do evento discursivo.

A questão da linearidade também é subvertida em narrativas transmidiáticas e multimodais, como na tentativa de ilustrar os movimentos dos dados feita no diagrama da figura 30, repetida a seguir. Pode-se partir de diferentes pontos para seguir o percurso dos textos.

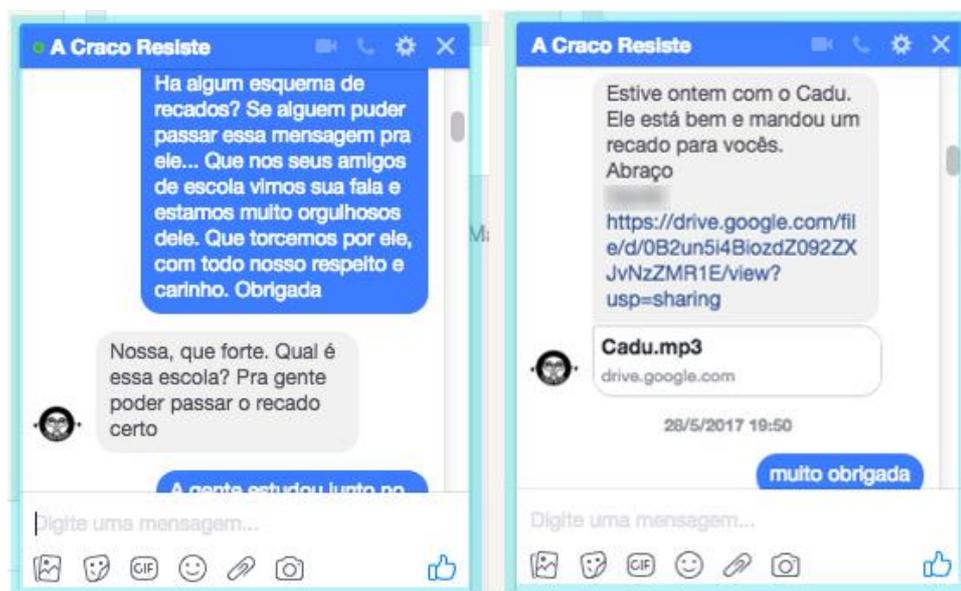
A captura de tela do recado se localiza abaixo, na diagonal esquerda do símbolo da hashtag, e está emoldurada em azul claro. Uma seta o leva à publicação no Facebook, a arena onde os ex-colegas se reuniram (capturas de tela emolduradas em azul real) e dali outra seta representa sua entextualização na mídia corporativa (capturas de tela emolduradas em laranja). Da mídia corporativa o conteúdo é reproduzido na narrativa etnográfica de Costa (capturas de tela emolduradas em cinza). A narrativa etnográfica que entextualiza o recado é simultaneamente o ambiente disparador do discurso, cuja viralização está representada nas capturas de tela emolduradas em verde.



Esta interação só foi possível graças ao aplicativo de mensagens privadas Facebook Messenger, que desde 2011 conecta usuários da plataforma ainda que estes não tenham sido mutuamente adicionados como “amigos” ou que a página que o usuário pretenda contatar não tenha sido ainda “curtida” por ele (o que equivale a uma “assinatura” para receber atualizações de seu conteúdo, recurso hoje também ativado pelo botão “seguir”). “Curtir uma página” é o tipo de informação que a plataforma torna pública aos amigos em comum, e naquele momento eu ainda não havia curtido a página deste coletivo.

Como se vê abaixo, isso acontece em uma caixa de diálogo com destaque para a cor azul, marca desta rede social. Na barra superior da caixa à esquerda, além do

nome do interlocutor (*A Craco Resiste*) e dos ícones das ferramentas de interação e configurações, um círculo verde indica que no momento desta captura de tela meu interlocutor estava *online*, ou seja, nossa conversa no aplicativo pode acontecer de forma síncrona ou não.



Os balões de fundo azul forte indicam o espaço da minha fala, enquanto que os balões em azul esmaecido contêm as falas enviadas pelo redutor de danos/administrador da página. Nestes balões consta o avatar/ logomarca de *A Craco Resiste*, cuja criação é um dos resultados das rodas de conversa e oficinas do coletivo com os usuários, e ponto importante na dissertação de Costa.



Figura 31: Logomarca do coletivo A Craco Resiste

A relação com o cachimbo fala da relevância do conhecimento sobre os efeitos de materiais e substâncias no corpo. Em uma perspectiva da filosofia de redução de riscos e danos, esta discussão é uma oportunidade de criação de vínculo e promoção

de autocuidado, além de falar de identidades, com dois cachimbos diferentes convivendo em um mesmo símbolo; também em atividades com arte educadores o cachimbo aparece frequentemente nos desenhos; também o material do cachimbo (sendo o cobre o mais nobre deles) indicia algum status do usuário no território, diferenciando-o dos demais (Costa, 2017; Rui, 2012; Rui, 2014; Fromm, 2017).

As múltiplas semioses acima incluem símbolos, texto e hipertexto, que é o elemento clicável, a rota que leva ao local de armazenamento (em nuvem) do arquivo de áudio que contém o recado. No balão maior azul, as palavras da pesquisadora que provocaram a resposta em áudio, em diálogo que reproduzo aqui (grifos meus):

*Eu pergunto: “Há algum esquema de recados? Se alguém puder passar essa mensagem pra ele...Que **nós seus amigos de escola** vimos sua fala e **estamos muito orgulhosos dele**. Que torcemos por ele, com todo nosso respeito e carinho.”*

Sob a força de atração do cronotopo escolar, da suposição de que compartilhamos (de algum modo ainda) das mesmas constelações de signos (Goebel e Manns, 2018), esta pesquisadora fala no plural — nós seus amigos de escola —, como se dotada de procuração para tal e me alinhando a Carlos Eduardo na evocação do cronotopo escolar. O mencionado orgulho do colega é o afeto disparador de minha participação na publicação aberta no Facebook em que se organizava o resgate, como em um “cartaz de Procura-se” interativo. Esta palavra é também um índice que aponta para as práticas da RRD, no respeito às escolhas do sujeito e ao seu saber como usuário das substâncias de sua preferência.

Após um comentário avaliativo — *nossa que forte* —, o interlocutor me pergunta exatamente o nome da escola, *pra gente poder passar o recado certo*, ao que eu lhe respondo com a informação (que aqui foi omitida). Na janela da direita está sua breve resposta — *estive ontem com o Cadu, ele está bem e mandou um recado pra vocês* —, e em seguida o *link* com a rota de acesso ao arquivo em áudio, armazenado em nuvem.

Minutos depois deste recebimento, movida por afetos, eu passo adiante este *link* em mp3 recopiando-o na página em que os amigos trocavam informações e reminiscências sobre Cadu / Sarda / Jesus. Com isso, expando significativamente a audiência e interlocução com este conteúdo.

Meses depois eu passaria a escutar este áudio como dados de pesquisa, escavando-os em suas minúcias e peneirando seus índices. Esta observação detecta movimentos retóricos que constroem simetrias, internas e externas, criando elos fundamentais com a meta-história que se desenrolava. Tudo isso acontecendo em uma cápsula mínima de história de vida. Ao olhar da analista estes movimentos indiciam ao contrário uma “elegância” do recado na acepção que este termo tem para a matemática, pela simplicidade, concisão e simetria notadas em fragmento tão diminuto, em que o jazz instrumental e o clima de festa ao fundo não passam despercebidos.

A estas qualidades estéticas de seu (já podemos dizer) estilo, reajo com orgulho, ansiedade e urgência em “mostrar para todo mundo”. Esta preocupação em “inaugurar” ou trazer algo realmente especial para uma cauda de comentários (Biar e Paschoal, 2020), é o próprio “dar um furo” do jargão jornalístico. A este sentimento Varis e Blommaert (2015) deram o nome de “*firsting*”, em reflexão sobre como as pessoas consideram importante participar de um movimento viral.

Em diferentes escalas e escopos de alcance, são os afetos os gatilhos pra nossos gestos nas redes, no modo como distribuímos o conteúdo e como isso passa a fazer parte de nossos modos de expressão e nossos ativismos.

A *Craco Resiste* faz parte, nas palavras de Castells (2013), “de uma nova geração de ativistas” que nasce das possibilidades de autocomunicação da Web 2.0 e da mobilidade digital. Este pensador, que cunhou o termo “sociedade em rede”, confere aos afetos as mobilizações políticas em rede que em 2011 que ganharam o nome genérico de Primavera Árabe. Para o autor, foram a indignação e a esperança — afetos — que mobilizaram centenas de milhares de pessoas a ocupar um terceiro espaço, “híbrido de cibernética e espaço urbano”, o espaço “da autonomia”, em havendo também “o espaço dos lugares e o espaço dos fluxos”, espaços de exercício de contrapoder e de contradiscursos.

Ainda de acordo com este autor, estes movimentos sociais em rede são metarreflexivos e para estes ativistas importa mais o processo do que propriamente o resultado; estas duas características projetam paradigmas comuns à existência física e digital da *Craco Resiste*, o que inclui a etnografia do Fluxo feita por Costa (2017). Esse tipo de encontro — entre a academia e as ruas — é o espaço onde nascem as

revoluções: “o *big bang* de um movimento social começa quando uma emoção se transforma em ação.” (Castells, 2013)

Em outras etnografias sobre a Cracolândia e a vida nas ruas, o afeto é constructo e paradigma. O *vínculo* (Frangella, 2009; Rui, 2012; Costa, 2017; Fromm, 2017) é o afeto-paradigma no trabalho dos redutores de danos e assistentes sociais; a criação de vínculo é simultaneamente objetivo e condição atuar em um contexto extremo como o Fluxo, na Cracolândia. Neste sentido, é o vínculo que traz Carlos Eduardo para gravar esse recado; é vínculo o que ele ao mesmo tempo cria e reivindica — reconhecimento.

“Para além de todo sofrimento social também condensado ali, são produzidas redes de relações, de alianças e de trocas que minimizam dores e que fazem circular ajudas mútuas, afetos e também informações. Relações que produzem fluxos e vínculos interpessoais e com o espaço, além de produzirem regulações, ordenamentos e refúgios possíveis” (Fromm, 2017, p. 13)

Também para Massumi (2017) “o conceito de afeto é fundamental para uma filosofia ativista porque nos dá uma maneira de pensar sobre emoções e outras coisas que consideramos interiores e subjetivas, em termos de atividades e movimentos no mundo” (Massumi, 2017, p. 112). Para este autor, a micropolítica é assim uma qualidade de movimento, assim nomeada como micro não por ser uma política em menor escala, ainda que possa sê-lo, mas principalmente por conta de sua imperceptibilidade, podendo acontecer em qualquer escala, mas sempre de forma imperceptível (Massumi, 2017).

A combinação orgulho mais desejo de pertencimento foi o afeto-gatilho para uma ação; a então amiga/ hoje narradora desta história aperta o botão “publicar” e ao ser entextualizado para além de sua cartografia prevista, o recado ilumina aspectos de nossas identidades e relações, se torna um elo entre esta pesquisadora e os amigos de Sarda que se reuniam para organizar o resgate.

Quando chego trazendo este áudio para a publicação aberta, passo a interagir mais intensidade no ambiente, a ponto de, após saber que o *link* havia sido republicado na Revista Veja online, incluir um comentário em formato “textão”, cujo ponto era, em termos de Goffman (1967), salvar a minha face, como se fosse sequer possível conter os movimentos de entextualização já em curso. A seguir o conteúdo transcrito segundo normas utilizadas no campo da análise da fala-em-interação.

		((saxofone de jazz bem alto ao fundo))
	rapaz	°calma aí°
1	C. E.	((um pigarreio)
2		.hh Maria, é o Carlos Eduardo (2.0)
3		é... realmente muito legal vocês...
4		se dirigirem a mim ainda como amigos da escola né? (1.0)
5		E neste descaminho ↑ (2.0) que é a vida, né? (1.0)
6		o bom (3.0) é ver que (1.5)
7		são a::nos, né, que a gente não se vê
8		>a última vez que eu te vi, eu me lembro<
9		foi num consultório, né, com as crianças, né?
10		com a sua filha ou seu filho... e a minha filha, né? (2.5)
11		e (3.0) que (2.5)
12		por maior que seja essa distância e te::mpo (3.5)
13		por mais que eles digam NÃO↓ né? (2.0)
14		é sempre bom a gente conseguir ser novamente reconhecido, né? (0.5)
15		pelos pessoas de idade, de um passado mais longe
16		e ver que (1.0) mal ou bem, né? (1.5)
17		>do mesmo jeito que cê me reconhece eu te reconheço, né?<
18		a gente deixou alguma coisa pro outro de boa, né?
19		manda um abraço aí pro (...), nosso diploma::ta, né? (1.5)
20		quando ver ele por aí:: e pro pessoal, né?
21		>eu tô aqui em São Paulo e esse pessoal da (Craco Resiste) .hh
22		é um pessoal muito (louco) que lembra muito a gente também
23		já um pouco mais ve::lhos, né?
24		e... foi bom conhecer eles, foi muito bom também
25		tudo de bom. um beijo, Maria
		((o jazz alto ao fundo continua))

Os dados estão permeados por estratégias que refletem e criam envolvimento interpessoal e também por muitos recursos avaliativos. Além da música de fundo que acompanha toda a fala, o ritmo próprio nas palavras de Carlos Eduardo cria altos e baixos, graves e agudos, acelerações e desacelerações em movimento de montanha-russa. Nestes altos e baixos Cadu está sempre buscando alinhamento, latente nas 14 ocorrências do marcador discursivo *né*.

A linha 2 traz sua identificação e ele se apresenta do modo como quer ser chamado (ele não se identifica como Jesus) —*Maria, é o Carlos Eduardo*. Ele segue iniciando propriamente o trecho com uma avaliação, na linha 4, em que constrói como surpresa o fato de nos dirigirmos a ele *ainda como amigos da escola*. Isso está indexado no uso do advérbio de tempo *ainda* (linha 4). Trata-se de um recurso

avaliativo, como se com o passar do tempo fosse possível apagar entre nós sua identidade de estudante e de nosso cronotopo compartilhado.

Este é um trecho cujo significado se torna passível de reconstrução se analisado em sua recontextualização no trabalho de Costa (2017). Um excerto do segundo conjunto de dados se interpõe assim nesta análise, como se verá a seguir. Ao ser entextualizado no subcapítulo 7.2 (segundo segmento de dados) o recado se insere em outra cronologia, agora como “a história do recado enviado”, parte da narrativa etnográfica da pesquisadora-redutora, e assim se configura uma meta-história, ou histórias que se aninham (De Fina e Gore 2017)

“Os amigos da escola que o Cadu estudou no Rio de Janeiro, quando seu apelido ainda era Sarda, viram o vídeo e começaram a se mobilizar para ajudá-lo. (...) Muitas pessoas passaram a entrar em contato com a Craco Resiste no Facebook pedindo que xs ajudasse a encontrá-lo. Xs próprixs amigxs, assim como a imprensa, pressionaram-nos bastante, mas como o Cadu dizia que não queria se encontrado, que não queria voltar pro Rio, muito menos para ser internado, respondíamos que ele não queria e que respeitaríamos a sua vontade. O Alemão passou a andar pelo *Fluxo* e pelas ruas doos centro com uma máscara do Batman para não ser reconhecido ou encontrado. O Cadu nos falava que não queria ser encontrado, mas em uma das conversas que tivemos sobre isso, depois que viu as mensagens que estavam nos mandando, ele quis gravar um áudio para uma de suas amigas de escola, de quem se lembrou com muito carinho como uma das pessoas mais próximas na época. Esse áudio chegou a ser publicado pela Revista Veja Rio.”

Costa, 2017 página 259

Figura 32: Reprodução da página 259 da dissertação de Roberta Costa

Ficamos assim sabendo que, quando Cadu decide enviar o recado, ele já sabia que havia “sido reconhecido”. O conhecimento desta sequencialidade ilumina o que vai se delineando ao longo da análise como “o ponto da história” — o reconhecimento, como veremos mais adiante.

Fica evidente a peneira finíssima da analista-implicada, peneira que capta a construção destes significados, que não teriam emergido não fosse a entextualização do recado na narrativa etnográfica do que acontecia no campo, naquele momento.

Assim o movimento de entextualização do recado para a dissertação passa a projetar outros significados — *é muito legal vocês se dirigirem a mim ainda* como amigos da escola (e ele responde no plural, pois sua interlocutora escreveu por procuração).

Como assim, *ainda*? Que sentimentos estão indexados nesta escolha? Sarcasmo? Autocomiseração, ressentimento? A força da passagem do tempo que põe em dúvida, mas se analisada sob a ótica dos cronotopos, tal possibilidade (o não reconhecimento dele como amigo de escola) não seria sequer possível, dada a força de atração do cronotopo escolar e do entrelace disso com nossas identidades. Foi esta força descomunal do “espírito de um tempo” (Bourdieu, 1964 *apud* Blommaert, 2015a; Bakhtin, 1981), constituinte de quem somos que mobilizou o reconhecimento e a busca por Carlos Eduardo, fosse ela mediada pelas mídias sociais ou no mundo físico presencial, com um trio de amigos “da outra turma” indo ao território buscá-lo junto à equipe médica de remoções.

Após esta abertura não canônica, que em lugar de resumo traz uma avaliação que põe em suspenso nossa mútua identificação como “amigos de escola”, a linha 5 traz a vida como elemento complicador, a vida como desencontro: *E neste descaminho que é a vida...* O uso do “E” e a súbita subida indicada na terceira sílaba da palavra descaminho criam o efeito prosódico de um falso final, em um movimento inesperado de concluir após mal ter começado.

Neste momento, a prosódia na linha 7, que alonga a vogal em *a:::nos*, desacelera. Isso marca bem a interrupção do que ele anunciaria dizer na linha 6 (o bom é ver que...). Esta parada marca a abertura de parênteses, que ele usa para descrever o último encontro entre ele e sua interlocutora, há muitos anos, num consultório médico um encontro simétrico, cada um com uma criança pela mão (linhas 7, 8, 9 e 10).

Os parênteses se fecham com sucesso na linha 11. Mas antes de prosseguir na análise, abre-se aqui um duplo parênteses para novamente indexar o subcapítulo 7.2 da dissertação de Roberta Costa, em trecho que credita esta capacidade (de abrir e fechar parênteses) à sua abstinência alcoólica. O trecho relata a metarreflexão de Carlos Eduardo sobre sua performance e suas expectativas quanto à recepção — parênteses que segundo ele “ninguém esperava que ele fosse fechar”.

“Ele ficou muito feliz em assistir novamente seu vídeo, comentou como não beber ajuda seu raciocínio a ficar melhor e mostrou-se orgulhoso com sua capacidade de fechar os parênteses

que foi abrindo ao longo da fala e que ninguém esperava que fosse fechar.” (Costa 2015, p. 259)

E assim a linha 11, com suas longuíssimas pausas, fecha esta pausa para um comentário sobre encontro no consultório e a linha 12 retoma exatamente o ponto deixado, também com longas pausas — *o bom (3.0) é ver que (1.5)*

por maior que sejam essa distância e tempo, (linha 12)

por mais que eles digam não (linha 13)

é sempre bom a gente conseguir ser novamente reconhecido, né? (linha 14)

Nesta sequência, Carlos Eduardo “completa” os versos entextualizados de Milton Nascimento com ligeira adaptação com a oração que define o ponto de sua história, uma avaliação: *por maior que sejam essa distância e tempo, por mais que eles digam não, é sempre bom a gente conseguir ser novamente reconhecido.*

Esta citação, além de emoldurar o ponto da história, cria paralelismo e coerência em relação ao texto do discurso de nove minutos, em que ele cita Beto Guedes, parceiro de composição de Milton Nascimento e integrante do grupo que ficou conhecido como Clube da Esquina.

A recorrência do verbo reconhecer — “ser reconhecido” (linha 14); e principalmente o que é dito na linha 17 — *assim como você me reconhece e eu te reconheço* — indiciam a reivindicação de Carlos Eduardo por igualdade, pela absoluta simetria em nossa relação. Ele não é apenas uma vida em suspensão em espera passiva por reconhecimento. Sua vida — viva — reivindica agência e igualdade, iniciando mais uma vez o discurso da RRD, da valorização do sujeito em sua individualidade e dos vínculos afetivos criados.

Este trecho também corrobora a teorização de Labov (1972) quando este diz que a repetição é (também) uma estratégia de avaliação, usada para contribuir para o ponto da história — justamente o reconhecimento. Deste modo, se visto à luz das lanternas labovianas, o sumário desta narrativa (o chamado resumo) de um total de 25 linhas transcritas, só se apresenta na linha 17, margeando o início da despedida.

Voltando a linha 14, o uso de advérbio de tempo *novamente* — *ser novamente reconhecido* — se analisado em relação com a história de vida de Carlos Eduardo, indicia que esta não é a primeira vez que ele consegue ser reconhecido, podendo ter

havido outros “reconhecimentos reportáveis” como o que adveio da divulgação do vídeo, por exemplo a conquista de seu *habeas corpus*, cinco anos antes.

Note-se a escolha pelo verbo *conseguir*, na linha 14 — *é sempre bom a gente conseguir ser novamente reconhecido*. Ser reconhecido advém de algum esforço, de alguma agência. Ele não foi simplesmente, passivamente, reconhecido. Ele *conseguiu* ser reconhecido, numa referência clara ao depoimento gravado por ele ao prefeito e que obteve imenso alcance. Ele conseguiu chamar atenção, e a escolha por este verbo indicia, nos termos labovianos, a resolução mesma dos descaminhos a que se resume a vida; sendo sua vida a própria ação complicadora.

A linha 16 traz nova avaliação — *bem ou mal, né?*. Ou seja, o mútuo reconhecimento e a simetria que ele reivindica na linha 17 acontecem *bem ou mal*, a despeito das circunstâncias, ou como ele diria, a despeito daquela *situação*.

A linha 18 anuncia o tom de despedida — *a gente deixou alguma coisa de boa um pro outro, né?* Na linha 19, quando ele evoca outro amigo *de um passado mais longe* (linha 14) percebemos a construção (cheia de orgulho) de sua identidade: ele, morador de rua, tem entre seus amigos, vejam só, um diplomata, *o nosso diplomata*, como enche a boca para falar.

Mais adiante, na linha 21, ele se situa geograficamente: está em São Paulo, com o pessoal da *Craco Resiste*, que ele qualifica como *muito louco* ou *muito bom*, a depender de como se ouve, o que neste caso não modifica o sentido, pois ele o constrói como algo positivo que remete ao nosso passado em comum — *um pessoal muito louco / muito bom que lembra muito a gente*. Neste segmento ele indicia o vínculo criado com os integrantes do coletivo, gerando mais uma vez alinhamento e simetria entre nossas identidades. Estes amigos de escola estão para ele assim como ele está para *esse pessoal da Craco Resiste*.

O nome “A *Craco Resiste*” tem sua nitidez posta em dúvida pela analista que escuta “A Cracolins”, numa espécie de trocadilho com o nome do território, uma piada que condiz com sua personalidade irônica e debochada, que dá outros nomes a lugares e pessoas, como faz ao chamar o prefeito de “Sr. Perfeito”. Apesar de meu apego à versão “Cracolins”, que considero genial, decidi entrar em contato com meu informante para tentar desvendar esse “mistério”. Meu informante reivindica a citação: “Ele diz ‘A *Craco Resiste*’ meio comendo a primeira sílaba, ‘cracor’xiste”.

No encerramento do recado (linha 24) o cronotopo pós-morte de Cadu projeta novo sentido. A sentença *e foi bom conhecer eles, foi muito bom também* (linha 24), se analisada deste ponto de vista, tem o efeito discursivo de uma despedida, indiciada na escolha do passado verbal. Quando diz *foi muito bom conhecer eles também*, a palavra também é a força que une estas duas temporalidades. A linha 24, nos termos de Labov, é também uma coda avaliativa, como se ele encerrasse passando sua vida a limpo, bem ou mal morrer tendo sido reconhecido, tendo criado alguma memória sobre si.

Ciente de que isto indexa o sobrenatural, cito alguns desfechos auspiciosos nas vidas citadas no recado. O citado diplomata é também antropólogo e escritor; seu primeiro livro de contos, escrito durante sete anos, foi publicado e vastamente premiado no ano seguinte a estes eventos. Quanto a esta pesquisadora, após vinte anos afastada do cronotopo acadêmico foi aceita com louvor para o desafio desta pesquisa e escrita. Aquele “tudo de bom” atuou em nossos mundos.

Como analista, volto agora ao cronotopo da publicação na rede social em que se organizou o resgate. É um espaço-tempo de criação e afirmação de certas vontades e forças de verdade, como a suposta possível separação das discussões — o que fazer com Cadu; o que fazer com a Cracolândia.

“Mas o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo” (...) Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo e qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” (Foucault, 1999, p. 8-9)

O recado analisado compôs o mesmo painel de onde foram coletados outros conteúdos recontextualizados na mídia corporativa. A publicação funcionou assim como um “banco de dados”, com imagens e outras mídias. A seção a seguir traz dados das principais matérias “colhidas” por lá. Nesta retomada, as perguntas de pesquisas voltam a encontrar respostas, em excertos que indiciam o apagamento do discurso da redução de danos e a construção de Cadu como personagem-celebridade de uma biografia improvável, seu lugar de exceção.

Nesta arena de organização e divulgação do resgate empreendo um último passeio nas rotas do circuito de comunicabilidade das matérias da mídia corporativa sobre o caso, a partir de um conjunto de dez publicações no período de 25 de maio de

2017 a 16 de junho do mesmo ano, analisados em maior ou menor profundidade, conforme se nota em alguns trechos reproduzidos abaixo.

Este último bloco de dados foi retirado de um total de dez reportagens jornalísticas, sendo sete publicadas pela Revista Veja e três pelo Jornal O Globo, os dois maiores e mais tradicionais veículos de mídia corporativa no eixo Rio-São Paulo. O modo de apresentação e os grifos seguem os mesmos critérios usados no discurso em si — negritos e identificação de índices que são abordados nas análises.

Os excertos a seguir são de artigo assinado por Vilma Gryzinski⁵⁵, antiga editora executiva da revista, e veiculado na exata semana em que a viralização do vídeo acontecia; no entanto, é anterior ao resgate de Cadu. É repleto de índices que debocham da política de redução de danos e do antiproibicionismo. Estes termos “acadêmicos” não estão no artigo, os índices, sim. A chave da ironia é ligada do início ao fim convivendo com a narrativa do terror e da abjeção; tudo pela moral. A autora também questiona a classificação de “doentes” dos dependentes químicos.

Conforme a imagem abaixo, as chamadas — manchete, subtítulo e legenda — constroem a resistência local como insana e imoral. A manchete diz: “Loucura atinge ápice: manifestação a favor da Cracolândia”. No subtítulo, lê-se: “Pragas da insanidade correm soltas pelo país, mas é difícil imaginar algo mais estarrecedor do que ‘manifestantes’, ONGs e juristas pelo direito ao *crack*”. Por fim, a legenda da foto: “Mundo dos zumbis: rede de proteção que prega permissividade total criou um território livre da lei”.

Sem a menção a seu nome — que na entextualização indicaria o manifesto — a *Craco Resiste* é o centro do primeiro artigo da série, publicado dia 25 de maio, portanto anterior ao resgate. As resistências locais são chamadas de “ONGs moderninhas”.

⁵⁵GRYZINSKI, Vilma. Loucura atinge ápice: manifestação a favor da Cracolândia. **Veja**, São Paulo, 25 mai. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/mundialista/loucura-atinge-apice-manifestacao-a-favor-da-cracolandia/>. Acesso em: 29 mar. 2021.

Mundo

Loucura atinge ápice: manifestação a favor da Cracolândia

As pragas da insanidade correm soltas pelo país, mas é difícil imaginar algo mais estarrecedor do que "manifestantes", ONGs e juristas pelo direito ao crack

Por **Vilma Gryzinski**

© 25 maio 2017, 12h30 - Publicado em 25 maio 2017, 07h38



Mundo dos zumbis: rede de proteção que prega permissividade total criou um território livre da lei (Paulo Whitaker/Reuters)

Figura 33: Captura de tela do portal Veja online (25/05/2017)

“Quem anda de metrô, tem conta em banco e assina serviços de internet costuma ser chamado de **usuário**. **Sem saber, todas estas pessoas estão na companhia dos infelizes e perigosos** viciados em crack que transformaram um pedaço de São Paulo numa **sucursal do inferno**. (...)”

“**Consideram que os viciados são doentes** – como se estivessem indo ao trabalho ou à escola e tivessem sido **picados** por algum dos **pernilongos** assassinos que pululam no nosso meio-ambiente.” (...)”

“Segundo estes **especialistas**, cada um dos viciados, ou ‘usuários’, teria que ser acompanhado dia e noite por uma **equipe multidisciplinar**. Psicólogos, psiquiatras, médicos especialistas em todas as **enfermidades que adquirem através de seu estilo arriscado de vida**. **Terapeutas**, talvez **acupunturistas e massagistas**. Também **arquitetos** que desenhariam as moradias bem planejadas onde ficariam abrigados, com banheiras de **hidromassagem para relaxar as tensões**.

.(...)

“Em suas **ONGs moderninhas**, advogados **brilhantes e ascendentes** são pagos para defender com argumentos bem escritos, que aprenderam nas melhores faculdades, a **legalização das drogas**. Convivem com seu **benfeitores ricos**, aprendem a tomar vinhos cada vez melhores, andam de bicicletas cheias de maiúsculas. Quando realizam o sonho de comprar uma poltrona Mole, objeto de desejo a um nível quase tão absoluto quanto as pedras de crack para os viciados, foram totalmente cooptados. **Moralmente, estão mais moles do que a poltrona**. E, ainda por cima, todos se acham paladinos da justiça.”

(Revista Veja 25.5.2017)

Os próximos trechos são da primeira matéria da Veja sobre o caso. Ela reproduz as fotos retiradas da cauda de comentários da rede social (Figura 18) e o *link* de áudio mp3. Seu título é “Um Carioca no Inferno da Cracolândia”⁵⁶ e foi veiculada no portal *online* da surcursal carioca, conforme ilustrado na Figura 13 da seção 2.2, em 30 de maio. É neste endereço que a Veja reproduz integralmente o discurso de Cadu, tornando-o encontrável nas buscas pelo evento. O texto recupera o cronotopo escolar em reminiscências que indiciam que o Cadu da pré-adolescência não usava drogas e traz detalhes de sua história de vida, os lugares onde morou, a paternidade, a ocupação de seus pais.

A reportagem classifica Cadu como “o tipo de dependente que tem plena consciência de seu vício”, associando esta consciência a opção por um “estilo de vida”. O uso do termo foi entextualizado do artigo anterior, onde se lê “estilo de vida

⁵⁶CERQUEIRA, Sofia; HESSEL TEICH, Daniel. Um carioca no inferno da Cracolândia. **Veja Rio**, Rio de Janeiro, 30 mai. 2017. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/um-carioca-no-inferno-da-cracolandia/>. Acesso em: 14 mai. 2021.

arriscado”. Em movimento semelhante, quando relata o fato de a mãe provê-lo com uma quantia de dinheiro semanal, o artigo *não nomeia* a atitude como uma típica medida de redução de riscos danos. A vontade de verdade que associa dependência química a “estilo de vida” (leia-se escolha pessoal) é uma força que atravessa os textos, apartando a questão de saúde pública e as coletividades indiciadas no discurso de Cadu.

“Em seu perfil no Facebook, (o amigo) publicou um apelo em que pede ajuda para localizar o homem (...) No texto, recorda que Maranhão, também conhecido entre a meninada como “Sarda” ou “Jesus”, morava em um casarão no Alto do Jardim Botânico, região onde fica a mansão do ex-bilionário Eike Batista. ‘Fui uma ou duas vezes tocar bateria na casa dele. Fizemos uma festa memorável **(e sem drogas)** lá e muitos acabaram jogados de roupa na piscina”.

(...)

“A mobilização nas redes sociais revelou alguns detalhes da vida atual do menino de classe média alta que cresceu na Zona Sul carioca (...). A família também atualizou os amigos com mais informações”.

(...)

“Filho de um empresário e de uma economista, Maranhão tem dois irmãos e uma irmã. É o tipo de dependente que tem plena consciência de seu vício e já manifestou abertamente sua opção por esse **estilo de vida**. Enfrentou diversas internações, tanto por iniciativa própria como por imposição da família. Morou na Bahia, onde teve uma filha, e na Alemanha, antes de ressurgir em São Paulo. Hoje tem um cartão de débito bancário com o qual faz retiradas em uma conta mantida pela família. **“Foi uma forma encontrada de mantê-lo longe de encrencas piores, como tráfico”**, explica uma pessoa próxima que pediu anonimato..

Semanalmente, sempre às segundas ou quintas, Maranhão liga de telefones públicos a cobrar para falar com a mãe. Essa é a condição imposta por ela para que continue recebendo sua mesada.”

(Veja Rio, 30.5.2017)

Em 3 de junho, a *Veja Rio* publica outro artigo, desta vez assinado por Pedro Tinoco, focado na viralização do caso e na propagação de causas políticas nas redes, usa para isso a expressão “bombar”, que indicia a explosão e o espraiamento das entextualizações. O assunto brota, se replica, se espalha e desaparece. Para dimensionar os efeitos disso o jornalista lista os dados de alcance das próprias publicações da *Veja* sobre o caso.

Sobre o *crack*, o texto cita dados da Fundação Oswaldo Cruz de estudo “feito em 2013” mas não menciona que esta mesma instituição entre 2014 e 2017 realizou ampla pesquisa que desmentiu a ideia (vontade e força de verdade) difundida no senso

comum de que haveria uma epidemia de *crack* no país. Esta pesquisa foi censurada em maio de 2019 e a Instituição ficou impedida de divulgar oficialmente seus resultados⁵⁷, apesar de o *link* para a íntegra do estudo ter circulado livremente nas redes após ter sido publicado pelo site The Intercept⁵⁸.

A pesquisa mencionada é o 3º Levantamento Nacional Domiciliar sobre o Uso de Drogas, o maior já feito sobre o tema, embargado pelo então ministro da Cidadania Osmar Terra, que alegou “viés de liberação das drogas”, em flagrante interdição do discurso da ciência. No texto da Veja o apagamento da divulgação da pesquisa veste como um “manto de credibilidade” na forma da citação (que sabemos incompleta) de “dados da Fiocruz”.

“‘Bombar na internet’ é expressão quase sempre associada a banalidades. O termo designa **assuntos que brotam** nas redes sociais e, **replicados, se espalham por toda parte. Inspiram debates intensos, mas logo desaparecem** — ou dão lugar a outra novidade instantânea. Na última semana, “bombou” um caso muito sério, nada banal. Causou comoção a notícia da presença de “Um carioca no inferno da Cracolândia” (título da reportagem que, publicada no site de VEJA RIO na terça 30, alcançou 120.000 pessoas no Facebook em pouco mais de doze horas.”

(...)

Baixada a poeira do **imediatismo típico cultivado nas redes**, o instante de “fama” de Maranhão pode provocar desdobramentos benéficos. Primeiro, atrai as atenções para um problemão social e de saúde pública de dimensão nacional — **estudo da Fiocruz**, feito em 2013, estimou em 370 000 pessoas a população de usuários de crack nas 26 capitais e no Distrito Federal.”

(Veja Rio, 3.6.2017)

⁵⁷GOVERNO censura pesquisa da Fiocruz sobre uso de drogas no Brasil, **O Globo**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/05/29/governo-censura-pesquisa-da-fiocruz-sobre-uso-de-drogas-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 7 abr. 2021.

⁵⁸DIAS, Tatiana; GARÇONI, Ines. Publicamos pela primeira vez o estudo sobre drogas que o governo escondeu, **The Intercept**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/31/estudo-drogas-integra/>. Acesso em: 7 abr. 2021. Atualização de junho de 2019: “Após a publicação deste texto, fontes informaram que há uma versão posterior do estudo, mais completa, que atendeu à outras exigências feitas pela Senad. Ainda segundo as fontes, é a nova versão que está sob avaliação do Ministério da Justiça e da AGU.”

Uma semana depois, a renomada psiquiatra Analice Gigliotti⁵⁹ publica outro artigo no mesmo portal e faz sua avaliação sobre o caso de Cadu. Ela considera a intervenção policial de Dória como “de boa intenção”. O subtítulo da manchete diz: “O caso de Carlos Eduardo Maranhão, internado com a ajuda de amigos do Colégio Santo Inácio, reacende a discussão sobre o uso de drogas.”

A médica chama a história de “uma das ações fraternais mais emocionantes dos últimos tempos”, e indicia sua posição contrária à política de RD quando afirma que a abstinência deve ser perseguida (apesar de especificar alguns tipos de drogas para isso) e defende que não foi do tratamento que Sarda morreu. Ela também reforça o estigma em torno dos usuários problemáticos, ao usar a palavra “zumbi” para descrevê-los.

“A cidade fingia não ver um quadro dramático: pessoas se drogando a céu aberto, vítimas de um tráfico sedento, imiscuindo-se em sexo pago e explícito sem pudor – **zumbis afundados em sua doença.**

Sarda aparece num vídeo, com alguma lucidez, comparando a ação do prefeito com a de um câncer: “Vai dar metástase. Vão surgir 20 Cracolândias espalhadas pela cidade”. **Ele era veementemente contra.** Foi aí que seus amigos o viram e resgataram. (...)

Precisamos perseguir a abstinência das drogas mais potencialmente lesivas e adictivas como a heroína e o crack. Essa deve ser a pedra fundamental (é trocadilho mesmo) do tratamento. Não é suficiente, mas é fundamental. Precisamos perseguir isso.”

(...)

“Saber se o Sarda morreu do tratamento ou da droga? **Ele morreu da droga. De muita droga. Isso é incontestável.** Se o prefeito João Dória estava certo? Ele fez algo. Ele trouxe o debate à tona.”

(Revista Veja Rio 9.6.2017)

O Jornal O Globo impresso, por sua vez, deu três matérias de página inteira sobre o assunto, sendo a primeira delas aquela em que mais me detenho. A manchete diz: “O meu amigo na Cracolândia”. Ali foram publicadas as mesmas fotografias da

⁵⁹GIGLIOTTI, Analice. Psiquiatra faz reflexão sobre a morte do carioca da Cracolândia. **Veja Rio**, Rio de Janeiro, 9 jun. 2017. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/psiquiatra-faz-reflexao-sobre-a-morte-do-carioca-da-cracolandia/>. Acesso em: 29 mar. 2021.

juventude que a Veja retirou do “bando de imagens” (publicação aberta no Facebook). O texto também confirma que foi no celular da repórter que Cadu viu as imagens de seus amigos, o que se inferia na descrição de Roberta do momento em que ele decide procurar a repórter e sair do território.

Na reportagem de O Globo Carlos Eduardo protagonista uma biografia improvável, que vem indexada na alternância entre cenas da pré-adolescência saudável e descrições de sua *situação* corporal. O texto inicia com a enumeração de seus apelidos e alterna descrições de fatos de sua juventude, recuperando o cronotopo escolar em algumas reminiscências dos percursos de Cadu pré-adolescente. As narrativas dos ex-colegas se misturam a descrições de sua atual *situação*— o relato de seu aspecto corporal abjeto e a fissura por heroína. No último trecho, uma “psicoterapeuta e conselheira em adições” menciona o termo “redução de danos”, sem explicar exatamente o que seja. Esta é a única ocorrência da expressão na cobertura destes dois veículos.

“Sarda era o apelido de Carlos Eduardo de Albuquerque Maranhão porque ele tinha pequenas manchas pelo corpo todo. Depois começaram a chamá-lo de Jesus, por causa dos cabelos compridos. Para a família, era Dudu. Ruivo e com olhos pequenos, ouvia Deep Purple e AC/DC.”

(...)

“Morava com os pais e três irmãos em uma casa sobre o Túnel Rebouças, no Jardim Botânico, antes de a família se mudar para um amplo apartamento na Lagoa Rodrigo de Freitas (...). O garoto que matava aula para tocar violão com os amigos e atormentava os padres jesuítas do colégio começou a usar drogas aos 16 anos

(...)

[uma ex-colga conta que] “O homem envelhecido que dorme na rua e confessa sua dependência química era o amigo com quem ela voltava de ônibus para casa.”

(...)

“Ontem à tarde um equipe do GLOBO [o encontrou] vagando (...) Estava atordoado, com roupa rasgada e muito sujo. Havia acabado de ser expulso de um restaurante.

(...)

“Na hora dos intervalos entre uma aula e outra tinha mania de arranhar o quadro negro de cima a baixo fazendo aquele barulho que deixava todo mundo louco (...) Era provocador, mas todos gostavam dele (...)

[Uma amiga] lembra do cara divertido, inteligente, altamente comunicativo, apaixonado pelo seu time do coração, o Fluminense” (...) Ele zoava todo mundo e de tanto ser assim às vezes assustava as pessoas”

(...)

“não há possibilidade de redução de danos e os planos de saúde, quando alguém morre por uso abusivo dessas substâncias, consideram suicídio e fazem de tudo para não cobrir o tratamento.”

(O Globo, 1.6.2017)

A segunda matéria de capa fala da morte de Cadu — “A Última Luta de Sarda”. Além da retomada típica do discurso jornalístico, que repete e recontextualiza informações (e inclusive trechos inteiros) de reportagens anteriores, constam nesta as descrições detalhadas da saída do território, citando inclusive o nome da “empresa especializada em resgate de dependentes químicos”, além da narrativa de seu último dia vivo na clínica. Há fotos inéditas do momento do resgate e depoimentos dos envolvidos. O discurso médico é convocado e a reportagem conta com o depoimento do psiquiatra e dono da clínica que recebeu Cadu. O texto indicia a inexperiência da clínica em lidar com pacientes em tal situação extrema (o texto conta que Cadu tinha endocardite bacteriana, comum em usuários de drogas injetáveis), ao mesmo tempo em que aponta para o sentimento de surpresa diante do desfecho.

Perto de seu final, o texto menciona a campanha de financiamento e seus ganhos e em seguida reproduz parte da carta publicada no Facebook pelo amigo que liderou a ação. Como nas análises aqui empreendidas, o capitão do resgate também aponta a mobilidade de Cadu “entre turmas” como potência geradora, ainda que de modo diverso. O trecho antecipa a criação da *hashtag* “somos todos da mesma turma” e sua futura indexação às ações de filantropia feitas com parte dos recursos financeiros obtidos na campanha de financiamento (uma parte foi doada à sua filha). A reportagem se encerra em formato de obituário: “Carlos Eduardo tinha 46 anos e deixou uma filha.”

“Carlos Eduardo acordou, tomou café da manhã, assistiu um pouco de televisão. (...) À tarde, conversou com outros pacientes e do seu desejo de escrever um livro sobre sua história. Depois pediu à equipe médica para cochilar. Por volta das 17h20min de quarta-feira, teve uma parada cardiorrespiratória.”

(...)

“**As circunstâncias da morte deixaram todos os envolvidos chocados.** A parada cardiorrespiratória de Sarda, usuário de crack e heroína, pode ter sido decorrente de uma severa crise de abstinência. Segundo o psiquiatra e diretor da clínica [...] ‘o socorro ao paciente ocorreu conforme protocolo de reanimação cardiopulmonar.’ Ele afirma ter sido a primeira vez que morreu um paciente na clínica. ‘Estamos todos consternados’, disse.”

(...)

“Amo o Sarda e a **união que ele gerou** em tantas turmas diferentes. E que esta união gere reflexão sobre o que podemos fazer nesta vida e não fazemos por falta de coragem, que sobrava no nosso amigo.”

(O Globo 9.6.2017)

Pouco mais de um mês após sua morte, uma última matéria, também de página inteira no Jornal O Globo (16/07/2017), traz sua filha como protagonista, dando destaque à vida familiar com a reprodução de fotos até então inéditas e de detalhes do álbum de bebê e recortes da infância feito por sua mãe, Judite Pimentel. O texto traz o relato de sua ex-mulher sobre a gravidez e o parto complicado que deixou sequelas em sua filha, e traça também um retrato da artista plástica, com depoimentos de pessoas famosas que possuem suas obras em casa.

Quanto ao coletivo *A Craco Resiste*, seu nome é explicitamente mencionado em três momentos ao longo dos dez textos lidos para este recorte de dados. A descrição do movimento, no entanto, não o associa à Política/ Ética/ Filosofia de Redução de Riscos e Danos, sendo descrito como: “grupo que auxilia viciados que perambulam pelas ruas da Cracolândia”; “ao grupo de apoio a dependentes químicos locais (Veja, 30/05/2017)⁶⁰; “grupo de apoio a dependentes químicos que vivem na Cracolândia.” (O Globo, 01/06/2017)

⁶⁰TINOCO, Pedro. Carioca na Cracolândia paulistana inspira gesto de solidariedade. **Veja Rio**, Rio de Janeiro, 3 jun. 2017. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/carioca-na-cracolandia-paulistana-inspira-gesto-de-solidariedade/>. Acesso em: 29 mar. 2021.

A menção à fama decorrente de seu *habeas corpus* acontece em duas das reportagens, voltando a indiciar seu lugar de exceção: “Carlos Eduardo ficou conhecido na Cracolândia” por este feito (O Globo,01/06/2017), [Carlos Eduardo] é “uma espécie de celebridade em São Paulo ao se tornar o único morador de rua a carregar no bolso uma decisão judicial” (Veja, 30/05/2017)

Se postos em relação de disputa, eis os discursos e as vontades de verdade (Foucault, 1999) que atuam no caso de Cadu e nos incontáveis e ininterruptos enunciados que o compõem. Numa esfera, a luta pelo próprio discurso, a batalha do movimento social *A Craco Resiste* pela pauta do antiproibicionismo e da redução de danos; noutra a produção midiática e o texto jornalístico *descrevendo* os fatos e montando um personagem em sua ambição de neutralidade representativa.

Quanto às perguntas de pesquisa — sobre o percurso da mensagem e o modo como se replica, algumas reflexões, ensaiando respostas:

A projeção de recepção desta mensagem está inscrita na própria plataforma em que foi redigida: “mensagem privativa”, recurso hoje acessado livremente nos perfis de mídias sociais, em que se pode entrar em contato direto com o dono/administrador do perfil, ainda que um dos correspondentes não seja assinante da página (“seguidor”) e tampouco que se tenha com a outra uma ligação recíproca entre os perfis (a “amizade”).

A mensagem projetava um trajeto ponto a ponto, uma entrega “em mãos” (no caso pelo intermédio de *A Craco Resiste*), uma esfera de comunicabilidade a princípio restrita e delineada, privativa. O rompimento desta rota expôs o arquivo a uma arena em *status* público, de onde foi levado a uma matéria no portal *online* da sucursal de uma revista de perfil notadamente conservador, cuja manchete intensifica o efeito de pessoalização da história, a construção de Cadu como um personagem “estranho no ninho” e o uso de um recado particular como um material “extra” na matéria jornalística, de cunho puramente voyeurístico, pois em nada acrescenta aos fatos, sendo uma mera declaração de amizade e de memórias de outros tempos.

Sua comunicabilidade projeta um trajeto, mas o conteúdo na plataforma é “desencaminhável”, no sentido de que seus conteúdos são copiáveis e transportáveis, entextualizáveis. Pode-se passar o *mouse*, copiar e colar ou usar o botão direito do *mouse* para copiar seu conteúdo.

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO utilizadas neste capítulo

[início de sobreposição de fala
]	final de sobreposição de fala
↑	som mais agudo que os do entorno
↓	som mais grave que os do entorno
(1.2)	medida de silêncio em segundos e décimos de segundo
°palavras°	som em volume mais baixo que os do entorno
(.)	silêncio de menos de dois décimos de segundo
>palavras<	fala acelerada
=	elocuições contíguas
_sublinhado	ênfase em som
.	entonação descendente
MAIÚSCULA	som em volume mais alto que os do entorno
?	entonação ascendente
,	entonação intermediária
<palavras>	fala desacelerada
(())	descrição de atividade não vocal
:	prolongamento do som
(palavras)	transcrição duvidosa
-	corte abrupto na produção vocal
()	segmento de fala que não pôde ser transcrito

* Convenções compiladas por Bastos e Biar (2015) baseadas nos estudos de Análise da Conversação (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989).

Considerações Finais

Neste trabalho busquei expandir a importância de um caso único de modo a situá-lo na agenda contemporânea da Linguística Aplicada, interessada no significado como uma construção situada. A análise densa das trajetórias do discurso de Carlos Eduardo tenta identificar as forças às quais o discurso é exposto na travessia de espaços-tempos e num contexto de mobilidade acelerada. Nos reencaixes em múltiplos cronotopos, o discurso de Cadu, como objeto semiótico ou “projétil textual” (Rampton, 2014), vai tendo seu significado constantemente reavaliado e alterado conforme as diferentes audiências nas quais colide.

Revisitei para isso algumas das rotas de circulação deste discurso de resistência nas mídias sociais, montando um diagrama que representa a expansão do *corpus*. Os movimentos da viralização envolvem entextualização e indexicalidade; as cartografias que se formam são as rotas de comunicabilidade que podemos pensar como a largura das vias (e também a força dos nós) por onde o discurso passa. Já não há qualquer tipo de fronteira entre esse mundo descrito de enunciados em movimento nas redes sociais e nossa “vida real aqui fora”, pois se constituem mutuamente.

Neste diagrama delimitei três recortes nos dados: (i) discurso em si, como eixo principal; (ii) o invólucro maior que o contém — uma dissertação acadêmica como local de projeção de contradiscursos; e por fim (iii) uma interação que estabelece minha relação prévia com Carlos Eduardo e que vem a participar do evento midiático.

A pergunta maior era: como o discurso da Redução de Danos, disparador da dissertação e do monólogo de Cadu se desencaminha, dando lugar a outras narrativas e a outras vontades de verdade? Após cada trecho de dados, ensaiei respostas para isso de modo circunscrito àqueles enunciados, em seus respectivos capítulos. A partir de agora retomo esses questionamentos de modo mais amplo, observando o caso à maior distância, como um *zoom out*.

O que os textos recontextualizados levam consigo, que significados se apagam, que outros surgem “pelo caminho”? Fica a narrativa da abjeção, a construção da oposição disso a um passado de classe média alta e higiênica. Fica o indivíduo Carlos Eduardo, sua história de vida, uma história. Desencaminham-se os discursos da Redução de Danos e do Antiproibicionismo, desencaminham-se as pautas políticas de

sua fala. Apaga-se a participação do movimento social *A Craco Resiste* como força de resistência à violência policial, sendo descrito como “grupo de apoio”. Comparecem as forças de verdade que classificam este como um discurso perigoso, em que as vozes de interditos cutucam um tema-tabu (Foucault, 1999).

Como varia a recepção do discurso: quais são seus efeitos nas diferentes “turmas” de Cadu? Para Roberta e o coletivo, o vídeo é textualmente nomeado “consequência da atuação da *Craco Resiste*”, e é o que leva à morte de Cadu. Não fosse o discurso, quem sabe, nas palavras dela “ele ainda estaria fazendo uso de drogas e de paçoca, contribuindo com a resistência e com nossos aprendizados sobre a vida (Costa, 2017, p. 261).

Para a turma do resgate, fica a narrativa do Sarda agregador de uma turma em torno (também) de uma causa (a urgência em tirá-lo da Cracolândia), condensada em uma coda avaliativa (Labov, 1972; Bastos e Biar, 2015), a *hashtag* “somos todos da mesma turma”. Fica a narrativa do aprendizado, de Cadu como um sábio corajoso. A identidade de detentor de saberes que vem iniciada em Roberta encontra eco nos textos de homenagem da turma do resgate, quando falam da “mais bela lição de vida destes últimos tempos”, quando declaram que “o que ouvimos dele não ouviríamos de mais ninguém no mundo.”⁶¹

Ao ser recontextualizada pela mídia tradicional que aspectos da história maior são postos em destaque; que apagamentos se notam e quais os efeitos disso na esfera de macro discursos sobre saúde pública, política de drogas e populações em situação de rua.

A midiática do caso o recontextualiza numa esfera de comunicabilidade de outras circulações, principalmente quando é pautado no programa dominical da maior rede de TV aberta, alcançando uma faixa de público não necessariamente presente nas mídias sociais.

Ficam as narrativas de exaltação ao gesto de solidariedade, da audácia da operação e do ineditismo do fato. As práticas discursivas levadas a cabo pela

⁶¹ Estes trechos fazem parte da Carta dos Amigos do Sarda, lida no Programa Fantástico (CONHEÇA história de Sarda, resgatado por amigos da Cracolândia de SP. **Fantástico**, Rio de Janeiro, 11 jun. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/06/conheca-historia-de-sarda-resgatado-por-amigos-da-cracolandia-de-sp.html>. Acesso em: 29 mar. 2021). Pelas limitações desta pesquisa, não foi possível analisar mais este conjunto de enunciados referentes ao caso.

imprensa iluminam a biografia “improvável” de Carlos Eduardo, restringindo o acontecimento à esfera privada em oposição às causas de saúde pública e de inclusão invocadas por Cadu. Ao fazer isso, necessariamente atuam as energias de separação e interdição de parte importante do discurso de Cadu (Foucault, 1999).

Essa batalha discursiva envolve forças hegemônicas desproporcionais entre veículos como a Veja e O Globo e canais de autocomunicação como *A Craco Resiste* e o *Jornalistas Livres*. No entanto, não concluo que o resultado seja binário: venceu o discurso de um “caso espetacular”, perdeu o discurso do antiproibicionismo e da RD. Se para o jornal O Globo (09/06/2017) “o depoimento [de Carlos Eduardo] revela a derrota de um adicto para sua doença”, para esta pesquisa o depoimento de Carlos Eduardo revela a conquista de um espaço discursivo que escancara outras forças de verdade.

É um *continuum* de forças em tensão. O fato de o discurso ter furado bolhas e viralizado lhe dá a vitória de sua simples existência como tal. A reindexação, aqui, do caso às pautas de seu local de projeção é um gesto inicialmente individual, mas que se junta às correntes de contradiscursos correlatos como parte da conquista *pelo discurso*, do objeto do desejo, aquilo pelo que se luta (Foucault, 1999).

Tal disposição para a batalha narrativa é descrita como o objetivo da série de vídeos produzida pelo coletivo para colaborar na desconstrução dos estereótipos da grande mídia sobre as pessoas que vivem na Cracolândia de São Paulo. No vídeo, a abjeção corporal e a franqueza de Carlos Eduardo sobre sua condição física mobilizam afetos contraditórios de repulsão e atração.

O objetivo é alcançado, o estereótipo é momentaneamente desconstruído, mas tal “estranhamento” causado por este “desencaixe” entre seu aspecto físico abjeto e suas habilidades linguísticas também contribui na criação do lugar de exceção de Cadu como uma vida mais viva ou mais enlutável do que outras (Butler, 2015).

Como, nestes trajetos, alguns indivíduos têm mais direitos aos descentramentos e transformações daquela fala? Podem os “colegas” do Alemão reencaminharem sua fala e viralizarem em suas próprias bolhas? Quem o faz em seus nomes são os coletivos no território, os ativistas que possuem aparelhos celulares usados para exportar as cenas de violência ocorridas da Cracolândia, fato apontado por Roberta

como fundamental e que fazer dos ativistas escudos humanos quando a guerra se instala.

O organizador do resgate, por sua vez, assume alguns direitos por este descentramento quando em sua arena privada no Facebook, “ordena”, nos moldes de Foucault (1999), o discurso de Cadu, criando diretrizes editoriais e “separando as discussões”, determinando de antemão o que pode ou o que se deve publicar no espaço dos comentários.

Alguns meses depois da gravação e viralização do vídeo, na redação de seu trabalho, Roberta transcreve e recontextualiza o discurso em uma página de seu editor de texto, descrevendo a cena de sua realização e posteriormente publicando seu trabalho. Em sua tríplice posição redutora de danos — ativista — acadêmica e também cocriadora do movimento, como visto em Foucault (1999), não está com seus colegas lutando *por meio* do discurso, ou ali *descrevendo*, mas sim, lutando pelo direito à produção de seus próprios discursos.

Por fim, como esta história “fura bolhas”, o que faz viralizar? Como este acontecimento linguístico mobiliza e atravessa diferentes circuitos? Concluo que o hidridismo e entrelugar social ocupado por Cadu são as condições que lhe conferem mobilidade, tanto física, no mundo material (seu habeas corpus no bolso), como nos movimentos internos de seu discurso, como visto nas reversões e suspensões que propõe e no apontar destes índices “para fora” de sua publicação original.

O que se vê é que a mobilidade atua de diferentes modos a depender do valor dado às vidas afetadas pela questão dos fluxos e entrelugares. A mobilidade de que Carlos Eduardo desfruta no discurso é construída como algo desejável, é desenvoltura, e contribuiu para que sua mensagem se espraiasse a partir de seu lugar de origem (sendo entextualizada) gerando entendimentos diversos em seu percurso. Não é uma errância, é resultado de seu manejo preciso de funções poéticas, das idas e vindas, em suspensões, reversões e zombaria. E é nesta movimentação interna que os múltiplos índices (depurados em minha peneira de analista) alcançam múltiplas rotas, nas quais também múltiplos novos significados serão criados.

A combinação (socialmente construída como “improvável”) dos afetos mobilizados — nojo, compaixão, repulsa, respeito intelectual — tem funções na viralização do discurso, que poderia ainda ser visto de outros modos, a depender de

como chacoalha o caleidoscópio e para quais fontes de luz o apontamos. Entre os terrenos que não pude sobrevoar estão por exemplo a análise das caudas de fóruns de debate que trataram do assunto, e que certamente nos mostraria algo novo a respeito.

Quanto à metodologia, busquei ilustrar a pesquisa de modo didático, com mapas mentais para concretizar estes movimentos e mapeamentos, em sentido literal, rascunhando representações desse espalhamento digital, que tem forma de nós e rizomas. Ao rastrear os mapas comunicáveis — do discurso, da dissertação de Roberta, dos textos midiáticos — projetei meus próprios mapas comunicáveis. Este entrelaçamento confirma a relevância do tema da movimentação, no que me situa em movimento *com* os dados, como parte desta trama, sem nenhuma possível “visão de fora”, sem nenhuma garantia quantos aos efeitos destes fluxos de significado.

A análise dos trechos de dados em interrelação e nossas etnografias de Cadu, o triângulo em que me incluo — entre Cadu e Roberta — evidenciam o caráter performativo da linguagem, cujos efeitos no mundo independem de alguma suposta intenção ou desejo original, chamando à consciência da linguagem como ação no mundo. Este achado inclui uma autocrítica sobre o quão cientes devemos estar, como analistas, de que relatar, registrar, etnografar são igualmente projeções de mapeabilidades das quais nada sabemos, e sobre as quais nada podemos desejar quanto a seus efeitos.

Como contribuição às pesquisas na área, este trabalho busca trazer o conceito dos mapas de comunicabilidade como instrumento aplicado a um sistema de viralização. Olhar o percurso por esta categoria situa a dissertação de Roberta como local de produção e de distribuição do discurso, com suas projeções sobre a trajetória e audiências pretendidas.

É um olhar literal para a expressão “mapas de comunicabilidade”, ao tentar “olhar de cima” e identificar correntezas. Em suas contribuições teóricas, está também a experiência de correlação entre A Ordem do Discurso (Foucault, 1999) e as categorias da antropologia linguística dadas ao movimento textual, levando em conta a contemporaneidade do evento. A luta pelo discurso é também uma luta por sua comunicabilidade, por sua circulação.

Neste sentido, se o uso de drogas é uma questão de saúde pública, uma das limitações deste trabalho foi não ter explorado com mais afinco os conceitos da

biocomunicabilidade e de biomeditização (Briggs, 2007), nas projeções de modelos de conhecimento sobre o abuso de substâncias alteradoras da consciência, sejam as legalizadas como o álcool e o tabaco ou as (no presente momento) consideradas ilícitas. Um exemplo é a construção discursiva sobre o uso da maconha medicinal e as disputas narrativas em torno disso, apesar de toda divulgação de seus benefícios em diversas enfermidades, além de seu uso na redução dos danos causados pelo abuso de outras drogas como o *crack* e a heroína, como era o caso de Carlos Eduardo.

Apesar de este trabalho reconhecer a criação de um lugar de exceção para Carlos Eduardo, um homem branco nascido em classe média alta, e concluir que este dado está diretamente ligado ao fenômeno da viralização de seu vídeo, a questão racial no contexto da Cracolândia mereceria um exame mais aprofundado ou mesmo mais criativo, o que infelizmente não foi possível no escopo desta pesquisa. Pela mesma razão, as questões do uso do espaço urbano, da arquitetura hostil e da gentrificação desta região são temas complexos que aqui aparecem apenas citados em trabalhos com os quais cruzei, mas este é apenas um arranhão superficial nesta dimensão do contexto da Cracolândia como espaço urbano da maior cidade da América Latina.

Como apontamentos para futuras possibilidades de pesquisa, considero que seria de grande relevância observar a reconfiguração cronotópica da Covid-19 e seus mapas de biocomunicabilidade. Isso incluiria pensar os movimentos textuais das narrativas sobre a relação entre consumo de substâncias alteradoras de consciência, confinamento, saúde mental e redução de danos em circunstâncias extremas (tais como uma pandemia), situações estas já experimentadas pelos corpos que vagam em fronteiras itinerantes, como os refugiados e as pessoas que não vivem sob tetos.

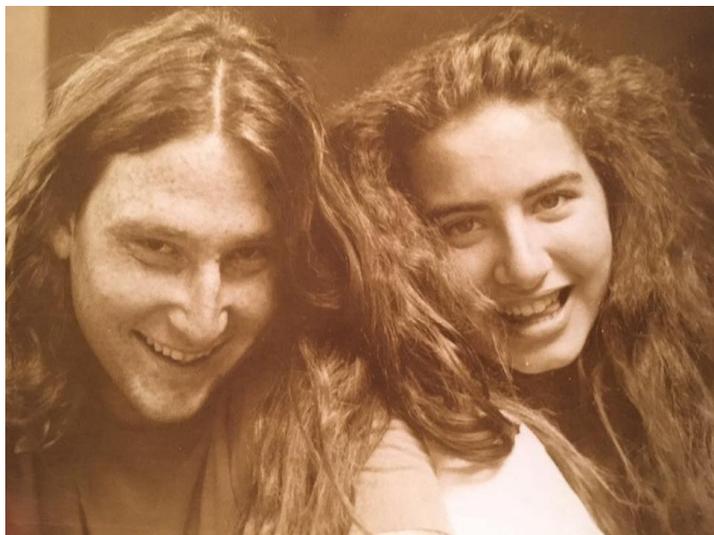
Um recorte possível seria a observação de rotas de comunicabilidade abertas a partir de textos de divulgação científica sobre as substâncias alteradoras de consciência, na retomada das pesquisas interrompidas sobretudo a partir dos anos 60 com a “a guerra às drogas” declarada pelo então presidente dos EUA, Richard Nixon.

Antes do advento das mídias sociais, estes conhecimentos se espalhavam de outros modos, com menos capilaridade. Hoje trafegam em rotas mais amplas e diversificadas, e se cruzam com tópicos como, por exemplo, a globalização do Ayuhasca e a administração de microdoses de psicodélicos, como no uso de

cogumelos *psilocybe* no tratamento de traumas. A este campo tem-se chamado de “nova psiquiatria” e “renascença psicodélica”. Tais estudos se interseccionam com as pesquisas sobre os usos rituais de substâncias psicodélicas entre os povos ameríndios e esta abordagem muito me interessa.

A escolha do tema, para além do imenso impacto do vídeo de Cadu, veio impregnada de outras motivações pessoais, que deixei para expor neste momento. Sou o que no ativismo antiproibicionista se chama de uma “mãeconha” — mães cujos filhos se beneficiam da maconha medicinal para suas enfermidades crônicas e que lutam pelo direito de seus filhos ao remédio. São famílias defensoras do autoplantio e da produção doméstica de óleo caseiro ou em associações de pacientes; batalham pelo discurso e tensionam as vontades de verdade acerca de uma planta.

Para encerrar essa aventura de uma pesquisa intoxicada de afetos (mistura arriscada e improvável), me transporto a um espaço-tempo de possibilidades infinitas e dimensões imateriais. Projeto este cronotopo para fazer uma pergunta ao amigo morto: teríamos conseguido escrever esta história juntos? Como não deu tempo, fiz sem você, e espero que eu tenha sua licença e autorização.



fim.

Referências

AUSTIN, John Langshaw. **Quando Dizer é Fazer**: palavras e ação. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **The Dialogic Imagination**. Ed. Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.

BAMBERG, Michael; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Small Stories ad New Perspective in Narrative and Identity Analysis. **Text and Talk**, Berlin, vol. 28, n. 3, pp. 377-96, mai. 2008.

BASTOS, Liliana; BIAR, Liana. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A.**, n. 31, pp. 97-126, 2015.

_____. Narrando da boca pra fora: histórias, significação e filosofia da linguagem na letra de Bruner. **Revista FSA**, Teresina, v. 10, n. 3, pp. 159-74, jul./set. 2013.

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. **Voices of Modernity**. New York: Cambridge University Press, 2003.

BAYNHAM, Mike. Narrative and Space/Time. In: DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (orgs.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Chichester: John Wiley & Sons, 2015.

BEY, Hakim. **T.A.Z.:** The Temporary Autonomous Zone. New York: Autonomedia, 1991.

BIAR, Liana; PASCHOAL, Fabiola. “(Não) leia os comentários”: A disputa da notícia sobre o assassinato de Marielle Franco. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, n. 2, pp. 1051-69, mai./ago. 2020.

BIAR, Liana; ORTON, Naomi; BASTOS, Liliana. Tales from the South: Doing narrative analysis in a “post-truth” Brazil. **Narrative Inquiry**, Amsterdam, v. 31, n. 1, pp. 126-46, 2021.

BINGEMER, Maria Clara. Quando amizade chega tarde. **DomTotal**, Belo Horizonte, 20 jun. 2017. Disponível em: <https://domtotal.com/artigo/6751/20/06/quando-amizade-chega-tarde/>. Acesso em: 6 abr. 2021.

BIONDI, Karina. **Junto e misturado**: imanência e transcendência no PCC. 2009. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

BLOMMAERT, Jan. Are chronotopes helpful? **Working Papers in Urban Language & Literacies**, Paper 243. King’s College London, London, 2018a.

_____. Chronotopes, Scales and Complexity in the Study of Language in Society. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, v. 44, pp. 105-16, 12 ago. 2015a.

_____. Chronotopes, synchronization and formats. **Tilburg Papers in Culture Studies**, Paper 207. Tilburg University, Tilburg, 2018b.

_____. Dialogues with Ethnography: Notes on classics and how I read them (working paper). **Tilburg Papers in Culture Studies**, Paper 208. Tilburg University, Tilburg, 2018c.

_____. **Discourse: A Critical Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. **Durkheim and the Internet**. London: Bloomsbury Publishing, 2018d.

_____. Grassroots Literacy: Writing, Identity and Voice in Central Africa. **Working Papers in Language Diversity**, Paper 2. University of Jyväskylä, Jyväskylä, 2008.

_____. **Jan Blommaert on Chronotope**, 18 jun. 2020a. Vídeo no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r4yluKPhTKE>. Acesso em: 3 abr. 2021.

_____. **Jan Blommaert on entextualization**, 25 jun. 2020b. Vídeo no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NV9eG6hVRvo>. Acesso: 13 mai. 2021.

_____. **Jan Blommaert on Indexicality**, 16 jun. 2020c. Vídeo no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w3rAODLiQSI>. Acesso em: 19 mar. 2021.

_____. Pierre Bourdieu and language in society. **Working Papers in Urban Language & Literacies**, Paper 153. King's College London, London, 2015b.

_____. Society through the lens of language: A new look at social groups and integration. **Working Papers in Urban Language & Literacies**, Paper 207. King's College London, London, 2017.

BLOMMAERT, Jan; DE FINA, Anna. Chronotopic identities: On the timespace organization of who we are. **Tilburg Papers in Culture Studies**, Paper 153. Tilburg University, Tilburg, 2016.

BLOMMAERT, Jan; SMITS, Laura; YACOUBI, Noura. Context and its complications. **Tilburg Papers in Culture Studies**, Paper 208. Tilburg University, Tilburg, 2018.

BLOMMAERT, Jan; SZABLA, Malgorzata. Does context really collapse in social media interaction? **Working Papers in Urban Language and Literacies**, Paper 217. King's College London, London, 2017.

BOEHM, Camila. Expulsos da Cracolândia, usuários de drogas permanecem na região central de SP. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 28 mai. 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-05/expulsos-da-cracolandia-usuarios-de-drogas-permanecem-na-regiao-central-de-sp/>. Acesso em: 1.º abr. 2021.

BRIGGS, Charles. Anthropology, Interviewing, and Communicability in Contemporary Society. **Current Anthropology**, Chicago, v. 48, n. 4, pp. 551-80, 2007.

_____. Communicability, Racial Discourse, and Disease. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, v. 34, n. 1, pp. 269-91, 2005.

BRIGGS, Charles; HALLIN, Daniel. **Making Health Public**: How news coverage is remaking media, medicine and contemporary life. Abingdon: Routledge, 2016.

BRIGGS, Charles; SILVA, Daniel. Language and the Communicability of Received Wisdoms: Charles Briggs interviewed by Daniel do Nascimento e Silva. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 40, pp. 192-203, 2016.

BUTLER, Judith. Notes toward a performative theory of assembly. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura**. Trad. Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2016.

COELHO, Maria Claudia. As emoções e o trabalho intelectual. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 25, n. 54, pp. 273-97, mai./ago. 2019.

COELHO, Maria Claudia. Sobre tropas e cornetas: Apresentação à edição brasileira de *Writing Culture*. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura**. Trad. Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2016.

COSTA, Roberta Marcondes. **Mil Fitas na Cracolândia**: Amanhã é Domingo e a Craco Resiste. São Paulo, 286 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras, Instituto de Estudos Brasileiros) Universidade de São Paulo, 2017.

CRUZ, Fernanda Miranda da; OSTERMANN, Ana Cristina; PINHEIRO ANDRADE, Daniela Negraes; FREZZA, Minéia. O trabalho técnico-metodológico e analítico com dados interacionais audiovisuais: a disponibilidade de recursos multimodais nas relações. **Delta**, São Paulo, v. 35, n. 4, pp. 1-36, 2 dez. 2019.

DE FINA, Anna; GORE, Brittany. Online retellings and the viral transformation of a twitter breakup story: New challenges. **Narrative Inquiry**, Amsterdam, v. 27, n. 2, pp. 235-61, out. 2017.

DE FINA, Anna; PERRINO, Sabina. Introduction: Chronotopes and chronotopic relations. **Language & Communication**, Amsterdam, v. 70, n. 1, pp. 67-70, jan. 2020.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. Introdução: A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: Teorias e abordagens. 2ª ed. Porto Alegre: Penso, 2006.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURANTI, Alessandro. Anthropology and Linguistics. In: FANDON, Richard; HARRIS, Olivia; MARCHAND, Trevor; NUTALL, Mark; SHORE, Cris; STRANG, Veronica; WILSON, Richard. **The SAGE Handbook of Social Anthropology**. Thousand Oaks: SAGE, 2012.

_____. **Linguistic anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**, vol. 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como Espaço de Desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. Mobility and Discourse Circulation in the Contemporary World: the turn of the referential screw. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 40, pp. 129-40, jun. 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5ª ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999.

FRANGELLA, Simone. **Corpos urbanos errantes**: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. São Paulo: Fapesp, 2009.

FRANGELLA, Simone; RUI, Taniele. Corpos Precários: apontamentos para a relação entre corpo e cidade. **Revista de Ciências Sociais Política & Trabalho**, João Pessoa, v. 1, n. 47, pp. 23-38, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/36734>. Acesso em: 14 mai. 2021.

FROMM, Deborah. Percursos e refúgios urbanos: Notas sobre a circulação de usuários de crack pela trama institucional da Cracolândia de São Paulo. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 21, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/3604>. Acesso em: 15 mar. 2021

FRÚGOLI JR., Heitor; SPAGGIARI. Da cracolândia aos nórias: percursos etnográficos no bairro da Luz. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 6, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1870/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FULLER, Matthew. **Software Studies**: a lexicon. Cambridge: MIT Press, 2008.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Small stories research and social media practices: Narrative Stancetaking and circulation in a Greek news story. **Sociolinguistica**, Berlin, v. 27, pp. 19-36, 2013.

GERGEN, Mary; GERGEN, Kenneth. Investigação qualitativa: Tensões e transformações. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GOEBEL, Zane; MANNS, Howard. Chronotopic relations and scalar shifters. **Tilburg Papers in Culture Studies**, Paper 204. Tilburg University, Tilburg, 2018.

GOFFEY, Andrew. Abstract Experience. **Theory, Culture & Society**, Thousand Oaks, v. 25, n. 4, pp. 15-30, 1.º jul. 2008.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual**: essays on face-to-face behavior. New York: Anchor, 1967.

GUBA, Egon; LINCOLN, Yvonna. Competing Paradigms in qualitative research. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: Teorias e abordagens. 2ª ed. Porto Alegre: Penso, 2006.

HART, Carl. **Crack – É possível entender**. Estúdio Fluxo, 21 jul. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zTX7880gpZ4>. Acesso em: 14 mai. 2021.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday**. Abingdon: Routledge, 2015.

HOTEL Laide. Direção de Debora Diniz. **São Paulo: Itinerante Filmes**, 2017. 24 min.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 9ª ed. Trad. Beatriz Vianna e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. In: _____. **Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: Oral versions of personal experience. In: HELM, June (org.). **Essays on the Verbal and Visual Arts: Proceedings of the 1966 Annual Spring Meeting of the American Ethnological Society**. Seattle: University of Washington Press, 1966. pp. 12-44.

LEMPERT, Michael; PERRINO, Sabina. Entextualization and the ends of temporality. **Language & Communication**, Amsterdam, v. 27, n. 3, pp. 205-211, jul. 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1989.

LINDE, Charlotte. **Life stories: The creation of coherence**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

MAGALHÃES, Taís. Campos de disputa e gestão do espaço urbano: a Operação Sufoco na “cracolândia” paulistana. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 21, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3615>. Acesso em: 15 mar. 2021.

MALINI, Fabio. Quando tudo parecia ser tão distante daqui: a eclosão das narrativas sobre Covid-19. **Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura**, 26 jul. 2020. Disponível em: <http://www.labic.net/cartografia/quando-tudo-parecia-ser-distante-daqui/>.

_____. Um Método Perspectiva de Análise de Redes Sociais: Cartografando topologias e temporalidades em rede. **XXV Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, pp. 1-30, jun. 2016.

MALLART, Fábio; RUI, Taniele. A Cracolândia, um potente conector urbano. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 1º out. 2015. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-cracolandia-um-potente-conector-urbano/>. Acesso em: 1.º abr. 2021.

MASSUMI, Brian. **The Principle of Unrest: Activist Philosophy in the Expanded Field**. London: Open Humanities Press, 2017.

MELLO, Daniel. O crack não existe. **Le Monde Diplomatique**, 13 jun. 2017. Disponível em: <http://diplomatie.org.br/o-crack-nao-existe/>.

MILLER, William Ian. **The Anatomy of Disgust**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

MILONOPOULOS, Alexis. **Máquina crack**. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, pp. 1-12, abr. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315756131_AMOSTRAGEM_E_SATURACAO_EM_PESQUISA_QUALITATIVA_CONSENSOS_E_CONTROVERSAS_SAMPLING_AND_SATURATION_IN_QUALITATIVE_RESEARCH_CONSENSUSES_AND_CONTROVERSIES. Acesso em: 16 mar. 2021.

_____. O Legado da Pesquisa Qualitativa. **6.º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação e 4.º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa**, Universidade Tiradentes, Aracaju, ago. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=41ZazulbD_c. Acesso em: 16 mar. 2021.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: _____. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; FABRÍCIO, Branca Falabella. Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 17, n. 4, pp. 711-23, dez. 2019.

_____. Viagem textual pelo sul global: ideologias linguísticas queer e metapragmáticas translocais. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 18, n. 3, p. 759-84, set./dez. 2018.

NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 2013, Recife. **Anais do XV Enanpur**, v. 15, 2018.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**, 30 set. 2005. Disponível em: <https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>.

PAGE, Ruth. The Narrative Dimensions of Social Media Storytelling: Options for Linearity and Tellership. In: DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (orgs.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Chichester: John Wiley & Sons, 2015.

PAULA, Juliana. Vamos deixar um massacre virar lenda? O destino dos corpos pretos da Cracolândia. **Portal Geledés**, São Paulo, 6 jul. 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vamos-deixar-um-massacre-virar-lenda-o-destino-dos-corpos-pretos-da-cracolandia/>. Acesso em: 1.º abr. 2021.

PERRINO, Sabina. Chronotopes: Time and Space in Oral Narrative. In: DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (orgs.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Chichester: John Wiley & Sons, 2015.

RAMPTON, Ben. Continuidade e Mudança nas Visões de Sociedade em Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ROBINSON, Laura; SCHULZ, Jeremy. New Avenues for Sociological Inquiry: Evolving Forms of Ethnographic Practice. **Sociology**, Londres, v. 43, n. 4, pp. 685-698, ago. 2009.

ROMANI, André. **Pelas ruas da Luz**: a história da Cracolândia em três momentos, 20 dez. 2018. Disponível em: <https://paineira.usp.br/aun/index.php/2018/12/20/pelas-ruas-da-luz-a-historia-da-cracolandia-em-tres-momentos/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

ROQUE, Tatiana. Não existe ciência exata (e vamos combinar que todas são humanas...). **Ciência Hoje**, 25 mai. 2018. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/nao-existe-ciencia-exata-e-vamos-combinar-que-todas-sao-humanas/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

RUI, Taniele. **Corpos abjetos**: etnografia em cenários de uso e comércio de crack. 2012. 335 p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280382>. Acesso em: 13 mai. 2021.

_____. Depois da “Operação Sufoco”: sobre espetáculo policial, cobertura midiática e direitos na “cracolândia” paulistana. **Contemporânea**, São Carlos, v. 3, n. 2, pp. 287-310, jul./dez. 2013.

_____. Usos da “Luz” e da “cracolândia”: etnografia de práticas espaciais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 1, pp. 91-104, jan./mar. 2014.

_____. **Usos de “drogas”, marcadores sociais e corporalidades: uma perspectiva comparada**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 149 p. 2007.

SILVA, Daniel; FACINA, Adriana; LOPES, Adriana Carvalho. Complex territories, complex circulations: The 'pacification' of the Complexo do Alemão in Rio de Janeiro. **Pragmatics and Society**, Amsterdam, v. 6, n. 2, pp. 175-96, jul. 2015.

SILVA SOUZA, Ana Lúcia. **Letramentos de Reexistência**: culturas e identidades no movimento hip hop. 2009. 219 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SILVERSTEIN, Michael. Axes of Evals. **Journal of Linguistic Anthropology**, Hoboken, v. 15, n. 1, pp. 6-22, 28 jun. 2008.

_____. Shifters, linguistic categories and cultural description. In: BASSO, Keith; SELBY, Henry (orgs.). **Meaning in Anthropology**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1976.

SILVERSTEIN, Michael; URBAN, Greg. **Natural histories of discourse**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

STAKE, Robert. Qualitative Case Studies. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: Teorias e abordagens. 2ª ed. Porto Alegre: Penso, 2006.

STALLYBRASS, Peter; WHITE, Allon. **The Politics and Poetics of Transgression**. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

TANNEN, Deborah. **Talking Voices**: Repetition, Dialogue and Imagery in Conversational Discourse. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

VARIS, Piia; BLOMMAERT, Jan. Conviviality and collectives on social media: Virality, memes, and new social structures. **Multilingual Margins**, Cape Town, vol. 2, n. 1, pp. 31-45, 2015.

VIDICH, Arthur; LYMAN, Stanford. Métodos qualitativos: sua história na Sociologia e na Antropologia. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**: Teorias e abordagens. 2ª ed. Porto Alegre: Penso, 2006.

YIN, Robert. **Case Study Research**: Design and Methods. 3ª ed. Thousand Oaks: SAGE, 2003.

ZINBERG, Norman. **Drug, Set and Setting**: The Basis for Controlled Intoxicant Use. New Haven: Yale University Press, 1984.